

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

NORA ROBERTS

Um Sonho de
Esperança



best-seller



Um Sonho de Esperança

Nora Roberts

Trilogia do Sonho

Volume 3

Título original: Finding the Dream
Arteplural Edições, 2005.
Digitalização: Dores Cunha.
Correcção: Fátima Tomás.

CONTRACAPA

NO ÚLTIMO romance da Trilogia do Sonho ficamos a conhecer Laura Templeton a verdadeira filha e herdeira do império hoteleiro dos Templeton.

Laura sempre teve todo o conforto e segurança material que a família Templeton lhe podia proporcionar. Mas, aos trinta anos de idade, vê o seu casamento destruído pela infidelidade e pelo interesse. O que cedo na vida lhe parecera ser eterno escapou-se-lhe por entre os dedos das mãos, como se de areia se tratasse.

Laura tem dificuldade em lidar com a sua nova situação familiar e será com o apoio das suas amigas Margo e Kate que irá recuperar forças para renascer numa nova mulher, independente, segura de si e do seu trabalho autónomo.

Em ritmo vertiginoso, que transborda romance e paixão, pelos quais Nora Roberts é indiscutivelmente famosa, a Trilogia do Sonho constitui uma inesquecível história de sorte, amor e decisões que moldam a vida de todos (fim da contracapa).

Para os sonhadores

CAROS LEITORES

OS SONHOS devem ser mágicos. Os sonhos devem ser íntimos. Os sonhos de Laura Templeton assim eram. No primeiro livro desta trilogia, *Um Sonho de Amor*, acaba o sonho acalentado por Laura de um casamento de conto de fadas. Ela está agora empenhada em construir uma vida nova, focalizada nas duas filhas pequenas e no risco de um negócio que iniciou com as suas duas maiores amigas, Margo e Kate: uma boutique chamada Pretenses.

Laura Templeton continua a viver em casa dos pais, a Casa Templeton, em Big Sur, onde cria as filhas, determinada a proporcionar-lhes o lar seguro e afectuoso que sempre conheceu.

Em *Um Sonho de Vida*, Laura observou Margo florescer no seu casamento e Kate desabrochar ao apaixonar-se. Laura aprendeu a manter-se sozinha, a tornar-se uma mulher independente, que consegue tratar das filhas e da casa, além de ainda trabalhar fora.

Em *Um Sonho de Esperança*, Laura defronta um novo desafio. O seu nome é Michael Fury. Em vez do príncipe encantado com o qual outrora sonhou, Michael é um homem de paixão, acção e impetuosidade. Michael consegue perturbar a vida ordenada que Laura pensava desejar, deixando em turbilhão o coração que ela tinha a certeza de ter trancado para sempre.

Laura, como Margo e Kate, vai descobrir que, se uma pessoa ousar e insistir, acabará por realizar os seus sonhos mais preciosos. Espero que gostem da história. E que todos os vossos sonhos se tornem realidade.

NORA ROBERTS

PRÓLOGO

CALIFÓRNIA, 1888

"É um longo caminho para um homem percorrer. Não só pelos quilômetros de San Diego aos penhascos, nos arredores de Monterey", pensou Felipe, "mas também pelos anos. Muitos e muitos anos..."

Houve um tempo em que ele fora suficientemente jovem para andar confiante pelos penhascos, subindo e descendo, até correndo. Desafiando o destino, celebrando o ímpeto do vento, o estrondo das ondas, a altura vertiginosa. Os penhascos desabrochavam para ele na Primavera, naquele passado distante. Havia flores a colher para Seraphina. Felipe conseguia lembrar-se, a visão lúcida da idade retornando à juventude, como ela ria e aconchegava as flores silvestres contra o peito, como se fossem as rosas mais preciosas colhidas de uma roseira bem cuidada.

Ele tinha os olhos fracos agora, as pernas um tanto trôpegas. Mas não a memória. Aquela era a sua penitência: uma memória forte e vital num corpo velho. Qualquer que fosse a alegria que encontrara na sua vida, esta sempre fora maculada pelo som do riso de Seraphina, pela confiança que transbordava dos olhos escuros, pelo seu amor jovem e fiel.

Nos mais de quarenta anos transcorridos desde que a perdera, juntamente com toda a sua inocência, Felipe aprendera a aceitar as suas próprias falhas. Fora um cobarde, fugindo da batalha em vez de enfrentar os horrores da guerra, escondendo-se entre os mortos em vez de empunhar uma espada.

Mas era jovem, e atitudes dessas deviam ser perdoadas aos jovens.

Deixara que os amigos e a família acreditassem que morrera, abatido como um guerreiro... até mesmo como um herói. A vergonha e orgulho levaram-no a comportar-se dessa maneira. Coisas pequenas, o orgulho e a vergonha. A vida era constituída por incontáveis coisas pequenas. Mas jamais esqueceria que a sua vergonha e orgulho tinham custado a vida de Seraphina.

Cansado, Felipe sentou-se numa pedra para escutar o rugido do mar batalhando com os rochedos lá em baixo, os gritos estridentes das gaivotas, o zunido do vento a soprar pela relva de Inverno. E sentia o ar frio, quando fechou os olhos e abriu o coração.

Para ouvir Seraphina.

Ela seria sempre jovem, uma adorável menina de olhos escuros que nunca tivera a oportunidade de envelhecer, de chegar à idade em que Felipe agora se encontrava. Seraphina não esperara. Desesperada e magoada, atirara-se ao mar. "Por amor a mim", pensou Felipe. Por uma precipitação da juventude, que não esperara o tempo suficiente para saber que nada dura para sempre.

Por julgá-lo morto, Seraphina morrera, atirando-se do alto dos penhascos, acabando com o seu futuro.

Ele lamentara. Deus sabia o quanto lamentara. Mas não fora capaz de acompanhá-la para o mar. Em vez disso, viajara para o sul, renunciara ao seu nome e ao seu lar, adoptara outros.

Encontrara o amor outra vez. Não o primeiro e doce amor que conhecera com Seraphina, mas algo sólido e forte, baseado na confiança e compreensão, em necessidades ao mesmo tempo serenas e violentas.

E fizera o melhor que podia.

Tinha filhos e netos. Levava uma vida com todas as alegrias e pesares que formam um homem. Sobrevivera para amar uma mulher, criar uma família, plantar jardins. E sentia-se contente pelo que produzira.

Mas jamais esquecera a moça que amara. E matara. Jamais esquecera os seus sonhos para o futuro, ou a maneira doce e inocente com que Seraphina se entregara. Depois de se amarem em segredo, os dois, tão jovens, tão exuberantes, sonharam com a vida que teriam juntos, a casa que construiriam com o dote, os filhos que teriam.

Mas a guerra viera, e ele deixara-a para provar que era um homem. Em vez disso, provara ser um covarde.

Ela escondera o seu dote, o símbolo de esperança que uma rapariga tanto preza, para mantê-lo fora do alcance dos Americanos.

Felipe não tinha a menor dúvida sobre o lugar em que ela o escondera. Compreendia a sua Seraphina... a sua lógica, o seu sentimento, as suas forças e fraquezas. Embora não tivesse qualquer dinheiro ao deixar Monterey, ele não levava o ouro e as jóias que Seraphina guardara.

Agora, com os sonhos da idade que tinham transformado os seus cabelos em prata, turvado os seus olhos e deixado os ossos doridos, ele rezava para que o tesouro fosse encontrado um dia por pessoas apaixonadas. Ou sonhadoras. Se Deus era justo, permitiria que Seraphina escolhesse. Independentemente do que a Igreja pregava, Felipe recusava-se a acreditar

que Deus condenasse uma criança desesperada pelo pecado do suicídio.

Ela estaria agora como a deixara há mais de quarenta anos, naqueles mesmos penhascos. Sempre jovem, linda e transbordando de esperança.

Felipe sabia que não voltaria àquele lugar. O seu tempo de penitência estava quase a terminar. Esperava que a sua Seraphina, quando a visse de novo, sorrisse e perdoasse um jovem insensato e orgulhoso.

Ele levantou-se, meio curvado ao vento, apoiado na bengala. E deixou os penhascos, ao encontro de Seraphina.

Havia uma tempestade a aproximar-se pelo mar. Uma tempestade de Verão, com raios a riscar o céu e um vento furioso. Sob a intensa claridade, Laura Templeton estava contente sentada no penhasco. As tempestades de Verão eram as melhores.

Teriam de entrar daqui a pouco, teriam de voltar à Casa Templeton. Mas, por enquanto, ela e as suas duas maiores amigas podiam esperar e contemplar. Laura tinha dezasseis anos, era uma moça delicada, com olhos cinzentos serenos, cabelos louros brilhantes e tão repleta de energia quanto qualquer tempestade, - Eu gostava de poder entrar no carro e seguir directamente para lá. - Margo Sullivan riu-se. O vento era intermitente e cada vez mais forte. - Para o meio da tempestade.

- Não contigo ao volante - zombou Kate Powell. - Só tiraste a carta de condução há uma semana e já tens reputação de lunática.

- Estás com inveja porque ainda tens de esperar alguns meses para poderes guiar.

Como era verdade, Kate encolheu os ombros. Os cabelos pretos curtos agitavam-se ao vento. Ela respirou fundo, adorando a maneira como o vento a envolvia.

- Pelo menos estou a economizar para um carro, em vez de recortar fotos de Ferraris e jaguars.

- Se vais sonhar - disse Margo, franzindo o rosto para uma falha mínima no esmalte cor de coral das unhas -, sonha em grande. Um dia, vou ter um Ferrari ou um Porsche, ou qualquer outro carro que queira.

Os seus olhos de um azul profundo contraíram-se com determinação quando ela acrescentou:

- Não vou contentar-me com qualquer porcaria em segunda mão como tu farias.

Laura deixou-as discutir. Poderia ter acabado com a discussão, mas

compreendia que era apenas parte da amizade. E não gostava de carros. É claro que apreciava o elegante descapotável que os pais lhe tinham oferecido pelo seu décimo sexto aniversário. Mas, para ela, um carro era igual a qualquer outro.

Também compreendia que era mais fácil pensar assim dada a sua posição. Afinal, era a filha de Thomas e Susan Templeton, donos do império hoteleiro Templeton. A sua casa assomava na colina por detrás delas, espectacular sob o céu cinzento. Havia mais do que pedra, madeira e vidro. Mais do que torres, varandas e jardins viçosos. Mais do que o batalhão de empregados que a mantinha sempre impecável.

Era o seu lar.

Porém, Laura fora criada para compreender as responsabilidades do privilégio. Havia nela um imenso amor pela beleza e simetria, e uma bondade inefável. Acrescente-se a isso uma necessidade de corresponder aos padrões dos Templeton, de merecer tudo o que recebera como direito hereditário. Não só a riqueza, como ela já sabia mesmo aos dezasseis anos, mas também o amor da família e das amigas.

Sabia que Margo sempre se impacientava com as suas limitações. Embora tivessem sido criadas juntas na Casa Templeton, tão unidas quanto irmãs, Margo era filha da governanta.

Kate viera para a Casa Templeton quando os seus pais tinham morrido. Uma órfã de oito anos. Fora tratada com carinho e absorvida na família, tornara-se parte dos Templeton tanto quanto Laura e o seu irmão mais velho, Josh.

Laura, Margo e Kate eram tão unidas - talvez até mais - quanto irmãs que partilhassem o mesmo sangue. Mas Laura nunca esquecia que a responsabilidade Templeton era sua.

"Um dia", pensou ela, "vou apaixonar-me, casar e ter filhos. E darei continuidade à tradição Templeton." O homem que viria buscá-la, que a tomaria nos seus braços e faria com que ela lhe pertencesse, seria tudo o que sempre desejara. Juntos, construiriam uma vida, criariam um lar, projectariam um futuro tão refinado e perfeito quanto a Casa Templeton.

Enquanto ela imaginava, os sonhos brotavam no seu coração. Um rubor delicado espalhou-se pela sua face. O vento agitava os cabelos louros em torno do rosto.

- A Laura está novamente a sonhar - comentou Margo, com um sorriso

que transformou o rosto bonito em deslumbrante.

- Tens a Seraphina outra vez na cabeça? - perguntou Kate.

- Ha? - Não, ela não estava a pensar em Seraphina, mas começou naquele momento. - Eu gostava de saber com que frequência ela vinha até aqui, para sonhar com a vida que queria ter com o Felipe.

- Ela morreu numa tempestade como a que se aproxima. Pelo menos isso eu sei. - Margo ergueu o rosto para o céu. - com raios a iluminarem o céu e o vento a uivar.

- O suicídio já é um acto suficientemente mau. - Kate arrancou uma flor silvestre e torceu a haste resistente entre os dedos. - Se fosse um dia perfeito, com o céu azul e o Sol a brilhar, o resultado seria o mesmo.

- Por vezes pergunto-me como será uma pessoa sentir-se assim tão perdida - murmurou Laura. - Se algum dia encontrarmos o dote dela, devemos construir um santuário ou alguma outra coisa para recordá-la.

- vou gastar a minha parte em roupas, jóias e viagens - anunciou Margo, esticando os braços por detrás da cabeça.

- E tudo acabará num ano, talvez menos - previu Kate. - Por mim, vou investir o meu dinheiro em acções... só investimentos seguros.

-A chata e previsível Kate. - Margo virou a cabeça, sorrindo para Laura. - E tu? O que vais fazer quando descobirmos o tesouro? Porque tenho a certeza de que um dia vamos descobri-lo.

- Não sei. - "O que faria a minha mãe?", especulou Laura. "E o meu pai?" - Não sei. Terei de esperar para ver.

Ela olhou para o mar, por onde a cortina de chuva se aproximava cada vez mais.

- Foi o que a Seraphina não fez. Ela não esperou para ver.

E o som do vento cada vez mais forte parecia uma mulher a chorar.

Um relâmpago iluminou as nuvens e viu-se um clarão intenso no céu cinzento. O estrondo da trovoadas fez o ar tremer. Laura inclinou a cabeça para trás e sorriu. "Está a chegar", pensou ela. "A energia, o perigo, a glória."

Era o que ela queria. Lá no fundo, na parte mais íntima do seu coração, Laura queria tudo.

E foi nesse instante que soou um rangido de freios, a vibração agressiva do rock n roll e um grito impaciente.

- Vocês estão doidas? - Joshua Templeton inclinou-se pela janela do seu carro, olhando para as três com cara de poucos amigos. Venham já para o

carro!

- Ainda não começou a chover.

Laura levantou-se. Olhou para Josh primeiro. Ele era quatro anos mais velho. Naquele instante parecia-se tanto com o pai, nos seus momentos de irritação, que Laura teve vontade de rir. Mas já vira quem estava no carro com o irmão.

Não imaginava como sabia que Michael Fury era tão furioso quanto uma tempestade de Verão, mas tinha a certeza disso. Era mais do que os comentários de Ann Sullivan sobre desordeiros e maus elementos... embora, sem dúvida, a mãe de Margo tivesse uma opinião formada sobre aquele amigo do Josh em particular.

Talvez fosse porque os seus cabelos escuros eram um pouco compridos de mais, sempre desgrenhados. Ou por causa da pequena cicatriz branca por cima da sobrancelha esquerda, que, segundo Josh, Michael ganhara numa luta. Talvez fosse pela sua aparência, o rosto moreno, que transmitia uma sensação de perigo, algo insidioso. "Como um anjo ganancioso", pensou Laura, enquanto o seu coração palpitava, de uma maneira inquietante. "Que sorri todo o caminho até chegar ao Inferno."

Mas Laura pensava que a causa estava nos olhos. De um azul desconcertante naquele rosto moreno. Intensos, francos e intrometidos quando a fitavam.

Ela não gostava da maneira como Michael a olhava.

- Entrem já no carro! - A impaciência parecia vibrar em ondas ao redor de Josh. - A mãe teve um ataque quando soube que vocês estavam aqui. Se uma de vocês for atingida por um raio, o meu rabo é que vai fritar.

- Uma pena para um rabo tão bonito - comentou Margo, sempre disposta a namoriscar. Na esperança de deixar Josh com ciúmes, ela abriu a porta do outro lado. - Não vai ser fácil cabermos cá todos. Importas-te se eu me sentar ao teu colo, Michael?

Ele desviou o olhar de Laura. Sorriu para Margo, um rápido brilho dos dentes num rosto bronzeado e encovado.

- A vontade, minha querida.

A voz era profunda, um pouco rouca. E aceitou, com uma facilidade nascida da experiência, o peso de uma mulher disposta a instalar-se ali.

- Não sabia que já tinhas voltado, Michael.

Kate entrou para o banco de trás, pensando com algum azedume que

havia espaço suficiente para as três.

- Estou de licença. - Ele lançou um olhar para Kate, depois voltou a fixar-se em Laura, que ainda hesitava, junto à porta do carro.

- Mas torno a zarpar daqui a dois dias.

- A marinha mercante... - Margo passou os dedos pelos cabelos de Michael.

- Parece tão... perigoso. E emocionante. Tens uma mulher em cada porto?

- Esforço-me por isso. - Enquanto as primeiras gotas de chuva caíam no pára-brisas, ele franziu as sobrancelhas para Laura. - Também queres sentar-te ao meu colo?

Dignidade era outra coisa que ela aprendera desde cedo. Sem se dignar responder-lhe, Laura foi sentar-se ao lado de Kate no banco de trás.

No instante em que a porta se fechou, Josh arrancou com o carro e subiu para a Casa Templeton. Quando os seus olhos se encontraram com os de Michael no espelho retrovisor, Laura desviou deliberadamente o olhar, voltando a contemplar os penhascos, o lugar dos seus sonhos confortáveis.

CAPÍTULO 1

LAURA estava apaixonada no dia em que completou dezoito anos. Sabia que tinha sorte por ter tanta certeza dos seus sentimentos e do seu futuro... e do homem com quem os partilharia.

O seu nome era Peter Ridgeway. Era tudo com que ela sempre sonhara.

Alto e bonito, uma aparência exuberante e um sorriso encantador. Era um homem que compreendia a beleza e a música, que aceitava as responsabilidades de uma carreira.

Desde que fora promovido na empresa Templeton e transferido para a Califórnia, cortejara-a de um modo organizado a fim de conquistar o seu coração romântico.

Houve rosas entregues em caixas brancas lustrosas e jantares tranquilos à luz de velas. Conversas intermináveis sobre literatura e arte... e olhares silenciosos que diziam muito mais do que palavras.

Faziam longas caminhadas pelos jardins ao luar, passeavam de carro ao longo da costa.

Laura não demorara a apaixonar-se. Não fora uma paixão súbita e violenta, mas um movimento suave, sem arranhões ou equimoses. Quase como deslizar por um túnel forrado de seda para os braços que estavam à sua espera.

Talvez, aos vinte e sete anos, ele fosse um pouco mais velho do que os pais de Laura gostariam, e ela um pouco jovem de mais. Mas Peter era tão impecável, tão perfeito, que Laura não podia admitir que a diferença de idade tivesse alguma importância. Afinal, nenhum rapaz da sua idade tinha a educação, o conhecimento e a paciência serena de Peter Ridgeway.

E ela estava demasiado apaixonada.

Peter insinuara casamento, com extrema gentileza. Ela compreendeu que era para que tivesse tempo de pensar sobre isso. Só não sabia como fazê-lo entender que já pensara, já decidira que ele era o homem com quem queria passar o resto da vida.

"Mas um homem como Peter", pensou Laura, "tem de tomar a iniciativa, as decisões."

Havia tempo, assegurou a si própria. Todo o tempo do mundo. E

naquela noite, na festa para comemorar os seus dezoito anos, Peter ia estar presente. Dançaria com ele. E no vestido azul-claro que escolhera porque combinava com os olhos de Peter, haveria de sentir-se uma princesa. Mais do que isso, iria sentir-se uma mulher.

Ela vestiu-se devagar, querendo saborear cada momento dos preparativos e pensou que tudo seria diferente a partir daquele momento. O seu quarto ainda era o mesmo desde que abrisse os olhos naquela manhã. As paredes continuavam cobertas pelo papel com os pequenos botões de rosas, que há muitos anos ali cresciam. O sol de Inverno entrava pelas janelas, filtrado pelas cortinas de renda, como ocorrera em outras tantas manhãs de Janeiro.

Mas tudo se tornara diferente. Porque ela estava diferente.

Laura examinou agora o quarto com os olhos de uma mulher. Apreciou as linhas elegantes da cómoda de mogno, uma Chippendale envernizada que fora da sua avó. Passou a mão pelo conjunto de escovas com cabo de prata, presente de aniversário de Margo, contemplou os frívolos e coloridos frascos de perfume que começara a coleccionar no início da adolescência.

Lá estava a cama em que dormira, em que sonhara, desde a infância, de quatro colunas, também Chippendale, com o extravagante dossel de renda bretã. As portas de vidro que levavam à sua varanda estavam abertas, deixando passar os sons e fragrâncias do início da noite. A cadeira junto da janela, o lugar em que podia enroscar-se e sonhar, estava aconchegante com as suas almofadas.

Um fogo brando ardia na lareira de mármore rosa granulado. Em cima da prateleira havia retratos em molduras de prata e os delicados castiçais de prata com as velas brancas delgadas, que ela gostava de acender à noite.

Ali estava também o vaso de porcelana de Dresden que continha a solitária rosa branca que Peter lhe enviara naquela manhã.

Havia ainda a escrivaninha em que estudara durante toda a escola secundária e onde continuaria a estudar durante os meses que restavam do último ano.

Era estranho, meditou ela, passando a mão pela escrivaninha, que não se sentisse mais uma estudante liceal. Tinha a sensação de ser mais velha do que as suas contemporâneas. E muito mais sensata, mais certa do rumo que queria seguir.

Aquele era o quarto da sua infância, da sua juventude e do seu coração.

Embora soubesse que nunca amaria tanto qualquer outro lugar, estava disposta, até mesmo ansiosa, a construir um novo lar, com o homem que amava.

No final, Laura virou-se, contemplou-se no espelho de corpo inteiro e sorriu. Acertara no vestido. Simples, com linhas suaves, ajustando-se ao seu corpo pequeno. O decote era côncavo, as mangas compridas e afiladas, a coluna recta descendo até aos tornozelos. O efeito era clássico, distinto, perfeito para uma mulher que correspondia aos padrões de Peter Ridgeway.

Podia preferir cabelos lisos a caírem sobre os ombros; mas, já que insistiam em encrespar-se, ela prendera-os no alto da cabeça. O que, na sua opinião, acrescentava uma certa maturidade.

Nunca seria ousada e sensual como Margo, nem intrigante de uma forma descontraída como Kate. Por isso, tinha de se contentar em ser madura e distinta. Afinal, eram as qualidades que Peter considerava atraentes.

E Laura queria muito ser perfeita para ele. Naquela noite... especialmente naquela noite.

Reverente, ela pegou nos brincos que tinham sido o presente de aniversário dos seus pais. Os diamantes e safiras faiscaram, como se estivessem a namoriscar com ela. Laura estava a sorrir para os brincos quando a porta do quarto se abriu abruptamente.

- Não vou pôr essa porcaria no rosto! - Vermelha e agitada, Kate continuou a discussão com Margo, enquanto as duas entravam. - Tu já tens o suficiente pelas duas!

- Disseste que a Laura seria a juíza. - Margo parou de falar, avaliando a amiga com olhos de especialista. - Estás com um aspecto fabuloso. Uma sensualidade distinta.

- A sério? Tens a certeza?

A ideia de ser sensual era tão emocionante, que Laura tornou a virar-se para o espelho. Viu-se apenas a si mesma, uma jovem pequena, de olhos cinzentos ansiosos e cabelos que se recusavam a permanecer no lugar.

- Absoluta. Todos os homens na festa vão querer dançar contigo, mas terão receio de pedir.

Kate soltou uma gargalhada e deixou-se cair na cama de Laura.

- Mas não terão medo de pedir-te a ti, minha amiga. É um exemplo evidente da verdade na propaganda.

Margo limitou-se a sorrir. Passou a mão pela anca. O vestido vermelho-

vivo tinha um decote provocante e adería a todas as curvas generosas do seu corpo.

- Quem tem tudo isto... o que não é o teu caso... tem mais é de o mostrar. Este é o motivo pelo qual precisas de pó-de-arroz, rímel...

- Nem penses!

- Ela está adorável, Margo. - Sempre apaziguadora, Laura pôs-se entre as duas. Sorriu para Kate, estendida na cama, com o corpo esguio atraente num vestido branco de lã que a cobria do pescoço aos tornozelos. - Mas bem que precisas de um pouco mais de cor.

- Aceitas agora? - Triunfante, Margo ergueu a bolsa da maquilhagem. - Senta-te aqui e deixa a especialista fazer o seu trabalho.

- E eu que estava a contar contigo... - Sempre a queixar-se, Kate submeteu-se à indignidade das escovas e tubos de Margo. - Só estou a sujeitar-me a isto porque é o teu aniversário, Laura.

- Eu agradeço.

- Vai ser uma noite bonita. - Em movimentos rápidos e hábeis, Margo definiu as maçãs do rosto de Kate. - A banda já chegou, a cozinha virou um caos. A minha mãe anda a correr de um lado para o outro, a tratar dos arranjos florais, como se fosse uma recepção real.

- Eu devia ajudar - murmurou Laura.

- Tu és a homenageada. - Kate mantinha os olhos fechados, em autodefesa, enquanto Margo aplicava a sombra. - A tia Susie tem tudo sob controlo... inclusive o tio Tommy. Ele está lá fora a tocar saxofone.

Laura, rindo, sentou-se na cama, ao lado de Kate.

- Ele sempre disse que sua fantasia secreta era tocar saxofone tenor num bar cheio de fumo de tabaco.

- Ele só ia aguentar tocar durante algum tempo - comentou Margo, passando o delineador sob os olhos de Kate com muito cuidado.

- Depois, o espírito Templeton acabaria por prevalecer e ele compraria o bar.

- Meninas... - Josh parou à porta, com uma pequena caixa de flores nas mãos. - Não me agrada interromper um ritual feminino, mas, como parecem estar todos doidos, tive de assumir o papel de paquete.

A aparência de Josh no smoking fez com que um frémito percorresse o corpo de Margo. Ela lançou-lhe um olhar sensual.

- Qual é a sua gorjeta habitual?

- Nunca aceito convites para entrar. - Josh fez um esforço para não deixar que o seu olhar perdurasse no decote de Margo, ao mesmo tempo que amaldiçoava cada homem que tivesse um vislumbre daquelas curvas brancas leitosas. - Parece que são mais flores para a jovem que faz anos.

- Obrigada. - Laura levantou-se para pegar na caixa e beijou-o.

- Esta é a minha gorjeta.

- Estás linda. - Josh pegou na mão dela. - Crescida. Já começo a sentir saudades da minha irmãzinha implicante.

- Farei o melhor possível para continuar a implicar contigo, tantas vezes quanto puder. - Laura abriu a caixa, suspirou, esqueceu tudo o resto. - É do Peter...

Josh comprimiu os dentes. Não seria justo dizer que já estava irritado com os homens que Laura escolhia.

- Alguns tipos pensam que uma única rosa é um presente de classe.

- Eu prefiro receber dúzias - declarou Margo, os olhos encontrando-se com os de Josh, em absoluta concordância e compreensão.

- É linda... - murmurou Laura, enquanto punha a rosa no vaso ao lado da outra. - Igual à rosa que ele me mandou esta manhã.

Por volta das nove horas, a Casa Templeton transbordava de pessoas e sons. Muitos convidados tinham passado das salas iluminadas para os terraços; outros circulavam pelo jardim, passeando pelos caminhos de pedra para admirar as flores e fontes, tudo clareado pela esférica Lua de Inverno e por lampiões.

Margo acertara em cheio. A noite estava clara, um céu negro com incontáveis estrelas, que faiscavam como diamantes. Por baixo, a Casa Templeton cintilava de tanta luz.

A música vibrava, convidando os casais a dançar. Mesas enormes, com toalhas de linho branco, quase que vergavam sob o peso da comida preparada por um batalhão de fornecedores. Empregados treinados de acordo com os padrões dos Hotéis Templeton circulavam discretos entre os convidados, carregando bandejas de prata com copos de champanhe e canapés. Meia dúzia de bares em vários pontos tinham sido armados para servir bebidas diversas, incluindo refrigerantes.

O vapor elevava-se da piscina em dedos nebulosos, enquanto dezenas de nenúfares brancos flutuavam à superfície. Em estrados montados sobre a relva, dezenas de mesas estavam cobertas por toalhas de linho branco, sob

toldos de cores suaves, tendo no centro um trio de velas brancas compridas, cercadas por exuberantes gardênias.

Dentro de casa, havia mais empregados, mais comida, mais música, mais flores, para as pessoas que preferiam o calor e um sossego relativo. Duas criadas de uniforme mantinham-se de prevenção no segundo andar para atender a qualquer mulher que precisasse de ajuda para encontrar uma casa de banho ou consertar uma batinha.

Nenhuma recepção alguma vez realizada em qualquer Hotel Templeton do mundo inteiro fora planeada ou executada com mais cuidado do que a comemoração dos dezoito anos de Laura Templeton.

Ela jamais esqueceria aquela noite, a maneira como as luzes cintilavam, como a música parecia impregnar o ar, juntamente com a fragrância das flores. Conhecia os seus deveres. Conversou e dançou com amigos dos seus pais e com os seus próprios amigos. Embora quisesse ficar apenas com Peter, confraternizou com as outras pessoas, como era sua obrigação. Ao dançar com o pai, comprimiu o rosto contra o dele e murmurou:

- É uma festa maravilhosa. Obrigada.

Thomas Templeton suspirou, verificando que a filha já se comportava como uma mulher, suave e elegante.

- Parte de mim gostava que ainda tivesses três anos e estivesses aos pulos no meu colo.

Ele recuou e sorriu para a filha. Era um homem notável. Os cabelos cor de bronze exibiam muitos fios prateados; os olhos que legara aos filhos estavam já enrugados nos cantos de exuberância e riso.

- Tu cresceste, Laura.

- Não consegui evitar. Ela sorriu também.

- Tens razão. Agora, sei que há uma dúzia de jovens a disparar flechas com os olhos contra as minhas costas, fazendo figas para que eu caia no chão, a fim de poderem dançar contigo.

- Prefiro dançar consigo do que com qualquer um.

Mas, quando Peter passou ao lado deles, a dançar com Susan Templeton, Thomas notou que os olhos da filha se tornaram ternos e sonhadores.

Como poderia prever, ao trazer o homem para a Califórnia, pensou ele, que Ridgeway acabaria por lhe levar a filha embora?

Quando a música terminou, Thomas não pôde deixar de admirar a

habilidade com que Peter trocou de parceira e se afastou com Laura.

- Não deves olhar para o homem como se tivesses vontade de açoitá-lo, Tommy - murmurou Susan.

- Ela não passa de uma menina.

- Que sabe o que quer. Sempre deu a impressão de que sabia. Susan suspirou. - E, ao que tudo indica, ela agora quer o Peter Ridgeway.

Thomas fitou a esposa nos olhos. Eram olhos que irradiavam uma profunda sabedoria. Sempre fora assim. Susan podia ser pequena e delicada como a filha, talvez desse a impressão de fragilidade. Mas Thomas sabia como ela era forte.

- O que achas dele, Susie?

- É um homem competente. Bem-nascido, de boas maneiras. E muito atraente. - A boca suave contraiu-se numa expressão de firmeza. - Mas eu gostava que ele estivesse a mil quilómetros da Laura. É a mãe que fala assim... a mãe que tem medo de perder a sua filha.

- Podíamos transferi-lo para a Europa. - Thomas entusiasmou-se com a ideia. - Melhor ainda... Tóquio ou Sydney.

Susan riu-se e acariciou o rosto do marido.

- Pela maneira como olha para ele, a Laura iria segui-lo até ao fim do mundo. É melhor mantê-lo por perto. - Ela encolheu os ombros, fazendo um esforço para aceitar. - Afinal, a Laura podia ter-se apaixonado por um dos amigos mais desregrados do Josh. Ou por um gigolô, um caçador de fortunas ou um marginal.

Thomas riu-se também.

-A Laura? Não havia a menor possibilidade de isso acontecer.

Susan limitou-se a franzir as sobancelhas. Sabia que um homem jamais seria capaz de compreender. As naturezas mais românticas, como a de Laura, sentiam-se em geral atraídas pelo que era rebelde e fora dos padrões usuais.

- Teremos de esperar para ver até onde ela vai, Tommy. Prontos para oferecer o apoio de que ela precisar.

- Não vais dançar comigo? - Margo insinuou-se entre os braços de Josh, encaixou-se ali, antes que ele tivesse a oportunidade de recusar ou esquivar-se. - Ou preferes ficar parado aqui, a remoer?

- Eu não estava a remoer, estava só a pensar.

-Já sei que estás preocupado com a Laura. - Mesmo enquanto os seus dedos deslizavam provocantes pela nuca de Josh, Margo lançou um olhar

apreensivo para Laura. - Ela é louca pelo Peter. E está decidida a casar com ele.

- A Laura é jovem de mais para pensar em casamento.

- Ela pensa em casamento desde os quatro anos - murmurou Margo. - Agora encontrou quem pensa ser o homem dos seus sonhos. Ninguém vai conseguir detê-la.

- Eu podia matá-lo. E depois escondíamos o corpo. Margo soltou uma gargalhada.

- A Kate e eu teríamos o maior prazer em ajudar-te a atirar o cadáver pelos penhascos. Mas talvez ele seja o homem certo para a Laura, Josh. É atencioso, inteligente, aparentemente paciente em certas áreas hormonais.

- Não comeces com isso. - A expressão de Josh tornou-se sombria. - Não quero pensar nisso.

- Podes ter a certeza de que a tua irmãzinha vai descer pela nave da igreja, quando chegar o momento, num vestido branco virginal autêntico. - Ela suspirou, especulando porque alguma mulher haveria de casar com um homem sem antes saber se era um bom companheiro na cama. - No fundo, eles têm muita coisa em comum. E quem somos nós, dois cépticos sem ilusões, para a julgar?

- Nós adoramo-la.

- É verdade. Mas as coisas mudam. Não vai demorar muito para que todos nós estejamos seguindo em direcções diferentes. Tu já começaste, ao virar o Senhor Faculdade de Direito de Harvard. A Kate está ansiosa por ingressar na universidade; a Laura, no casamento.

- E tu queres o quê, duquesa?

- Tudo e mais alguma coisa.

O sorriso de Margo tornou-se insinuante. Poderia ter levado a sedução um pouco mais longe se Kate não se tivesse aproximado para os separar.

- Deixem os rituais sexuais para depois. Eles estão a sair. - Kate olhou na direcção de Laura com o rosto franzido, observando-a a afastar-se de mãos dadas com Peter. - Talvez devêssemos ir atrás deles. Fazer alguma coisa.

- O quê, por exemplo? - Margo, compreensiva, colocou o braço sobre os ombros estreitos de Kate. - O que quer que seja, não faria a menor diferença.

- Não posso ficar de braços cruzados a observá-los. - Irritada, Kate virou-se para Josh. - Vamos um pouco para a parte de baixo do jardim. O Josh pode ir buscar-nos champanhe.

- Tu ainda és menor - protestou ele.

- Como se nunca tivesses bebido, Josh. - Ela sorriu, cativante. Só um copo. Para um brinde à Laura. Talvez dê sorte... e proporcione o que ela quer.

- Está bem... mas só um copo.

Margo franziu o rosto, notando a maneira como ele esquadrihava os convidados.

- À procura de polícias?

- Não. Pensei que o Michael pudesse acabar por aparecer.

- O Mick? - Kate inclinou a cabeça para o lado. - Pensei que ele estivesse na América Central ou em algum outro lugar parecido, a armar-se em aventureiro.

- Ele estava, mas voltou há pouco tempo. Pensei que ia aceitar o meu convite. - Josh encolheu os ombros. - O Mick não gosta muito de festas destas.

Fazendo uma pausa, Josh sorriu, bateu com um dedo no nariz de Kate e acrescentou:

- Só um copo... e não fui eu quem serviu.

- Claro que não.

Kate pegou Margo pelo braço, começando a conduzi-la para os jardins iluminados.

- Podemos pelo menos fazer um brinde à Laura, se não conseguirmos detê-la.

- Faremos o brinde, é claro - concordou Margo. - E estaremos prontas para ajudá-la, no que quer que aconteça.

- Tantas estrelas... - Laura respirou fundo o ar da noite, enquanto descia pelo relvado inclinado com Peter. - Não posso imaginar uma noite mais perfeita.

- E tornou-se ainda mais perfeita, agora que tenho um momento a sós contigo.

Ela sorriu.

- Desculpa. Andei tão ocupada, que quase não pude conversar contigo.

Um momento a sós contigo...

- Sei que tens deveres a cumprir. Eu compreendo. Uma Templeton nunca iria negligenciar os seus convidados.

- Não em circunstâncias normais. Mas hoje é o meu aniversário.

- A mão de Laura parecia tão quente e abrigada na dele. Ela desejou

poder continuar a passear assim para sempre, descer para os penhascos, a fim de partilhar com Peter o seu lugar mais íntimo. - E posso ter uma folga.

- Pois então vamos aproveitar.

Peter levou-a para o caramanchão branco. Ali, os sons da festa tornaram-se um pano de fundo abafado, o luar filtrando-se pelas ripas de madeira. As fragrâncias das flores perfumavam o ar. Era exactamente o cenário que ele queria.

Antiquado e romântico, como a mulher que tencionava conquistar de vez naquele preciso momento.

Puxou-a para os seus braços, beijando-a. E Laura foi, sem qualquer relutância. Totalmente inocente. Aquela boca adorável abriu-se para a sua, aqueles braços delicados enlaçaram-no. Excitava-o aquela juventude combinada com distinção, a ansiedade misturava-se com a inocência.

Podia possuí-la naquele momento, Peter sabia-o. Tinha a habilidade e a experiência necessárias para isso. Mas era um homem que se orgulhava do seu controlo e, como tal, recuou gentilmente. Não aviltaria a perfeição, não precipitaria o físico. Queria uma esposa que nunca tivesse sido tocada, nem mesmo por ele.

- Ainda não te disse suficientes vezes como estás adorável hoje.

- Obrigada. - Laura adorava aqueles momentos ardentes e intensos de expectativa. - Eu quis pôr-me assim... para ti.

Peter sorriu e abraçou-a com extrema ternura, deixando que a cabeça de Laura se encostasse ao seu ombro. Era a mulher perfeita, reflectiu. Jovem, adorável, bem-criada. Maleável. Através das ripas, ele divisou Margo, exuberante no seu vestido vermelho justo, soltando uma gargalhada obscena por causa de alguma piada.

As suas hormonas podiam ficar estimuladas, mas a sensibilidade de Peter ofendia-se. A filha da governanta. O sonho erótico de todos os homens.

Os seus olhos desviaram-se para Kate. A pupila belicosa, com mais inteligência do que classe. Espantava-o que Laura sentisse tamanha afeição infantil por aquelas duas. Mas tinha a certeza de que isso passaria com o tempo. Afinal, Laura era muito sensata, detentora de uma dignidade admirável numa pessoa tão jovem. Assim que ela compreendesse bem o seu lugar na sociedade - e o seu lugar com ele -, podia ser afastada daquelas ligações impróprias.

Peter não tinha a menor dúvida de que Laura estava apaixonada por ele.

Afinal, ela tinha pouca experiência em recato ou simulação.

Os seus pais podiam não conceder uma total aprovação, mas ele sentia-se confiante de que a devoção à filha faria pender a balança a seu favor.

Tinha a certeza de que não encontrariam qualquer defeito nele, em termos pessoais ou profissionais. Fazia o que era preciso no seu trabalho... e fazia- o muito bem. Seria um genro apropriado. com Laura ao seu lado, com o nome Templeton, ele teria tudo o que queria. Tudo o que merecia. A esposa conveniente, a posição inabalável na sociedade, filhos, riqueza e sucesso.

- Não nos conhecemos há tempo suficiente - começou ele.

- Parece uma eternidade.

Por cima da cabeça de Laura, ele sorriu. Ela era romântica de mais.

- Só alguns meses, Laura. E sou quase dez anos mais velho do que tu.

Ela comprimiu-se ainda mais contra Peter.

- Que importância tem isso?

- Devo dar-te mais tempo. Afinal, ainda estás na escola secundária.

- Só por mais alguns meses. - O coração de Laura batia descompassado na expectativa, quando ela levantou a cabeça. - Não sou uma criança, Peter.

- Não, não és mesmo.

- Sei o que quero. Sempre soube.

Peter acreditava nela. E também sabia o que ele próprio queria. Sempre soubera. Outra coisa que tinham em comum.

- Ainda assim, eu disse a mim mesmo que esperaria. - Ele levou as mãos de Laura aos seus lábios, fitando-a nos olhos. - Mais um ano, pelo menos.

Ela sabia que era com isso que sonhara, o que tanto esperara.

- Não quero que esperes, Peter. Eu amo-te.

- E eu também te amo, Laura. Não dá mais para esperar por uma hora sequer, muito menos um ano.

Ele sentou-a no banco acolchoado. As mãos de Laura tremiam. com todo o seu coração, ela absorvia cada pormenor do momento: o som da música à distância, transmitido em suaves acordes pelo ar frio da noite clara; a fragrância dos jasmims e o murmúrio do mar; a maneira como sombras e luzes se infiltravam pelo caramanchão.

Peter abaixou-se, apoiado num joelho, como ela sabia que aconteceria. Ele tinha um rosto tão bonito, na luz delicada e sonhadora, que a deixou com um aperto no coração. As lágrimas afloraram aos olhos de Laura quando ele tirou do bolso uma pequena caixa de veludo preto e abriu-a. Foram as

lágrimas que fizeram com que os reflexos do diamante se transformassem em arco-íris.

- Queres casar comigo, Laura?

Ela soube então o que cada mulher sentia nesse momento maravilhoso da sua vida.

- Quero.

CAPÍTULO 2

DOZE ANOS DEPOIS.

"QUANDO uma mulher completa trinta anos", pensou Laura, "é tempo de reflexão, de avaliar a vida, não só porque a meia-idade está ao dobrar da esquina, mas também porque é preciso analisar os nossos actos e comportamentos até este momento."

Era o que ela estava a tentar fazer.

Mas a verdade é que naquela manhã de Janeiro, quando acordou para o seu trigésimo aniversário, o tempo que fazia - um céu cinzento e uma chuva incessante - reflectia muito bem o seu ânimo.

Tinha trinta anos e era divorciada. Perdera a maior parte da sua riqueza pessoal pela ingenuidade no momento da separação. Agora, empenhava-se ao máximo para cumprir as suas responsabilidades no comando do lar da família, criar duas filhas sozinha, trabalhar em dois empregos - para os quais não se preparara - e ainda ser uma Templeton.

No lado negativo, havia o fracasso do casamento, o facto um tanto embaraçoso de só ter ido para a cama com um único homem em toda a sua vida, a preocupação com a possibilidade de as filhas estarem a ser penalizadas pelas suas deficiências, e o medo de que o castelo de cartas que reconstruía com tanto cuidado pudesse desmoronar ao primeiro vento mais forte.

A sua vida - a realidade inexorável - tinha pouca relação com tudo o que sonhara. Era de se estranhar que quisesse continuar toda encolhida na cama, puxando as cobertas sobre a cabeça?

Em vez disso, Laura preparou-se para o que sempre fazia: levantar-se, enfrentar o dia, tentar de alguma forma sobreviver à tremenda confusão em que transformara a sua vida. Afinal, havia pessoas que dependiam dela.

Mas, antes que pudesse atirar as cobertas para o lado, houve um suave bater à porta. Ann Sullivan enfiou a cabeça primeiro, depois sorriu.

- Feliz aniversário, menina Laura.

A antiga governanta dos Templeton entrou no quarto, carregando uma bandeja com o pequeno-almoço, enfeitada com um pequeno vaso cheio de margaridas.

- Pequeno-almoço na cama! - Enquanto fazia um esforço para

reformular a sua agenda, que tinha tempo apenas para uma chávena de café, na melhor das hipóteses, Laura recostou-se. - Sinto-me uma rainha!

- Não é todos os dias que uma mulher faz trinta anos. A tentativa de sorriso de Laura vacilou.

- Eu bem sei.

- Não comece com essas tolices.

Rápida e eficiente, Ann arrumou a bandeja no colo de Laura. Já passara pelos trinta anos... e pelos quarenta também. Se Deus quisesse, em breve chegaria aos cinquenta. E como compreendia o quanto essas décadas afectavam uma mulher, ignorou prontamente o suspiro de Laura.

Andava preocupada com ela, bem como com a sua própria filha e com a menina Kate, há mais de vinte anos. Sabia como lidar com as três. Foi atizar as chamas na lareira, não só para diminuir o frio de Janeiro, mas também para acrescentar claridade e alegria ao quarto.

- Você é uma linda mulher, com o melhor da sua vida pela frente.

- E trinta anos por trás. Metodicamente, Ann tocou nos botões certos.

- E nada para demonstrar isso além de duas lindas crianças, um negócio próspero, um lar adorável, família e amigos que a amam.

"Acertou na muche", pensou Laura.

- Estou a sentir pena de mim mesma. - Ela tentou sorrir de novo.

- Patético e típico. Obrigada, Annie.

- Beba um café. - Enquanto o fogo aumentava, crepitando na lareira, Ann serviu o café, depois afagou a mão de Laura. - Sabe do que precisa? Um dia de folga. Um dia inteiro só para si, para fazer apenas o que quiser.

Era uma fantasia atraente. Até bem poucos anos atrás, ela poderia permitir-se isso. Mas agora tinha de arranjar as filhas para a escola, uma manhã no seu gabinete no Templeton Monterey e uma tarde na Pretenses, a loja que criara juntamente com Margo e Kate.

Tinha também de correr para levar as meninas ao balé, encontrar tempo para conferir as contas e pagá-las. Mais tarde, supervisionaria os trabalhos de casa, além de lidar com os incontáveis problemas que as filhas costumavam enfrentar durante o dia.

E precisava ainda de tempo para verificar como estava o velho Joe, o jardineiro. Andava preocupada com Joe, mas não queria que ele soubesse disso.

- Não está a ouvir, menina Laura.

Ao tom de censura, Laura controlou-se.

- Desculpe. As meninas precisam de se levantar para ir à escola. -Já se levantaram. E por falar nisso...

Satisfeita com a sua surpresa, Ann foi até a porta. Ao sinal, o quarto encheu-se de pessoas e barulho.

- Mamã!

As crianças entraram primeiro, correndo para saltar para a cama, o que sacudiu a louça na bandeja. Aos sete e dez anos, já não eram bebês, mas mesmo assim Laura aconchegou-as. Kayla, a mais nova, estava sempre disposta a um abraço; mas Allison tornara-se distante nos últimos tempos. Laura sabia que o abraço prolongado da filha mais velha era um dos melhores presentes que podia receber naquele dia.

- A Annie disse que podíamos entrar e começar a festejar o seu aniversário desde cedo. - Kayla estava a pular na cama com os olhos cinzentos faiscando de excitação. - E toda a gente veio.

- É verdade.

com um braço em torno de cada filha, Laura sorriu para as outras pessoas. Margo estava já a entregar o filho de três meses à avó, a fim de poder supervisionar tudo, enquanto Josh abria uma garrafa de champanhe. Kate afastou-se do marido para pegar num dos croissants que estavam na bandeja de Laura.

- E então, campeã, qual é a sensação? - perguntou Kate, de boca cheia. - Três décadas, ha?

- Estava a sentir-me pessimamente até há um minuto atrás. Laura olhou para Margo. - Mimosas?

- É claro. A resposta é não - acrescentou ela, antecipando-se a Ali. - Para ti e a tua irmã, é sumo de laranja puro.

- É uma ocasião especial - queixou-se Ali.

- Por isso, vais beber sumo de laranja numa taça de champanhe. com um floreio, ela entregou as taças às meninas e terminou de servir aos outros o cocktail de champanhe e sumo de laranja.

- Para um brinde. - Margo passou o braço pelo do marido. Certo, Josh?

- A Laura Templeton - começou ele -, uma mulher de muitos talentos... inclusive o de parecer sensacional para uma irmã mais nova na manhã do seu trigésimo aniversário.

- E se alguém entrou aqui com uma máquina fotográfica - declarou

Laura, empurrando para trás os cabelos desgrenhados -, saiba que vou matá-lo.

- Eu sabia que me tinha esquecido de alguma coisa. - Kate sacudiu a cabeça, encolhendo os ombros. - Muito bem... vamos dar o primeiro presente, Byron?

Byron De Witt, marido de Kate há seis semanas e director executivo do Templeton Califórnia, adiantou-se. Tocou ao de leve com a sua taça na de Laura e sorriu.

- Sr.a Templeton, se eu a encontrar em qualquer lugar do hotel antes da meia-noite, serei obrigado a usar as minhas prerrogativas como seu chefe e despedi-la.

- Mas tenho contas que tenho de...

- Hoje não. Considere o seu gabinete encerrado. A secção de Convenções e Eventos Especiais terá de encontrar alguma maneira de sobreviver durante vinte e quatro horas sem a sua ajuda.

-Agradeço a consideração, Byron, mas...

- Está certo. - Ele suspirou. - Se insistes em passar por cima de mim... O que tem a dizer, sr. Templeton?

Josh estava a divertir-se com a situação.

- Como vice-presidente executivo da organização, ordeno que tires o dia de folga. E, se pensas em passar por cima de mim, fica a saber que já falei com a mãe e o pai. Eles vão telefonar mais tarde.

- Está bem, está bem... - Ao descobrir que estava prestes a assumir uma expressão contrariada, Laura apressou-se a encolher os ombros. - Isso dá-me a possibilidade de...

- Nem penses. - Conhecendo Laura muito bem, Kate sacudiu a cabeça. - Não vais pôr os pés na loja hoje.

- Ora, que absurdo! Posso...

- Fica na cama - interveio Margo -, passeia pelos penhascos, lê um livro, vai ao salão de beleza.

Ela estendeu a mão por baixo das cobertas, pegou no pé de Laura e sacudiu-o.

- Arranja um marinheiro e... - Ao lembrar-se da presença das meninas, Margo tratou de se conter. - Faz um passeio de barco. A sr.a Williamson está a planear um requintado banquete de aniversário para esta noite, para o qual todos nós já nos fizemos de convidados. Nessa altura, se te portares bem

durante o dia, receberás o resto dos presentes.

- Tenho uma coisa para ti, mamã. A Ali também tem. A Annie ajudou-nos a escolher. Tem de se portar como deve ser para poder abrir os presentes esta noite.

- Estou em inferioridade numérica. - Pensativa, Laura bebeu um gole do cocktail. - Muito bem, vou entregar-me à preguiça. E, se cometer alguma loucura, a culpa será vossa. Toda vossa.

- Sempre disposta a assumir as culpas.

Margo pegou no J. T, que começava a agitar-se.

- Ele está molhado. - Ela entregou-o ao pai, rindo. - É a tua vez, josh. Voltaremos às sete em ponto. E, se optares pelo tal marinheiro, Laura, vou querer saber de todos os pormenores.

- Tenho de ir também - anunciou Kate. - Até logo à noite. Todos saíram tão depressa quanto tinham entrado, deixando Laura sozinha com uma garrafa de champanhe e um pequeno- almoço a arrefecer.

Pensou que era uma mulher de sorte, ao recostar-se nos travesseiros. Tinha família e amigos que a amavam. Tinha duas filhas lindas, um lar que sempre fora seu.

"Então", reflectiu Laura, enquanto as lágrimas lhe afloravam aos olhos, "porque será que me sinto tão inútil?"

O problema em dispor de tempo livre, concluiu Laura, era lembrada do tempo em que a maioria das suas horas de folga era consumida por comissões. Ingressara em algumas porque gostava das pessoas, dos projectos, das causas. Envolvera-se noutras por causa da pressão de Peter.

Durante muitos anos achara mais fácil curvar-se do que fincar o pé e resistir.

E, quando recuperara a determinação, também descobrira que o homem com quem casara não a amava. Nem às filhas. Ele casara-se com o nome Templeton; e jamais quisera a vida com que Laura sonhava.

Em determinado momento, entre o nascimento de Ali e o de Kayla, Peter abandonara até a farsa de fingir que a amava. Ainda assim, Laura apegara-se ao sonho, mantivera a ilusão do casamento e da família. E a simulação fora toda sua.

Até ao dia em que se lhe deparara o mais patético dos clichés: o seu marido na cama com outra mulher.

Agora, pensando nisso, Laura atravessou o relvado bem tratado, passou

pela parte de baixo do jardim e entrou no pequeno bosque ao lado do antigo estábulo. A chuva transformara-se num nevoeiro que turbilhonava pelo chão. Era como andar através de um rio fresco e de água rala.

Quase nunca passava por ali, pois não tinha tempo. Mas sempre apreciara o jogo de sol e sombras através das árvores, a fragrância do bosque, o sussurro dos pequenos animais. Houvera ocasiões, durante a juventude, em que imaginara que era um bosque de conto de fadas, sendo ela a princesa encantada, à procura do único e verdadeiro amor, que a salvaria do encantamento de que se tornara vítima.

Uma fantasia inofensiva, reflectiu ela, para uma rapariga. Mas talvez quisesse demasiado um final de conto de fadas, talvez acreditasse em demasia na sua possibilidade. Como acreditara em Peter.

Ele sufocara-a. Literalmente, esmagara o seu coração com uma mera negligência, um desinteresse casual. E ainda por cima dispersara os fragmentos restantes com a traição. Por fim, Peter erradicara até mesmo a poeira, quando levara não só o dinheiro dela, mas também o das filhas.

Por isso, ela nunca o perdoaria. Nem esqueceria.

"E é isso que me deixa mais amargurada", reflectiu Laura, enquanto vagueava sob uma arcada de galhos pendentes e gotejantes.

Queria engolir aquele gosto de amargura de uma vez por todas, deixá-lo para trás, seguir com a sua vida. "Talvez", pensou ela, "o trigésimo aniversário seja o momento do recomeço."

Fazia sentido, não é verdade? Peter pedira-a em casamento no dia do seu aniversário, doze anos antes. Numa noite estrelada, recordou Laura, erguendo o rosto para o nevoeiro húmido. Tinha a certeza absoluta naquela altura, estava convencida de que sabia o que queria, o que precisava. Agora era o momento para uma reavaliação.

O seu casamento acabara, mas a sua vida não. Nos últimos dois anos, ela tomara algumas providências para provar isso mesmo.

Importava-se com o trabalho que assumira para reconstruir a sua vida e as suas finanças pessoais? "Não com o trabalho em si", pensou Laura, passando por cima de um tronco caído e embrenhando-se ainda mais pelo bosque. O seu cargo nos Hotéis Templeton era uma responsabilidade, um legado, que negligenciara durante muito tempo. Tinha de ganhar o seu sustento.

E a loja... Laura sorriu, enquanto as suas botas esguichavam lama no

solo encharcado. Adorava a Pretenses, adorava trabalhar com Margo e Kate. Gostava dos clientes, da mercadoria, do sentido de realização pessoal. As três tinham ali construído alguma coisa para si próprias, umas pelas outras.

Como podia ressentir-se das horas e do esforço que empenhara para criar as filhas, certificando-se de que tinham uma vida feliz e saudável? Eram o seu coração. O que quer que fosse necessário para compensar a perda do pai, Laura tentaria.

Kayla, a sua pequena Kayla. Tão flexível, tão fácil de agradar. Uma criança feliz e afectuosa.

Mas Allison... A pobre Ali precisava desesperadamente do amor do pai. O divórcio fora mais difícil para ela. Nada do que Laura fazia parecia ajudá-la a ajustar-se. Ali andava agora melhor, reflectiu Laura, melhor do que nos primeiros meses, até do que no primeiro ano. Mas ela fora tragada por um turbilhão. Só raramente era espontânea com as suas afeições, como acontecia antes.

"E é sempre cautelosa com a mãe", concluiu Laura, com um suspiro. Ainda culpava a mãe por um pai que não tinha o menor interesse pelas filhas.

Laura sentou-se num pequeno tronco, fechou os olhos, permitiu que a brisa amena, que era a música do bosque, a envolvesse por completo. "vou conseguir", prometeu a si mesma. Cuidaria de tudo, do trabalho, da agenda movimentada, da preocupação, das meninas. Ninguém se sentia mais surpreendida do que ela por estar a desempenhar tão bem as suas obrigações.

Mas como, em nome de Deus, seria capaz de continuar a lidar com a solidão?

Mais tarde, ela cortou flores murchas no jardim, podou alguns arbustos, removeu os detritos. O velho Joe já não era capaz de tratar de tudo sozinho. E o jovem Joe, o seu neto, não podia dispensar mais do que algumas horas por semana, nos intervalos entre as aulas na universidade. Como a contratação de um ajudante seria de mais para o orçamento de Laura e para o orgulho do velho Joe, ela convencera-o de que queria assumir pessoalmente algumas tarefas de jardinagem.

Era verdade em parte. Sempre adorara os jardins da Casa Templeton, as flores, os arbustos, as trepadeiras. Quando criança, assediava o velho Joe, pedindo para que a ensinasse. E ele tirava do bolso um pacote de rebuçados de cereja, oferecia um a Laura, e demonstrava a maneira apropriada de condicionar uma trepadeira, de lidar com pulgões, ou de podar as roseiras.

Laura adorava-o, o rosto curtido, já velho naquele tempo, a voz lenta e ponderada, as mãos grandes e pacientes. Ele fora trabalhar para os jardins da Casa Templeton ainda menino, no tempo dos avós de Laura. Depois de sessenta anos de trabalho, teria direito a uma pensão, a passar os dias a tratar do seu próprio jardim, a um lugar ao sol.

Mas Laura compreendia que, se lhe oferecesse isso, partiria o coração do velho Joe.

Por isso, ela tentava cobrir as falhas, sob o pretexto de querer um hobby. Quando a sua agenda permitia - e até quando não permitia - Laura conversava com o velho Joe sobre plantas perenes, fertilizantes e adubos.

Hoje, à medida que a tarde se desvanecia para o crepúsculo, ela fez uma avaliação. Os jardins da Casa Templeton pareciam estar como deveriam ser no Inverno: tranquilos, em expectativa, apenas as flores mais resistentes a exibirem as suas cores em desafio. Os pais tinham entregue a casa nas suas mãos, para tratar e amar. Laura fazia as duas coisas.

Ela contornou a piscina, acenando com a cabeça em aprovação. Tratava da piscina pessoalmente. Afinal, era a sua indulgência. Qualquer que fosse o tempo, se podia dar algumas braçadas, não hesitava em mergulhar.

Ensinara as filhas a nadarem naquela piscina, como o pai lhe ensinara. A água faiscava, um azul delicado, graças a algumas das suas experiências recentes com a bomba e o filtro.

A sereia vivia lá no fundo, um mosaico de fantasia, de cabelos vermelhos e cauda verde. As suas filhas adoravam mergulhar e tocar naquele rosto sereno e risonho, tal como ela também gostava.

Por hábito, Laura verificou as mesas de tampo de vidro, à procura de manchas, as almofadas das cadeiras e sofás, em busca de poeira ou humidade. Ann já devia ter feito isso, mas Laura não voltou para casa até ter a certeza de que tudo estava perfeito.

Satisfeita, desceu pelo caminho de pedra e entrou na cozinha. Os aromas envolveram-na, deixando-a com água na boca. A sr.a Williamson, ampla de ancas e de busto, estava ao fogão, como sempre acontecera ao longo das memórias de Laura.

- Pernil de cordeiro - murmurou Laura, suspirando. - Puré de maçã. Batatas com caril.

A sr.a Williamson virou-se, com um sorriso presunçoso. Já avançara e muito pela casa dos setenta anos. Tinha os cabelos pretos lustrosos como uma

bola de bólingue, mais ou menos com o mesmo formato. Mas o rosto era suave, cheio de pregas e rugas, tão doce quanto o chantilly que fazia.

- O seu olfacto continua bom como sempre, menina Laura... ou a sua memória. É o que sempre quer para o seu aniversário.

- Ninguém assa um cordeiro como a senhora, sr.a Williamson. Como conhecia o jogo, Laura vagueou pela espaçosa cozinha, bisbilhotando o óbvio. - Não vejo nenhum bolo.

- Talvez me tenha esquecido de o fazer. Laura expressou a esperada consternação.

- Oh, sr.a Williamson!

- Ou talvez eu não me tenha esquecido. - Ela riu, gesticulando com a colher de pau. - E agora pode sair. Não a quero a perturbar-me enquanto cozinho. Vá lavar-se... trouxe essa porcaria toda do jardim.

- Está bem. - Laura virou-se à porta da cozinha. - Não seria uma torta Floresta Negra? com uma dupla camada de chocolate?

- Espere para ver. E agora desapareça daqui!

Laura esperou até se afastar alguns passos pelo corredor antes de começar a rir. Claro que seria uma torta Floresta Negra. A sr.a Williamson podia andar um tanto esquecida, a sua audição já não era como antes, mas questões vitais como o tradicional jantar de aniversário de Laura eram lembradas com todos os pormenores.

Ela cantarolava ao subir a escada para tomar um banho e vestir-se para o jantar. O seu ânimo melhorara, mas foi sol de pouca dura quando ouviu os sons de uma discussão entre as filhas.

- Porque tu és estúpida, só por isso! - A voz de Ali era amarga e estridente.

- Porque não percebes nada e eu odeio-te!

- Não sou estúpida! - Havia uma ameaça de lágrimas na resposta de Kayla.

- E odeio-te ainda mais!

- Que cena mais agradável...

Determinada a não perder a calma nem a perspectiva, Laura parou à porta do quarto de Ali. A cena parecia bastante inocente. Num quarto de rapariga decorado em branco e verde-claro, bonecas do mundo inteiro, em trajes tradicionais dos seus países, ornamentavam as prateleiras que ladeavam a janela larga. Livros, variando de Sweet Valley High a Jane Eyre, enchiam

uma estante. Uma caixa de jóias, com uma bailarina na ponta dos pés em cima, estava aberta na cómoda.

As filhas confrontavam-se dos dois lados da cama de dossel, como se fossem inimigas mortais num campo de batalha.

- Não a quero no meu quarto! - com os punhos cerrados, Ali virou-se para fitar a mãe. - O quarto é meu, e não quero que ela entre aqui!

- Só entrei para mostrar o desenho que fiz.

com os lábios trémulos, Kayla estendeu-o. Era um hábil desenho a lápis de um dragão a soltar fogo e de um jovem cavaleiro com uma armadura prateada empunhando uma espada. O talento natural lembrou a Laura que tinha de tratar das aulas de desenho para Kayla.

- Está maravilhoso, Kayla.

- Ela disse que era horrível. - Já sem vergonha das lágrimas, Kayla deixou-as rolar. - Disse que era horrível e estúpido, que eu tinha de bater à porta antes de entrar no quarto dela.

-Ali?

- Os dragões não existem, além de serem horríveis. - Ali empinou o queixo, em desafio. - E ela não pode entrar no meu quarto se eu não quiser.

- Tens direito à tua privacidade - declarou Laura, com o devido cuidado -, mas não tens direito de ser mesquinha com a tua irmã. Kayla...

Laura agachou-se e limpou as lágrimas do rosto da filha mais nova.

- É um desenho maravilhoso. Podemos pô-lo numa moldura, se quiseres. As lágrimas desapareceram.

- Podemos?

- Claro que sim. E vamos pendurá-lo no teu quarto. A menos que me deixes pendurá-lo no meu.

O sorriso desabrochou.

- Claro que deixo, mamã.

- Ficarei muito satisfeita. Porque não voltas para o teu quarto e assinas o desenho, como uma artista de verdade? E mais uma coisa, Kayla... - Laura levantou-se, mantendo a mão no ombro de Kayla. Se a Ali quer que tu batas à porta antes de entrar, então deves fazer isso.

A rebeldia aflorou por um instante.

- Então ela também tem de bater à porta do meu quarto!

- Nada mais justo. E agora podes ir. Quero conversar com a Ali. Depois de lançar um olhar desafiador à irmã, Kayla retirou-se.

- Ela não quis sair quando eu mandei - começou Ali. - Entra aqui sempre que quer.

- E tu és a mais velha - comentou Laura, muito calma, tentando compreender. - Há privilégios inerentes a isso, Ali, mas também há responsabilidades. Não estou à espera que vocês parem de discutir. O Josh e eu discutíamos, a Margo, a Kate e eu também discutíamos. Mas tu magoaste-a.

- Só queria que ela se fosse embora. Para ficar sozinha. Não estou interessada num desenho estúpido de um dragão estúpido.

"Há aqui mais qualquer coisa", pensou Laura, estudando o rosto angustiado da filha, "do que uma simples briga entre irmãs." Ela sentou-se na beira da cama, para que os seus olhos ficassem ao mesmo nível dos olhos de Ali.

- Qual é o problema, querida?

- Fica sempre do lado dela. Laura reprimiu um suspiro.

- Não é verdade. - Determinada, ela pegou na mão de Ali, puxando-a para mais perto. - E não é isso que te está a perturbar.

Havia uma guerra dentro daquela menina, compreendeu Laura, enquanto observava os olhos de Ali ficarem marejados de lágrimas. com toda a força do seu coração, Laura queria encontrar o caminho certo para promover a paz.

- Não interessa. Não faria qualquer diferença... - As lágrimas pareciam prestes a derramar-se. - A mãe não ia mesmo fazer nada.

Magoava, mas também aquela recente desconfiança de Ali magoava sempre.

- Porque não me contas para sabermos? Não poderei mesmo fazer qualquer coisa se não souber o que é.

- Vai haver um jantar para pais e filhas na escola. - As palavras pareciam explodir, em raiva e angústia. - Todas as outras vão levar os pais.

- Ha... - Não havia possibilidade de paz num caso assim, reflectiu Laura, levando a mão ao rosto da filha. - Sinto muito, Ali. É uma situação terrível. Mas o tio Josh vai contigo.

- Não é a mesma coisa.

- Tens razão.

- Eu queria que fosse a mesma coisa - declarou Ali, num sussurro furioso. - Porque não pode fazer com que seja?

- Não posso.

Houve alívio quando Ali se aconchegou nos braços de Laura, sem resistir. E houve angústia.

- Porque é que a mãe não faz alguma coisa para ele voltar? Havia agora um sentimento de culpa para se acrescentar à angústia.

- Não há nada que eu possa fazer.

- Não quer que ele volte. - com os olhos ardentes e brilhantes, Ali recuou bruscamente. - Disse-lhe para se ir embora. Não quer que ele volte.

Era um caminho precário e perigoso para se percorrer.

- O teu pai e eu divorciámo-nos, Ali. Mas o facto de não podermos e não querermos mais viver juntos não tem nada a ver contigo e com a Kayla.

- Então porque é que ele nunca nos vem visitar? - As lágrimas tornaram a aflorar, mas eram agora quentes e furiosas. - Há outras crianças cujos pais e mães não vivem juntos, mas os pais aparecem e levam-nas a todo o lado.

O caminho tornou-se ainda mais precário.

- O teu pai anda muito ocupado, está agora a morar em Palm Springs. - Mentiras, pensou Laura. Mentiras desprezíveis. - Assim que ele assentar, tenho a certeza de que passará mais tempo convosco.

Quando é que ele passou?

- O pai não vem cá porque a mãe não quer vê-lo. - Ali virou-se para o outro lado. - E tudo por sua causa.

Laura fechou os olhos. De que serviria negar, defender-se, deixar a filha ainda mais vulnerável?

- Se for por isso, farei tudo o que puder para facilitar as coisas para ele e para ti. - com as pernas pouco firmes, Laura levantou-se.

- Há coisas que não posso mudar, não posso remediar. E não posso impedir-te de me culpar por isso.

Ela respirou fundo e devagar, fazendo um esforço para controlar a dor e a irritação.

- Não quero que sejas infeliz, Ali. Eu amo-te... amo-te a ti e à Kayla mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Os ombros de Ali vergaram.

- Pode perguntar-lhe se ele não quer ir ao jantar? Será no próximo mês, num sábado.

- Claro.

A vergonha prevaleceu sobre a raiva e a angústia. Ali não precisava de olhar para o rosto da mãe para saber que encontraria a mágoa.

- Sinto muito, mamã.

- Eu também sinto.

- vou também dizer à Kayla que sinto muito. Ela desenha bem... algo que eu não sou capaz de fazer.

-Tu tens outros talentos. - Gentilmente, Laura virou Ali e pôs-lhe as mãos nos ombros. - Danças muito bem. E tocas piano muito melhor do que eu na tua idade. Melhor do que eu toco agora.

- Já não tocas mais.

Havia uma série de coisas que Laura já não fazia.

- Que tal um dueto esta noite? Tocaremos nós as duas. A Kayla pode cantar.

- Ela desafina imenso.

- Eu sei.

E, quando Ali levantou os olhos, as duas sorriram uma para a outra.

Outra crise evitada, pensou Laura, ao sentar-se com a família depois do jantar. Havia um fogo alegre a arder na lareira, um bolo cremoso e delicioso para ser devorado. As cortinas da sala de estar estavam abertas para uma noite estrelada. E as luzes dentro de casa tinham um brilho aconchegante.

Os presentes de aniversário tinham já sido desembulhados, abertos e admirados. O bebé dormia no andar de cima. Josh e Byron fumavam charuto. As raparigas, de pazes feitas por enquanto, estavam ao piano: a voz trovejante de Kayla competia com o talento de Ali.

- E depois ela foi pegar na mala Chanet - dizia Margo, enroscada no sofá, falando sobre a loja. - Demorou mais de uma hora, sempre acumulando compras no balcão. Três tailleurs, um vestido de baile... aquele seu branco da Dior, Laura... quatro pares de sapatos. Isso mesmo, quatro. E mais seis blusas, três camisolas, duas calças compridas de seda. Tudo isso antes de chegar às jóias.

- Foi um dia memorável - comentou Kate, com os pés descalços sobre a mesinha de café Luís XIV. - Tive um pressentimento quando a mulher saltou de uma limusina branca. Viera de Los Angeles porque uma amiga lhe falara da Pretenses.

Kate bebeu um gole da tisana, quase sem sentir a falta do café.

- Aquela mulher é uma pessoa influente - continuou ela. - Disse que vai comprar uma casa de campo. Prometeu voltar à loja para escolher alguns móveis e outras coisas. Descobrimos que é casada com um produtor de

sucesso. E vai contar a todas as amigas que descobriu uma maravilhosa lojinha de produtos em segunda mão em Monterey.

- Isso é maravilhoso!

Tão maravilhoso, que Laura quase conseguia aceitar não ter participado na operação.

- O que me leva a especular se não devemos expandir-nos antes do que pensávamos. Talvez em Los Angeles, em vez de Carmel.

- Vamos com calma. - Kate fitou Margo com os olhos contraídos.

- Não podemos pensar em abrir outra loja antes de completarmos dois anos de funcionamento. Nessa altura farei alguns cálculos e projecções.

- Sempre a contabilista - murmurou Margo.

- É claro. O que fizeste com o teu dia de folga, Laura?

- Trabalhei um pouco no jardim...

E conferira as contas a pagar, arrumara o armário, limpava algumas coisas.

- É o J. T? - com a superaudição de mãe, Margo captou os sons que saíam do monitor de bebé ao seu lado. - É melhor eu ir ver como ele está.

- Deixa lá, eu vou. - Laura apressou-se a levantar-se. - Por favor. Tu tens o bebé o tempo todo. Eu também quero divertir-me um pouco.

- Claro. Mas se ele... - Margo olhou para as duas raparigas ao piano. - Acho que sabes o que fazer.

- Tenho uma boa noção.

Consciente de que Margo podia mudar de ideia, Laura deixou a sala apressadamente. Era espantoso e agradável observar como a sua amiga impulsiva e encantadora assumira a maternidade. Apenas dois anos antes, ninguém acreditaria que Margo Sullivan, top model, a sensação da Europa, iria assentar na sua cidade natal, dirigir uma loja de artigos em segunda mão e criar uma família. A própria Margo, com toda a certeza, não seria capaz de admitir tal possibilidade.

Mas o destino desfechara-lhe um golpe terrível. Em vez de ceder e fugir, ela lutara. E, com determinação e instinto, mudara o destino a seu favor.

Agora, ela tinha Josh e John Thomas... e uma loja cada vez mais próspera. Tinha um lar que adorava.

Laura esperava que um dia, de alguma forma, também pudesse mudar o destino da mesma maneira.

- Calma, calma... - murmurou Laura, ao aproximar-se do berço antigo

que ela e Ann tinham ido buscar ao sótão. - Pronto, querido, estou aqui. Ah, que menino bonito tu és, John Thomas Templeton!

Não podia haver palavras mais verdadeiras. Ele tinha uma rica herança genética para escolher... e escolhera bem. Cabelos dourados abundantes cresciam em torno de um pequeno rosto glorioso e redondo de bebé. Tinha os olhos azuis da mãe e a boca bem esculpida do pai.

O choro impaciente cessou no instante em que Laura o pegou ao colo. e ela foi dominada pelo sentimento que talvez só uma mulher seja capaz de compreender. Ali estava um bebé, o começo de tudo, o ponto máximo da beleza.

- Calma, querido, calma... Sentes-te sozinho?

Laura começou a andar de um lado para o outro, não só para acalmar o bebé, mas também pelo prazer pessoal. Sempre quisera ter mais filhos. Sabia que era uma atitude egoísta quando já tinha duas filhas maravilhosas, mas gostaria de ter mais crianças.

Agora tinha um sobrinho para encher de mimos. E tencionava mimá-lo por todos os meios possíveis. Kate e Byron também teriam filhos, pensou Laura, enquanto ajeitava J. T. na mesa para trocar a fralda. Seriam mais bebés para aconchegar.

Ela mudou a fralda, pôs pó de talco, fez cócegas para fazer o bebé rir e bater as pernas. Ele sorriu, agarrou numa mecha de cabelos e puxou-a.

Laura aproveitou o puxão para lhe dar um beijo no pescoço.

- Traz-te recordações? - indagou Josh, entrando no quarto.

- E como! A Annie e eu entregámo-nos a elas enquanto arrumávamos o quarto para ele. - Ela levantou J. T. por cima da cabeça, fazendo-o arrulhar de satisfação. - As minhas duas filhas dormiram neste berço.

- E tu e eu também.

Josh passou a mão pelo berço, antes de se aproximar do filho. Ansiava por pegar nele, mas deixou que Laura continuasse a aninhá-lo.

- Todos dizem a mesma coisa, mas não posso conter-me, Josh. Os anos passam depressa de mais. É preciso valorizar cada segundo.

- Foi o que fizeste. - Ele tocou nos cabelos da irmã. - És a mãe mais extraordinária que já conheci. Admiro-te por isso.

- Vais pôr-me com vontade de chorar - murmurou Laura, encostando o rosto na curva do pescoço de J. T.

- Mas acho que tu e eu tivemos os melhores exemplos possíveis para

seguir. Tivemos sorte, Laura, por sermos filhos de pessoas como o pai e a mãe.

- Tens toda a razão. Sei que eles estão no meio das negociações para a construção de um novo hotel em Bimini, mas fizeram questão de me telefonar hoje só para desejar feliz aniversário.

- E o pai contou-me que tinha levado a mãe de carro através da pior tempestade de Inverno na história da região central da Califórnia quando tu estavas para nascer.

- Claro que contou. - Laura ergueu o rosto e sorriu. - Ele adora contar essa história. Chuva, cheias, lama, trovoadas. Só faltaram o Anjo do Juízo Final e as Sete Pragas do Egito.

- "Mas consegui chegar, quarenta e cinco minutos antes do parto" - disse Josh, citando o pai. Ele afagou os cabelos do filho. - Nem toda a gente tem essa sorte. Lembras-te do Michael Fury?

Imagens de um homem moreno perigoso, com olhos intensos. Quem poderia esquecer Michael Fury?

- Claro. Costumavas sair com ele, à procura de raparigas e encrencas. Ele foi para a marinha mercante ou algo parecido.

- O Michael fez uma série de coisas. Teve problemas em casa... um divórcio litigioso. Ou melhor, dois. A mãe casou pela terceira vez quando ele tinha vinte e cinco anos. E parece que esse casamento perdurou. Seja como for, ele voltou a Monterey há algumas semanas.

- A sério? Não sabia.

- Tu e o Michael nunca frequentaram os mesmos círculos. Ele instalou-se na sua casa antiga, onde cresceu. A mãe e o padrasto mudaram-se para Boca, e ele comprou a propriedade. Agora está a criar cavalos.

- Ah, cavalos...

com pouco interesse, Laura recomeçou a andar com o bebé ao colo. Sabia que Josh acabaria por dizer o que pretendia. Às vezes ele comportava-se como um advogado, fazendo rodeios antes de chegar ao assunto.

- Lembras-te das tempestades que tivemos há duas semanas?

- Ah, as terríveis tempestades... - Claro que Laura se lembrava. Quase tão perigosas quanto a tempestade na noite memorável do nascimento de Laura Templeton.

- Isso mesmo. Só que houve mais aluimentos de terras. E um deles destruiu a casa do Michael.

- Sinto muito. - Laura parou de andar e virou-se. - com toda a sinceridade. Ele ficou ferido?

- Não. Conseguiu escapar e também salvou os cavalos. Mas a casa acabou. Vai demorar um pouco para reconstruí-la, se for o que ele quiser fazer. Enquanto isso, o Michael vai precisar de alojamentos temporários para ele e os cavalos. Um lugar que pudesse alugar a curto prazo. Pensei no estábulo e no apartamento por cima. Não estão a ser usados.

O alarme foi a primeira reacção. -Josh...

- Só peço que me ouças. Sei que a mãe e o pai sempre foram um pouco cautelosos em relação ao Michael.

- Pois, no mínimo.

- Acontece que o Michael é um velho amigo... e dos bons. E vem a calhar. Ninguém faz qualquer trabalho de manutenção ou reparos naquele edifício há anos, desde que...

Ele parou de falar, aclarando a garganta.

- Desde que eu vendi os cavalos - concluiu Laura. - Porque o Peter não gostava deles, nem do tempo que eu passava a tratar deles.

- O facto é que o edifício precisa de ser remodelado. Neste momento está vazio, a deteriorar-se pela falta de uso. E tu bem que precisas do aluguer, já que te recusas a tirar dinheiro do capital Templeton para pagar a manutenção desta casa.

- Não vou discutir isso de novo.

- Está bem. -Josh reconhecia a expressão determinada da irmã e não insistiu. - O aluguer de um edifício que não está a ser utilizado ajudar-te-ia, não é verdade?

- Claro, mas...

Ele ergueu a mão. Queria terminar primeiro com os aspectos lógicos e práticos.

- Tu bem que podias aproveitar alguém por aqui, a curto prazo, para assumir o trabalho mais pesado, recuperar o estábulo. É uma coisa que não podes fazer sozinha.

- Tens razão, mas...

Agora, pensou Josh, o argumento decisivo.

- E eu tenho um velho amigo cuja casa foi destruída. Consideraria um favor pessoal se tu o aceitasses.

- Isso é um golpe baixo.

- São sempre os mais eficazes. - Josh, sabendo que ganhara a batalha, deu um puxão rápido e afectuoso nos cabelos da irmã. Deve ser bom para toda a gente. Experimenta durante duas semanas, Laura. Se não der certo, penso numa alternativa.

- Está bem. Mas se ele começar a promover jogos de póquer em que toda a gente fica bêbeda ou orgias...

- Tentaremos ser discretos. -Josh sorriu. - Obrigado. Ele deu um beijo à irmã e pegou no bebé.

- O Michael é um bom homem, Laura. Alguém com quem se pode contar em momentos difíceis.

Laura torceu o nariz para as costas do irmão, enquanto ele deixava o quarto com J. T.

- Não tenciono contar com o Michael Fury para nada, muito menos num momento difícil.

CAPÍTULO 3

O ÚLTIMO lugar em que Michael Fury pensara que poderia fixar residência, mesmo que com carácter temporário, era a grande propriedade Templeton. Claro que a visitara muitas vezes no passado, sob os olhares vigilantes e subtis de Thomas e Susan Templeton, além do olhar também vigilante mas não tão subtil de Ann Sullivan.

Sabia muito bem que a governanta dos Templeton o considerava um rafeiro à solta entre puros-sangues. E presumira que ela se preocupava com as suas intenções em relação à filha.

Ann podia ficar descansada em relação a essa questão. Por mais deslumbrante que Margo fosse, ela e Michael nunca tinham sido mais do que amigos superficiais.

Talvez ele a tivesse beijado duas ou três vezes. Como um homem de sangue quente poderia resistir a uma boca como aquela? Mas isso fora o princípio e o fim. Ela estava apaixonada por Josh. Mesmo naquele tempo e apesar da miopia da juventude, Michael percebera isso.

E Michael Fury não enganava um amigo.

Apesar das origens diferentes, tinham ficado amigos. E amigos de verdade. Michael não considerava muitas pessoas amigas de verdade. Seria capaz de fazer qualquer coisa por Josh... e chegara a fazer. Sabia também que podia contar com o amigo, em qualquer necessidade.

Ainda assim, nunca teria pedido o favor e provavelmente recusaria se não fosse pelos cavalos. Não queria que ficassem por mais tempo do que o necessário em instalações públicas. Tornara-se sentimental em relação aos cavalos. Não se envergonhava disso. Nos últimos anos, os cavalos tinham sido um dos poucos elementos constantes na sua vida.

Experimentara diversas coisas. Vagueara pelo mundo. E gostara. O ingresso na marinha mercante fora uma fuga, mas ele adorara. Conhecera boa parte do mundo, e apreciara vários lugares.

Dedicara-se aos carros durante algum tempo. Ainda tinha uma afeição por eles, gostava de guiar a altas velocidades. Alcançara algum sucesso no circuito de corridas na Europa, mas isso não o satisfizera a longo prazo.

No intervalo entre o mar e os carros, houvera um breve período como

soldado mercenário, durante o qual aprendera a matar e a guerrear por dinheiro. E talvez tivesse chegado a ficar com medo de ser bom de mais nisso, com medo de acabar por gostar demasiado. Fora uma actividade que lhe recheara a carteira, mas deixara o coração coberto de cicatrizes.

Casara também, uma vez, por pouco tempo, e tampouco podia dizer que tivera sucesso nessa experiência.

Fora durante o seu estágio como duplo que se apaixonara pelos cavalos. Aprendera o ofício, adquirira uma certa reputação, fracturara vários ossos. Saltara de prédios, participara em brigas de bar encenadas, fora baleado, tivera as suas roupas em chamas. E caíra de incontáveis cavalos.

Michael Fury sabia como cair de um cavalo. Mas não conseguia esquivar-se quando se apaixonava por um cavalo.

Por isso, começara a comprá-los, a criá-los e a treiná-los. Abatera um cavalo doente e fizera o parto difícil de um potro.

Embora soubesse que as probabilidades estavam contra si, pensava que encontrara o que procurava.

Parecia uma intervenção do destino quando o padrasto telefonara, informando que ele e a mãe de Michael pretendiam vender a propriedade nas colinas. Embora não tivesse qualquer sentimento pela casa em que fora criado, Michael fizera uma oferta.

Era uma boa região para a criação de cavalos.

Por isso, ele voltara. Mas a natureza desfechara-lhe um duro golpe de boas-vindas. Não se importava nem um pouco com a casa. Mas os seus cavalos... seria capaz de morrer para salvá-los. Chegara perigosamente próximo desse ponto, com o aluimento de terras.

Lá estava ele, imundo, exausto, sozinho, contemplando o que seria o seu próximo começo. Os escombros enlameados.

Houvera um tempo em que Michael simplesmente reduziria os prejuízos e seguiria em frente. Mas desta vez resolvera insistir.

Fora nesse momento que Josh oferecera uma ajuda. Michael aceitara, depois de pesar o seu orgulho contra o amor pelos cavalos.

Ao subir pelo caminho que levava à Casa Templeton, ele fazia figas para não estar a lançar os dados na jogada errada. Sempre admirara a propriedade. Não se podia evitar. Por isso, parou no meio do percurso, saiu e deu uma longa vista de olhos.

Ali parado, no ar ameno do Inverno, era um homem alto e esguio, com o

corpo disciplinado de um atleta, a postura preparada de alguém que não se esquivava a uma luta. Vestia-se de preto, o seu traje habitual, porque assim não precisava pensar nas roupas que ia usar. As calças de ganga e a camisa pretas, sob um velho blusão de couro de aviador, proporcionavam-lhe a aparência de um malfeitor, um fora-da-lei disposto a qualquer coisa.

O próprio Michael teria dito que isso não estava muito longe da verdade.

Os seus cabelos pretos dançavam com a brisa. Estavam mais compridos do que seria prático e eram lisos e abundantes por natureza. Quando trabalhava, costumava prender os cabelos atrás, num rabo-de-cavalo. Detestava o barbeiro e sofreria os tormentos do inferno se fosse ao que chamavam de cabeleireiro.

Esquecera-se de fazer a barba... bem que tivera a intenção de o fazer, mas começara a cuidar dos cavalos assim que se levantara. A barba por fazer aumentava ainda mais a impressão perigosa no rosto de ossos salientes. A boca era surpreendentemente suave. Muitas mulheres podiam testemunhar a sua habilidade e generosidade. Mas qualquer que fosse a suavidade ali existente era com frequência ignorada quando o observador se fixava nos olhos duros, brilhantes como um relâmpago.

Por cima deles, as sobrancelhas eram arqueadas, a esquerda desfigurada por uma pequena cicatriz branca.

Tinha outras pelo corpo, de desastres de carro, lutas, do seu trabalho como duplo. Aprendera a viver com elas, assim como convivia com as cicatrizes interiores.

Enquanto contemplava a pedra a brilhar, as torres afiladas e o vidro da Casa Templeton que reflectia o sol, Michael sorriu. Que lugar! Um castelo para a realeza moderna.

"Aqui vai Michael Fury", pensou ele. "O que pretendem fazer?"

Ele riu para si mesmo, enquanto voltava a sentar-se ao volante, continuava a subir pelo caminho sinuoso, entre relvados ondulantes, árvores antigas e imponentes, arbustos à espera do momento de desabrocharem em flores incontáveis. Não imaginava que a princesa reinante se mostrasse muito satisfeita com a sua estada iminente. Josh teria tido uma conversa e tanto para persuadir a decorosa irmã, figura destacada da sociedade, a abrir até mesmo o estábulo para alguém como Michael Fury.

"Havemos de nos habituar", reflectiu ele. Não seria por muito tempo, e ele tinha a certeza de que poderiam manter-se à distância um do outro. Como

acontecera no passado.

Para Laura, arranjar aquela hora no meio do dia era problemático, mas necessário. Mandara a criada Jenny fazer o que pudesse para limpar o apartamento por cima do estábulo. Deus sabia que estava imundo, cheio de pó, detritos e teias de aranha. "E até ratinhos cinzentos", pensou Laura, estremeando, enquanto levantava um balde com água cheia de sabão.

Não podia esperar que a rapariga realizasse milagres. E não houvera tempo suficiente. Não fora possível mobilizar a ajuda de Ann. À simples menção do nome de Michael Fury, a governanta torcera o nariz com desdém e esquivara-se.

Por isso, Laura decidira que o trabalho final lhe cabia a ela. Não receberia alguém em sua casa, nem mesmo numa dependência distante, se não estivesse tudo limpo e arrumado.

Uma hora de almoço prolongada, longe dos seus deveres na Pretenses, uma rápida mudança de roupas, e agora, reflectiu ela, muito trabalho árduo. O estado da casa de banho no apartamento deixara a jovem Jenny chocada.

Não era para admirar. com os cabelos presos e as mangas enroladas, Laura entrou na banheira e atacou o pior da sujidade. Quando o seu hóspede - ou inquilino, ou o que quer que fosse - chegasse no dia seguinte, pelo menos não encontraria os azulejos todos sujos.

Quanto ao estábulo propriamente dito, Laura decidira, depois de uma olhada, que seria da responsabilidade de Michael Fury.

Enquanto trabalhava, tornou a passar mentalmente o resto dos compromissos daquele dia. Podia voltar à Pretenses por volta das três horas. Fechariam às seis e meia. Iria buscar as meninas à aula de piano.

Oh, bolas! Esquecera-se de procurar um bom professor de desenho para Kayla.

Jantar às sete e meia. Uma verificação para ter a certeza de que as filhas estavam preparadas para os exercícios e testes que teriam pela frente.

Ortografia seria a prova de Kayla amanhã? E matemática a de Ali? Não era nada agradável ter de voltar à escola, pensou Laura. As fracções angustiavam-na.

Um pouco ofegante, com os músculos já doridos, Laura limpou a espuma de sabão e a sujidade do rosto.

Precisava de rever o relatório sobre a convenção dos técnicos de cosméticos no mês seguinte. Podia fazer isso na cama, depois de as filhas

irem dormir. E Ali precisava de sapatilhas novas para o balé. Iriam comprá-las no dia seguinte.

- E uma visão espectacular... - Michael passou pela porta estreita e deparou-se-lhe a cena atraente de um bonito traseiro de mulher projectando-se contra umas calças de ganga desbotadas. Presumiu que pertencia a uma jovem criada dos Templeton. - Se faz parte dos benefícios oferecidos com a casa, eu devia pagar uma renda muito mais alta.

com um grito, Laura empertigou-se, bateu com a cabeça no chuveiro e chapinhou na água suja. Era impossível perceber quem tinha ficado mais surpreendido.

Michael não imaginava, até àquele momento, que tinha na sua mente uma imagem determinada de Laura. Uma jovem perfeita. Adorável. Rosada, dourada e branca, como a ilustração lustrosa de uma princesa num livro de contos de fadas.

Mas a mulher que o fitava agora com olhos enormes cinzento-escuros tinha manchas de sujidade no rosto e os cabelos desgrenhados. As mãos, feitas para servir chá, estavam a segurar numa escova.

Ele recuperou primeiro. Um homem que vivera à beira do abismo não podia deixar de ter reflexos rápidos. Ofereceu um sorriso largo, enquanto se encostava na ombreira da porta.

- Laura Templeton! És mesmo tu, não és?

- Eu não... só te esperávamos amanhã.

A voz não mudara, pensou Michael. Fria, refinada, um pouco sensual.

- Gosto sempre de fazer um reconhecimento do terreno. A porta estava aberta.

- Resolvi arejar o apartamento.

- É um prazer tornar a ver-te, Laura. Acho que nunca tive uma pessoa tão atraente a lavar a minha casa de banho.

Humilhada, sabendo que tinha as faces vermelhas, ela acenou com a cabeça.

- Como o Josh deve ter-te informado, não usamos esta casa há algum tempo. E não podia dispensar nenhuma empregada para arrumar tudo por aqui tão em cima da hora.

Surpreendeu-o que Laura soubesse que extremidade da escova devia segurar.

- Não precisavas de te incomodar. Posso tratar de tudo. Agora que

estava a olhar para ela com mais atenção, Michael verificou que ela continuava tão linda quanto antes sob a sujidade no rosto. Feições delicadas, boca suave, uma insinuação aristocrática nos malares, aqueles olhos sonhadores, da cor da tempestade.

Esquecera-se de como ela era pequena? Um metro e cinquenta e oito.

Talvez um e sessenta. Esguia como uma fada, os cabelos dourados ao sol. Subtil de novo, com exuberância, mas não com ostentação.

Laura recordou que ele a contemplara muitas vezes como fazia agora, sem dizer nada, limitando-se a olhar para ela especado, até deixá-la embaraçada.

- Lamento pela tua casa.

- Ha? - Ele franziu uma sobrancelha, a que tinha a cicatriz, atraindo a atenção de Laura. - Ah... era apenas uma casa. Posso construir outra mais tarde. Mas quero agradecer-te por me ofereceres um lugar para mim e para os meus cavalos.

Quando ele estendeu a mão, Laura apertou-a, numa reacção automática. A mão era firme, áspera devido aos calos, e continuou a segurar na dela, mesmo quando ela tentou desenvencilhar-se. Os lábios de Michael tornaram a contrair-se.

- Vais continuar parada aí na banheira?

- Não. - Laura aclarou a voz, deixando que ele a ajudasse a sair. - vou mostrar-te o apartamento.

Os olhos de Laura tornaram-se frios quando ele permaneceu parado. Ela repetiu:

- vou mostrar-te o apartamento.

- Obrigado.

Michael mudou de posição, aspirou a fragrância que ela exalava, também subtil.

- O Josh deve ter-te dito que este é o apartamento do responsável da cavalaria. -A sua voz estava firme outra vez, a anfitriã educada.

- É completo, tendo até uma cozinha.

Laura apontou para uma reentrância na sala, onde Jenny limpava o fogão branco, o lava- louças de aço inoxidável e a bancada também branca.

- É ótima, mas quase não cozinho.

- O Josh disse que perdeste os teus móveis. Por isso, trouxemos algumas coisas para cá.

Ela esperou, com as mãos cruzadas, enquanto Michael vagueava pela sala. O sofá viera do sótão e precisava de um novo estofado. Mas era um bom e sólido Duncan Phyfe, uma verdadeira antiguidade. Algum Templeton ou convidado marcara no passado a mesinha de café Sheridan com um cigarro descuidado; mas ela continuava funcional.

Laura acrescentara abajures simples, de latão, que julgara mais apropriados a um gosto masculino; uma poltrona, outras mesinhas, até mesmo um vaso com flores. A sua natureza de filha de hoteleiro obrigava-a a esforçar-se até por um hóspede temporário.

- Tiveste bastante trabalho. - O que o surpreendia e humilhava.

- Pensei em ficar aqui apenas alguns meses.

- Não é exactamente o Templeton Paris. - Laura relaxou o suficiente para sorrir. - O quarto é ali.

Ela apontou para o corredor curto, antes de acrescentar:

- Não é muito grande, mas pus uma cama de casal. Sei que o Josh gosta de espaço para... ha...

A voz de Laura definhou quando ele sorriu.

- Para dormir - arrematou ela. - A armação é de ferro. Sempre gostei deste tipo de cama. Não há muito espaço para roupa, mas...

- Não tenho muita coisa.

- Ha... - Desorientada, Laura caminhou até à janela da frente. A vista... - comentou ela, sem adicionar mais pormenores.

- É verdade. - Michael colocou-se junto a ela, fascinado pela maneira como a cabeça de Laura se ajustava por baixo do seu queixo. Avistou os penhascos, o mar azul mais além, as ilhas rochosas, as ondas espumantes que as assediavam. - Costumavas passar muito tempo por ali.

- Ainda passo.

- À procura do tesouro?

- Claro.

- Como era mesmo o nome da rapariga que se atirou do penhasco?

- Seraphina.

- Isso mesmo, Seraphina. Uma história romântica.

- Uma história triste.

- É a mesma coisa. O Josh ria-se muito de ti, da Margo e da Kate, sempre a esquadriharem os penhascos à procura do dote perdido de Seraphina. Mas eu achava que ele albergava a secreta esperança de ser ele a

encontrá-lo.

- Procuramos todos os domingos agora. A Margo, a Kate, eu... e as minhas filhas.

Michael esquecera por um momento que aquela mulher pequena e delicada dera à luz duas crianças.

- Tens duas meninas.

- É verdade. - Laura virou-se, erguendo o queixo. - As minhas filhas.

Michael pensou que havia ali qualquer coisa estranha, interrogando-se em que ferida tocara.

- Que idade têm?

Laura não esperava que ele perguntasse, nem mesmo por educação. E tornou a abrandar.

- A Ali tem dez anos, e a Kayla sete.

- Começaste cedo. Meninas dessa idade costumam gostar de cavalos. Elas podem vir até aqui para ver os meus sempre que quiserem.

Mais uma declaração inesperada.

- É muita gentileza tua, Michael, mas não quero que elas te atrapalhem.

- Gosto de crianças.

Ele falou com tanta simplicidade, que Laura acreditou.

- Nesse caso, devo advertir-te de que as duas estão ansiosas por conhecê-los. E suponho que estejas agora ansioso por conhecer o estábulo.

Por hábito, ela olhou para o relógio... e estremeceu.

- Tens algum compromisso?

- Na verdade, tenho, sim. Se não te importas de fazer o resto do reconhecimento sozinho, tenho de ir trocar de roupa.

"Deve ir ao cabeleireiro", pensou Michael. "Ou à manicura. Ou à sua consulta semanal com algum psicólogo da alta sociedade."

- Não há problema.

- Deixei as chaves na cozinha - continuou Laura. - Não há telefone. Não sabia se ias querer. Há uma tomada. Algures. Se precisares de alguma coisa...

- Não te preocupes. - Ele tirou um cheque do bolso e estendeu-o.

- A renda.

- Ha... - Laura guardou o cheque, lamentando não poder receber um amigo do seu irmão como hóspede. Mas o dinheiro do aluguer serviria para as sapatilhas de balé e para as aulas de desenho. Obrigada. Sê bem-vindo à Casa Templeton, Michael.

Laura dirigiu-se para a porta e desceu os degraus. Michael pôs-se à janela, observando-a a atravessar o relvado ondulante em direcção à Casa Templeton.

- E lá estava eu, de pé, dentro da banheira - suspirou Laura, agradecida pelo hiato no fluxo de clientes na Pretenses, pois assim podia desabafar com as amigas. - com roupas velhas e a empunhar uma escova de limpeza. Parem de rir.

- Só mais um minuto - prometeu Kate, comprimindo com a mão a barriga dorida. - Estou a projectar primeiro a imagem no meu cérebro. A elegante Laura Templeton surpreendida a combater a sujidade da banheira.

- Era pior do que sujidade. E talvez eu também ache engraçado daqui a um ano. Ou dois. Mas neste momento estou muito abatida. Ele ficou ali parado, a sorrir.

- Hum... - Margo encostou a língua ao lábio superior. - E, se a memória não me falha, o Michael Fury tinha um sorriso terrível. Ele continua com a mesma beleza perigosa e insinuante?

- Não reparei.

Laura fungou e concentrou a sua atenção na limpeza de uma dedada na vitrina.

- Mentirosa. - Margo inclinou-se. - Vamos, Laura, conta a verdade.

- Acho que ele parecia uma versão do século vinte do Heathcliff de O Monte dos Vendavais. Moreno, pensativo, com um potencial de violência, um tanto rude. - Laura tornou a encolher os ombros. Se essas coisas são atraentes para ti.

- Não me faria olhar para o outro lado - garantiu Margo. - O Josh disse que ele foi mercenário durante algum tempo.

- Mercenário? - Laura esquecera-se desse facto. Acenou com a cabeça. - Combina com ele.

- Encontrei-o em França uma vez, quando ele era piloto de carros de corrida. - Margo inclinou a cabeça, enquanto recordava.

- Tivemos uma noite interessante.

Laura ergueu as sobrancelhas.

- A sério?

- Interessante - repetiu Margo, sem oferecer mais pormenores. Depois ele foi fazer de duplo em Hollywood. E agora cria cavalos. Não posso deixar de me perguntar se vai ser persistente desta vez. Sei que o Josh está a torcer

para que isso aconteça.

- Pelo menos a situação serviu para uma boa limpeza no estábulo. - Laura dirigiu-se às prateleiras, querendo ocupar-se com alguma coisa, e começou a arrumar as peças de cristal. - Negligenciei tudo aquilo por demasiado tempo. Posso até pensar em comprar um cavalo para mim, assim que tiver condições. As meninas talvez gostem.

- E que tipo de cavalos ele cria? - indagou Kate. - Possui. Trata. Qualquer coisa.

- Não perguntei. Limitei-me a mostrar-lhe o apartamento e entreguei-lhe as chaves. Acho que ele é competente. O Josh garante que é. E, se o cheque do arrendamento não for devolvido por falta de provisão, partirei do princípio que é de confiança. Não posso imaginar qualquer outra coisa que eu gostasse de um inquilino. Cavalos exigem muito tempo e trabalho. - O que significava, pensou Laura, que ela não podia sequer considerar a possibilidade de tê-los de novo, pelo menos nos próximos dez anos. - Ele ficará muito ocupado. Duvido que possamos vê-lo com frequência.

A porta foi aberta por duas clientes. Laura sorriu, ao reconhecê-las como habituais, e adiantou-se.

- Eu tomo conta delas - murmurou ela para as sócias. - É um prazer tornar a vê-las, sr.a Myers, sr.a Lomax. O que posso mostrar-lhes hoje?

Enquanto Laura levava as clientes para a sala do guarda-roupa, Margo pensou um pouco.

- Ela está a tentar não se interessar. -Ha?

-A Laura. Tinha a expressão de uma mulher que se sente intrigada por um homem, mas tenta resistir. - Depois de pensar mais um pouco, Margo sorriu. - E isso é ótimo.

- Porquê?

-Já é tempo de a Laura ter um pouco de distração na vida. Uma pequena distração masculina.

- E alguma vez pensas em qualquer outro tipo de distração?

- Kate... - Divertida, Margo afagou a mão da amiga. - De uma mulher recém-casada para outra experiente, é uma pergunta bastante estúpida. A Laura nunca se deixou afectar por qualquer homem. Por isso, acho que o Michael Fury pode ser o presente perfeito para o seu trigésimo aniversário.

- Ele é um homem, Margo, não um par de brincos.

- Mas tenho a impressão, querida, de que ele pode parecer maravilhoso

em cima da Laura... por assim dizer.

- E suponho que não te ocorreu que eles podem não estar interessados um no outro em termos sexuais. Espera um instante. - Kate ergueu a mão. - Esqueci-me de com quem estava a falar.

- Não menosprezes as possibilidades. - Margo tamborilou com os dedos no balcão. - Temos um homem e uma mulher, ambos sem compromissos, até onde sabemos, ambos atraentes. O Josh pô-los perto um do outro. Embora eu duvide que fosse essa a sua intenção, ele criou uma situação deveras interessante.

- Posto nesses termos... - Preocupada, Kate lançou um olhar para a sala do guarda-roupa. - Sempre gostei do Mick, mas ele era um miúdo rebelde. Podemos ter aqui uma situação de lobo e ovelha.

- Estou a torcer para que tenhas razão. Toda a mulher precisa de pelo menos um encontro com um lobo. Mas... - Afinal, elas estavam a falar de Laura. - Terei de convidar o Michael para jantar e verificá-lo pessoalmente.

- E eu suponho que teremos de nos curvar ao teu julgamento e experiência superiores.

- Claro. - A porta abriu-se outra vez. - De volta ao trabalho, sócia.

Na sala do guarda-roupa, Laura mostrava pacientemente a selecção de camisolas de caxemira. Se soubesse da conversa das amigas, teria ficado ao mesmo tempo divertida e consternada.

Os homens em geral não lhe interessavam. Não os odiava. A sua experiência com Peter não a convertera numa megera, não a tornara frígida, nem estreitara a sua visão ao ponto de considerar que todos os homens eram seus inimigos. Muitos homens de bem tinham passado pela sua vida para que isso fosse possível. Tinha o pai como o maior exemplo. O irmão era outro. E durante os últimos meses passara a adorar Byron De Witt.

Mas família era uma coisa. Relacionamentos íntimos, até mesmo momentâneos, eram outra. Laura não tinha tempo, disposição ou energia para uma relação. Desde que terminara o casamento, dois anos antes, empenhava-se em reconstruir a sua vida a todos os níveis. As filhas, a casa, o trabalho na empresa Templeton. E a Pretenses.

Enquanto as clientes debatiam as suas escolhas, ela afastou-se, reflectindo sobre os acontecimentos que tinham conduzido à abertura da loja. Fora um impulso súbito, um passo que ela dera por Margo, mas também por si mesma.

A carreira e as finanças de Margo estavam em ruínas quando ela deixara a Europa e voltara a Monterey. A ideia de liquidar os seus pertences e criar um espaço atraente em que pudesse vendê-los fora um risco, mas dera certo desde o primeiro instante.

"E o sucesso não se manifestou apenas em dólares", pensou Laura, enquanto retornava à sala principal. "Também ganhámos em orgulho, confiança, amizade e diversão."

Quando compraram o prédio, era apenas um espaço vazio, empoeirado, maltratado e malcheiroso. A visão e o esforço das três amigas tinham transformado o edifício em algo extraordinário. Agora o vidro da montra larga faiscava ao sol, oferecendo a quem passava sugestões fascinantes do que havia no interior.

Um atraente vestido de festa esmeralda, com o nostálgico toque de penas de pavão no ombro, fora estendido sobre a elegante cadeira de um toucador feminino. Frascos coloridos sobre a superfície lustrosa, junto com um colar de pedras preciosas. Havia uma gaveta aberta, da qual se derramavam sedas tremeluzentes. Havia também um abajur no formato de um cisne, uma única taça de cristal ao lado de uma garrafa vazia de champanhe. Botões de punho e um fato de cerimónia misturavam-se de uma forma descuidada com os adereços femininos. Um par de sapatos vermelhos de saltos altos fora ajustado de forma hábil para dar a impressão de que a dona acabara de descalçá-los.

Fazer a montra era, normalmente, um domínio de Margo, mas fora Laura quem projectara aquela. E orgulhava-se do que fizera. Como também se orgulhava da loja como um todo. Por toda a loja espaçosa espalhavam-se mercadorias que eram únicas e extravagantes. As paredes rosa complementavam as prateleiras de vidro repletas de tesouros. Um sofá de veludo - o terceiro que incluíam no stock oferecia aos clientes a oportunidade de se sentarem, e beberem um chá ou champanhe.

Uma escada dourada em caracol subia para a varanda aberta que levava ao quarto de vestir, onde robes de rendas, roupões e outros trajes para a noite se encontravam à mostra num lindo armário de pau-rosa. Tudo estava à venda, desde a cama rococó à menor caixinha com uma jóia de prata. E nada existia em duplicado.

A loja salvara, literalmente, as três amigas. E, embora Laura não imaginasse que isso pudesse acontecer, tornara-as ainda mais unidas.

Agora, pairando na entrada da sala do guarda-roupa, ela observou Margo a exhibir uma pulseira de safiras a uma cliente. Kate discursava sobre as origens de um abajur art nouveau com outra cliente. Uma nova cliente examinava um frasco de rapé de opala, enquanto a sua companheira dava uma olhadela nas malas de mão para a noite.

A música de Mozart saía baixinho da aparelhagem. Pela vitrina, Laura vislumbrou o tráfego movimentado na Cannery Row. Os carros arrastavam-se, disputavam posições. Pessoas desfilavam pelos passeios. Um homem passou com um menino às gargalhadas montado nos seus ombros. Um casal, de braço dado, parou para admirar a vitrina... e um momento depois entrou na loja.

- Sr.a Templeton?

Laura saiu do seu devaneio, virando-se para a sala do guarda-roupa.

- Encontrou o que procurava, sr.a Myers? A mulher sorriu, erguendo a sua escolha.

- Nunca saí da Pretenses desapontada.

O sentimento de orgulho foi rápido e satisfatório. Laura pegou na camisola de caxemira que a cliente lhe estendia.

- Fazemos tudo para que isso nunca aconteça.

CAPÍTULO 4

ÓTIMOS aposentos, não são, rapaz?

Michael estava a escovar Max, o seu orgulho e alegria. O enorme alazão do Tennessee relinchou em concordância.

O palácio dos cavalos da Casa Templeton era muito diferente do estábulo simples que ele construía nas colinas e que vira desabar sob um deslizamento de lama. Não que se parecesse muito com um palácio quando ali entrara naquela primeira tarde, deparando-se-lhe Laura. Naquela altura parecia mais um chalé de conto de fadas sob um encantamento maléfico, há muito abandonado por todos os que outrora o habitavam.

Ele teve de sorrir perante aquela lembrança... e pelo facto de que tudo na propriedade o fazia pensar em contos de fadas com contornos dourados.

Mas encontrara no estábulo apenas poeira, abandono e objectos partidos.

Levara quase uma semana inteira para arrumar o edifício. Não fora uma tarefa fácil para um homem sozinho, com um único par de mãos, mas Michael não queria levar os seus cavalos para o abrigo temporário enquanto não estivesse tudo limpo e organizado de acordo com as suas especificações.

Durante essa semana, tivera de suportar o estábulo público, com um custo elevado, e o facto de o seu apartamento ficar a quilómetros dos animais. Mas os resultados tinham valido o investimento de alguns dias de dezasseis horas de trabalho, com os músculos doloridos.

Era um edifício bom e sólido, com os toques elegantes pelos quais os Templeton eram conhecidos. As baias móveis ofereciam bastante espaço, luz e ar, um pormenor mais importante para Michael do que chão de lajes em padrões intrincados, os ladrilhos decorativos em torno das manjedouras, ou a rebuscada grade de ferro por cima, com um T estilizado no centro, de latão polido. Embora considerasse que esses acréscimos eram elementos muitíssimo agradáveis.

A disposição era prática, com a sala dos arreios num lado, o depósito de ração no outro. Embora surpreendido com a negligência e a falta de uso óbvios, ele empenhara-se em reparar a situação. Carregara e martelara, varrera e esfregara, até que todas as baias correspondessem aos seus padrões pessoais de exigência para os seus bebés.

Pois era assim, secretamente, que considerava os cavalos.

Feno e palha tinham sido entregues naquela manhã. Michael ficara agradecido porque o rapaz que os trouxera mostrara-se disposto a ganhar mais alguns dólares, ajudando-o a espalhar a palha e a guardar os fardos de feno.

Agora, cada baia tinha a sua camada de palha de trigo... dispendiosa e difícil de obter, mas aqueles eram os seus bebés, afinal. Algumas ferramentas e um pouco de engenho repuseram em funcionamento o sistema automático de distribuição de água nas baias. Ele aplicou óleo nas dobradiças das portas das baias e trocou os ganchos que estavam enferrujados.

Desde que perdera todos os seus utensílios na lama, teve de voltar a comprar e armazenar grãos, vitaminas, remédios, entre outros. Salvou algumas ferramentas e os arreios. Tudo teve de ser limpo e polido, e o que não pôde ser aproveitado foi comprado e substituído.

Os seus quinze cavalos estavam alojados como a realeza, mas até agora ele não fizera mais do que dormir no apartamento do andar superior.

- Subiste na vida, Max. Podes não saber disso, mas és agora um inquilino na Casa Templeton. E é uma grande coisa, meu amigo. Acredita no que te estou a dizer.

Ele deu uma palmada afectuosa no flanco do cavalo, tirando uma cenoura da bolsa presa à cintura.

- Já comecei a projectar a tua nova casa. Não te preocupes. E talvez possamos acrescentar desta vez alguns retoques mais luxuosos. Mas por enquanto não é possível ter melhor do que isto.

Max pegou na cenoura com a maior delicadeza. O olho escuro que fixou no seu dono exibia uma expressão de paciência, sabedoria e também, Michael gostava de pensar, afeição.

Ele saiu da baia, fechou a metade inferior com o trinco, e foi andando pelo corredor. O chão era tão elegante que se podia ali realizar um baile, mas tinha uma inclinação perfeita. Os saltos das botas ressoavam. Em expectativa, uma cabeça castanha surgiu da baia ao lado.

-À minha procura?

Era a sua paixão, a égua mais gentil que Michael já conhecera. Comprara-a como potra. Agora, ela estava prenha, alojada numa baia apropriada. Ele dera-lhe o nome de Darling.

- Como te sentes hoje? Garanto que vais ser feliz aqui. Michael entrou

na baía e passou as mãos pelos enormes flancos da égua. Como um pai à espera do futuro filho, ele sentia-se ansioso e preocupado. Era uma égua pequena, menos de um metro e meio de altura. Michael estava preocupado com o seu desempenho quando chegasse o momento.

Darling gostava de festas na barriga e relinchou em agradecimento quando ele a satisfez.

- Minha linda... - Michael pegou no focinho da égua entre as mãos como se fosse o rosto de uma mulher amada. - És a coisa mais bela que já possuí.

Satisfeita com a atenção, Darling tornou a relinchar, depois baixou a cabeça para morder a sacola. com uma risada, Michael tirou uma maçã... que ela preferia a cenouras.

- Toma, Darling. Estás a comer por duas.

Foi nesse instante que ele ouviu vozes... jovens, excitadas, quase estridentes. Saiu da baía.

- A mãe disse que não devíamos incomodá-lo.

- Não vamos incomodar, mas só dar uma espreitadela. Vem, Kayla. Não queres ver os cavalos?

- Quero, sim, mas... E se ele estiver cá? E se gritar connosco?

- Nesse caso, saímos a correr. Mas primeiro vamos ver os cavalos. Divertido, especulando se Laura o descrevera como um ogre ou um recluso, Michael saiu das sombras do estábulo para o sol. Se fosse poético, diria que encontrara dois anjos.

As raparigas pensaram que estavam a olhar para o rosto do diabo em pessoa: um homem todo vestido de preto, com sombras por detrás. O rosto duro e bonito era sisudo, escuro e com a barba pOr fazer. Os cabelos desciam quase até aos ombros. Tinha um lenço preto amarrado na testa, como um índio selvagem ou um pirata.

Parecia enorme e perigoso.

com o coração acelerado, Ali pôs a mão no ombro de Kayla tanto para a proteger quanto para se firmar.

- Moramos na casa - balbuciou ela. - Podemos vir até aqui. Michael não pôde resistir à tentação de brincar um pouco.

- Ai, é? Pois eu moro aqui em cima. E não gosto de invasoras. Vocês não são ladras de cavalos, pois não? As pessoas que roubam cavalos são enforcadas.

Chocada, apavorada, Ali só conseguiu sacudir a cabeça vigorosamente.

Mas Kayla adiantou-se, fascinada.

- O senhor tem uns olhos bonitos - disse ela, a sorrir. - É mesmo um desordeiro? A Annie disse que era.

Ali sussurrou o nome da irmã, cheia de medo.

Já Michael pensou que Ann Sullivan continuava a apegar-se à sua reputação da juventude.

- Já fui. Mas desisti de ser. - A menina era irresistível, pensou ele. Derretia o coração de qualquer um. - Chamas-te Kayla, e tens os olhos da tua mãe.

- E esta é a Ali. Ela tem dez anos. Eu tenho sete e meio. Acabo de perder um dente.

Kayla sorriu para mostrar a feição.

- Sensacional. Procuraste o dente? Ela riu.

- Não. A Fada dos Dentes ficou com ele. Levou-o para fazer uma estrela no céu. O senhor tem os dentes todos?

- Tinha na última vez que verifiquei.

- É o sr. Fury. A mãe disse que temos de chamar-lhe assim. Gosto do seu nome. Parece uma pessoa de um livro de histórias.

- Um vilão?

- Talvez. - Kayla piscou os olhos. - Podemos ver os seus cavalos, sr. Fury? Não vamos roubá-los nem estragar nada.

- Acho que eles gostariam de vos conhecer. - Michael estendeu a mão, que Kayla pegou sem a menor hesitação. - Vem também, Ali. não vou zangar-me convosco, a menos que mereçam.

Ali seguiu-o para o interior do estábulo, mordendo o lábio.

- Oh! - Ela deu um pulo para trás, depois soltou uma gargalhada nervosa, quando Max estendeu a cabeça enorme pela porta da baia. - Ele é muito grande... e bonito.

Ali começou a estender a mão, mas de repente retirou-a e escondeu-a atrás das costas.

- Podes afagá-lo. - Michael reflectiu que a menina mais velha, também tão bonita quanto uma ilustração de um livro, era tímida. Ele não morde. A menos que a pessoa mereça.

Para provar o que acabara de dizer, Michael pegou em Kayla ao colo, apoiando-a na anca.

- Este é o Max. Ele é um cavalheiro sulista.

- O nosso tio é um cavalheiro sulista. Mas não se parece nada com o Max. - Toda contente, Kayla afagou a cara macia. - Olá, Max.

Não querendo ser superada pela irmã mais nova, Ali tornou a adiantar-se e encostou a mão na outra face de Max.

- Ele deixa-se montar e tudo o resto?

- Claro. O Max e eu já lutámos contra índios selvagens, já fomos índios selvagens, assaltámos diligências, saltámos desfiladeiros. Michael baixou os olhos para os dois pares de olhos arregalados e sorriu. - O Max é um artista de Hollywood.

- A sério?

Encantada, Kayla tocou numa orelha aveludada, rindo quando a sentiu agitar-se sob os seus dedos.

- É a pura verdade. Mais tarde mostro-vos recortes de jornais. E agora venham conhecer a Darling. Ela vai ter uma cria dentro de pouco tempo.

- A tia Margo acaba de ter um filho - comentou Kayla, jovial, enquanto se encaminhavam para a baía seguinte. - O nome dele é John Thomas, mas nós chamamos-lhe J. T. Os cavalos têm crias da mesma forma que as pessoas?

- É quase igual - murmurou Michael, esquivando-se ao assunto para mostrar a égua às meninas.

Elas também conheceram Jack, o distinto castrado, e lulu, uma égua brincalhona. Depois Zip, o cavalo mais rápido do Oeste... ou pelo menos foi o que Michael alegou.

- Porque é que tem tantos cavalos?

A suspeita em relação àquele homem não conseguiu resistir face à satisfação pelos cavalos. A curiosidade prevaleceu sobre a timidez, levando Ali a cumular Michael com perguntas.

- Eu treino-os, compro-os e vendo-os.

- Vende?

A mera ideia deixou Kayla entristecida.

- Excepto o Max e a Darling. Nunca os irei vender. Mas os outros são vendidos a pessoas que apreciem os seus talentos e tratem bem deles.

Todos têm um destino certo. O Jack vai ser um bom cavalo de sela para alguém. Pode cavalgar sem parar se lhe pedires. E o Flash é um pônei que vai fazer de duplo quando eu terminar de treiná-lo.

- Isso significa que ele fica a saber fazer truques?

- Exatamente. - Michael sorriu para Kayla. - Ele já sabe alguns. Mas Max... Max conhece todos. Querem uma demonstração?

- Podemos?

- Vai-vos custar alguma coisa.

- Quanto? - perguntou Kayla. - Tenho dinheiro no meu mealheiro.

- Não é dinheiro - explicou Michael, enquanto voltavam para a baia de Max. - Se querem a demonstração, terão de voltar e trabalhar para pagá-la.

- Que tipo de trabalho? - indagou Ali.

- Falamos disso mais tarde. Vem, Max. - Michael pegou numa rédea e pô-la no cavalo. - Tens duas damas aqui para impressionar.

Aos cinco anos, Max era um veterano. Levantava as pernas bem alto enquanto andava, satisfeito por ter uma audiência. Michael conduziu-o para o pequeno cercado ao lado do estábulo.

- Vocês, meninas, fiquem ali atrás da cerca. Isto pode ser perigoso. Faz a tua reverência, Max.

O cavalo dobrou as pernas da frente, gracioso, abaixando-se. Quando as meninas irromperam em aplausos, Michael seria capaz de jurar que Max sorriu.

- Levanta-te - ordenou ele.

Usando a voz e sinais com as mãos, Michael conduziu Max durante todo o seu número. O enorme cavalo empinou-se, deu patadas no ar, soltando um relincho estridente. Andou para o lado, dançou, deu voltas. Depois, quando Michael o montou em pêlo, o cavalo repetiu todo o número, com variações.

- E agora a encenação de estarmos a andar no deserto há três dias sem nenhuma água.

Ao sinal, Max pareceu ir tombar, baixou a cabeça e foi-se arrastando como se cada passo fosse o último.

- Cuidado! Uma cascavel!

Max deu um salto para trás, empinou-se, parecia apavorado.

- Meu Deus, os vigilantes acertaram na minha montada. Cavalo morto, Max.

Para o grande final, Max virou-se, galopou para a esquerda, depois desabou no chão. Michael saltou de cima dele, rolando pela terra. Ao levantar-se, avistou Laura, correndo pelo pátio em sapatos de saltos muito finos.

- Oh, meu Deus! Estás bem? Como aconteceu? Oh, o teu cavalo!

Michael fez menção de falar, mas descobriu-se demasiado fascinado pela elegante perna que ficou à mostra quando ela saltou sobre a cerca no seu fato de saia e casaco.

Max fingia-se de morto, mal piscando os olhos quando Laura se ajoelhou ao lado da sua cabeça.

- Pobre coitado! É a perna? Quem é o teu veterinário? Vendo a enorme cabeça do cavalo aninhada no colo de Laura, que vestia uma linda saia azul, Michael resolveu brincar.

- Parece que a cortina está a fechar-se para o velho Max.

- Não digas isso! Ele pode ter-se apenas magoado. - E se não fosse só isso? Laura empurrou para trás os cabelos que insistiam em cair sobre o seu rosto. - Meninas, voltem já para casa!

- Mas, mãe...

- Não discutam!

Ela não podia suportar a ideia de que qualquer das duas testemunhasse o que talvez tivesse de ser feito.

- Laura... - interveio Michael.

- Porque é que continuas aí parado? - A preocupação e a fúria travavam uma batalha nos olhos de Laura. - Porque é que não fazes nada? O pobre coitado está a sofrer e tu não te mexes. Não te importas com o teu próprio cavalo?

- Claro que me importo. Max, corta À deixa - e para espanto de Laura -, o enorme cavalo tornou a rebolar-se e depois levantou-se.

- Era um truque, mãe. - Kayla riu, jovial, pela piada partilhada, enquanto Michael ajudava Laura a levantar-se. - O Max faz truques. Estava a fingir de morto. Como os cães fazem. Ele não é maravilhoso? Não é inteligente?

- É, sim. - Sob um manto rasgado de dignidade, Laura passou as mãos pela saia. - Não resta a menor dúvida de que ele tem talento.

- Desculpa. - Um homem sensato sabia quando reprimir um sorriso, mas Michael raramente optava por ser sensato. - Eu ter-te-ia avisado se te tivesse visto a aproximar. Mas chegaste aqui a correr.

Ele fez uma pausa e coçou o rosto.

- Parecias muito mais preocupada com o meu cavalo do que comigo.

- O cavalo estava caído, tu não. - Mas tudo se desvaneceu em admiração quando Max abaixou a cabeça para ela. - Como ele é bonito! Tu não és lindo? Não és esperto?

- O Max já trabalhou numa série de filmes. - Ali adiantou-se. E o sr. Fury também.

-Ai, é?

- Trabalhei como duplo. - Michael tirou uma cenoura da bolsa e entregou-a a Laura. - Dá-lhe isso. O Max será teu escravo pelo resto da vida.

- Quem pode resistir? - Enquanto oferecia a iguaria, Laura falou lentamente: - Eu não vos disse, meninas, para não importunarem o sr. Fury?

- Disse, mas ele disse que não estávamos a incomodar.

Kayla sorriu para Michael, esperançosa. De pé na cerca, ela ergueu os braços, confiante.

- Porque não estavam. - Michael pegou nela e ajeitou-a no seu colo, de uma maneira tão natural, que Laura franziu o rosto. Ele acrescentou para Laura: - Gosto de companhia. E os cavalos também. Ficam cansados de olhar para mim o dia inteiro. As meninas serão bem-vindas a qualquer momento. Se me atrapalharem, eu digo- lhes. Para alegria de Kayla e horror momentâneo de Laura, Michael ajeitou a menina no dorso largo de Max.

- Olhem só como estou alta!

- Estou a tentar não olhar - murmurou Laura, estendendo a mão para a rédea, numa reacção automática. - É um cavalo de cinema, não um pônei de rédea.

- Gentil como um cordeiro. - Michael passou Ali sobre a cerca e colocou-a atrás da irmã. - É capaz de carregar as três se quiseres. Pois é também forte como um touro.

- Não, obrigada. - O coração de Laura aquietou-se quando fitou os olhos de Max. Eram de facto muito gentis. - Não estou vestida de maneira apropriada.

-Já reparei, mas está muito bem, sr.a Templeton... E ficaste melhor ainda a saltar a cerca.

Laura fitou-o nos olhos. Gentil? Nem tanto. Mas nem por isso menos atraente.

- Imagino que foi uma cena e tanto.

- Nem imaginas a metade, minha querida. Ela deu um passo atrás.

- Muito bem, meninas, a festa acabou. Têm de se lavar para o jantar.

Ali fez menção de protestar, mas mudou de ideias. Não queria correr o risco de ser avisada de que não poderia voltar.

- O sr. Fury pode jantar connosco?

- Ha... - Desconforto e boas maneiras. As boas maneiras prevaleceram. - Claro. Michael, será um prazer.

Ele não se lembrava de alguma vez ter recebido um convite tão frio e pouco entusiasmado.

- Obrigado, mas tenho outros planos. vou a casa do Josh para conhecer o filho.

- Está certo. - Laura tirou Kayla do cavalo, depois Ali. - Não vamos incomodar-te mais.

- Há duas ou três coisas que eu queria acertar contigo. Se tiveres um minuto...

- Claro. - Ela sentia os pés a doer. O que mais queria naquele momento era sentar-se e tirar os sapatos. - Meninas, avisem a Annie de que estou em casa daqui a pouco.

- Obrigada, sr. Fury.

Filha de Laura em tudo, Ali estendeu a mão.

- De nada.

- Obrigada, sr. Fury, por nos mostrar os cavalos, os truques e tudo o resto. - Kayla começou a correr, mas parou na cerca. - Sr. Fury...

- Pois não, madame?

Ela riu com o tratamento, mas logo voltou a ficar séria.

- Consegue ensinar cãesinhos também? Se tivesse um cachorrinho... ou outra pessoa tivesse... podia ensinar-lhe truques como fez com o Max?

- Creio que podia, se fosse um bom cão.

Kayla sorriu de novo, ansiosa, depois continuou a afastar-se, apressada, no encalço da irmã.

- Ela quer um cão - murmurou Laura. - Eu não sabia. Nunca me disse.

Pedi há alguns anos, mas o Peter... Eu devia ter percebido.

Intrigado, Michael observou emoções variadas estamparem-se no rosto de Laura. E a mais forte era a de culpa.

- Censuras-te sempre dessa maneira?

- Eu devia saber. É minha filha. Eu devia saber que ela queria um cão. com um súbito cansaço, ela passou as mãos pelos cabelos.

- Então arranja-lhe um.

Laura ergueu o queixo, determinada.

- É o que vou fazer. Desculpa. - Ela tratou de se desvencilhar da culpa, tornando a fitar Michael nos olhos. - De que precisas?

- Preciso de uma série de coisas. - Michael passou o braço pelo pescoço de Max. - Uma refeição quente, um carro veloz, o amor de uma linda mulher... mas do que ambos precisamos neste momento é de uma dupla de caçadores de ratos.

- Como?

- Precisas de gatos no estábulo, Laura. Está cheio de ratos.

- Essa não! - Laura estremeceu uma vez, deixando escapar um suspiro. - Eu devia ter pensado nisso também. Havia alguns gatos na época em que tínhamos cavalos, mas o Peter...

Ela parou de falar e fechou os olhos. Não, não percorreria esse caminho outra vez.

-Já que tenho de fazer uma visita ao canil e gatil, aproveito para trazer dois gatos.

- Vais arranjar lá um cão para a tua filha?

- Porque não?

- Por nenhum motivo especial. - Michael levou o Max até à cerca. - Pensei que eras do tipo de raça pura, mais nada. Algumas pessoas são assim com os cavalos. Só querem árabes. Ou puros-sangues. Tenho uma das potras mais lindas do mundo aqui no estábulo. É ágil como um chicote, rápida como uma cobra. Mas é o que se chamaria de mestiça. Eu mesmo sempre gostei de animais mestiços.

- Prefiro o carácter à linhagem.

- Os meus parabéns. - Num movimento distraído, ele abaixou-se, pegou num botão-de-ouro no meio da relva e estendeu-o para Laura. - Eu diria que tens as duas coisas nas tuas filhas. São lindas. E conquistadoras de corações. A mais pequena já agarrou o meu. E ela sabe disso.

- Tu surpreendes-me. - Laura olhou para a flor amarela na sua mão, aturdida. Apesar da fadiga e dos pés doridos, foi atrás dele, a caminho do estábulo. - Não me pareces o tipo de homem que se sente atraído por crianças... ainda mais raparigas da idade das minhas filhas.

- Rafeiros como eu são cheios de surpresas.

- Não tive a intenção...

- Eu sei. - Michael pôs o Max na sua baia e fechou a porta. A mais nova tem os teus olhos, cor de fumo e tempestade. A Ali tem a tua boca, suave e querendo ser obstinada.

Ele fez uma pausa, sorrindo.

- Reproduzes muito bem, Laura.

- Suponho que devo agradecer, embora nunca ninguém tenha posto isso nesses termos. E devo agradecer-te também por distraí-las, mas não quero que te sintas nessa obrigação.

- Não me sentirei. Já disse que gostei das meninas. Estava a falar a sério. Além disso, elas devem-me o espectáculo. O Max e eu não trabalhamos de graça. E preciso de alguma ajuda por aqui.

- Ajuda?

- Remover o estrume, carregar feno. A menos que não queiras que a tua prole mexa em estrume.

Laura costumava fazer isso quando era pequena.

- Não tenho nenhum problema com isso. Será bom para elas. Num gesto automático, ela levantou a mão para acariciar o focinho de Max, percorrendo com os olhos o prédio impecável. - Fizeste aqui um pequeno milagre.

- Tenho braços fortes e muita ambição.

- Para quê?

- Para transformar a minha criação num bom negócio. Cavalos de sela, pôneis para fazer truques, animais de salto. Tenho muito jeito com cavalos.

- Se o Max é um exemplo, eu diria que tens mesmo muito jeito. É verdade que foste um soldado mercenário?

- Entre outras coisas, inclusive o desordeiro que a sr.a Sullivan alega que sou.

- Ha... - Laura revirou os olhos para Max, aclarando a voz. - Era de prever que a Annie jamais esqueceria o rapaz que deu o primeiro cigarro ao Josh.

- Um dos meus crimes menores. Parei de fumar há seis meses. Era mais fácil do que estar sempre com cuidado para não atear fogo ao feno.

- Ou morrer de cancro de pulmão.

- Temos de morrer de alguma coisa.

Laura virou-se, no instante em que ele levantava a mão para tirar a rédea do Max. Os seus corpos esbarraram. Tanto por curiosidade como para ampará-la, Michael abraçou-a.

Suave. Frágil como ele imaginara. E quando Michael mudou de posição, apenas um pouco, a gentil elevação dos seios comprimiu-se contra o seu peito. Os olhos de Laura tinham-se fixado nos dele ao primeiro contacto. Permaneceram assim, enquanto o seu coração acelerava.

- Sempre me perguntei que tipo de mulher serias. - Ele sorriu, deixando as suas mãos subirem e descerem pelos braços bonitos. Nunca tive a oportunidade de o descobrir antes. Afinal, eras jovem de mais para mim naquele tempo. Mas agora já estás suficientemente perto.

- Desculpa.

A voz saiu calma e fria. Laura conseguiu mantê-la assim, embora por dentro estivesse quente e trémula.

- Não me estás a atrapalhar.

Descontraído, Michael ergueu a mão para pegar numa mecha de cabelos que teimava em cair sobre o rosto de Laura.

- Então és tu que me deixas atrapalhada.

Ela não sabia como lidar com os homens. Nunca soubera, na verdade. Mas percebia o suficiente para saber que agora precisava de um curso intensivo.

- Não estou interessada em namoricos.

- Nem eu.

Ela tomou emprestado um número do repertório de Margo, assumindo uma expressão entediada.

- Tenho a certeza de que dezenas de mulheres ficariam lisonjeadas, Michael. Se eu tivesse tempo, também podia sentir-me lisonjeada. Mas não tenho tempo. As minhas filhas estão à minha espera para jantar.

- Aceito esse argumento. A dama do solar. Nascestes para isso. Ele recuou. - Se tiveres algum tempo livre, sabes onde me encontrar.

- Dá lembranças minhas ao Josh e à Margo - murmurou Laura, ao encaminhar-se para casa, com as pernas bambas.

- Claro. Só mais uma coisa, minha querida...

Laura irritou-se um pouco com o termo, mas olhou para trás.

- Os caçadores de ratos. Não me tragas gatinhos felpudos. Quero machos grandes e famintos.

- Verei o que posso fazer.

- Tenho a certeza de que farás o melhor. - Enquanto Laura se afastava, ele murmurou para Max: - Que embalagem...

com a base da mão, Michael esfregou o coração, procurando aquietá-lo.

- Ela é do tipo que faz um homem sentir-se como um gato faminto. E sem saber o que fazer.

Balançando a cabeça, ele subiu para se lavar da sujidade do estábulo.

- Então a Margo agora é mamã...

Michael sorriu para a anfitriã, que não parecia nem um pouco maternal num macacão cor de pêssego que adería de uma forma encantadora a todas as curvas do seu corpo.

- E sou uma grande mãe. - Ela beijou-o nas duas faces, ao estilo europeu. - E adoro ser mãe.

Margo recuou para admirá-lo melhor. Não ficou desapontada.

- Quanto tempo, Michael? Seis anos? Sete?

- Mais tempo. Eu estava a tentar entrar no circuito europeu, enquanto tu já tinhas tomado o Continente de assalto.

- Bons tempos... - murmurou Margo, pegando-o pelo braço e levando-o para o interior da casa.

- Bela casa.

Ele não ficou surpreendido pela elegância do estilo espanhol da Califórnia, mas sim pelo aconchego.

- Foi a Kate quem nos indicou a casa. Lembras-te da Kate Powell?

- Claro. - Os dois atravessaram o alpendre e entraram numa sala espaçosa, com um fogo a arder na lareira e sofás iguais em castanho-escuro. - Como está ela? Soube que casou.

- Ainda é recém-casada. Acho que vais gostar do Byron. Daremos uma festa depois que te instalares como deve ser. Para apresentar-te às pessoas.

- Não sou muito de festas hoje em dia.

- Então uma festa para poucas pessoas. O que desejas beber? Margo foi para o bar. - O Josh deve estar a chegar. Atrasou-se numa reunião.

- Tens uma cerveja?

- Acho que se arranja. - Ela tirou uma garrafa do pequeno frigorífico em baixo da bancada. - Então agora são os cavalos.

- Isso mesmo.

Michael observou-a a abrir a garrafa e despejar a cerveja num copo apropriado. Diamantes e ouro faiscavam no terceiro dedo da mão esquerda. E havia mais diamantes nas suas orelhas. Mesmo assim, ele deu-se conta que eram os olhos que brilhavam mais.

- Pareces estar muito bem, Margo. Feliz. É bom ver-te feliz. Um pouco surpreendida, ela levantou a cabeça para fitá-lo.

- Achas mesmo?

- Nunca pareceste completamente feliz na Europa.

- Tens razão. - Margo largou a taça na bancada e abriu uma garrafa de champanhe. - Mas cheguei lá.

- Esposa, mãe e comerciante. - Ele ergueu o copo num brinde. Quem podia imaginar?

- E fazendo um trabalho maravilhoso nas três coisas. - Depois de se servir de champanhe, ela também ergueu a taça num brinde. Tens de aparecer na Pretenses, Michael. Fica em Cannery Row.

- Irei à tua loja, mas tens de conhecer os meus cavalos.

- Combinado. Lamento muito pela tua casa. Michael encolheu os ombros.

- Não foi nada de mais. Eu não gostava mesmo da casa. Fiquei mais desolado com a perda do estábulo. Tinha acabado de construí-lo. Ainda assim, não passava de madeira e pregos. Posso comprar mais.

- Deve ter sido horrível. Já vi aluimentos de terra e as consequências de alguns. Não consigo imaginar-me no meio daquele terror.

- Nem vais querer.

Ainda havia momentos em que afloravam à mente de Michael as imagens da chuva forte, da terra a tremer, do vento furioso. E o pânico que o dominara ao pensar que talvez não fosse suficientemente rápido, suficientemente forte e suficientemente hábil para salvar o que mais importava para ele.

- Já estou a trabalhar nas plantas para reconstruir tudo, até conversei com um construtor. Acima de tudo, é apenas tempo e dinheiro.

- Estou certa de que ficarás bem instalado na Casa Templeton até reconstruíres tudo.

- É difícil não ficar. Hoje conheci as filhas da Laura. Muito bonitas. A mais velha ainda não decidiu se gosta de mim ou não, mas a Kayla... - Ele riu. - Essa não perdeu tempo.

- São meninas maravilhosas. A Laura tem feito um trabalho sensacional como mãe.

- Ela não mudou muito.

- Mudou mais do que tu pensas. O divórcio foi terrível para ela. Mas a Laura tem aquela inabalável determinação Templeton. Não chegaste a conhecer o Peter Ridgeway, pois não?

-Não.

- Então acredita em mim. - Margo bebeu um gole de champanhe. - Ele é

um canalha.

- Minha querida, se tu o odeias, também vou odiá-lo. Rindo, ela pegou na mão de Michael.

- É bom ter-te de volta.

-Já estás a atirar-te à minha mulher, Fury? -Josh entrou na sala, com um bebé ao colo. - O meu filho e eu lutaremos contigo por ela.

- Acho que ele pode ganhar-me.

Curioso, Michael largou o copo de cerveja e aproximou-se para estudar J. T. O bebé também o estudou, depois estendeu a mão e agarrou os cabelos de Michael.

- Vem cá, seu preguiçoso.

Mesmo enquanto Margo abria a boca, com dezenas de advertências maternas na ponta da língua, Michael tirou J. T. dos braços de Josh e ajeitou-o no seu colo. O movimento natural levou Margo a piscar os olhos de surpresa, para depois os contrair especulativamente.

J. T., gostando do estranho, começou a rir.

- bom trabalho, Harvard. - Michael roçou com os lábios na cabeça do bebé.

- Os meus parabéns.

-Obrigado. -Josh sorriu para Margo. -Tive uma pequena ajuda.

CAPÍTULO 5

LAURA levou para casa um gatinho felpudo. Mais do que isso, levou dois. E também levou um par de machos mais velhos, magros, de olhos aguçados. Além de um cachorrinho de patas enormes, pêlo malhado e língua ansiosa.

O pequeno zoológico no carro causou muitas dificuldades, mas também proporcionou bastante prazer. Ela chegou a casa com os gatos a miarem, ameaçadores, nas suas caixas, os gatinhos a dormirem no tapete do carro, e um cachorrinho com um olhar de adoração esparramado no seu colo.

- Espera só até as meninas te verem. - Já apaixonada, Laura afagou a cabeça do cão. - E acho que, se elas discutirem por tua causa, terei de lá voltar e escolher um irmão ou irmã para ti.

Rindo, ela entrou no caminho para a Casa Templeton. Era um absurdo, compreendia agora, não ter feito isto antes. Os velhos hábitos, reflectiu Laura. Peter não queria bichos, e por isso não tinham bichos. Mas Peter já se fora embora há quase dois anos. O que era tempo de mais para não ter efectuado pequenos ajustes.

Depois de estacionar o carro, olhou para os animais e respirou fundo.

- Como vou levar todos lá para dentro?

Ela tinha uma trela para o cão, que prendeu na coleira nova, sem ter a menor esperança de que ele entendesse o propósito. Por um breve momento, pensou em buzinar, até que alguém viesse dar-lhe uma ajuda. O que, era de presumir, lançaria o seu pequeno zoológico num novo frenesi. Por isso, decidiu lidar com o problema sozinha.

- Tu primeiro - decidiu ela, abrindo a porta.

O cão encolheu-se, farejou o espaço vazio no outro lado do seu colo.

Depois, tomando coragem, saltou para o chão. Se não tivesse desatado a rir, Laura teria sido capaz de segurar na coleira. Mas o cão estatelou-se no chão, mostrando-se tão surpreendido, que ela começou a rir, soltando a correia. E o cachorrinho largou a correr.

- Oh, bolas! - Ainda a rir, Laura saiu do carro. - Anda cá, seu idiota!

Em vez disso, ele pôs-se a correr em círculos, depois passou sobre o mimado canteiro de narcisos do velho Joe, sempre a latir de alegria.

-Ah, este cão vai ser um problema...

Laura estremeceu, contornando o carro para pegar nos gatinhos adormecidos. Lá atrás, os velhos machos continuavam a protestar, a plenos pulmões.

- Calma, calma... Só mais um pouco.

Inspirada, ela ajeitou um gatinho em cada bolso do casaco, e depois pegou nas caixas com os machos.

- Vocês os dois são um problema do Michael.

Laura encaminhou-se para o estábulo, seguindo os latidos excitados.

A cena que avistou, ao passar pelo caramanchão de glicínias, valeu cada momento de aborrecimento. No outro lado, as suas filhas estavam ajoelhadas no chão, abraçando e sendo beijadas por um focinho malhado.

Laura gravou a imagem na mente, transmitindo-a para o coração.

- Olhe só, mãe! - gritou Kayla, ao ver Laura a aproximar-se. Venha ver o cachorrinho! Deve estar perdido!

- Ele não me parece perdido.

- Tem uma coleira. - Ali riu, um som que a mãe não ouvia com frequência, quando o cão pulou para o seu colo. - Talvez tenha fugido de casa.

- Não, não fugiu. Ele está em casa. É nosso. Ali fitou-a, aturdida.

- Mas não podemos ter bichos!

com um sorriso, Laura largou as caixas no chão.

- Parece que ele não concorda contigo.

- Está a falar a sério? - Kayla levantou-se. A expressão de alegria estampada no seu rosto também ficou gravada no coração de Laura.

- Quer dizer que ele pode ser o nosso cão e podemos ficar com ele? para sempre?

- Foi exactamente o que eu quis dizer.

- Mãe! - Kayla deu um pulo para a mãe, abraçando-a pela cintura e apertando-a com toda a força. - Obrigada, mãe. vou tratar bem dele. A mãe vai ver.

- Eu sei, querida. - Laura olhou para Ali, que permanecia imóvel, ainda aturdida. - Vamos todas tratar bem dele. Ele precisa de um bom lar e muito amor. Vamos dar-lhe isso, não vamos, Ali?

O conflito interior paralisava-a. O pai dissera que os animais de estimação eram um estorvo, só serviam para perturbar. Deixavam pêlos em

todos os tapetes. Mas o cão estava a farejar-lhe a perna, a abanar o rabo e tentando pular para os seus braços.

- Vamos tratar bem dele. - Ali falou em tom solene. Fez menção de dar um passo em frente, mas parou, a boca escancarando-se de espanto. - Os seus bolsos estão a mexer-se, mãe!

- Ah... - com uma gargalhada, Laura tirou dos bolsos as duas bolas felpudas, uma cinzenta, a outra laranja. - O que temos aqui?

- Gatinhos? - Kayla soltou um grito estridente de alegria. - Temos gatinhos também! Olha, Ali, temos tudo!

- Eles são tão pequenos... - com extrema gentileza e cautela, Ali pegou no gatinho cinzento, que miava sem parar. - Eles são tão pequenos, mãe...

- São bebês. Têm apenas seis semanas. - Tão apaixonada quanto as filhas, Laura passou um dedo pelo gatinho cinzento sonolento. Também precisam de um lar.

- Podemos, mãe? - com algum receio de ter esperança, Ali fitou a mãe nos olhos. - Podemos mesmo ficar com todos?

- Claro que sim.

- Há ali mais!

Kayla aproximou-se, sintonizando os miados que saíam das caixas de papelão.

- Esses não são nossos - explicou Laura. - São os gatos que o Michael pediu para o estábulo.

- vou levar-lhos. - Ansiosa por partilhar a notícia fabulosa com qualquer pessoa que quisesse escutar, Kayla entregou o seu gatinho a a Ali e pegou nas caixas pelas tiras. Grunhindo um pouco, encaminhou-se para o estábulo. - Vamos, gatos. vou levá-los para o vosso novo lar.

Enquanto ela se afastava, Ali perguntou:

- Eles têm nomes?

- Hum... - Distraída, Laura afagou os cabelos da filha. Obrigou-se a desviar os olhos da cena cómica de Kayla a balançar com duas caixas ocupadas por gatos impacientes, enquanto um cachorrinho corria à volta das suas pernas, em círculos grandes e desajeitados. Primeiro vamos ter de escolhê-los.

- Posso dar o nome a um? Escolher o nome sozinha? Para o gatinho cinzento?

Ali levantou-o até ao seu rosto.

- Claro que podes. Que nome gostarias de lhe dar?

- É menino ou menina?

- É... não sei. Esqueci-me de perguntar. Deve constar de um dos documentos que preenchi. - com um braço estendido pelos ombros de Ali, ela foi atrás de Kayla. - O cão é macho, assim como os dois gatos crescidos, porque o Michael assim pediu.

- Porque é que ele gosta mais de machos? Boa pergunta.

- Não é isso, querida. Acho que ele pensa que os machos serão mais duros... e quer os gatos para caçarem ratos.

Os olhos de Ali arregalaram-se.

- Ele vai deixar os gatos comerem ratos?

- É isso o que os gatos fazem.

Ali comprimiu a pequena bola cinzenta felpuda contra o seu rosto.

- O meu não vai fazer isso.

A voz de Kayla já soava, num tom excitado e estridente, acompanhada pelos latidos do cão, que entrara junto com ela no estábulo. Quando Laura entrou também e os seus olhos se ajustaram à claridade menor, avistou Michael e Kayla agachados lado a lado, a avaliar o novo rafeiro da Casa Templeton.

- Parece um cão bom para mim - declarou Michael, coçando o cão atrás da orelha.

- Acha que pode ensinar-lhe truques, sr. Fury? Como sentar-se, fingir de morto e rebolar?

- Creio que sim.

O cão farejou, curioso, uma das caixas e foi recompensado com um silvo furioso, afastando-se logo a latir e escondendo-se atrás das pernas de Laura.

- Ele já aprendeu uma coisa. - Michael abriu a primeira caixa, sorrindo. - É melhor não se meter com um gato assanhado. Não, querida.

Michael prendeu a mão de Kayla, antes que ela pudesse estendê-la para afagar o gato.

- Duvido que ele esteja muito bem-disposto neste momento. Não gostaste de ficar assim, não foi, grandalhão? Pois vais ficar solto agora... tu e o teu companheiro.

Ele abriu a outra caixa e depois puxou Kayla para trás.

- Vamos deixá-los fazer um reconhecimento do lugar em que estão.

Ficarão mais tranquilos depois. - Os olhos de Michael desviaram-se para Laura, fixaram-se nela por um instante, depois desviaram-se. - O que tens aí, Ali?

- Gatinhos felpudos. - As mãos e o coração de Ali estavam ocupados pelos gatinhos. - A mãe trouxe gatinhos também.

- E são muito bonitos. - Enquanto se aproximava, Michael passou a língua pelos dentes. - Amorosos.

- A mãe disse que eu posso escolher o nome do cinzento.

- Então eu ponho nome ao laranja. - Kayla tratou de reivindicá-lo, tirando-o da mão de Ali e encostando-o ao seu rosto. - Está bem assim, mãe?

- É justo. Teremos uma sessão de escolha de nomes depois do jantar. E agora não vamos incomodar mais o sr. Fury...

- Podemos mostrar os gatinhos ao Max? Podemos?

- Claro que podem. - Michael piscou um olho a Kayla. - Ele é sentimental.

Enquanto as raparigas se afastavam a correr, com o cão no seu encalço, Michael balançou a cabeça.

- O que fizeste aqui, Laura?

- Deixei as minhas filhas muito felizes. - Ela empurrou os cabelos para trás.

- E ainda por cima salvei cinco vidas. Tens algum problema com gatinhos e cachorrinhos?

- Não. - Os gatos circulavam furtivos ao redor, miando baixinho. Michael estendeu a mão e afagou o focinho do seu solene cavalo castrado. - Alguma vez fazes as coisas pela metade?

-Já fiz. - Laura relaxou o suficiente para sorrir. - Não pude conter-me. Se visses a reacção das meninas quando eu disse que o cachorrinho era delas... Nunca mais irei esquecer.

com a mesma afeição distraída que demonstrara com o castrado, Michael afagou o rosto de Laura. Não sabia dizer se achou engraçado ou ficou contrariado quando ela recuou bruscamente, como se fosse uma mola.

- Também precisas de treino.

- Como?

- És tímida de mais. - Antes que Laura pudesse pensar numa resposta, ele acrescentou: - Obrigado por me teres arranjado os gatos.

- Não foi nada. Todos eles precisam de ir ao veterinário. Para vacinas. E

para serem castrados.

- Essa não! - Numa típica reacção masculina, Michael estremeceu. - Mas acho que é o acordo.

- É a opção responsável... e obrigatória quando se retiram animais do canil municipal. Tenho todos os papéis. Só há um problema...

- Qual é?

- Não me lembrei de perguntar o sexo dos gatinhos. E não me lembro se eles informaram. Parece uma coisa complicada e confusa para mim. E creio que ouvi alguém comentar que é difícil saber com gatinhos ainda pequenos.

Precisou de um grande esforço, mas Michael manteve o rosto impassível.

- Sempre ouvi dizer que o meio certo é sacudi-los. Se nada balançar, então é fêmea.

Demorou um momento, mas depois Laura soltou uma gargalhada jovial de compreensão.

- vou tentar... quando as meninas não estiverem por perto.

- Gostei de ver. Tenho a impressão de que não te ouvi rir assim mais de meia dúzia de vezes desde que te conheço. Eras sempre muito formal no passado.

- Estás enganado.

- Minha querida, quase nunca me engano em matéria de mulheres.

- Posso imaginar. - A fim de ganhar um momento para recuar, um recuo distinto, Laura virou-se para o castrado. - É um belo cavalo.

- E inteligente. Além de quieto, não é verdade, Jack?

Ao ouvir o seu nome, o cavalo ergueu as orelhas. Sempre solene, virou a cabeça para Michael.

- Quantos anos tens, jack?

Em resposta, o cavalo bateu com a pata quatro vezes.

- O que achas desta senhora aqui?

Jack revirou os olhos para Laura e soltou um relincho inegavelmente malicioso. Encantada, Laura riu-se outra vez.

- Como é que o ensinaste a fazer isso?

- O Jack? Ele compreende tudo o que dizes. Queres levar a senhora a dar um passeio, Jack?

A resposta foi um firme aceno de cabeça.

- Estás a ver? - Michael virou-se para Laura com um sorriso também

malicioso. - Quer dar uma volta, minha cara senhora?

-Eu... - Ah, como ela gostaria de montar de novo, deixar que um cavalo a levasse! - Bem que adoraria, mas não tenho tempo.

Laura ofereceu um sorriso educado e distante a Michael, antes de acrescentar:

- Mas aceitarei o convite na primeira oportunidade.

- Podes aceitar quando quiseres.

"Só deve gostar de puros-sangues", pensou Michael, encolhendo os ombros. Mas ele preferia Jack a qualquer puro-sangue melindroso, em todas as ocasiões.

- Obrigada. E agora acho melhor levar o meu bando para casa... se a Annie nos deixar entrar.

- A sr.a Sullivan parece um osso duro de roer.

- Ela é da família... e eu devia ter avisado antes de resolver abrir um pequeno jardim zoológico.

- O teu pequeno jardim zoológico vai manter-te acordada durante quase toda a noite.

- Eu cá me arranjo.

Laura tentou arranjar-se, mas não foi fácil. O cão ganiu durante a noite inteira. Apesar do pródigo amor de Kayla, não se satisfez com nada menos do que a cama de Laura. Ela sabia que era um erro, mas não pôde expulsá-lo quando o cachorrinho se aconchegou esperançoso contra o seu corpo.

Os gatinhos miaram, inquietos, mas acabaram por se confortar mutuamente, auxiliados por um saco de água quente providenciado por Annie, já apaixonada pelos bichanos.

Por tudo isso, Laura tinha os olhos pesados e a mente atordoada na manhã seguinte.

Atrapalhou-se com o teclado no seu gabinete no hotel e culpou-se por isso, teve de fazer um tremendo esforço para se concentrar numa iminente convenção de escritores. Mil e duzentas pessoas a chegarem ao hotel mais ou menos na mesma altura, com toda a certeza no mesmo dia, representavam um desafio e tanto. Havia ainda as suítes de cortesia, salões de banquetes e de seminários, equipamentos de áudio, jarros com água, pedidos de café, serviços diversos.

Caixas com livros já estavam a chegar por camiões. Laura apreciava o espírito das planeadas noites de autógrafos em prol da cultura, mas afligia-se

com as dores de cabeça que isso lhe causaria a ela e à sua equipa.

Enquanto escrevia um memorando com a mão direita, atendeu o telefone com a esquerda. Ao ouvir a voz da coordenadora da conferência, fez um esforço para não estremecer.

- Estou sim, Melissa, aqui é Laura Templeton. Em que posso ajudá-la hoje?

"E amanhã e pelo resto da minha vida", pensou Laura, ouvindo a mulher solicitar mais acréscimos, mais mudanças, mais alguns pequenos ajustamentos.

- Claro que, se o tempo não estiver bom e não pudermos realizar a sua festa de boas-vindas à beira da piscina, providenciaremos um espaço alternativo. O salão de baile do jardim é maravilhoso, costumamos lá realizar copos- d'água. Ainda está disponível para essa data.

Laura continuou a ouvir, esfregando as têmporas com os dedos.

- Não, Melissa, não podemos fazer isso. Mas, caso o salão de baile seja reservado, teremos outra alternativa. Sei que estamos a falar de mais de mil pessoas, mas haverá espaço suficiente para todas.

Laura continuou a ouvir, escrevendo anotações, que acabaram por se transformar em rabiscos sem sentido.

- Também estou ansiosa por vê-la de novo. Vamo-nos mantendo em contacto.

Depois de desligar, Laura respirou fundo, para clarear a mente, e voltou a concentrar-se no memorando.

- Laura...

Ela não gemeu, mas teve vontade de o fazer.

- Tínhamos uma reunião marcada, Byron?

- Não. - Ele entrou na pequena sala, parecendo ocupá-la por completo com o seu tamanho enorme. - Não vais almoçar?

- Almoçar? Não pode ser meio-dia.

- Não, não pode - murmurou ele, enquanto Laura olhava para o relógio. - Já é meio-dia e meia.

- A manhã foi movimentada de mais. E tenho de estar na loja dentro de uma hora. Mas tenho de terminar isto antes de sair. Alguma coisa urgente?

Sem desviar os olhos dela, Byron estendeu a mão para trás e fechou a porta.

- Tira uma folga.

- Não posso. Tenho de...

- Tira uma folga. É uma ordem. - Para garantir que ela obedecesse, Byron sentou-se. - E agora, sr.a Templeton, vamos conversar sobre delegação de poderes.

- Eu delego sempre, Byron. Só que o Fitz anda muito ocupado com a recepção do casamento Milhouse-Drury. A Robyn também está atolada, com a convenção farmacêutica e uma criança com varicela. Além disso...

- E acaba tudo por cair nas tuas costas. Estás com um ar exausto. Ela fez uma cara de contrariada.

- Estás a falar como meu cunhado ou como director executivo?

- As duas coisas. Se não cuidares de ti mesma...

- Estou a cuidar-me. - Laura reprimiu um sorriso. Eram bem conhecidas as opiniões de Byron sobre saúde e condição física. - Só não dormi bem esta noite. Fui ontem ao canil e gatil.

Byron mostrou-se entusiasmado, como ela sabia que aconteceria.

- A sério? O que é que trouxeste?

- Um cão e dois gatos, ainda pequenos. As meninas estão extasiadas. E esta manhã fui dar com a Annie com o cão ao colo como se fosse um bebé recém-nascido e a dizer que os cães bem-comportados não fazem chichi no tapete Bokhara.

- Começa a juntar jornais. Teremos de fazer uma visita para conhecer as tuas novas aquisições.

- Apareçam esta noite. Byron franziu a testa.

- Antes ou depois do baile no Clube de Campo?

- O baile do Dia dos Namorados. - Laura fechou os olhos. Tinha-me esquecido.

- Não tens como escapar, Laura. És uma Templeton. Todos contam com a tua presença.

- Eu sei, eu sei... - Adeus ao banho demorado e a uma ida para a cama bem cedo com que fantasiara para aquela noite. - Estarei lá. Fosse como fosse, havia de lembrar-me.

- Se não te lembrasses, a Kate e a Margo encarregar-se-iam de fazê-lo. Porque não deixas as tuas sócias tratarem da loja esta tarde? Vai para casa e dorme um pouco.

- O J. T. vai ao pediatra esta tarde. Não posso deixar a Kate sozinha. Estamos com um movimento intenso devido ao Dia dos Namorados.

- O que me lembra... Compreensiva, ela sorriu.

- Ainda estamos a dez, Byron. Ainda tens tempo para escolher aquele presente de amor bem pensado. E, independentemente do que a Kate te disser, não compres software para lhe oferecer. Flores sempre funcionam comigo.

E Laura pensou que ninguém lhe mandava flores, a última vez fora há tanto tempo que já nem se lembrava. Quando, porém, a sua mente vagueou para uma pequena flor silvestre amarela, ela afastou-a do pensamento imediatamente, chamando-se idiota.

- E também não lhe vou dar aquela calculadora sobre a qual tem vindo a dizer algumas indirectas. - Byron levantou-se. - Queres boleia para o clube esta noite?

Era assim a vida de uma mulher sozinha, reflectiu Laura. Sempre atrás de algum casal.

- Não, obrigada. Eu encontro-os lá.

- Não sou do tipo de frequentar o Clube de Campo, Josh. Como se alguém já o tivesse obrigado a vestir um fato, Michael sacudiu os ombros.

- Eu consideraria um favor pessoal.

com o rosto franzido, Michael avaliou o apelo.

- Detesto quando fazes isso.

- E eu podia apresentar-te a uma série de potenciais proprietários de cavalos. Além disso, conheço alguém que tem um gananhão extraordinário. Disseste que tens uma égua pronta para procriar.

- É verdade. - E ele queria o gananhão certo. - Mas basta dares-me o nome e falarei com ele. Não preciso ir a nenhum baile de gala. E sou o último homem do mundo que a tua irmã gostaria que a levasse a um baile.

- Não é nada sério. - Fora o que Margo dissera quando preparara Josh para a conversa. - O problema é que a Laura sente-se sempre como uma terceira pessoa incómoda nestas ocasiões. Eu não tinha percebido isso, até que a Margo comentou.

"E fez-me sentir", pensou Josh enquanto observava Michael dividir a ração, "como se fosse uma forma de vida inferior."

- Só nessa altura é que me lembrei da frequência com que a Laura evita os eventos sociais ou sai muito cedo. Seria agradável para ela ter um acompanhante. É só isso.

- Uma mulher como a tua irmã deve ter um batalhão de possíveis

acompanhantes na fila de espera.

"E todos com o pedigree apropriado", pensou Michael.

- Tens razão, mas ela não parece interessada em nadar com os tubarões.
- "Será que também tenho de fazer alguma coisa quanto a isso?" Josh quase estremeceu com a especulação. - Ela conhece-te Mick. Ficaria à vontade na tua companhia. E tu terias oportunidade de fazer alguns contactos. Toda a gente ficaria feliz.

- Não me sinto feliz quando tenho de usar uma gravata. - Michael olhou para trás e sorriu. - Não como tu, Harvard, no teu elegante fato italiano. E agora sai do meu estábulo.

- Vamos, Mick. É apenas uma noite da tua vida movimentada e fascinante. Podíamos jogar snooker, contar mentiras.

Já era alguma coisa, reflectiu Michael. E a alternativa seria uma sanduíche e uma noite debruçado sobre as plantas para a casa nova.

-Sabes perfeitamente que te dou uma tarefa se jogarmos snooker.

- Eu emprestava-te um fato e uma gravata.

- Vai-te lixar.

Um dos gatos passou como uma seta, atacando uma massa de pêlo preto. Houve um guincho curto.

- Isto é repulsivo.

- É a vida, Harvard.

Michael voltou a concentrar-se na refeição da Darling, medindo os aditivos necessários para o seu estado.

- Sabes realmente o que fazes aqui, não é?

- Ao que parece, todos nós temos um lugar apropriado.

Josh pensou nos muitos lugares que Michael já encontrara e rejeitara. Mas tinha o pressentimento de que agora era diferente. Conheciam-se há bastante tempo e suficientemente bem para que Josh deixasse de perceber o contentamento tranquilo nos movimentos do amigo. "Um contentamento", concluiu ele, "que nunca foi tão profundo." - Este é o teu lugar definitivo, não é?

Michael tornou a olhar para trás. Não precisava explicar, não ao Josh. Só tinha de confirmar.

-É, sim.

- Se eu bem te conheço, queres fazer disto um grande negócio.

Era o sonho de Michael.

- No momento certo.

Josh esperou, enquanto Michael alimentava a égua prenhe.

- Academia de Equitação de Monterey? Os donos são amigos da família.
- E?

- Estarão no clube esta noite. A Kate era a contabilista deles quando trabalhava na Bittle & Associates. Compram e vendem muitos cavalos. E os alunos também.

"A ambição", admitiu Michael, "é sempre uma armadilha."

- És um sacana esperto, Harvard. Sempre foste. Josh limitou-se a sorrir.

- Todos temos algum talento.

- A Laura pode não aceitar o acordo.

- Posso tratar da Laura - declarou Josh, confiante, enquanto consultava o relógio. - Tenho tempo suficiente para ir até à loja e tratar disso, antes da minha última reunião de hoje. O baile é às nove horas. Digo-lhe que a vais buscar às oito e meia... de fato e gravata.

- Se não fizeres com que isso valha a pena, companheiro, vamos ter um atrito sério. - Michael limpou as mãos. - Não vou gostar, mas tenho de ir.

- Ótimo. - Satisfeito com o resultado da sua missão, Josh encaminhou-se para a porta. - Conheces o caminho para o clube, não é?

Apreciando o sarcasmo, Michael inclinou a cabeça para o lado.

- Talvez eu acabe por gostar, no fim de contas.

Laura estava lívida, furiosa. E apanhada numa armadilha. "Maquinaram um esquema contra mim", pensou, enquanto tirava do guarda-roupa o vestido Miska cinzento-pérola. Josh, Margo e Kate pressionaram-na na Pretenses, quase apresentando tudo como um facto consumado.

Michael Fury acompanhá-la-ia ao baile no Clube de Campo. O arranjo seria conveniente para todos. Não teriam de se preocupar em ir buscá-la, nem com o seu regresso sozinha a casa, ou com o seu possível constrangimento por estar sozinha num evento projectado para casais. E Michael faria contactos com o mundo dos cavalos.

Claro que era conveniente para toda a gente... menos para ela.

"É humilhante", pensou Laura, enquanto subia o fecho-ecler com um movimento brusco. Uma mulher de trinta anos a sair com alguém arranjado pelo irmão mais velho. E ainda pior: o Michael agora sabia que ela era a patética divorciada que não conseguia arranjar ninguém sozinha para acompanhá-la a um baile. Como se ela quisesse arranjar alguém, em primeiro

lugar... ou em último ou em qualquer outro lugar, diga-se de passagem.

- E não quero mesmo - declarou ela ao cão, que entrara no quarto para observar cada movimento de Laura, com uma expressão de adoração. - Nem sequer quero ir à porcaria do baile esta noite. Estou exausta.

Ele abanou o rabo, enquanto Laura tornava a entrar no quarto de vestir à procura de sapatos e de um casaco. Não tinha de se pendurar no braço de um homem para se sentir completa. Não tinha de depender de ninguém nem de nada. Não entendia porque não podia deitar-se e ler um bom livro. Ou comer pipocas e assistir a um filme antigo na TV, até adormecer, com o televisor ainda ligado.

Porque tinha de se vestir com todo o cuidado, circular em público, ser a Laura Templeton?

Ela parou, suspirando. Porque, no final de contas, era mesmo a Laura Templeton. O que era uma coisa que não podia esquecer. Laura Templeton tinha responsabilidades, tinha uma imagem a manter.

"E vou mantê-la", disse para si mesma, enquanto pegava no batom e aplicava-o com a devida habilidade. Suportaria aquela noite, diria as coisas certas para as pessoas certas. Seria tão educada e cordial com Michael quanto fosse necessário. E, assim que tudo acabasse, iria lançar-se na cama e esquecer. Até à próxima vez.

Ela verificou os cabelos. Estavam mesmo a precisar de um corte. Mas quando encontraria tempo? Virou-se para pegar na mala e observou horrorizada o cão a molhar o seu Aubusson.

- Oh, Bongol Ele sorriu e sentou-se no seu próprio chichi.

Era apenas uma pequena manifestação de rebeldia, mas Michael não tinha colocado gravata. Calculara que, com Laura Templeton ao seu lado, não seria impedido de entrar por trazer vestida uma camisa preta de gola alta por debaixo do casaco.

Estacionou entre a ilha de flores da Primavera e a entrada principal da casa. Se estivesse com uma gravata, ajeitá-la-ia naquele instante. Por causa do nervosismo, o que era algo que o espantava e repelia. Por mais que quisesse negar, sentia-se como um adolescente cheio de espinhas ao sair com uma rapariga pela primeira vez.

Ignorando o céu repleto de estrelas geladas, o brilho do luar prateado e a fragrância do mar e das flores, caminhou até à porta como um homem percorrendo o seu último quilómetro em grilhões.

Como se deixara persuadir a aceitar aquilo?

Nunca usara a porta da frente da Casa Templeton. Quando era criança, se vinha sozinho ou com Josh, usava a entrada lateral ou a dos fundos. A porta da frente era imponente, alta e recuada. A aldraba era uma enorme peça de latão, com o formato de um T estilizado. Por cima da sua cabeça pendia um lampião antigo de carruagem.

Que não fez com que ele se sentisse bem-vindo.

Nem Ann Sullivan, quando abriu a porta à sua batida. Ela ficou imóvel, com os lábios comprimidos, no seu vestido preto engomado. Michael reparou primeiro que os anos não tinham sido muito rigorosos com ela. Era uma mulher atraente, para quem conseguia ver além dos olhos belicosos. Margo herdara a sua aparência.

- Sr. Fury.

O ténue sotaque irlandês poderia ser encantador se não fosse pelo tom acusador. Por motivos que não podia definir, Michael sempre desejara a aprovação de Ann, mas ela sempre o repelira. O seu sorriso foi insolente. E a voz também.

- Olá, sr.a Sullivan. Há muito tempo...

- Tem razão. - O tom de Ann insinuava que mais tempo poderia passar. - Entre.

Ele aceitou o convite relutante e entrou no vestíbulo alto, constatando que os azulejos em marfim e azul ainda eram os mesmos, bem como o lustre todo ornamentado. A casa era acolhedora, embora a governanta não o fosse. Transbordava de cheiros agradáveis, cores fortes, luz aconchegante.

- vou avisar a menina Laura de que já chegou.

Mas, no instante em que ela se virou, Laura estava a descer a escada larga e curva. Michael diria mais tarde para si mesmo que era um tolo, mas a verdade é que o seu coração parou.

As luzes do lustre reflectiam-se no casaco de contas, irradiando as cores mais diversas. Laura trazia por baixo um vestido simples numa tonalidade cinzenta muito suave. Usava brincos de safiras e diamantes, que lhe emolduravam o rosto realçado pelos cabelos penteados para trás.

Ela parecia perfeita e adorável, a mão sem aliança deslizava pelo corrimão lustroso. Era como se tivesse saído de um quadro.

- Desculpa ter-te feito esperar.

A voz de Laura era firme, sem deixar transparecer o pânico que a

dominava pela maneira como aqueles olhos a fixavam. Nem o alvoroço por ter sido obrigada a enxugar o chichi do cão.

-Acabei de chegar - respondeu ele, com a mesma firmeza. E foi então que o absurdo lhe ocorreu. Ali estava ele, Michael Fury, estendendo a mão para uma princesa. - Eu não devia trazer um pequeno buquê de flores ou algo parecido?

Laura sorriu.

- Não é um baile de finalistas. -Ainda bem.

- Tome cuidado, menina Laura. - Ann lançou um olhar de advertência para Michael. - E trate de guiar de maneira responsável, rapaz. Não é uma das suas corridas...

- Annie, o cão está com as meninas, mas...

- Não se preocupe. - Ela gesticulou para a porta, pensando resignada que, quanto mais cedo eles partissem, mais cedo teria a sua menina de volta. - Eu trato de tudo. Tente divertir-se.

- E eu tentarei trazê-la de volta, inteira - acrescentou Michael, enquanto abria a porta.

- Espero que sim - murmurou Ann, começando a preocupar-se no momento em que a porta se fechou.

- É muito simpático da tua parte estares a levar-me ao clube. Laura decidiu que era melhor pôr as coisas nos seus devidos lugares. E mantê-las assim. - Não tens de sentir-te na obrigação de me fazer companhia depois de chegarmos.

Era o que Michael planeava fazer, mas ressentiu-se por Laura falar primeiro. Abriu-lhe a porta do carro e perguntou:

- Quem te irrita tanto, Laura? Eu ou o mundo em geral?

- Não estou zangada contigo nem com mais ninguém. - Ela sentou-se no banco do passageiro do Porsche. - Só quero esclarecer tudo, para podermos passar uma noite agradável.

- E disseste tu que gostavas de rafeiros. Laura pestanejou, surpreendida.

- Não estou a perceber.

- Não importa.

Michael resistiu, com algum esforço, a bater a porta. "A noite", pensou ele, enquanto contornava o carro pela frente, "está a começar mal."

CAPÍTULO 6

"**PODIA** ser pior", reflectiu Michael. Como estar de volta a alguma selva da América Central, sob uma chuva de balas, tentando escapar vivo. Ou podia ter o crânio esmagado, como quase acontecera quando uma cena num filme correria mal.

Em vez disso, estava numa sala com pessoas que não conhecia e não queria conhecer.

Talvez fosse preferível ter o crânio esmagado.

A sala em si era bastante agradável, com os seus corações vermelhos que pendiam de faixas rendadas. E as flores eram bonitas. Michael não tinha qualquer objecção a flores. Mas achou que tinham levado longe de mais o tema obsessivo de vermelho e branco.

As mesas tinham toalhas rosa, e no meio velas brancas compridas, cercadas por cravos vermelhos e brancos. Ou pelo menos ele pensava que eram cravos. E a música... Michael concluiu que representava o mais amplo conflito cultural, com as suas cordas e o piano discreto, tudo tocado por homens de meia-idade, vestidos de branco.

Ele preferia sempre o rock ou o blues.

Mas havia uma vista espectacular da costa, através de uma parede de vidro. O drama do lado de fora, a batalha entre as ondas impacientes e os rochedos determinados, oferecia um interessante contraste para o grupo contido e indiscutivelmente chato dentro do clube refinado e sobreaquecido.

As mulheres tinham-se ornamentado, exibindo pulseiras, colares e outras jóias. Usavam camadas de perfumes, sedas e rendas. Exageradas, na opinião de Michael, como a decoração da sala. Ele preferia a escolha simples e feminina de Laura. Era a classe que a distinguia. A classe simples que vinha da hereditariedade. Michael poderia ter feito esse comentário para ela, mas Laura afastara-se assim que chegaram, para fazer o que se Podia chamar de ronda de Templeton.

A maioria dos homens estava de smoking. Um pequeno facto que Josh convenientemente esquecera de mencionar. Não que Michael se importasse. De qualquer forma, não usaria um smoking, nem que tivesse um para vestir.

Mesmo assim, era mais uma arma para usar contra o seu velho amigo.

Se o filho da mãe traiçoeiro aparecesse.

No lado positivo, ele tinha uma cerveja gelada na mão. Os canapés e outras iguarias nas mesas do bufé tinham uma aparência delicada, e eram saborosos. Já namoriscara superficialmente com uma mulher que o confundira com algum jovem talento de Hollywood. Michael não se dera ao trabalho de desenganá-la.

Ele considerou a possibilidade de dar uma volta, talvez saindo para respirar um pouco de ar fresco, ou circular pelas outras salas. Podia encontrar a tal mesa de snooker e tosquiar alguns otários. Foi nesse instante que Laura voltou.

- Desculpa. Tinha de cumprimentar algumas pessoas.

Num gesto ao mesmo tempo distraído e automático, ela retirou uma taça de champanhe da bandeja estendida por um empregado, murmurando um agradecimento.

- Não houve qualquer problema.

Mas fora um problema para ela, pensou Laura. Tivera tempo para pensar.

- Peço que me desculpes, Michael. Fiquei aborrecida com o Josh por me manipular para esta noite e descarreguei em cima de ti. Como ele não lhe respondeu, Laura ensaiou um sorriso. - Sobre o que é que tu e a Kitty Bennett estiveram a conversar?

- Quem? Ah, sim, aquela morena desmiolada, com dentes de mais.

Laura quase se engasgou com o champanhe. Nunca ouvira a presidente do Conselho de Artes de Monterey ser descrita daquela maneira. Ou com tanta exactidão.

- Isso mesmo.

- Ela adorou o meu último filme.

- A sério?

Michael decidiu que devia ser cordial e sorrir.

- Não o Braveheart, embora eu tivesse feito um excelente trabalho de duplo nele. Mas ela pensou que era o realizador de um filme artístico. Um filme sobre fetiche de pés ou algo parecido.

- Hum... E discutiram as distorções metafóricas na nossa sociedade obcecada por sexo, juntamente com as múltiplas camadas de simbolismo que representam a decadência moral.

Michael começou a sentir-se melhor.

- Por aí. Ela acha que sou brilhante e subestimado. Talvez obtenha um financiamento.

- Os meus parabéns.

- Claro que, no fundo, ela só queria o meu corpo.

- Um artista deve fazer sacrifícios. Ah, lá estão o Byron e a Kate. Michael olhou na direcção que Laura indicara e arregalou os olhos de surpresa ao avistar a morena esguia, num vestido preto solto. O rosto de menina, os olhos muito pretos e os cabelos escuros cortados rentes serviram como aviso, embora a rapariga de que se lembrava fosse esquelética e belicosa... quase uma marrona.

- Aquela é a Kate? A Kate Powell?

- Ela faz exercício agora - murmurou Laura. - E tornou-se obsessiva a esse respeito. Portanto, não a provoques.

- E aquele é o treinador dela? - indagou Michael, avaliando o homem de ombros largos e pernas e braços compridos ao lado de Kate.

- E marido. E também o meu chefe no hotel. Byron.

Ela estendeu a mão, enquanto o casal se aproximava, esgueirando-se pela multidão. Um rápido beijo, e ela contemplou Kate.

- A Margo estava certa, como sempre. O Karan fica perfeito em ti. Byron De Witt, Michael Fury.

- Prazer em conhecer-te, Michael. A Kate tem-me contado histórias a teu respeito.

- E nem precisei exagerar.

com um sorriso, ela aproximou-se e deu um abraço rápido e cordial a Michael. Os seus braços podiam ser delgados, notou Michael, mas eram firmes. Ele recuou para apreciá-la.

- Katie Powell! Tu estás ótima!

Como sempre gostara dele, Kate sorriu.

- Tu também, Mick.

- Posso ir buscar-vos alguma bebida? - perguntou Byron, numa voz que fez Michael pensar instantaneamente nas terras do sul.

- vou beber a mesma coisa que a Laura - decidiu Kate.

- Michael?

- Uma cerveja.

- Boa ideia - disse Byron. - vou acompanhar-te. Dêem-me licença.

- É sulista - comentou Kate, observando-o a encaminhar-se para o bar

com um brilho possessivo e satisfeito nos olhos. - Sempre o cavalheiro.

- Parece que não é apenas o vestido que te fica bem - murmurou Michael.

- Tens toda a razão. - Kate virou-se, com um sorriso efusivo. E ao contrário do vestido, que volta para a montra amanhã, o Byron é todo meu. Mas como tens tu passado, Michael Fury? E quando podemos ver os teus cavalos?

Era muito fácil para Kate, pensou Laura, enquanto escutava, fazer os comentários apropriados. A amiga iniciara uma conversa descontraída com Michael. Não sentia nenhuma daquelas... ela detestava o termo "vibrações", mas era a única palavra que lhe ocorria. Vibrações ameaçadoras, inquietantes, perigosas. Deixava-a nervosa ficar ao lado de Michael, os braços roçando de vez em quando, percebendo aquele brilho nos seus olhos azuis.

Laura ficou a sentir-se melhor quando Josh e Margo chegaram. Houve mais conversa, mais risos. Byron discutiu sobre cavalos com Michael. Aparentemente, a família de Byron possuía vários. Antes de o tema passar para carros - outro interesse que os homens partilhavam -, Byron combinara uma visita ao estábulo. Não foi difícil para Laura afastar-se, levando Margo.

- Estás a divertir-te? - perguntou Margo. - Tu e o Michael têm recebido alguns olhares especulativos.

Nada poderia ser melhor para deixar Laura irritada. Agora percebia tudo. Não dava para entender como não percebera o plano antes. A raiva aflorou, mas ela fez um esforço para se controlar.

- Isso é parte da conspiração? Oferecer ao clube inteiro uma visão da pobre Laura e do seu acompanhante?

- Quando o acompanhante tem a aparência do Michael... - Margo acenou com a mão, impaciente. - Ora, Laura, anima-te. É apenas uma noite da tua vida. Porque não passá-la com um homem bonito? Afinal, andas escondida há demasiado tempo.

- Eu, escondida? - O ímpeto de raiva voltou. - É assim que tu lhe chamas?

- Não. - Já arrependida das suas palavras, Margo pôs a mão no braço de Laura. - Quis apenas dizer que te tens concentrado tanto no trabalho e nas responsabilidades, que não te permites qualquer diversão. Aproveita agora. Convida-o para dançar, dar um passeio, qualquer coisa, antes que o Michael e o Byron fiquem ligados como gémeos siameses na conversa sobre motores de

carros.

- Não quero dançar nem passear com o Michael. - Laura falou num tom calmo, mas agora sentia-se patética. A irmã mais nova e feia, a tímida ignorada, a ex-mulher digna de compaixão. - E sinto-me aliviada por ele ter encontrado alguma coisa para salvar a sua noite. Não aguentava mais de tanto tédio.

- Nesse caso, não fizeste bem o teu trabalho, não é? - Também irritada agora, Margo inclinou a cabeça. - Não te faria mal nenhum, Laura, ser cordial com o homem. Na verdade, seria bom para ti e para todos ao teu redor se tivesses uma sessão de sexo ardente com ele, para ver se saía essa rolha da frustração.

Os serenos olhos cinzentos de Laura transformaram-se em aço.

- Achas mesmo? Eu não sabia que as pessoas ao meu redor se sentiam tão afectadas pelo meu estilo de vida.

- Então?! - Kate aproximou-se, reconhecendo os sinais da batalha em andamento. - Estamos a discutir?

- Laura irritou-se porque a fizemos vir aqui esta noite com o Michael.

- Eu gosto do Mick. - Kate tirou uma azeitona do seu prato e pô-la na boca.

- Qual é o problema?

- Estou irritada porque a Margo parece pensar que devo ir para a cama com o Michael, a fim de que ela e as outras pessoas ao meu redor não tenham de aturar a minha frustração sexual.

Kate olhou para Michael, Byron e Josh.

- Mal não fazia. - Ela encolheu os ombros. - Se eu não fosse casada e feliz, até que consideraria a possibilidade.

- É fácil dizer isso, não é? Para vocês duas, que estão bem casadas. Espero nunca me tornar tão presunçosa.

A educação prevaleceu sobre a raiva pelo tempo suficiente para que ela se afastasse em passos contidos, em vez de correr.

- Os botões errados - murmurou Kate. - Não resta a menor dúvida de que tocámos nos botões errados.

- Há alguns que já deviam ter sido tocados há muito tempo. - Mas Margo suspirou antes de beber um gole de champanhe. - Não me importo de deixá-la zangada, mas não pretendia torná-la infeliz.

Apenas esperava que ela se divertisse... deixasse Michael distraí-la.

Até acabar por levá-la para a cama.

Kate riu.

- És uma amiga atenciosa, Margo. Somos presunçosas?

-Acho que sim.

Alguns minutos na casa de banho esfriaram Laura, que se sentou num dos bancos estofados à frente da bancada comprida, na parede [espelhada, e retocou o batom meticulosamente. Seria uma mulher frustrada? Estava a tornar-se uma pessoa de difícil convivência? Laura não gostava de pensar assim. Era apenas ocupada, determinada, comprometida com a sua família e com o seu trabalho.

O que havia de errado nisso? Ela suspirou, apoiando os cotovelos na bancada, com a cabeça sobre as mãos. Fora ela quem dera proporções exageradas a uma noite simples, admitiu para si mesma. Porque há muito tempo não tinha uma noite simples.

E também porque não sabia como se comportar com um homem, especialmente um homem como Michael Fury.

Tinha dezassete anos quando se apaixonara por Peter. Dezoito quando casara. Os seus namoros antes disso tinham sido breves e sem qualquer complicação.

Passara dez anos casada sem se permitir qualquer namorisco, muito menos uma infidelidade. Os homens do seu círculo eram parentes ou amigos antigos da família. Eram conhecidos superficiais, os maridos de mulheres com quem se dava, ou de contactos de trabalho.

"Tenho trinta anos", pensou ela, angustiada, "e não sei sair com um homem." Mesmo quando o homem com quem saía era apenas um amigo.

Quando a porta da casa de banho se abriu, Laura empertigou-se nesse mesmo instante e pegou na escova.

- Olá, Laura.

- Judy... - Laura sorriu. Judy Prentice era uma amiga e cliente regular da Pretenses. - É um prazer vê-la aqui. Você está ótima.

- Aguentando firme. - Sempre disposta a uma conversa ou a um mexerico, Judy sentou-se ao seu lado. - Já viu a Maddie Greene? Ela fez uma plástica ao peito no mês passado.

Não dava para manter uma seriedade distinta com Judy.

- É um pouco difícil deixar de vê-la graças àquelas protuberâncias gémeas.

- Pois tenha cuidado. Fiz um comentário educado quando ela abordou o assunto. Disse que pareciam empinados. - Ela sorriu quando Laura soltou uma gargalhada. - Nesse mesmo instante ela arrastou-me para aqui, e despiu-se até à cintura para me mostrar. De perto, minha cara, e de uma maneira muito pessoal.

- Obrigada pelo aviso.

- Devo admitir que ficaram de facto bem bonitos. E por falar nisso... - Judy baixou o estojo de maquilhagem cravejado de pedras preciosas. - Não reconheci o espécime deslumbrante com quem veio esta noite. Ele é daqui?

- É um velho amigo. Judy revirou os olhos.

- Todas devíamos ter velhos amigos assim.

- Ele acaba de voltar para Monterey. - Um pensamento ocorreu a Laura.
- A sua filha não tem aulas de equitação, Judy?

- Ela é louca por cavalos. Eu também passei pelo mesmo, mas parece que no caso da Mandy é uma paixão mais séria.

- O Michael cria e treina cavalos. Está instalado temporariamente no estábulo da casa Templeton. A propriedade dele foi destruída por um daqueles aluimentos de terra.

- Foram horríveis, não foram? Uma amiga minha viu a casa dela descer até à beira do penhasco, cada vez mais, até cair. Uma tristeza.

- Judy colocou perfume nos pulsos. - Porque vivemos na Califórnia?

- Ouvi dizer que é pelo tempo - comentou Laura, sarcástica. Seja como for, talvez queira entrar em contacto com o Michael quando se decidir a comprar um cavalo para a Mandy.

- Para ser franca, já estamos a pensar nisso. O aniversário dela aproxima-se, e tenho a certeza de que não há presente que ela apreciasse mais do que um cavalo. - com os lábios contraídos, a pensar, Judy guardou o frasco de perfume. - Obrigada pela dica. vou falar com o meu marido. Enquanto isso, boa sorte com o seu velho amigo.

Laura deixou a casa de banho mais animada. A noite já ia adiantada, conseguiria suportá-la. Pelo menos conseguiria fazer um esforço para aproveitar o que ainda restava.

- Mais calma?

Ela teve um pequeno sobressalto e soltou um resmungo. Porque o homem tinha de se esgueirar por detrás dela?

- Desculpa.

- Parecias estar a cuspir fogo quando foste para a casa de banho. Michael estendeu-lhe uma taça com champanhe.

- Talvez fosse uma pequena indigestão. Encontrei lá uma amiga.

- As mulheres gostam de realizar pequenas reuniões na casa de banho, não é? Não é o motivo pelo qual costumam ir em grupos?

- Se queres saber a verdade, jogamos póquer e fumamos charutos. Mas o que eu queria dizer é que essa amiga tem uma filha que adora cavalos.

Estão a pensar comprar um para ela. Dei o teu nome à Judy. Espero que não te incomodes.

- Fica à vontade sempre que quiseses encaminhar qualquer negócio para os meus lados. Gostei do teu cunhado.

- Notou-se. Pensei que a esta altura os dois já tinham um conluio secreto.

- É uma maneira subtil de dizeres que tenho estado a ignorar-te?

- Não. - Laura falou depressa de mais, mas tentou desfazer a impressão em seguida. - De maneira nenhuma. Fico contente por tu e o Byron se terem dado bem.

Ela avistou-o na pista de dança com Kate.

- Os dois são muito felizes. Só estão casados há poucos meses mas com algumas pessoas pode dizer-se, pela maneira como se olham que não vão mudar.

- O teu lado romântico prevalece. Laura não se ofendeu.

- Tenho permissão para exibi-lo.

- Nesse caso, acho que devo convidar-te para dançar. Ela fitou-o. Porque não?

- Nesse caso, acho que devo aceitar.

Antes que pudesse pegar na mão de Laura, ele viu o sorriso dela desvanecer-se, a cor esvair-se do seu rosto e a mão erguida para ele deixar-se cair.

- Qual é o problema?

Ela respirou fundo, um pouco trémula.

- Olá, Peter. Candy.

- Laura.

Michael mudou de posição, estendendo a mão para amparar Laura, numa reacção instintiva. "Aquele deve ser o ex-marido", pensou ele, "com uma ruiva empertigada e de olhos de gata pendurada no braço."

Calculou que era o tipo de Laura. Alto e louro, distinto, num smoking feito à medida impecável e diamantes a piscar discretamente nos punhos.

- Não sabia que estavas na cidade. - Laura tinha a certeza de que as atenções se concentravam na cena, embora as conversas continuassem. - Quando falei sobre o jantar da Allison na escola, disseste que ias estar fora.

- Mudei um pouco os meus planos, mas ainda assim não poderei ir.

Peter falou num tom formal, como se recusasse um convite para uma partida de pólo.

- É muito importante para ela, Peter. Apenas algumas horas...

- E os meus planos são importantes para mim. - Os olhos de Peter desviaram-se para Michael, mantendo-se em especulação. Creio que não conheço o teu acompanhante.

- Michael Fury.

E Michael não ofereceu a mão.

- Mas claro! Achei que o reconhecia. - A voz de Candy Litchfield era empolada. - Michael é um velho amigo do Josh Templeton, querido. Você fugiu para o mar ou alguma coisa parecida, não é?

- Alguma coisa parecida. - Michael dispensou-lhe um olhar. Era um tipo que sempre o irritara. Exuberante de mais, corrompida de mais. - Não me lembro de si.

A declaração visava ofendê-la. Em geral ele atingia o objectivo. Candy ficou um pouco eriçada, mas recuperou logo.

- Não frequentávamos os mesmos círculos, não é? A sua mãe não era empregada de mesa?

- É verdade. No Templeton Resort. E o meu pai fugiu com uma ruiva. Não creio que fosse parente sua.

- Eu diria que não. - Depois de um olhar desdenhoso, Candy tornou a olhar para Laura. - Não incomode o Peter, Laura. Andamos muito ocupados. Mal tivemos tempo de respirar desde que chegámos esta manhã. Estivemos em Saint Thomas.

- Ótimo para vocês, mas o facto é que estes desagradáveis pormenores domésticos exigem alguma comunicação. Se...

Ela parou de falar quando o seu olhar se fixou no anel que Candy exibia na mão que deliberadamente levantou para o peito de Peter. A pedra era tão grande quanto um ovo de galinha, num engaste de platina da Tiffany. Satisfeita por finalmente atrair a atenção de Laura para onde queria, Candy

soltou uma risada.

- Ah, minha cara, já descobriste! O Peter e eu ainda queremos fazer o anúncio oficial, mas tenho a certeza de que posso confiar que serás discreta.

"E ficarás desesperada", pensou Candy, esperançosa. Odiava Laura há mais anos do que gostaria de contar, mas agora saboreava o seu momento de triunfo.

Cada músculo da sua barriga se contraiu quando Laura fitou Peter nos olhos. A sua expressão era divertida e fria.

- Os meus parabéns - murmurou Laura. - Tenho a certeza de que serão muito felizes juntos.

- Não tenho a menor dúvida quanto a isso. - "A Candace é perfeita para mim", pensou Peter. "Perfeita para esta nova fase da minha vida, tal como Laura foi perfeita para outra fase." - Planeamos uma pequena cerimónia em Maio em Palm Springs.

- Não muito pequena. - Candy fez uma linda cara de amuada mas os seus olhos faiscavam. - Maio é um mês adorável para um casamento, não achas? Uma cerimónia encantadora, ao ar livre, seria o ideal. Mas não muito pequena ou informal. Afinal, uma noiva tem de exhibir-se um pouco.

- E tu sabes tudo o que há a saber sobre isso. - As mãos de Laura ameaçavam tremer. Ela não podia permitir. - Planeias contar às meninas que vais casar outra vez, Peter, ou cabe-me a mim?

- Deixarei contigo.

- Não tenho a menor dúvida de que elas ficarão felizes. - Candy tirou um copo da bandeja de um empregado que passava. - Os meus filhos ficaram. O pequeno Charles gosta muito do Peter, e a Adrianna encantou-se com a perspectiva de um casamento.

- Ainda bem para ti - disse Laura, ríspida. - Mas também o Charles e a Adrianna já se devem ter acostumado com os teus casamentos a esta altura.

- Não sejas desdenhosa, Laura. - A voz de Peter era fria e suave.

- Nunca combinou contigo. Terás de nos dar licença agora. Temos de falar com as outras pessoas.

- Aguenta firme - murmurou Michael, enquanto eles se afastavam.

- Aquela desgraçada! Como poderei tolerar aquela vaca como madrastra das minhas filhas?

Surpreendeu-o que fosse esse o primeiro pensamento de Laura. E depois reflectiu que isso não devia ser uma preocupação.

- As duas são muito inteligentes, Laura, e ela não me pareceu do tipo maternal.

- Não consigo continuar aqui.

Antes que ela pudesse escapulir-se, Michael segurou-a pelo braço. A maneira como ele a puxou dava a impressão de que partilhavam um segredo.

- Se saíres agora, vai parecer que estás a fugir. E não é isso o que tu queres.

- Não consigo continuar aqui. - Havia pânico agitando-se dentro dela, juntamente com uma fúria crescente. - Como pode ele fazer isso? Como pode fazer isso com as meninas?

Era estranho que Laura não percebesse o que o Peter e a Candy tinham feito com ela. De forma deliberada e com a maior habilidade.

- Se sou capaz de julgar qualquer coisa, aposto que toda a gente na sala está a especular como a Laura Templeton vai reagir ao encontro com o ex-marido e a sua boneca nova. Penso que devemos dançar agora.

Ele tinha razão, é claro. Por mais magoada e chocada que Laura estivesse, ainda restava o seu orgulho. Não permitiria que Candy risse da sua retirada.

- Está bem.

Ela acompanhou-o para a pista como se não quisesse mais que dançar um pouco. A música era suave, uma canção melancólica dos anos quarenta. Fora feita para ser romântica, pensou Laura. Em vez disso, soava nos seus ouvidos como um grito de batalha.

- Ela não vai encostar aqueles dedos miseráveis nas minhas filhas - resmungou Laura.

- Não creio que ela conseguisse passar por ti para encostar a mão em quem quer que seja, se fosse esse o objectivo. Não faria mal nenhum se olhasses para mim. - Ele passou os braços em torno dela, descobrindo que se ajustavam com perfeição. E descobriu também que os passos de ambos se harmonizavam. - Talvez devesse até sorrir um pouco.

- Eles só vieram aqui para me dar uma bofetada. Nenhum dos dois sequer pensou nas crianças. Ela também é mãe, Michael. Como pode não se importar com as crianças?

- Ela é apaixonada de mais por si mesma. Pára de te preocupar com isso. Aquela mulher não vai encontrar tempo na sua agenda social para se armar em madrastra. Sorri... - Michael roçou a mão pelo rosto de Laura. - Podes

fazer toda a gente acreditar que só estás a pensar em mim e no que vamos fazer quando sairmos daqui. Ficarão mais que curiosos.

Ele tinha razão, mais uma vez. Laura contraiu os lábios.

- Lamento que tenhas sido apanhado no fogo cruzado.

- É apenas um ferimento superficial.

Michael foi recompensado por uma gargalhada rápida e sincera.

- És mais simpático do que eu me lembrava, Michael. E eu estou de rastos.

- Pois eu acho-te arranjada e impecável. Sempre achei. Agora estão todos a olhar. - Ele baixou a cabeça, deixando o rosto roçar no de Laura, com a boca perto do seu ouvido. - Quem é aquele tipo em quem a Laura Templeton está pendurada? Há quanto tempo se conhecem?

Ela própria começara a pensar na mesma coisa.

- Nem todos se interessam pela minha vida particular. A respiração de Michael era quente no seu ouvido.

- Tu fascina-los. A serena e controlada Laura.

- Há demasiado tempo que sou a pobre Laura. - A voz estava novamente tensa. - A pobre Laura, cujo marido a traiu com a secretária. A pobre Laura, que terá de manter a cabeça erguida, agora que o ex-marido vai casar com a sua antiga companheira na presidência do Clube de Jardinagem.

- Tiveste algum relacionamento com aquela ruivinha irritante? Michael sacudiu a cabeça. - Estou desapontado. Tenho uma proposta a fazer. Agora que estão todos a especular de qualquer maneira, porque não lhes damos mais um motivo para comentarem no encontro de amanhã?

Ele deslizou os lábios pelo rosto de Laura. Antes que ela pudesse recuperar-se do choque, fixaram-se ardentes na sua boca. O beijo foi longo e lento. Laura tentou virar a cabeça uma vez, mas a mão no seu ombro apertou-a com força. Depois, ele recuou o rosto, apenas dois ou três centímetros, de tal forma que Laura só conseguia ver os seus olhos.

- Vamos tentar de novo - murmurou Michael. - Acho que vais acabar por pegar o jeito.

Laura devia ter protestado. Não era o tipo de mulher que se entregava a beijos ardentes em público. Ou beijos ardentes em particular, diga-se de passagem. Mas a boca de Michael tornou a cobrir a sua, hábil, persuasiva. Quente. E ela deixou-se arrebatada.

O gosto de homem, os lábios firmes e experientes, a exploração

confiante da língua e o brusco roçar dos dentes. Ninguém nunca a beijara assim, como se a sua boca fosse a fonte de todo o prazer. Alguma coisa vibrou na garganta de Laura. Podia ser choque, mas era mais provável que fosse espanto e admiração.

Como ele especulara... Qual seria o gosto de Laura? Qual seria a sensação? E descobrira um banquete de contrastes. O calor irradiava-se através da armadura fria. A timidez vacilava sob a compostura. Ela vibrava toda, pequenos tremores eróticos que disparavam uma necessidade intensa para a virilha de Michael.

E isso lembrou-lhe que, por mais que pudesse apreciar a experiência, não se encontravam a sós num lugar em que seria possível analisar os resultados.

- Deve ser suficiente - murmurou Michael. - Podes ter a certeza de que me convenceste.

Laura não era capaz de fazer nada além de fitá-lo com uma expressão atordoada. De alguma forma, continuaram a dançar. Ela sabia que os seus pés ainda se mexiam, embora parecessem dissociados do resto do corpo.

- Minha querida... - Michael fez um esforço para manter o tom descontraído, embora se sentisse mais feliz se pudesse devorá-la toda.

- Se continuares a olhar para mim dessa maneira, eles vão ter mais para falar do que apenas dois beijos.

Ela afastou o olhar, determinada.

- Apanhaste-me desprevenida.

- Fomos dois. Podemos ir embora agora. Já ninguém vai pensar que é uma fuga.

-Tens razão. - Laura manteve-se empertigada, lutando para ignorar a maneira familiar e sedutora com que a mão de Michael continuava a acariciá-la. - Eu gostava de ir para casa.

Ela não tornou a falar até pararem na varanda larga na entrada do clube.

Um dos funcionários partira apressado para ir buscar o carro de Michael. Ficaram ali por um momento, com as luzes e a música por detrás e a noite enlustrada e nublada pela frente.

- Devo agradecer-te?

- Estás a brincar? - Michael enfiou as mãos nos bolsos. Ela parecia tão acessível agora quanto mármore polido. - Por acaso dei a impressão de que estava a fazer um sacrifício? Há muito que pensava em beijar-te. E, se

quiseres descer desse teu pedestal por um momento, vais admitir que sabias que eu pensava nisso.

- Não te quero irritar.

- Portanto, foi apenas um acaso feliz. Laura...

Ele virou-se para fitá-la, sem saber bem qual seria o seu próximo movimento. Mas soltou um grunhido quando o funcionário parou o carro no fundo da escada.

- É uma beleza de carro, senhor. - O rapaz olhou radiante para a gorjeta que Michael quase lhe atirou. - Obrigado, senhor. Boa viagem.

Mais calmo depois que se afastou do clube, Michael respirou fundo.

- Escuta, querida, sofreste um tremendo choque no clube. Lamento por isso. Mas, se queres saber a minha opinião, aquele idiota com que cometeste o erro de casar não vale um minuto do teu tempo.

"Eu não perguntei nada, pois não?", pensou Laura, irritada.

- Não estou preocupada comigo, mas com as meninas.

- Os pais divorciam-se. É um facto da vida. Os pais vão-se embora e ignoram as crianças. É outro facto.

- É muito fácil falar quando não se tem filhos e as respectivas preocupações.

Uma sombra passou pelo rosto de Michael.

- É verdade, não tenho filhos. Mas fui uma criança que sobreviveu ao divórcio e à negligência. Algo a que tu escapaste.

Laura fechou os olhos. Esquecera-se de que o pai de Michael abandonara a família.

- Sinto muito, mas isso não faz com que seja certo. A Allison precisa da atenção do pai, e o desinteresse do Peter magoa-a.

- E quanto a ti? Ainda estás apaixonada por ele?

- Claro que não! A Candy pode muito bem ficar com ele... mas não quero que fique com as minhas filhas.

- Não imagino as meninas a conceder-lhe mais do que a rejeição patenteada dos Templeton. Aquele pequeno sorriso educado.

- Não fazemos isso.

- Claro que fazem, minha querida.

Ela mudou de posição e fitou-o com um olhar firme.

- Sabes porque tratas sempre as mulheres por "minha querida", Michael? Porque assim, quando saís de cima de uma no meio da noite, não precisas de

lembrar-te de pormenores incómodos como o nome dela.

A boca de Michael contraiu-se numa expressão que era um meio-termo entre uma careta e um sorriso.

- Quase no alvo. Garanto que me lembrarei do teu nome... Laura. Se aceitares a possibilidade de me deixares sair de cima de ti esta noite.

Ela não sabia se ficara chocada, indignada ou divertida. Mas sabia que a maior parte do ressentimento provocado pelo Peter se desvanecera.

- É uma proposta incrivelmente lisonjeira, Michael. Não sei se alguma vez já recebi outra tão...

- Honesta.

- Grosseira - arrematou Laura. - Lamento, mas terei de recusar.

- A decisão é tua. Que tal um passeio pelos penhascos, em vez disso?

Num súbito impulso, ele desviou o carro para a berma. Os penhascos destacavam-se na paisagem, magnéticos ao luar... românticos. Como podia imaginar-se a caminhar por ali com ele, de mãos dadas, Laura sacudiu a cabeça.

- Não estou com os sapatos apropriados para andar nos penhascos.

- Então fiquemos sentados aqui por um momento.

- Não me parece...

- Tenho uma coisa para dizer-te.

Os nervos de Laura recomeçaram a vibrar. Ela cruzou as mãos no colo. Estava parada numa estrada escura ao luar, algo que não acontecia há muito tempo.

- Podes falar.

- Tu és uma mulher bela e desejável.

Quando ela virou a cabeça abruptamente, Michael viu os seus olhos arregalados e confusos. Quase riu, enquanto acrescentava:

- Acho que é uma coisa que ouves constantemente.

Não era, o que a deixava desorientada, sem saber como responder - Fico lisonjeada por pensares assim.

- E eu desejo-te.

Agora havia pânico, borbulhando como champanhe numa garrafa sacudida.

- Eu não... O que esperas que eu diga? Oh, meu Deus! Apesar dos sapatos, Laura abriu a porta e saiu para a noite.

- Não pedi para responderes. Estou apenas a fazer uma constatação. -

Michael também deixou o carro, virando-a para se fitarem. - Provavelmente é um erro, mas digo-o na mesma. Tinha lembranças tuas. Não imaginava quantas, até que tornei a ver-te e começaram a aflorar à minha cabeça. Eu costumava pensar muito em ti. Era muito inconveniente e embaraçoso pensar em ti da maneira como eu fazia, já que eras a irmã mais nova do meu melhor amigo. O Josh teria ficado furioso comigo pelo que eu pensava... e deixaria que ele me desse uma tarefa.

- Não sou boa nestas coisas... - Laura tentou ir-se embora. - Tens de parar.

- Deixa-me acabar. Nunca paro antes de terminar. Continua a recuar dessa maneira, minha querida... Laura... e ainda acabas por partir um tornozelo. Não me importo se tens medo de mim. Ficaria surpreendido se não tivesses.

- Ele sorriu. - Mais do que isso, haveria de me sentir insultado. Só quero que fiques quieta um minuto.

Ele estendeu as mãos para os ombros de Laura e aproximou-se.

- Não te vou magoar... - murmurou Michael, enquanto baixava a boca. - Não desta vez.

Não magoou. A devastação foi muito rápida para que a dor se manifestasse. Ele simplesmente a desmanchou com um beijo suave e sem pressa.

Seguido por outro, mais firme, impaciente, até que a sua boca impetuosa e inexorável rompeu a muralha de contenção.

E Laura soube que o casamento não a preparara para aquele tipo de desejo... o tipo que se enroscava como punhos ferozes nas suas entranhas, torcendo-se numa furiosa frustração.

Quando ela cedeu, Michael quis mais. Queria possuí-la ali mesmo, no alto do penhasco, com o vento a soprar, iluminados pelo luar, a violenta arremetida das ondas lá em baixo combinando com a maneira como imaginava que Laura se mexeria. E sabia também que a ansiedade podia ser a sua desgraça.

- Quero que penses nisto, Laura. Os cavalos ensinaram-me a ter paciência. Por isso, tenho uma pequena reserva em relação a ti. Parece justo deixar-te saber que te desejo. Não tem nada a ver com salvar as aparências à frente das pessoas que estavam do clube, ou irritar um pouco o idiota do teu ex- marido. Tem a ver apenas contigo e comigo. E é improvável quando

acabar que tenhas de perguntar se deves agradecer-me.

- Tenho filhas.

O riso, Michael descobriu, podia aliviar até mesmo uma grande tensão.

- Não me venhas com essa! É maravilhoso que tenhas filhas, Laura, mas isto é apenas entre mim e ti.

- Eu... eu... larga-me para que eu possa respirar um pouco, está bem?

Laura desenvencilhou-se e passou as mãos pelos cabelos que o vento desmanchava. Por mais abalada que estivesse, sentia que a saída mais simples era a sinceridade.

- Não tenho nenhuma experiência com ligações amorosas. A voz estava controlada outra vez, mas ela continuava a retorcer as mãos. - Fui casada durante dez anos, uma esposa fiel.

- Estás divorciada há quanto tempo?

Como ela não respondeu, Michael começou a entender a situação. Houvera um único homem... o que fazia com que o ex-marido fosse um idiota ainda maior, na opinião de Michael.

- E achas que isso faz com que eu me sinta menos atraído? Sabes qual é a minha reacção, Laura? Deixa-me com vontade de pegar-te ao colo e descobrir se ainda sou capaz de proporcionar prazer a uma mulher dentro de um carro.

Ele viu-a olhar para o Porsche, e por um instante teve a certeza de que havia especulação nos olhos dela.

- Minha querida, eu estava disposto a tentar.

Quando Michael se aproximou, ela arriscou-se a torcer um tornozelo, tentando esquivar-se.

- Não. Por favor, não.

Laura virou-se e olhou para o mar, vendo as ondas espumantes a lançarem-se contra os rochedos. Era uma longa queda, pensou ela. E os saltos temerários eram sempre seguidos por longas quedas.

E ela nunca dera nenhum.

- Não sei como vou reagir. Não sei o que vou querer fazer.

- Pensa nisso. Vou passar aqui algum tempo. Preferes ficar na marmelada no carro, ou queres que te leve para casa?

Agora ela sorriu. Como podia evitar?

- Outra das tuas propostas fascinantes. Obrigada, mas prefiro ir para casa.

- Tu é que ficas a perder, minha querida.

CAPÍTULO 7

E DEPOIS a dr.a Hannah disse que todos os que acabassem o seu trabalho podiam ter tempo extra no computador. Escolhi o Art Studio, fiz um desenho e imprimi. Ela pendurou no quadro, porque disse que estava excelente.

Enquanto a Kayla discorria sobre o seu dia na escola, Michael continuava a lavar e escovar a crina da sua égua. Kayla adquirira o hábito de visitá-lo; e Michael descobrira que sentia a sua falta se um dia inteiro passasse sem que ela aparecesse.

A mãe de Kayla, por outro lado, mantinha-se à distância. Ele não a via há três dias, desde a noite do baile.

- A mãe vai arranjar-me aulas de desenho, o que vai ser divertido, porque gosto de desenhar. Posso fazer um desenho para si se quiser.

- Eu gostava muito. - Sorriu à menina. - O que vais desenhar?

- Uma surpresa. - Kayla olhava radiante para ele. Os adultos nem sempre ouviam o que as crianças diziam, ela sabia. O sr. Fury ouvia sempre, mesmo quando estava ocupado. - Tem tempo para ensinar um truque ao Bongo?

- Talvez. - Michael bateu com a escova molhada na mão, enquanto estudava o cão, naquele momento esparramado no chão, observando um dos gatos. - Mas primeiro tenho de acabar de arranjar esta dama. Vai ter uma visita.

Kayla esticou o lábio inferior, enquanto estendia a mão para afagar o flanco lustroso da égua.

- Para comprá-la?

- É possível. - Compreensivo, Michael agachou-se. - Ela precisa de um bom lar. Como aconteceu com o Bongo.

- Mas o senhor dá-lhe um bom lar.

Michael sabia que a situação não exigia uma explicação sobre o mundo dos negócios, as colunas de lucros e perdas, que sempre o deixavam atordado. Em vez disso, procurou ser o mais simples possível.

- Não posso ficar com todos os cavalos, minha querida. Tenho de tratar bem deles enquanto estiverem aqui, e procurar pessoas que os apreciem

quando precisarem de ir embora. Foi a tua mãe quem arranjou estas pessoas. Conheces a sr.a Prentice?

- Ela é simpática. - Kayla mordeu o lábio, enquanto pensava. Gostava da sr.a Prentice... que tinha uma gargalhada engraçada. A filha dela monta cavalos. A Mandy tem catorze anos e tem um namorado.

- A sério? - Divertido, Michael desmanchou os cabelos de Kayla.

- Se elas gostarem desta menina aqui... e se ela gostar delas... então podem levá-la. Achas que a Mandy vai tratar bem dela?

- Acho que sim.

- Vamos levá-la para o cercado, nós os dois.

- vou buscar a manta.

Enquanto Kayla se afastava a correr, Michael fez uma inspeção final na égua. Era uma linda mestiça castanha, cuja pelagem estava agora lustrosa devido ao seu meticoloso trabalho com a escova e a almofaça. Tinha olhos claros e inteligentes, um coração forte, cascos saudáveis e bem apresentados, com uma camada de óleo. com mais de um metro e meio de altura, era de bom tamanho e de boa linhagem, uma égua colaboradora e bem-comportada, que lhe proporcionaria um bom lucro para o seu investimento.

"E vou sentir muitas saudades", pensou Michael, enquanto afagava o pescoço da égua.

Juntos, Kayla e ele selaram a égua. Kayla observou cada movimento com o máximo de atenção. Esperava que um dia o sr. Fury a deixasse prender as cilhas, mas não queria pedir. Por enquanto.

-Onde está a Ali?

- No quarto. Tem de arrumar tudo e fazer os trabalhos de casa. Não pode sair porque está de castigo.

- O que é que ela fez?

- Teve outra discussão com a mãe. - com o cão no seu encalço, Kayla foi andando ao lado de Michael, enquanto ele levava a égua para fora do estábulo. - Ela está furiosa porque o nosso pai vai casar com a sr.a Litchfield e não vai ao jantar de pais e filhas na escola. Ela diz que a culpa é da mãe. - Porque é que ela pensa isso?

- Não sei. - Kayla encolheu os ombros. - A Ali é uma tola. O tio Josh vai ao jantar, e ele é muito mais divertido. O nosso pai não gosta de nós.

O tom despreocupado fez com que Michael parasse e olhasse para baixo. - Não gosta?

- Não, mas não há problema, porque... - A voz definiu e Kayla mordeu o lábio. - É uma coisa horrível. - O quê, querida?

Ela olhou na direcção da casa, depois tornou a fitar Michael nos olhos.

- Também não gosto dele. Estou contente porque ele foi embora e não vai voltar. Mas não conte à mãe.

Havia agora alarme, um movimento de defesa.

- Minha querida... - Michael agachou-se, pôs as mãos com todo o cuidado nos ombros da menina. - Ele não te magoou, pois não? Não batia em ti nem na tua irmã?

O mero pensamento fazia-lhe o estômago ferver, como se houvesse ácido derramado, mas ele tinha de perguntar:

- Nem na tua mãe?

- Não. - Kayla parecia espantada com a ideia. Michael tornou a relaxar. - Mas ele nunca ouvia, nunca brincava connosco, e fazia a mãe chorar. Por isso, não gosto dele. Mas não conte a ninguém.

- Não vou contar.

Michael fez uma cruz sobre o coração e depois encostou o dedo nos lábios. Era incompreensível para ele como alguém, ainda mais sendo o pai, podia não adorar aquela criança fascinante.

- Que tal uma volta na égua?

Os olhos de Kayla ficaram imensos, esperançosos.

- Posso? Posso mesmo?

- Claro. - Ele suspendeu-a e ajeitou-a na sela. - Temos de verificar se a nossa dama aqui gosta de andar com meninas, não é?

Enquanto ajustava os estribos, Michael explicou:

- Esta é uma sela inglesa, por ser o tipo que a Mandy usa. Pega numa rédea em cada mão. Não é assim, minha jóia. - Ele ajustou as mãos de Kayla. - É assim que se faz.

Paciente, Michael mostrou a maneira correcta de guiar a égua Kayla escutava com uma total concentração nos olhos solenes.

- Agora, põe os calcanhares para baixo. Ótimo. Vira os joelhos para dentro. As costas direitas. - com a mão na rédea, ele deixou que a égua desse uma volta lenta pelo cercado. - Como se sente aí em cima, menina Ridgeway?

Ela riu, pulando na sela.

- Estou a montar a cavalo.

- Agora puxa a rédea esquerda... devagar... da maneira como te ensinei. Vê como ela vira. É uma boa égua.

Michael tinha trabalho a efectuar, telefonemas a fazer. Esqueceu tudo. Durante os vinte minutos seguintes dedicou-se a ensinar a Kayla os elementos básicos de equitação, montando por detrás dela uma vez, para levar a égua a dar uma volta a meio galope. A menina gritava de alegria.

O dia podia estar nublado, ameaçando mais chuva. Ali, no entanto, parecia haver sol.

Quando Michael a tirou da sela e Kayla passou os braços pelo seu pescoço, apertando com força, ele sentiu pela primeira vez na vida como era ser herói.

- Posso fazer isto de novo, sr. Fury?

- Claro que podes.

com uma afeição descontraída e plena confiança, ela passou as pernas pela cintura de Michael, sorrindo.

- A mãe vai ter uma surpresa quando chegar a casa. Andei a cavalo sozinha, fiz tudo.

- Pois fizeste. E agora sabemos que ela gosta de meninas.

- Ela vai gostar da Mandy e será feliz. E agora vou contar à Annie que montei a cavalo. Obrigada, sr. Fury.

Kayla saltou do colo e desatou a correr, com o cão atrás. Michael observou-a, afagando o pescoço da égua.

- Estás perdido agora, Fury. Apaixonaste-te por aquela linda lourinha. - Ele fitou os olhos da égua, beijando-a. Soltou um suspiro. - Não devias apaixonar-te pelo que não podes manter.

Duas horas depois, ele tornou a repetir a advertência. Os Prentice apaixonaram-se pela égua à primeira vista, nem se deram ao trabalho de discutir o preço pedido. Agora, Michael tinha um cheque no bolso e a égua já não lhe pertencia.

com sentimentos contraditórios, encaminhou-se para a Casa Templeton. Efectuara uma venda, o que era parte do negócio. A égua, não tinha a menor dúvida a esse respeito, seria mimada e adorada pelo resto da sua vida. E também era certo que os Prentice espalhariam a notícia de que Michael Fury tinha bons cavalos para vender. Devia agradecer a Laura por isso, e era o que tencionava fazer. A visita de cortesia iria proporcionar-lhe a oportunidade de vê-la de novo, avaliar a sua reacção. Por uma questão de hábito - e também

por um pouco de medo, incutido pela possibilidade de um novo encontro com Ann Sullivan -, ele limpou os pés fora da porta da [cozinha. A batida à porta teve como resposta uma ordem aflita para que entrasse. Quando ele o fez, o medo transformou-se em prazer. A sr.a Williamson continuava exactamente como dela se lembrava: costas largas, mãos grandes e competentes, mexendo alguma coisa maravilhosa no enorme fogão de seis bocas. A massa de cabelos pretos no alto da cabeça não se mexeria nem com um terramoto. A cozinha cheirava a condimentos e flores. O aroma do que estava no lume era de fazer crescer água na boca.

- Tem algum biscoito por aqui?

Ela virou-se, com a colher de pau numa das mãos. O rosto largo Idesfez-se num sorriso de boas-vindas. Sempre tivera um fraquinho por rapazes perdidos. E turbulentos.

- Ora, ora, se não é o Michael Fury em pessoa! Sempre me perguntei quando voltarias a bater à minha porta. - Disposta a casar comigo agora?

- Talvez. - Ela piscou um olho, jovial. - Cresceste e tornaste-te um bonito homem.

Como sempre se sentira à vontade com a sr.a Williamson, ele atravessou a cozinha, pegou numa das mãos enormes, e levou-a aos lábios.

- Basta indicar a hora e o lugar.

- Ah, tu és um patife! - De qualquer outra pessoa, o som que subiu lá do fundo teria sido chamado de uma risadinha. - Senta-te ali, menino, e conta-me as tuas aventuras.

Como sempre fizera e sempre faria quando uma das suas crianças aparecia para visitá-la, a sr.a Williamson tirou biscoitos de uma lata e dispô-los num prato.

- com que então agora estamos a vender cavalos, não é?

- Isso mesmo. Acabo de vender um.

Michael apalpou o bolso, enquanto ela servia o café.

- Isso é ótimo. E não encontraste nenhuma mulher que te acompanhasse em todas as tuas viagens?

- Preferi manter-me à sua espera. - Michael mordeu um biscoito e revirou os olhos, teatralmente. - Ninguém cozinha como a senhora, sr.a Williamson. Porque haveria de contentar-me com menos?

Ela riu-se novamente, dando-lhe uma palmada vigorosa nas costas, que quase o fez entornar o café.

- Ah, Michael, és terrível!

- É o que todas dizem. Ainda faz aquelas tartes de maçã? As que deixam um homem com lágrimas de alegria?

- Se te portares bem, talvez te mande uma. - Ela voltou ao fogão e à panela.

- A nossa pequena Kayla tem passado muito tempo no estábulo ultimamente.

- vou casar com ela se continuar a rejeitar-me.

- Ela é um anjo. - A sr.a Williamson deixou escapar um sonoro suspiro. - A Allison também. Uma menina doce, inteligente como ela só. A menina Laura fez um bom trabalho com as duas. E sozinha. Ele nunca deu a menor atenção às três.

"Quando se quer informações", pensou Michael, comendo outro biscoito, "vai-se à fonte." A sr.a Williamson estava sempre a par do que acontecia na casa.

- Ele não é muito popular por aqui, pelo que estou a ver. Ela torceu o nariz.

- E podes dizer-me porque haveria de ser? Exigente, pomposo, bom de mais para um cumprimento? E também nunca dispensou um minuto do seu valioso tempo para as meninas. E ainda se divertia Com a secretária... e só Deus sabe com quem mais. - A sra. Williamson comprimiu a mão contra o coração, acelerado de indignação. - Eu não devia falar sobre isso. Não é da minha conta.

Mas Michael sabia que ela ia falar, e muito, desde que tivesse algum estímulo.

- Quer dizer que o Ridgeway não ganharia o prémio de pai do ano?

- Ele não seria nem o pai do minuto! E, como marido, tratava a nossa menina Laura mais como um acessório do que como uma esposa. E rigoroso com os empregados, cheio de regras.

Michael passou a língua pelos dentes.

- A Laura ficou muito tempo casada com ele.

- A menina Laura leva as suas promessas e deveres muito a sério. A menina foi bem-criada. Quase se lhe partiu o coração quando ela entrou com o pedido de divórcio... não que não fosse a coisa apropriada ou que qualquer um de nós lamentasse por um instante sequer. Boa viagem, pensei, e foi o que disse à sr.a Sullivan. Agora ele vai casar com aquela ruiva sem- vergonha.

Pois acho que se merecem um ao outro.

Para enfatizar os seus sentimentos, a sr.a Williamson bateu com a colher na beira da panela, ecoando o som pela cozinha.

- Aposto que o Ridgeway nunca comeu biscoitos na sua cozinha.

- Claro que não. Nunca se rebaixaria a entrar aqui. O dono da casa! Os meus ouvidos podem já não ser como antes, mas ouço tudo o que preciso ouvir. Por isso, não penses que eu não soube que ele tentou convencer a menina Laura a reformar-me, a fim de contratar algum extravagante cozinheiro francês para fazer as suas refeições. Mas ela não admitiu.

O rosto abrandou-se no momento em que ela se virou.

- A nossa menina Laura sabe tudo sobre lealdade e sobre o que é certo. É uma Templeton, da mesma forma que as filhas, independentemente do nome legal que possam ter.

A sr.a Williamson fez uma pausa, os olhos contraídos.

- Pronto, conseguiste. Fazes-me falar e não me contas nada a teu respeito. Não mudaste nem um pouco nesse sentido, Michael Fury - Não tenho muito para contar. - "Ela ainda faz o melhor café da região central da Califórnia", pensou Michael, enquanto o bebia. E a cozinha Templeton, apesar do seu tamanho e lustro, ainda era um dos lugares mais aconchegantes do mundo. - Estive aqui e ali. E agora estou de volta.

A sr.a Williamson conseguia muito bem imaginar onde ele estivera, o que fizera. Mas ainda via nele o que sempre vira: um rapaz moreno, de olhos melancólicos, transbordando de potencial.

- De volta ao lugar a que pertences, se queres saber a minha opinião. Já te divertiste durante tempo suficiente.

- Também acho - concordou ele, pegando noutro biscoito.

- Vais deixar a tua marca desta vez, não vais?

- É esse o plano. Apareça no estábulo enquanto eu estiver por aqui, sr.a Williamson. - Ele sorriu, malicioso. - Posso oferecer-lhe um passeio completo.

Ela inclinou a cabeça para trás e explodiu numa gargalhada, no instante em que a porta se abriu e Ann Sullivan entrou. Ao deparar-se-lhe Michael, sentado à mesa com biscoitos e café, contraiu os lábios.

- Vejo que tem uma visita, sr.a Williamson.

- O rapaz acaba de chegar. - Trabalhavam juntas há tempo suficiente para que a sr.a Williamson percebesse a desaprovação gélida. Só que não deu

a menor importância. - Aceita um café, sr.a Sullivan?

- Não, obrigada. A menina Laura está no solário e deseja um café. A porta tornou a abrir-se por detrás dela, e Kayla entrou a correr.

- A mãe disse para... Olá! - A atenção desviada, ela correu para Michael, saltando para o colo dele. - Veio visitar-nos?

- Vim tentar que a sr.a Williamson me desse alguns biscoitos. E tinha de falar com a tua mãe por um minuto.

- Ela está no solário. Pode ir até lá. Fiz-lhe um desenho. Quer ver?

- Claro que quero. - Ele beijou-a na ponta do nariz, sorrindo. O que é?

- É surpresa. - Ansiosa, Kayla pulou para o chão. - vou buscar. E avisar à Ali que está cá. Não se vá embora.

Ann permaneceu no mesmo lugar, enquanto Kayla saía numa correria. Mesmo que fosse cega, ainda podia reconhecer a afeição descontraída entre homem e menina. Uma expressão pensativa aflorou-lhe os olhos. Não se sentia disposta a abrandar, mas consideraria a possibilidade.

- Pode ir para o solário sozinho se ainda se lembrar do caminho - disse ela, formal. - Levo lá o café.

- Obrigado. - Michael levantou-se, também formal, até se virar para a sr.a Williamson. - Obrigado pelos biscoitos... e a proposta continua de pé.

- Espera só para veres o que farei contigo!

Michael deixou a cozinha. Lembrava-se do caminho para o solário. A verdade é que se lembrava de tudo sobre a Casa Templeton. Atravessar o corredor impecável, olhando para as salas elegantes, era como regressar no tempo. O seu tempo. A sua juventude.

"Isto é uma constante", pensou ele. Os tectos altos e sancas refinadas, os móveis escolhidos com amor e muito bem tratados. A escada curva no vestíbulo de entrada, o vaso com flores numa mesinha. Castiçais com as suas velas consumidas em alturas variáveis.

Ele reparou no fogo a arder na sala de visitas. A lareira era de lápis-lazúli, ainda se lembrava. Josh dissera-lhe isso, discorrera sobre a pedra de um azul-profundo. Havia uma compoteira de cristal em cima do piano, um tapete desbotado sobre o soalho encerado.

Flores por toda a parte, observou ele, frescas e húmidas, do jardim ou da estufa. Não só rosas, mas também margaridas e tulipas. As fragrâncias eram subtis, uma parte permanente do ar.

Michael sabia que os Templeton tinham dado festas sumptuosas naquela

casa... e até comparecera a algumas. Pessoas tão encantadoras quanto deuses e deusas vagueavam por aquelas salas, passando pelas arcadas, saindo para os terraços floridos.

A casa em que ele crescera caberia numa única ala da Casa Templeton... e ainda sobraria espaço. Mas não era o espaço que o impressionava. Ou nem tanto, não como a beleza de tudo. A maneira como a casa se destacava por cima dos penhascos, no alto de uma colina, cercada de flores. O modo como a torre se projectava para o céu, as janelas faiscando com luz, dia e noite. E as salas lá dentro, uma dando para a outra, de uma forma franca e acolhedora que ele nunca fora capaz de analisar.

Uma impressão de permanência. Uma declaração que ele podia compreender de que a família tinha importância. Pelo menos para os Templeton. Apesar da sua grandiosidade, a Casa Templeton era um lar. Algo que Michael jamais tivera.

Ele sacudiu-se e passou pela passagem coberta que levava ao solário. Haveria ali muitas plantas, flores em profusão, cadeiras e sofás, mesas com tampo de vidro, tapetes coloridos. A chuva fina que começaria a cair dali a pouco escorreria pelas paredes de vidro, através das quais se veria o nevoeiro dissipar-se sobre os penhascos.

Estava exactamente como ele recordava. Havia chuva e nevoeiro além das paredes, proporcionando ao interior do solário uma impressão mágica de intimidade. Havia um único abajur aceso, irradiando uma suave luz dourada. Música, de violinos chorando, que ele não reconheceu, derramava-se como lágrimas de altifalantes ocultos.

E lá estava Laura, enroscada sobre as almofadas de cores pastel de um sofá de vime de encosto alto. A dormir.

Talvez fosse o ambiente, a luz, o nevoeiro, a música, as flores, mas ele experimentou a sensação de que entrava num pavilhão encantado. Não era um homem propenso a fantasias, mas a visão de Laura ali adormecida levou-o a pensar em princesas adoráveis, em castelos e na magia de um beijo.

Michael inclinou-se para ela, afastou os cabelos do seu rosto e encostou os lábios nos dela.

Laura despertou devagar, como devia acontecer a uma princesa sob encantamento. As pálpebras tremeram, um ligeiro rubor espalhou-se pelo rosto. O suspiro que saiu dos seus lábios tinha um som fascinante.

- Nem parece que passaram cem anos - murmurou ele.

Os olhos de Laura permaneceram fixados nos dele, ainda desfocados.

- Michael?

- Agora vamos viver felizes para sempre, ou transformo-me num sapo. Nunca fui capaz de me lembrar bem das histórias.

Laura ergueu a mão para o rosto de Michael. Era real, não era um sonho. E, à medida que a realidade se definia cada vez mais, ela foi ficando mais vermelha. Apressou-se a sentar-se.

- Adormeci.

- Foi o que imaginei. - E ela tinha olheiras. Michael detestava pensar que a preocupação com a filha podia fazer com que ela passasse noites sem dormir. - Um dia difícil?

- Foi mesmo. -A preocupação com Allison deixara-a acordada até às três horas da madrugada. Mas o homem que a contemplava agora também contribuía. Além dos seus deveres em organizar convenções no hotel, um problema numa remessa na loja, e uma difícil sessão de análise gramatical no sector dos trabalhos de casa. - Sinto muito...

- Fizeste-me pensar em contos de fadas quando entrei aqui. A beleza a dormir.

- É a Bela Adormecida.

- Eu sei. - Os lábios de Michael contraíram-se. - Não tive muito contacto com contos de fadas quando era pequeno, mas acho que vi uma vez a versão da Disney. Vamos ver se ainda me lembro...

Quando ele se inclinou para beijá-la de novo, Laura levantou-se de um pulo.

- Estou acordada.

Demasiado acordada, pensou ela, enquanto o coração parecia subir pela garganta. Viva de mais. E carente de mais.

- Acho que é o melhor que podemos fazer neste momento. Eu estava na cozinha, a namoriscar com a sr.a Williamson para ganhar alguns biscoitos. Vim falar contigo, mas agora sinto-me fraco.

- Ninguém pode resistir àqueles biscoitos.

Sabendo que devia estar com uma aparência desgrenhada, Laura tentou ajeitar os cabelos.

- Não faças isso. Gosto como estás. Parece que nunca estás nem um pouquinho desarranjada.

- Devias ver-me depois de convencer as meninas de que é hora de ir para

a cama. - Mas ela parou de se ajeitar. - A Kayla comentou que a Judy Prentice devia ir ao estábulo esta tarde.

- Ela foi, com o marido e a filha. Que é, diga-se de passagem, uma amazona e tanto. Compraram uma boa égua. Penso que vão dar-se muito bem juntas.

Satisfeita por ele, Laura disse:

- Isso é ótimo, Michael. Os meus parabéns.

Ele tirou um hibisco branco-cremoso do arbusto ao lado e estendeu-o para Laura.

- Vim agradecer-te.

Comovida a um ponto absurdo, com intenso nervosismo, ela ficou a olhar para a flor.

- Não fiz nada, apenas mencionei o teu nome. A Judy conhece muita gente no circuito dos cavalos. Tenho a certeza de que vai dar o teu nome a outras pessoas.

- Conto com isso. Gostava de convidar-te para jantar. Laura recuou quase um passo.

- Como?

- Estou cheio de dinheiro. - Ele apalpou o bolso. - E devo-te isso.

- Não deves nada. Foi apenas...

- Eu gostava de levar-te a jantar fora, Laura. Gostava de sair contigo e ponto final, mas acho que temos de continuar por linhas mais convencionais. Tens-me evitado.

- Não tenho, não. Juro. - Ou quase não evitara. - Ando muito ocupada.

Michael calculou que a sua agenda social devia ser movimentada. Comissões, almoços só de mulheres, os empregos que ela tinha para preencher o tempo.

- Nunca pensei que uma Templeton pudesse assustar-se com tanta facilidade.

Tocara no ponto certo.

- O problema não é esse. Tenho muita coisa para fazer.

- Pois então escolhe o momento mais conveniente. Como se ficasses com um bilhete para usar mais tarde. E avisa-me quando puderes encaixar-me na tua agenda.

Quando ele fez menção de se levantar, Laura tocou-lhe na mão.

- Não tive a intenção de ser descortês.

- Tu? - Michael sorriu. - Nunca és.
- Não esperava que tu...
- Insistisse? - sugeriu ele. - Ainda tinha sangue nas veias na última vez que verifiquei. Se não estiveres interessada, basta dizeres. Provavelmente posso suportar um não.

- Não sei o que sinto, mas não posso dizer que é desinteresse.
- Laura conseguiu resistir, por um triz, passando o hibisco pelo rosto. Só que não estou preparada para lidar com o brilho que acaba de surgir nos teus olhos. Para ser franca, tenho a certeza de que não estou. E vou mudar de assunto.

Ela respirou fundo, disposta a aceitar o embaraço de ter de sorrir para Michael.

- A Kayla disse-me que começaste a ensiná-la a montar.
- Vês algum problema? Acho que devia ter perguntado antes.
- Não, não há problema nenhum. - Laura tornou a passar a mão pelos cabelos. - E agradeço por dispores do teu tempo e trabalho. Não quero que ela te incomode, Michael.

- Ela não me incomoda. Para dizer a verdade, tenho estado a pensar em esperar dez ou quinze anos e pedi-la em casamento.

O sorriso de Laura foi rápido e afectuoso.

- A Kayla é uma menina irresistível. Franca e amorosa. E só fala em ti. O sr. Fury isto, o sr. Fury aquilo. Está convencida de que vais transformar o Bongo numa espécie de génio entre os cães.

- Terei de trabalhar nisso.
- Queria conversar contigo a esse respeito. Preciso de compensar o tempo que perdes com a Kayla. Eu...

- Pára. - Michael falou calmamente, mas num tom firme como aço. - Não sou um empregado.

- Não foi essa a minha intenção. - Horrorizada com a possibilidade de tê-lo ofendido, Laura tornou a levantar-se. - Só quis dizer que se vais ocupar tanto do teu tempo para...

- É o meu tempo e vou usá-lo como quiser. Não quero a porcaria do teu dinheiro. Não vou ser contratado como um amigo para as tuas filhas, ou um pai substituto temporário, ou qualquer outra coisa que tenhas em mente.

Laura empalideceu.

- Claro que não. Desculpa.

- E não me lances esse olhar magoado. Fazes sentir-me como se tivesse dado um pontapé num cachorrinho.

Frustrado, Michael enfiou as mãos nos bolsos. Ela queria compensá-lo! Como se compensa um empregado pelos bons serviços prestados. Ele devia ter previsto.

- Só quero que me deixes em paz!

Michael virou-se para ver o nevoeiro do lado de fora. com um rosto impassível, Ann entrou no solário, trazendo a bandeja com café. Nem por um piscar de olho ela deixou transparecer que ouvira boa parte do final da conversa.

- O seu café, menina Laura. As meninas estão a descer.

Se não estivessem, Ann podia ter reprimido a consciência e escutado mais um pouco.

- Obrigada, Annie. - Ela pôs um sorriso no rosto, que manteve até as filhas entrarem. - Creio que a Kayla tem uma coisa para ti, Michael.

Kayla trazia o desenho atrás das costas enquanto se aproximava.

- Se gostar, pode pendurar na sua parede.

- Vamos ver... - Ele pegou no grosso papel de desenho e olhou, aturdido.
- Não acredito!

O rosto de Kayla murchou de uma forma cómica. Laura pôs-lhe a mão no ombro para confortá-la.

- Não gostou. - Kayla baixou a cabeça. - Eu não devia ter desenhado tão depressa, mas quis fazer enquanto me lembrava de tudo.

- Não, está sensacional. - Michael exibia um imenso sorriso quando levantou os olhos do desenho. - Só fiquei surpreendido, como disseste que iria acontecer. Está igual à nossa dama que foi embora, Kayla.

Exactamente como ela.

- A sério? - com a língua presa entre os dentes, Kayla esticou-se para espreitar, a fim de criticar o próprio desenho. - Em geral desenho coisas que vejo em livros, ou que estão à minha frente. Mas pensei que, se tinha de vendê-la, era melhor ter um desenho dela para se lembrar sempre.

- Está lindo.

E não era nem um pouco parecido com o desenho infantil que Michael esperava. Kayla captara a postura ágil da égua em movimento, a cabeça orgulhosa. Ele reflectiu que alguém experiente podia encontrar margem para melhorias, coisas como perspectiva e proporção, sobre as quais nada sabia.

Só podia dizer que estava impressionado... e comovido.

- É o meu primeiro original Templeton.

ô; Se alguém notou que ele não usara o apelido legal de Kayla, não fez qualquer comentário. A menina empertigou-se, radiante, pegando na mão de Michael.

- Posso fazer mais desenhos para si, se quiser.

- Gostaria muito. - Ele ajeitou-a no seu joelho. Virou-se para Allison. A irmã mais velha estava a olhar para o chão, com uma expressão desolada. - Já terminaste de arrumar o teu quarto, loura?

Ela ergueu a cabeça, o rosto recuperou um pouco de cor. Fitou a irmã linguaruda com algum desdém. - Já, sim, senhor.

- Ótimo. Calculei que, assim que saíesses do castigo, podias querer recuperar terreno nas aulas de equitação.

Ali ficou boquiaberta, antes de se lembrar das boas maneiras.

- Eu gostava muito. - Embora lhe custasse, ela virou-se para a mãe. - Posso?

- Acho que seria uma ideia maravilhosa. Talvez eu também tenha algumas aulas, antes que vocês as duas se distanciem de mais. - Laura pôs a mão sobre o ombro de Ali. A tensão desvaneceu-se... com uma relutância evidente, mas desvaneceu-se. - Obrigada, Michael. Veremos o que é possível fazer para harmonizar as nossas agendas.

- A minha é flexível. - Depois de balançar a perna um pouco, ele pôs Kayla no chão e levantou-se. - Mas neste momento tenho de voltar.

- O teu café - murmurou Laura.

- Levo um bilhete para tomar mais tarde. - O sorriso de Michael alargou-se.

- E sabes como usar esses bilhetes, não é verdade, Laura?

- Sei, sim. - Como uma mãe podia lidar com a excitação sexual na presença das duas filhas pequenas? Laura não tinha a menor ideia.

- Obrigada por teres vindo.

- O prazer foi meu.

- Eu acompanho-o à porta - declarou Ali, com muita distinção. Para seu agrado, Michael balançou a cabeça com uma expressão solene.

- Obrigado.

- vou também. Sr. Fury, acha que pode ensinar o Bongo a rebolar no chão? Os cães do tio Byron sabem fazer isso.

Sozinha, Laura tornou a sentar-se, enquanto as vozes das filhas diminuía à distância. Em termos experimentais, comprimiu a mão contra a barriga. Estava mesmo com espasmos. Levou a mão ao coração. Tinha acelerado.

Como uma mulher que não tinha absolutamente nenhum ponto de referência podia usar um convite para uma ligação amorosa?

Laura também não tinha a menor ideia.

CAPÍTULO 8

O SOL dissipou as nuvens, o nevoeiro e o frio do Inverno no litoral.

Enquanto os boletins meteorológicos falavam de uma tempestade de neve no Midwest, Monterey mantinha um céu azul e uma brisa que trazia insinuações provocantes da Primavera.

O vento era mais forte nos penhascos, soprando do mar, com promessas de aventura e romance, como Laura sempre pensara.

A relva do Inverno sussurrava, as ondas rugiam, a água espumava como as borbulhas a saírem de uma garrafa de champanhe. Há muito tempo uma jovem morrera ali, de sua própria vontade. Um velho lamentara-se ali, das suas próprias lembranças. E, em algum lugar, havia ouro escondido há mais de um século, à espera de ser encontrado.

Laura gostava da companhia e da diversão tanto quanto da busca. Quase todos os domingos, vinha com as filhas e as amigas para os penhascos, à sombra da Casa Templeton, para procurar o dote de Seraphina.

- Podíamos comprar um cavalo quando encontrarmos o tesouro, não é? - Kayla levantou os olhos do seu trabalho vigoroso com uma pá de jardineiro.

- Ao sr. Fury. Já sei como tratar de um cavalo. Ele ensinou-nos. É preciso alimentá-los e dar-lhes água, escovar-lhes o pêlo, limpar-lhes os pés...

- Cascos - interveio Ali, sentindo-se superior. - Tu limpas os cascos. E também tens de passear com os cavalos para fazerem exercício. E tirar o estrume das baias.

- Tens tirado estrume, Ali?

Ela encolheu os ombros, tentando que os brincos novos nas orelhas furadas se destacassem no movimento.

- O sr. Fury diz que faz parte do trabalho. Não se pode simplesmente ir buscar o cavalo e montar. É preciso também tratar dele.

- Ele tem razão. - O jantar para pais e filhas ficara para trás. Ali sobrevivera. Laura passou a mão pelos cabelos da filha. - Quando eu era pequena e tínhamos cavalos, também tirava estrume das baias. Nunca me importei.

- Não podíamos ter cavalos? - Ali fizera um esforço para não perguntar, mas em vão. Ainda não perdoara completamente a mãe por deixar que o pai

se fosse embora e casasse com outra mulher. O sr. Fury vai construir a sua casa e o seu estábulo. Vai levar os cavalos quando sair.

- Conversamos depois sobre isso.

- A mãe diz sempre isso quando não quer falar das coisas. Ali, agachada até então, empertigou-se.

- Eu digo isso quando pretendo conversar sobre o assunto mais tarde - declarou Laura, rezando para ter paciência. - Neste momento, o sr. Fury está a arrendar o estábulo e não há lugar para outro cavalo.

- Ele vendia-nos um dos cavalos dele se a mãe quisesse. Se a mãe realmente quisesse.

Ali virou-se e foi para o sítio em que Margo e Kate operavam o detector de metais.

- A Ali ainda está zangada porque ele vai casar - comentou Kayla.

- Como?

- A mãe sabe. Ele vai casar com a sr.a Litchfield.

- Tenho de conversar outra vez com ela. - Embora já não soubesse que mais dizer sobre o assunto. - E tu também estás zangada, querida?

- Não me importo se ele se casar com a sr.a Litchfield. Só não percebo porque ele quer casar, quando ela tem aquele sorriso mau. E deixa os meus ouvidos doridos quando ri.

com algum esforço, Laura reprimiu uma gargalhada. "Só a Kayla para resumir Candy em termos tão acutilantes", pensou ela.

- As pessoas casam porque se amam.

Ou pelo menos ela assim acreditava no passado, reflectiu Laura, enquanto contemplava o mar. Ou pelo menos assim sonhava.

- A mãe vai amar alguém e casar também?

- Não sei. - Os sonhos mudam, lembrou Laura a si própria. Não se podem planear essas coisas.

- Ouvi a sr.a Williamson dizer à Annie que a sr.a Litchfield planeou pegar o pai na sua armadilha e que ele bem que mereceu.

- Hum... - Laura limpou a garganta. - Ela quis dizer apenas que os dois serão felizes juntos.

- Acho que sim. - Kayla não concordava, mas era suficientemente sensata para não insistir no assunto. - vou buscar um pouco de limonada à garrafa térmica. Também quer?

- Boa ideia.

Laura levantou-se também e foi juntar-se às amigas.

- Não estou a arrastar! - protestou Margo, soprando os cabelos para longe do rosto, enquanto continuava a passar o detector de metais. - Estou a fazer como sempre!

- Isso é uma idiotice! - Kate revirou os olhos, enquanto Ali ria. Desculpa.

- Ela passa muito tempo na academia de ginástica - disse Margo a Ali. - Aprendeu todos os palavrões lá, no suor do exercício.

- Usas demasiadas jóias - acrescentou Kate. - Vais provocar convulsões no aparelho.

- Mas que porra! - Margo estremeceu. - Desculpa, Ali. Não queres ficar um pouco com a minha pulseira?

- Posso? - Emocionada, Ali observou a encantadora tia transferir a pulseira de argolas de ouro para o seu pulso. Depois, levantou o braço para o sol e sacudi a pulseira. - É tão bonita... E como brilha!

- Qual o sentido de usar se não brilhar? - Margo piscou um olho e bateu ao de leve com o dedo na orelha de Ali. - Os teus brincos são lindos.

- Foi a mãe quem mos deu. Tive cinco no trabalho de Ciências. Ali lançou um olhar para a mãe. O seu sorriso desabrochou, hesitante. - Ela disse que eu estudei muito e merecia uma recompensa.

- Estudou... e mereceu - confirmou Laura. - Importas-te de ajudar a Kayla com a limonada? Acho que estamos todas a morrer de sede.

- Está bem. - Ali deu um passo e parou. - Quer que eu traga também uma sanduíche?

Era um pedido de desculpas, compreendeu Laura. Embora não estivesse com fome, ela sorriu.

- Seria ótimo. Porque é que tu e a Kayla não estendem a manta e arranjam tudo? Vamos fazer uma pausa para o lanche.

Enquanto a filha se afastava entre as pedras, Laura comentou:

- Ela está a tentar, mas tem uma grande dificuldade em aceitar.

- Se eu tivesse a perspectiva da Candy Cane como madrastra, teria ainda muito mais dificuldade - murmurou Kate.

Margo limitou-se a encolher os ombros.

- A Candy está apaixonada de mais pela Candy para se preocupar com elas. E as meninas são suficientemente espertas para se manterem à distância.

- Suponho que seria mais fácil se elas gostassem da Candy... pelo menos

um pouco. - Mas Laura suspirou e cedeu. - E provavelmente é egoísmo de minha parte ficar contente por elas não gostarem. Mas é como me sinto.

- Alguém quer apostar durante quanto tempo vai durar o espectáculo do Peter e da Candy? O meu palpite... - Um pouco tonta, Kate sentou-se abruptamente numa pedra. - Outra vez.

- Não te sentes bem? - Laura aproximou-se, preocupada porque Kate já tivera uma úlcera. - Estás outra vez com dores no estômago?

- Não. - Kate respirou fundo e devagar, esperando que o mundo assentasse. E lá estava o céu, azul outra vez, de volta ao seu lugar apropriado.

- Querem saber uma coisa? Acho que estou grávida.

- Grávida? - Margo largou o detector de metais e foi agachar-se à frente de Kate. - De quanto tempo é o atraso? Já fizeste o teste?

- O atraso já é grande. - Kate fechou os olhos, tentando analisar o que sentia. - Comprei um daqueles testes instantâneos na farmácia. Ainda não o usei, com medo de descobrir que não estou grávida.

- Pois é a primeira coisa que vais fazer amanhã de manhã. Margo pôs o rosto de Kate entre as mãos e examinou-a por um longo momento. - Tens tido enjoos de manhã?

- Não chega a ser um enjoo. Sinto-me apenas um pouco maldisposta quando me levanto, mas passa logo. - Ela remexeu-se. Vocês as duas parem de olhar para mim com esses sorrisos presunçosos de quem sabe tudo.

- Nem penses. - Laura sentou-se ao lado de Kate. - O que diz o Byron?

- Ainda não falei com ele. Posso estar enganada. E não quero estar enganada. - A voz tremia um pouco. - Sei que só estamos casados há poucos meses, que temos todo o tempo do mundo, mas não quero estar enganada.

- Outro sinal seguro - declarou Laura. - Emoções instáveis e profundas.

Foi nesse instante que ela ouviu uma voz, lenta, profunda e masculina. Admitiu então que a gravidez não era a única causa de emoções instáveis e profundas. O desejo disputava o lugar de honra, com grandes possibilidades de êxito.

com a mão ainda no ombro de Kate, ela levantou-se.

- Este clube é apenas para mulheres?

- Depende... - Margo assumiu o seu tom meigo numa reacção automática. - Depende do homem. Queres ajudar-nos a procurar o tesouro, Michael?

- Vocês ficariam desoladas se eu tivesse sorte de o encontrar primeiro,

depois de todo o tempo que empenharam na busca.

- Ele tem razão nesse ponto. - Kate afagou a mão de Laura, para indicar que já se sentia bem. - De qualquer maneira, os homens não admitem a existência do dote da Seraphina. Não é verdade, Mick?

- Se ela tivesse um dote, teria feito muito melhor em usá-lo para alguma coisa, em vez de o enterrar por aqui e saltar do alto do penhasco.

- Estão a ouvir? - com o seu argumento confirmado, Kate levantou-se. - vou verificar como está o lanche. Há um rumor de que a sr.a Williamson preparou uma salada de batata.

- E eu vou ajudar.

Percebendo a tensão que surgira no ar, Margo decidiu que era melhor deixá-la vibrar. Deu uma piscadela de olho rápida a Michael, antes de se afastar no encalço de Kate.

- Fui até casa para fazer alguns telefonemas - começou Michael, antes que Laura pudesse esquivar-se. - Olhei pela janela e avistei cinco lindas raparigas espalhadas pelo penhasco. Era difícil pensar em voltar ao trabalho sem vir aqui para ver de perto.

- Procuramos passar algumas horas por aqui todos os domingos Até agora encontrámos duas moedas. Ou melhor, a Margo encontrou uma, e a Kate encontrou outra. As meninas e eu ainda não encontrámos nada.

- É muito importante para ti... descobrir ouro?

- A caça ao tesouro é importante. É o espírito. - Laura desviou os olhos para o mar. - As possibilidades. Imagino-a ali, aquela pobre rapariga, parada na beira do penhasco, pensando que não lhe restava mais nada por que viver.

- Há sempre alguma coisa por que viver.

- Tens razão. - Ela recuou, os poucos passos que as pedras permitiam, quando Michael ergueu a mão para o seu rosto. - Tenho de ajudar a arranjar o lanche. Come connosco. Será um prazer.

- Eu queria falar-te sobre as meninas, se tiveres um minuto.

- Oh! - A cautela nos olhos de Laura transformou-se em preocupação. - Se elas estão a atrapalhar...

- Laura... - murmurou ele, paciente. - Achas mesmo que és a única pessoa no mundo que pode apreciar a companhia das meninas?

- Não, claro que não. - Aborrecida consigo mesma, sentindo a lógica prejudicada pelas emoções intensas, Laura deixou pender as mãos junto ao corpo. - O que aconteceu?

- Tenho dado algumas instruções sobre como montar. A Kayla...
- Michael olhou para trás, sorrindo, enquanto observava a pequena cabeça loura balançar. - Ela é endiabrada. Estaria a montar em pêlo, se eu deixasse.

- Por favor, não deixes. - Laura estremeceu. - O meu coração não aguentaria.

- Ela quer galopar da pior maneira possível. Quer tudo ao máximo. Não se pode deixar de admirar isso. Mas ela ouve. E aprende. Sou doido por ela.

Laura piscou os olhos, contra a surpresa e a claridade do sol.

- Ela... não pára de falar no sr. Fury e nos seus cavalos, sempre que volta do estábulo. - Determinada a relaxar, Laura sentou-se numa pedra. Mal teve um sobressalto quando ele se acomodou a seu lado.

- A Kayla já começou até a perder o interesse pelas aulas de balé.

- Não quero prejudicar os teus planos.

- Não vais prejudicar. - Laura balançou a cabeça, sorrindo então.

- Ela só quis ir para o balé porque a Ali estava a aprender. A Kayla é assim, sempre competitiva.

Havia pequenas flores azuis que tentavam sair de uma fresta na rocha e projectar-se em busca do sol. Num movimento distraído, Michael pegou numa e ofereceu-a a Laura.

- Arranjaste o professor de Desenho?

A surpresa tornou a aflorar nos olhos de Laura. Era estranho que ele se lembrasse daqueles pormenores familiares.

- Arranjei, sim. - Laura baixou os olhos para a sua mão, desejando poder aceitar aquela oferta habitual de flores com a mesma descontracção com que Michael a fazia. - Ela vai começar na próxima semana.

- A menina tem um talento autêntico. Eu só consigo desenhar algo com a ajuda de uma régua. Agora, sobre a Ali.

- Ela está a passar por um momento difícil. Não é tão flexível e adaptável quanto a Kayla. Fica magoada com grande facilidade.

- A Ali vai superar tudo isso. - Michael pegou na mão de Laura e pôs-se a mexer nos dedos dela. - As aulas de equitação. Não sei até que ponto queres que eu pressione.

com um suspiro, Laura olhou para a filha mais velha, sentada no chão ao lado de Margo, como se fosse uma dama.

- Se ela não quer cooperar, não tens de pressioná-la.

- Laura, ela possui um talento natural.

- Como?

- Ela senta-se num cavalo como se não tivesse feito outra coisa durante toda a sua vida. Possui uma graça desconcertante. E ouve-me como se todas as minhas palavras estivessem gravadas na pedra. É impressionante. Se quiseres que ela continue, talvez devas procurar alguém com mais experiência de ensino do que eu.

Aturdida, Laura fitava-o nos olhos.

- Ela nunca diz nada. A Kayla volta para casa a dizer mil palavras por minuto, mas a Ali limita-se a encolher os ombros e diz que correu tudo bem.

- A Kayla é irrequieta e ansiosa. A Ali é uma canção. Vai começar a cantar quando estiver pronta.

"Como é que ele já conhece as meninas tão bem?", especulou Laura. Como podia compreender os seus corações tão profundamente e tão depressa?

- Ela confia em ti - murmurou Laura. - E a confiança não é uma coisa fácil para a Ali hoje em dia. Se não te importas, eu gostava que continuasses a dar-lhe aulas. Ela precisa desesperadamente de alguma coisa neste momento, e parece que eu não tenho o que é necessário.

Irritado, Michael estendeu a mão para o queixo de Laura, virando-lhe o rosto na sua direcção.

- Estás enganada. Tens exactamente o que é preciso. Ela só te culpa porque sabe que tu aceitas isso sempre... e estás sempre presente.

Ele baixou a mão, resistiu a levantar-se e a andar de um lado para o outro. Não era um psicanalista, mas qualquer pessoa que tivesse olhos podia ver que aquela mulher precisava de algo.

- Passei por um período em que culpava a minha mãe por uma série de coisas. Mas nunca lhe disse isso. Porque não sabia se ela aceitaria. Não sabia se ela continuaria do meu lado.

"Talvez seja por isso que ele vê", reflectiu Laura. "Talvez seja por isso que compreende."

- Pode ser mais fácil para ti compreendê-la. Nunca tive ninguém que me deixasse de lado. A minha mãe e o meu pai eram... e são... firmes como esta rocha. Nunca vacilaram, nunca hesitaram. Nunca falharam.

"E eu fiz tudo isso", reflectiu Laura. Vacilara. Hesitara. Falhara. Não era uma simples questão de recuperar o equilíbrio depois de ficar abalada.

- Por outro lado - acrescentou Michael -, talvez ela te culpe porque tu mesma te culpas. Tens de te controlar, Laura.

- Dizes isso porque nunca foste casado.

- Fui, sim. Durante seis meses. - Ele levantou-se. - E não destruí o casamento sozinho. Continuarei a trabalhar com as meninas.

Como Laura não disse nada, ele continuou:

- Mas tenho uma condição.

Ele fora casado? A mente de Laura era um turbilhão. Ela fez um esforço para se conter.

- Está bem. Qual é a condição?

- Pára de te esconder em casa. Vai ver o que as tuas filhas estão a fazer. - Divertido com os dois, Michael tirou a flor da mão de Laura para ajeitá-la nos cabelos dela. - Não vou saltar para cima de ti na presença das crianças.

- Não me tenho escondido... e nunca presumi que o teu comportamento na frente das minhas filhas fosse impróprio.

- Ah, como é fascinante observar-te a assumir essa atitude de dama do solar! Não sei se devo arrancar os cabelos em desespero ou saltar para cima de ti de qualquer maneira.

Fria como neve derretida, Laura inclinou a cabeça.

- Eu preferia que não fizesses nenhuma das coisas. Agora que conversámos, podes ter a certeza de que irei observar o progresso das meninas. Obrigada por me manteres informada.

- Era minha obrigação, madame Templeton.

- O sarcasmo combina contigo, Michael.

Ele agarrou-a pelo braço antes que ela se pudesse afastar.

- E contigo também. - Michael falou baixinho, os rostos quase juntos. - Podes ter a certeza. Toma cuidado ao brincar à princesa e ao camponês comigo, Laura. Pode dar-me vontade de querer provar alguma coisa.

- Não tens de me provar nada. E agora larga-me o braço.

- Depois de acabar.

Michael preferia-a assim, um desafio, envolta em gelo. A mulher magoada fazia-o sentir-se fraco e inepto, ansioso por lhe agradar.

- Deixa-me lembrar-te com quem estás a lidar, Laura, caso te tenhas esquecido. Gosto de quebrar as regras. Se alguém ergue uma barreira à minha frente, gosto de escalá-la, pelo simples prazer de o fazer. Quando sou pressionado, devolvo a pressão. com mais força. E mais violência.

Laura não duvidava... de nada. O homem que a fitava agora parecia capaz de qualquer coisa... pecados, crimes, atrocidades. Quando tivesse tempo para pensar, ela analisaria o seu lado distorcido que se sentia atraída por aquela faceta de Michael. Por enquanto, a fusa teria de substituir a bravura.

- Agradeço por me teres lembrado. Não deixes que eu te afaste do trabalho.

- Não estás a afastar-me. - Numa súbita mudança de ânimo, que a deixou aturdida, ele levou o punho cerrado de Laura aos seus lábios. Sempre a fitá-la nos olhos, abriu a mão e comprimiu a boca contra a palma. - Não te esqueças, minha querida, de que ainda me deves aquele jantar.

Michael afastou-se, parando junto da manta de piquenique pelo tempo suficiente para roubar uma sanduíche e fazer as meninas rirem. Quando a distância já era suficiente e tinha a certeza de que já não estava com o rosto vermelho, Laura foi juntar-se à família.

- O sr. Fury beijou-lhe a mão, mãe - comentou Kayla. - Como nos filmes.

- Ele estava apenas a ser engraçado. - Laura pegou num copo de limonada para aliviar a garganta ressequida. - Esteve a contar-me que vocês as duas vão muito bem nas aulas de equitação.

Embora o seu estômago ainda estivesse aos pulos, ela tirou um pedaço de maçã.

- Acho que ele está a gostar tanto das aulas quanto vocês.

- Até que são boas.

Ali simulou desinteresse, mas estudou a mãe por detrás dos olhos semicerrados. O beijo na mão não lhe parecera uma brincadeira. E a mãe tinha uma flor nos cabelos.

- O Michael acha que as duas estão a sair-se muito melhor do que apenas bem.

- Tu também devias voltar a montar, Laura.

Exultante com o progresso, Margo mordeu um pedaço de queijo. Aquele beijo na mão não fora mesmo uma brincadeira. Pelo contrário, parecera perfeito.

- vou pensar nisso.

Como tinha vontade de observar Michael a subir pela encosta, de volta à Casa Templeton, Laura olhou deliberadamente para oeste, contemplando o

mar.

Ela não conseguia dormir. A exaustão parecia não fazer qualquer efeito. Laura queria acreditar que aquilo lhe estava a acontecer porque a noite estava tão clara e cheia de estrelas, que seria uma pena desperdiçá-la. Mas sabia que eram os sonhos que a mantinham afastada da cama.

Começara a sonhar com Michael. O conteúdo dos sonhos, os seus pormenores explícitos, deixava-a ao mesmo tempo chocada e espantada.

com alguma concentração, podia controlar os seus pensamentos durante o dia. Mas como podia controlar o que lhe aflorava à cabeça nos sonhos?

Eram muito... sexuais. "Eróticos" era uma palavra muito branda, muito formal, para o que ocorria durante o sono.

Devia ser capaz de aceitá-los, rir deles, até partilhá-los com as amigas. Mas não podia fazer nenhuma dessas coisas. Pura e simplesmente, reflectiu ela, enquanto vagueava pelo jardim silencioso, porque não fizera nenhuma daquelas coisas que o seu subconsciente andava a criar.

Aquele sexo rude, suado e animal era muito diferente dos sonhos da adolescência... com excepção de alguns sonhos dispersos e chocantes que tivera naquele tempo em relação a Michael. "Foram aberrações hormonais", Laura assegurou a si própria, "não desejos." E era melhor esquecê-los. De qualquer forma, a maioria dos seus sonhos fora suave e sugerira-lhe um amor, em todas as suas formas, sempre terno e doce. Não havia roupas rasgadas, mãos brutais ou gritos frenéticos de prazer nas suas inocentes fantasias.

"Muito menos", pensou ela, com uma careta, "na realidade do meu casamento."

Peter nunca rasgara as suas roupas, nunca a puxara para o chão, nunca a levara a gritar. Muito e muito tempo antes, ainda fora terno e doce. Depois tornara-se desinteressado. Laura assumira a culpa por isso, por ser inibida de mais, muito ingénua, talvez rígida de mais para lhe inspirar o desejo impensado. Era mais fácil aceitar - e talvez começar a perdoar - a infidelidade de Peter, agora que ela conhecia essas necessidades mais tenebrosas.

Agora que essas necessidades tenebrosas tinham despertado nela.

Mas sonhar com sexo desvairado e agir de acordo com os sonhos ainda eram duas coisas muito diferentes. Ela enfiou as mãos nos bolsos do casaco, inspirou profundamente o ar da noite, tentando que lhe esfriasse os pensamentos antes de ir para a cama.

Não procuraria Michael. Quer fosse por cobardia ou por sabedoria, o facto é que não iria até ele. Michael encontrava-se além do seu alcance, decidiu Laura, enquanto atravessava o caramanchão e contemplava o estábulo escuro, com o nevoeiro na base. Ele era ao mesmo tempo muito perigoso e imprevisível para uma mulher com as suas responsabilidades.

E, apesar dos anos em que ele fora amigo de Josh, ela não o conhecia bem. E com certeza não o compreendia. Não podia arriscar-se.

Portanto, seria aquilo para que fora criada: uma mulher forte, que compreendia e cumpria as suas obrigações. Preencheria a sua vida com os dons que afortunadamente recebera: as filhas, o lar, a família, os amigos, o trabalho.

Não precisava de mais nada. Nem mesmo em sonhos.

Ela viu a luz acender no apartamento por cima do estábulo. Como um voyeur surpreendido a espiar, apressou-se a recuar para as sombras. Será que Michael também estaria a sonhar? com ela? Será que os sonhos o deixavam irrequieto, ansioso e confuso?

Enquanto pensava, ela viu-o passar a correr pela porta, com os cabelos a esvoaçar. As botas ressoaram nos degraus quando ele desceu e entrou no estábulo.

Laura permaneceu parada onde estava, por mais um momento, indecisa. Mas havia algo de errado. Um homem como Michael Fury não corria em pânico por nada. E ele era um inquilino na Casa Templeton, lembrou-se Laura. E ela era uma Templeton.

A autodefesa não podia prevalecer contra o dever. Laura correu apressadamente pela relva, com o luar a persegui-la.

Havia luzes acesas dentro do estábulo. Laura protegeu os olhos contra a claridade, mas não o viu. Hesitou de novo, perguntando-se se não devia ir embora. E foi nesse instante que ouviu a voz de Michael emitindo palavras suaves e ininteligíveis. Mas a preocupação era evidente. Laura avançou pelo corredor largo e espreitou para dentro da baia.

Michael estava ajoelhado ao lado de um animal, com os cabelos caídos para a frente, como uma asa negra, a cobrirem-lhe o rosto. A t-shirt estava amarrotada e revelava os braços musculosos, com o brilho de uma cicatriz esbranquiçada por cima do cotovelo esquerdo. Ela viu as mãos de Michael, grandes e bronzeadas, a afagarem gentilmente os flancos inchados da égua.

Laura ainda teve um momento para pensar que nenhuma mulher à beira

do parto poderia querer mais em termos de conforto amoroso, mas em seguida entrou na baia, ajoelhando-se ao lado dele.

- Ela vai ter uma cria. Calma, querida. - Numa reacção instintiva, Laura colocou-se junto da cabeça da égua. - Está tudo bem...

- É sempre de madrugada. - Michael soprou os cabelos da frente dos olhos.

- Eu ouvi-a lá de cima. Acho que estava atento mesmo durante o sono.

- Já chamaste o veterinário?

- Não deve haver necessidade. Ele disse que estava tudo bem, na última vez que a examinou. - com um gesto impaciente, ele tirou um lenço do bolso de trás das calças. - O que é que estás aqui a fazer?

- Andava no jardim. Está tudo bem, pequenina... - Laura ajeitou a cabeça da égua no seu colo. - Vi a luz acender-se lá em cima, e depois desceste a correr. Achei que podia ser alguma coisa grave.

- Vai correr tudo bem. - Mas era a primeira cria de Darling, e ele sentia-se tão impaciente quanto um pai que anda de um lado para o outro na sala de espera da maternidade. - Podes ir deitar-te. Este tipo de coisa não costuma ser complicado, mas a sujidade é enorme.

Laura ergueu as sobrancelhas, com uma expressão divertida nos olhos claros e brilhantes.

- A sério? E eu que não sabia nada acerca disso. Afinal, só passei pelo parto duas vezes. E, quando a cegonha chegou, foi muito educada e asseada.

A atenção voltou a concentrar-se na égua, quando uma nova contracção começou.

- Calma, calma... Vamos aguentar firmes, querida. Ele não percebe nada disto, não é? - murmurou Laura, enquanto a égua revirava os olhos cheia de dores. - É apenas um homem. Vamos deixá-lo experimentar... isso, experimentar uma única vez, e depois veremos o que ele tem a dizer.

- Acho que já me contaram. - Dividido entre a preocupação e o riso, Michael coçou o queixo. - Devia sair daqui e pôr-me a andar de um lado para o outro lá fora? Tenho de ir ferver água, comprar charutos?

- Podes sair e fazer um café. Vai demorar bastante.

- Posso tratar de tudo, Laura. Já fiz isso antes. Não tens de ficar aqui.

- Mas eu vou ficar - declarou ela, decidida. - E gostava de tomar um café.

- Está bem.

Quando Michael se levantou, Laura reparou que ele tivera tempo de puxar o fecho das calças de ganga, mas não para abotoá-las. com mais de quinhentos quilos de égua em trabalho de parto, não havia tempo para ela ficar com água na boca. Laura tornou a olhar para a égua, um tanto às cegas.

- Quero o meu puro, por favor.

-Já volto. - Michael parou na entrada da baia. - Obrigado. Bem que preciso da ajuda... e da companhia. Ela é especial.

- Eu sei. - Os lábios de Laura desmancharam-se num sorriso quando ela o fitou. -Já tinha percebido. Mas não te preocupes, papá. Vais estar a distribuir charutos pela manhã. Ah, Michael, como é que ela se chama?

- Darling... - O embaraço não condizia com ele, mas Michael encolheu os ombros. - Ela é uma Darling, a minha querida.

- Também acho.

Laura continuou a sorrir, enquanto as botas se afastavam pelo corredor do estábulo, murmurando para si mesma:

- E, para minha grande surpresa, também és um homem querido.

CAPÍTULO 9

NÃO foi exactamente como ele imaginara passar a noite com Laura.

Quando se permitia pensar nisso - e fazia-o com frequência - as circunstâncias eram muito diferentes.

Mas lá estavam os dois, suados, exaustos e unidos.

Ela tinha mais vigor do que Michael calculara. Encontravam-se ali há quase quatro horas, a égua levantava-se para andar, depois tornava a deitar-se, transpirando sempre enquanto passava da primeira para a segunda fase do trabalho de parto.

Laura não perdeu o vigor. E, enquanto o café começava a deixar tensos os nervos de Michael, ela mantinha-se calma como um lago.

- Porque não vais dar uma volta, Michael?

Ela sentava-se no feno, à vontade, com os braços em torno dos joelhos e os olhos fixos na futura mamã.

- Estou bem.

Ele franziu a testa, enxugando a égua. Como prendera os cabelos atrás, Laura podia ver os seus olhos sem qualquer dificuldade.

- Estás um caco, Fury.

Ele tinha consciência disso, mas não gostava que lho dissessem. Os seus olhos assumiram uma expressão sombria ao desviarem-se para Laura.

- Já fiz isto dezenas de vezes.

- Mas não com a Darling. E ela está a aguentar-se muito melhor do que tu.

Michael soltou um grunhido. Relaxou um pouco, o tempo suficiente para esticar as costas.

- Nunca vou compreender porque uma coisa tão básica demora tanto tempo. Como é que vocês suportam?

- Uma mulher nesta posição não tem muitas opções - comentou Laura, sarcástica. - E uma pessoa concentra tudo o que está a acontecer no seu corpo. Dentro do seu corpo. Nada mais existe. Guerras fomes, terremotos. Não são nada em comparação com o que estamos a passar.

- Acho que tens razão. - Michael fez um esforço para relaxar, para lembrar-se que a natureza em geral sabia o que fazia. - Na primeira vez que

ajudei uma égua a ter uma cria, pensei na minha mãe. Reflecti que devia ter sido mais tolerante com ela. Preferia que me arrancassem a língua a ter de passar por aquilo.

- Na verdade, é mais parecido com repuxarem o teu lábio inferior por cima da cabeça, até alcançar a nuca.

Ela riu quando Michael empalideceu.

- Obrigado pela imagem.

"Faz-lhe bem conversar", decidiu Laura. E tinham tempo até as águas de Darling rebentarem.

- A tua mãe mudou-se para a Florida, não foi?

- Sim. Foi com o Frank. É o tipo com quem ela casou há cerca de dez anos.

- Gostas dele?

- É difícil não gostar do Frank. Ele vai com a onda e consegue virar a correnteza a seu favor sem o menor esforço. Estão bem um para o outro. A minha mãe encontrou nele tudo o que queria num homem.

- O divórcio foi difícil para ti?

- Não. Foi difícil para ela.

Distraído, Michael pegou numa haste de feno, revirando-a entre os dedos. Depois, para divertimento de Laura, estendeu-lha, como fizera com as flores.

- Suponho que nunca é fácil. O divórcio.

- Não sei porquê. Se alguma coisa não dá certo, ponto final. O meu pai enganava-a desde o início, nunca se deu ao trabalho de esconder. Mas ela não desistiu. Uma coisa que também nunca entendi.

- Não há nada de misterioso em querer manter um casamento.

- Há, quando o casamento é uma mentira. Ele passava duas noites seguidas sem voltar para casa, depois aparecia. A minha mãe discutia, atirava-lhe coisas, mas ele limitava-se a encolher os ombros e sentava-se à frente da televisão. Até que um dia não voltou.

- Nunca mais?

- Nunca mais tornámos a vê-lo.

- Sinto muito, Michael. Eu não sabia.

Embora as suas mãos continuassem a afagar a égua, a atenção de Laura estava concentrada nele.

- Não teve importância para mim. Ou pelo menos não muita. Michael

encolheu os ombros. - Mas ela ficou desesperada e furiosa, o que tornava difícil a convivência. Não passei muito tempo em casa durante dois anos. Saía sempre com o Josh, levava a sr.a Sullivan à loucura, pois ela pensava que eu ia corrompê-lo.

Laura recordava-se. E recordava-se muito bem, agora que se permitia, daqueles olhos melancólicos e perigosos. E da sua reacção.

- Os meus pais sempre gostaram de ti.

- Eles eram sensacionais. Foi uma revelação para mim observá-los, observar-te e ver tudo o que acontecia na Casa Templeton. Um mundo completamente diferente para alguém como eu.

E o mundo que ele descrevia era diferente para Laura.

- Lembro-me que a tua mãe casou outra vez.

- Ela passou a viver com o Lado quando eu tinha dezasseis anos. Odiava aquele sacana. Sempre pensei que ela o escolheu porque era o oposto do meu pai. Ele era relaxado, mau e invejoso. E dispensava muita atenção à minha mãe. - Os olhos de Michael tornaram-se sombrios com a recordação.

- Costumava bater-lhe.

- Oh, meu Deus! Ele batia na tua mãe?

- Ela sempre negou. Eu chegava a casa e encontrava-a com um olho roxo, o lábio rasgado. Ela inventava alguma desculpa esfarrapada sobre tropeçar ou esbarrar numa porta. E eu não insistia.

- Eras apenas uma criança.

- Não, não era. - Os olhos tempestuosos de Michael fixavam-se nela. - Nunca fui uma criança. Aos dezasseis anos, já vira e fizera mais do que tu em toda a tua vida. O que não me incomodava absolutamente nada.

- Parece-te que sim? - Laura sustentava o olhar dele. - Ou impedia-te de te sentires desamparado?

Só?

Michael balançou a cabeça.

- Talvez as duas coisas. Mas a verdade é que a sr.a Sullivan sempre teve a ideia certa. Eu era uma má companhia. Se o Josh não fosse quem era, nós dois podíamos ter acabado num reformatório. Ou pior. O Josh foi o grande responsável por eu não ter ido por maus caminhos.

- Tenho a certeza de que ele agradeceria essa declaração, mas creio que tu mesmo também tiveste alguma coisa a ver com isso.

Pela primeira vez em meses, Michael experimentou um desejo intenso

de fumar. Até apalpou os bolsos, antes de se lembrar que essa parte da sua vida fora encerrada.

- Sabes porque fui para a marinha mercante? -Não.

- Então, vou contar-te. Uma noite voltei tarde para casa. Bebera um pouco nos penhascos, com o Josh e mais dois tipos. Tínhamos dezoito anos, éramos idiotas, e eu roubara uma caixa de seis garrafas de cerveja ao Lado. Sentia-me um pouco tonto e alegre quando entrei em casa. Lá estava ele, aquele desgraçado enorme e gordo, a dar socos na minha mãe, porque ela não mantivera o seu jantar quente ou alguma outra porcaria qualquer. Não o deixaria escapar impune dessa vez. Pensei que era meu dever protegê-la. E ataquei-o.

Distraído, ele passou um dedo pela cicatriz por cima do olho. A atenção de Laura desviou-se por um instante, mas logo voltou a fitá-lo nos olhos.

- O Lado era maior, mas eu era mais jovem e ágil, já estivera envolvido em muitas rixas de rua. E dei-lhe uma tareia. Continuei a bater-lhe, mesmo depois de ele já estar caído, a sangrar, inconsciente. Já nem sentia as minhas próprias mãos a acertarem-lhe no rosto. Eu tê-lo-ia matado, Laura, é a pura verdade. Continuará a esmurrá-lo até que morresse... e não me arrependeria.

Laura não podia imaginar, não estava preparada para isso. Mas achava que podia compreender.

- Querias proteger a tua mãe.

- No início, sim, mas depois só queria matá-lo. Era o que havia dentro de mim. E tê-lo-ia matado se ela não me contivesse. Enquanto eu estava em cima dele, a minha mãe estendeu as mãos para defender o rosto magoado e ensanguentado do Lado, e disse-me para ir embora.

- Michael...

- Ela disse-me que eu não tinha o direito de interferir. Disse uma série de coisas nesse sentido. Por isso, fui-me embora e deixei-a com o Lado.

- Ela não estava a falar a sério. - Como podia uma mãe, qualquer mãe, virar-se contra o seu próprio filho? Era impossível absorver essa noção. - Ela estava transtornada, assustada e magoada.

- Eu sei que ela estava a falar a sério, Laura. Naquele momento, a minha mãe queria mesmo que eu me fosse embora. Mudou de ideias mais tarde. Livrou-se do Lado e recuperou o controlo da sua vida. E conheceu o Frank. Nessa altura, porém, eu já me tinha ido embora. Sabes para onde fui naquela noite em que saí de casa?

-Não.

- Fui para a Casa Templeton. Não sei porquê. Encontrei a sr.a Williamson na cozinha. Ela tratou de mim, limpou-me as feridas. Conversou comigo, escutou-me. E deu-me biscoitos. - Michael respirou fundo e esfregou as mãos sobre o rosto. Não sabia que tanto daquela noite ainda persistia na sua mente. - É bem provável que ela me tenha salvo a vida. Não sei o que teria feito se não a tivesse encontrado ali. Ela disse que eu devia tornar-me alguém na vida. Não me disse que eu tinha de fazer uma escolha, ou que as minhas opções eram estas e aquelas. Disse-me apenas: "Rapaz, tens de te tornar alguém na vida."

- A sr.a Williamson sempre gostou de ti, Michael.

E ele merecia, reflectiu Laura agora. Merecia conforto, cuidado e compreensão. Um pobre menino perdido.

- Ela foi a primeira mulher que amei.

Michael pegou noutra haste de feno. Para reprimir a vontade de fumar, mastigou a ponta. Se soubesse o que Laura pensava a seu respeito, não acharia divertido. Pelo contrário, ficaria consternado.

- E talvez a última mulher - acrescentou ele. - Ela disse-me para ir até ao estábulo. Depois subiu para chamar o Josh. Ficámos os dois a conversar a noite inteira, sentados no estábulo. Cada vez que eu falava em cometer alguma loucura, o Josh dissuadia-me com a sua lógica fria de advogado. No dia seguinte alistei-me na marinha mercante. E continuei aqui, no estábulo, até embarcar.

- Aqui? Ficaste aqui? O Josh nunca me contou.

- Talvez ele já compreendesse a importância do sigilo profissional a que um advogado está obrigado. Sempre compreendeu a amizade. A sr.a Williamson trazia-me comida. Ela e o Josh foram as únicas pessoas que me escreveram durante a minha ausência. Foi ela quem me avisou que a minha mãe se separara do Lado. Tenho a impressão de que a sr.a Williamson foi visitá-la. Nunca lhe perguntei.

Michael sacudiu a cabeça, sorrindo.

- Os biscoitos da sr.a Williamson foram a minha ponte para a fama no navio. Uma vez por mês chegava uma caixa cheia de biscoitos. Um dia perdi a camisa a jogar póquer e apostei os biscoitos dela. Tive um flush.

- Ela gostaria de saber disso. - Laura resolveu correr o risco. Inclinou-se sobre o pescoço da égua e tocou na mão de Michael. - Alguém que a sr.a

Williamson toma sob sua protecção merece-o com toda a certeza. Ela reconhece os tolos e não os apoia. És um bom homem, Michael.

Ele estudou-a e percebeu a vantagem que tinha nos seus olhos.

- Eu podia deixar-te pensar dessa maneira e levar-te mais depressa para a cama. - Michael sorriu. - Não sou um bom homem, Laura, mas sou honesto. Conte-te um aspecto da minha vida que só mais duas pessoas conheciam porque acho que tens o direito de saber no que te estás a meter.

-Já decidi, por diversas razões, que não me vou meter em coisa alguma.

- Acabarás por mudar de ideias. - Ele mudou de posição e assumiu uma expressão presunçosa. - Todas mudam.

E foi nesse instante que se rebentaram as águas, encharcando tudo em redor.

- Chegou o momento! - anunciou Michael, com os nervos tensos. - Segura a cabeça dela, Laura.

Ela teve um sobressalto. A fadiga, o estado quase de sonho para o qual resvalara enquanto Michael falava, tudo se desvaneceu num fluxo de adrenalina.

O primeiro jorro de fluido não a alarmou. Era um processo natural, tal como os relinchos queixosos da égua faziam parte do todo. Um processo pelo qual ela já passara. Embora a égua revirasse os olhos de dor e medo, Laura sabia que ela própria ansiava por repetir a experiência.

Laura tratou de se concentrar na tarefa imediata, obedecendo às ordens lacônicas de Michael sem questioná-las, mas dando também algumas instruções.

- Vai ser agora. Aguenta-te firme, Darling. Já está quase a terminar. - Michael estava ajoelhado no sangue e no fluido amniótico, trabalhando tanto quanto a égua. As pernas dianteiras, compridas e finas, apareceram. - Temos de dar-lhe uma ajuda, virá-la um pouco.

Onde estava a cabeça da cria?

- Continuas a segurá-la?

- Claro que sim. - O suor escorria para os olhos de Laura. Despacha-te. Ela está exausta.

- Já vai sair. - Michael estendeu as mãos ao longo das pernas escorregadias, para virar e facilitar o parto. Encontrou a cabeça, junto das pernas dianteiras. - Vamos, Darling, só mais um pouco. Só mais um pouco.

- Oh, meu Deus! - Agora havia lágrimas misturadas com o suor no rosto

de Laura, enquanto o potro saía. - Aí está ele!

Assim que a cabeça emergiu, Michael removeu a membrana do focinho. O potro estava húmido, ainda ligado pelo cordão umbilical. Apesar da vontade de puxá-lo de uma vez, fazer tudo o que era necessário, Michael esperou com Laura enquanto o potro se livrava da membrana, e o cordão se rompia, como a natureza determinava.

Durante algum tempo não se ouviu qualquer som na baía, a não ser a respiração da égua, que voltou a normalizar-se, e o seu primeiro relincho de satisfação, baixinho, ao compreender que tivera uma cria.

- Ele é lindo... - murmurou Laura.

- Ela. - com um sorriso, Michael removeu o suor do seu rosto. Temos aqui uma menina, Laura. Uma linda menina. Que Deus a abençoe, Darling. Vê a tua cria.

A égua olhou para ela. com o instinto maternal, levantou-se e começou a limpar a potrinha.

- É sempre maravilhoso - comentou Laura, recuando para não interferir com o vínculo entre mãe e filha. - Não ficaste desapontado por não ser um garanhão, Michael?

- Ela não tem quatro pernas e um rabo? E a mesma cor da mãe.

- Parece que não te sentes desapontado. - Laura riu, deliciada com a expressão de alegria atordoada de Michael. Estendeu a mão, num gesto formal. - Os meus parabéns, papá.

- Nada disso!

Exultante, Michael puxou-a para o seu colo, beijando-a com todo o ardor.

Laura ficou ofegante nesse mesmo instante. E tonta. E fraca. Estavam cobertos de suor e sangue, atordoados por causa da noite passada em claro. O feno por baixo tornara-se imundo, o ar em redor era sufocante.

E os dois uniam-se em esperança e glória.

Michael queria apenas partilhar com ela a sua exuberância inebriante; agradecer, à sua maneira, por ter feito parte daquele momento. Mas mergulhou em Laura, mergulhou na necessidade, no calor, nos braços e pernas macios que o seguravam como se ela estivesse suspensa à beira de um penhasco e ele fosse a sua única salvação.

Ele estava a murmurar qualquer coisa, uma confusão de pensamentos delirantes, que atulhavam a sua cabeça. A mão subiu pela anca de Laura, e foi

cobrir um seio, possessiva. Ela mexeu-se, arqueou o corpo, gemeu.

- Calma...

Michael usou o mesmo tom paciente e tranquilizador que assumira com a égua em trabalho de parto. Mas os seus dentes mordiscaram o queixo de Laura, roçaram pela veia que pulsava na sua garganta, impossibilitando o cumprimento da ordem.

- Não posso... - Não posso respirar. Não posso pensar. Não posso afastar-me. - Michael...

Atordoada, Laura comprimiu o rosto contra a garganta de Michael.

- Não posso...

Mas ele podia, pensou Michael, enquanto o desejo aumentava, dolorosamente. Ele podia e queria mais. Só que fora infeliz na escolha do tempo e do lugar. Laura passara a noite a seu lado, lembrou-se. Aproveitar-se agora, como ele começava a fazer, apenas provava que até um homem honesto podia carecer de integridade.

- Eu não estava a querer uma sessão de sexo no feno... - Michael manteve um tom descontraído, apesar do muito que lhe custava. Relaxa.

com todo o cuidado para manter as mãos gentis, ele virou-a e acrescentou:

- Olha para ali. A nossa menina já está a crescer.

As mãos que Laura cruzara no colo relaxaram devagar, enquanto observava a potra fazer um esforço para levantar-se. Depois de alguns tombos cómicos, ela conseguiu ficar de pé.

- Tu... - Laura esfregou as palmas com vigor nos joelhos, a fim de atenuar a comichão. - Já escolheste um nome para ela?

- Não. - Michael torturou-se um pouco ao sentir o perfume dos cabelos de Laura. - Porque não escolhes tu?

- Ela é tua, Michael.

- Trouxemo-la ao mundo os dois juntos. Que nome é que lhe queres dar? Laura tornou a encostar-se a ele e sorriu. A potrinha já aprendera a mamar.

- Tive uma égua quando era pequenina. Chamava-se Lulu. - lulu?

Ele riu-se e comprimiu o rosto contra os cabelos de Laura. Ela fechou os olhos, sentindo o coração acelerado.

- Cavalguei-a pelas colinas e nos meus sonhos.

- Então será Lulu.

Michael levantou-se e puxou-a.

- Estás pálida. - Ele passou um polegar pelo rosto de Laura, quase como se esperasse que fosse através de um nevoeiro. - Quanto mais a manhã se aproximava, mais frágil parecias. E mais eu queria tocar-te.

- Não serei capaz de dar-te o que tu queres.

- Não sabes o que é que eu quero. Se soubesses, não me deixarias chegar a menos de um quilómetro da Casa Templeton. Mas, como agora estamos os dois cansados de mais para eu explicar, é melhor ires dormir um pouco.

- vou ajudar-te a limpar a sujidade.

- Não te preocupes. Posso fazer tudo sozinho. Não estou assim tão cansado, Laura, e tu és demasiado tentadora. Vai-te embora.

- Está bem.

Laura saiu da baia e olhou para trás. Ele estava a esticar-se: um homem alto e esguio, vestido de preto, com as calças de ganga bem justas, abertas na cintura. Tudo o que era feminino nela se agitou. E ansiou.

- Michael...

- O que é?

"Ele tem os olhos raiados de sangue", reparou Laura. "Por causa do cansaço." Mas ainda assim focaram-na de uma maneira que fez o sangue dela ferver.

- Nunca ninguém me desejou da maneira como tu pareces querer-me. Não sei como me sinto ou o que fazer quanto a isso.

Os olhos exaustos tornaram-se ardentes.

- Não é a dizeres esse tipo de coisa que vou começar a desejar-te menos.

Rápido como uma serpente, e igualmente mortífero, Michael estendeu a mão e agarrou-a pela blusa, puxando-a até os lábios se encontrarem, com toda a força. Quando a largou, ela cambaleou para trás, com os olhos turvos de excitação e pânico.

- Vai-te embora, Laura. Não estás segura aqui.

Ela deixou o estábulo, zonzinha, e enfrentou a claridade da manhã. Sentia o corpo dorido, a mente confusa. Levantou a mão trémula e passou as pontas dos dedos pelos lábios inchados. Podia senti-lo ali. O gosto do Michael.

Enquanto se encaminhava para a Casa Templeton, ela olhou para trás e perguntou-se se queria realmente continuar segura. Sempre estivera segura, e nem por isso a sua vida fora um sucesso espectacular até agora. Por outro lado, tinha o pressentimento inquietante de que estava a pensar com as hormonas e não com a cabeça. Era como se sentia agora, uma enorme

hormona, pulsando sem parar.

Era uma experiência nova, e Laura não tinha a certeza se queria explorá-la mais a fundo.

Antes que pudesse chegar a uma conclusão, entrou na cozinha... e a confusão começou.

-Oh, meu Deus! Menina Laura!

Ann correu para ela. Enquanto Laura se engasgava, em choque, foi abraçada com vigor, puxada para trás, afagada, empurrada para uma cadeira à mesa da cozinha.

- O que é que ele fez consigo? Aquele monstro, aquele filho do demónio! Onde está magoada, minha querida? - com os olhos desvairados, Ann alisava os cabelos desgrehados de Laura, e acariciava-lhe o rosto pálido. - Eu sabia que haveria problemas com alguém como ele por aqui, mas nunca imaginei... vou matá-lo. Juro que vou matá-lo com minhas próprias mãos!

- Como? Quem?

- Ela está em choque, sr.a Williamson. A pobre coitada. Vá buscar o conhaque.

- Calma, sr.a Sullivan, calma.

- Como posso ter calma? Está a ver o que ele fez com a nossa menina Laura?

Depois de limpar as mãos no avental, a cozinheira deixou o fogão.

- O que aconteceu, querida?

- Eu digo-lhe já o que é que aconteceu! - interrompeu Ann, a luz da vingança brilhando como uma espada nos seus olhos. - Aquele homem apareceu aqui, foi isso! Qualquer pessoa pode ver que ela tentou resistir. Ele vai pagar... e vai pagar muito caro. Quando eu acabar com o Michael Fury, não restará muita coisa para raspar da sola de um sapato.

- Michael? - Talvez fosse a fadiga, pensou Laura, vagamente. Não acabara de deixar Michael? - O que é que ele fez?

com os lábios contraídos numa linha fina, Ann sentou-se, pegando nas mãos de Laura.

- Não tem de se sentir envergonhada. Nem preocupada. Não foi culpa sua.

- O que é que não foi culpa minha? - indagou Laura.

- Ora, querida... - "Obviamente, a pobre menina está a tentar bloquear o

horror do que ocorreu", pensou Ann. - Vamos tirar-lhe as roupas e verificar a gravidade do seu estado. Rezo para que o sangue nas roupas seja dele.

- Sangue? - Laura baixou os olhos para a blusa de algodão e para as calças compridas. - Não acredito!

Ela soltou uma gargalhada. Estava tudo a ficar claro.

- O conhaque, sr.a Williamson. Vá buscar o conhaque.

- Não, não, não. - Laura fez um esforço para se controlar. Segurou Ann, antes que a governanta pudesse sair para executar a sua vingança. - O sangue não é meu, Annie. Nem do Michael. A potrinha.

Ela deixou escapar um soluço e fez um esforço para se controlar.

- Estive a noite toda a ajudar o Michael a fazer o parto a uma égua.

- Então foi isso.

Satisfeita, a sr.a Williamson voltou para o fogão.

- Uma cria? - A suspeita ainda faiscava nos olhos de Ann. - Estava no estábulo a ajudar uma égua a ter uma cria?

- Isso mesmo. Uma linda potrinha. - Laura suspirou, tentada a encostar a cabeça na mesa e mergulhar no sono. Cada gota de adrenalina fora consumida, deixando-a totalmente exausta. - Ficou tudo uma porcaria, Annie. Imagino que o Michael e eu damos a impressão de termos saído de uma rixa num bar.

- Ha? - Abalada e mortificada, Ann levantou-se. - vou buscar um café.

-Já tomei todo o café que o meu organismo pode suportar pelos próximos dois anos. - Ela respirou fundo e pegou nas mãos de Ann.

- Estou surpreendida consigo, Annie. O Michael não me faria mal algum.

- Eu já lhe disse que aquele menino tem ouro por dentro - interveio a sr.a Williamson. - Mas acha que ela ouviu?

- Posso reconhecer um canalha quando o encontro.

- Esse canalha passou a noite preocupado com uma égua. Passa o tempo livre a ensinar as minhas filhas a andar a cavalo. É gentil para com elas, sempre atencioso. E, pelo que vi do estábulo e dos seus animais, trabalha mais do que dois homens juntos.

Ann lembrou-se da maneira como a pequena Kayla correria para ele, a reacção descontráida de Michael. Mas empinou o queixo. Sabia o que sabia.

- Um leopardo não muda as manchas.

- Talvez não, mas um homem pode mudar. Se tiver essa oportunidade.

Independentemente daquilo que a Annie sente em relação a ele, o Michael, neste momento, faz parte da Casa Templeton.

Laura levantou-se com dificuldade, esfregando os olhos.

- Agora preciso de um chuveiro e um pouco... - Quando baixou as mãos, o seu olhar incidiu sobre o relógio do fogão. - Oh, meu Deus, já são sete e meia? Como podem ser sete e meia? Tenho uma reunião às nove horas. As meninas já se levantaram?

- Não se preocupe com as meninas - declarou Ann. - vou certificar-me de que elas se vestem e que as vão levar à escola esta manhã. E agora cancele a reunião, menina Laura, e vá dormir.

- Não posso. É uma reunião importante. vou mandar as meninas vestirem-se e tomo um duche rápido. Posso deixá-las na escola a caminho do trabalho. Trate do pequeno-almoço delas, Annie, por favor.

- Não vai comer nada, menina Laura? Mas Laura já se afastava apressada.

- Bebo só um café, obrigada. Não tenho tempo.

- Bebeu de mais... - A sr.a Williamson riu-se, enquanto continuava a bater a massa para os gofres. - Se continuar assim, vai cair de cansaço em pouco tempo. Anote as minhas palavras.

E ela não se importaria se um certo canalha a encontrasse quando ela caísse. Não se importaria nem um pouco.

- A menina Laura não devia passar a noite inteira acordada a preocupar-se com os problemas de outra pessoa.

- Eu sei que a senhora é uma boa mulher, sr.a Sullivan, mas é também tão teimosa quanto meia dúzia de mulas em determinadas questões. E, enquanto anota as minhas palavras, aposto um mês de salário como muito em breve estará a mudar de ideias.

- É o que veremos, não é? - Irritada, Ann serviu o café de Laura e preparou-se para levá-lo. - Aquele rapaz é sarilho na certa.

- Se é mesmo - disse a sr.a Williamson -, então é o tipo de sarilho com que uma mulher sonha. Eu bem que gostaria de ter tido mais desses sarilhos na minha vida.

Enquanto Ann deixava a cozinha, com um ar de dignidade ofendida, a sr.a Williamson cantarolava uma alegre melodia.

Não se podia dizer que ela não acreditasse que uma potrinha nascera naquela noite. Mas Ann Sullivan preferia ver com os próprios olhos.

Seguiu para o estábulo, carregando relutante o cesto com bolinhos que a sr.a Williamson lhe entregara. Se dependesse dela, Michael Fury não continuaria a comer da cozinha da Casa Templeton por muito tempo.

Primeiro, deu uma olhadela no apartamento de cima, franzindo o rosto ao notar a pintura esmerada e recente. "Está só a tentar insinuar-se, mais nada", pensou Ann. "Está a mostrar-se útil e simpático até poder semear a destruição." Michael Fury podia enganar toda a gente, menos a ela.

Ann entrou no estábulo, algo que evitara fazer desde a chegada de Michael. A surpresa foi a sua primeira reacção. O lugar estava arrumado como uma sala de visitas, exalava a feno e cavalos, um cheiro que nada tinha de desagradável. Ela teve um sobressalto quando Max esticou a cabeça para fora da baia e esbarrou no seu ombro, como uma saudação.

- Bolas, és grande como uma casa! - Mas os olhos gentis do cavalo fizeram-na sorrir. Depois de olhar para trás, para ter certeza de que não era observada, Ann afagou o focinho sedoso. - E és também muito bonito. És tu que fazes aqueles truques todos de que as meninas passam a vida a falar?

- É um deles.

Quando Michael saiu de outra baia, Ann baixou a mão e criticou-se por não ter olhado com mais atenção.

- Quer que ele faça uma demonstração?

- Não, obrigada. - Empertigada, Ann aproximou-se. - A sr.a Williamson mandou-lhe alguns bolinhos.

- A sério?

Michael pegou na cesta e escolheu um bolinho. O vapor elevou-se quando ele deu uma trincadela. Teve vontade de chorar de gratidão.

- Aquela mulher é uma deusa - comentou ele, de boca cheia. Não creio que esteja a fazer de Capuchinho Vermelho, sr.a Sullivan, a trazer bolinhos para o lobo.

- Estou a ver que conhece bem os contos infantis. Ela foi atacada pelo lobo, uma menina inocente, quando ia para a casa da avó.

- Aceito a correcção.

Como ela o irritava tanto quanto ele a irritava a ela, Michael tornou a entrar na baia, a fim de terminar de medicar a égua lactante e a sua cria.

- É uma bonita égua.

- É mesmo. E a cria também. Tiveste uma longa noite, não foi, Darling?

A baia não dava a impressão de ter sido o cenário de um parto

prolongado e difícil. A palha estava limpa, mãe e cria estavam bem tratadas e escovadas. Como transcorrera apenas uma hora desde que Laura entrara na cozinha, o rapaz não perdera tempo.

-Também teve uma longa noite, sr. Fury, pelo que fui informada. Fico surpreendida de que não esteja na cama a ressonar.

- vou deitar-me assim que terminar por aqui. Antes tenho de alimentar os cavalos e dar-lhes água. - Como sabia que isso a irritaria, Michael olhou para trás, sorrindo. - Não me quer dar uma ajuda?

- Tenho os meus próprios deveres a cumprir. Você trata da sua casa. - E tudo indicava que ele tratava muito bem, admitiu Ann. Hábitos asseados sempre mereciam o seu respeito, mas... - Aparentemente não teve qualquer problema para abusar da menina Laura, fazendo-a passar a noite inteira aqui.

Certo de que mãe e cria estavam bem agora, Michael contornou o corpo rígido de Ann e começou a arrumar a ração.

- Não abusei de ninguém.
- Aquela rapariga precisa de dormir.
- É o que ela está a fazer agora.
- A menina Laura foi para Monterey.

A pá parou no meio de um movimento, a ração escorreu, quando ele se virou para Ann.

- Isso é um absurdo. Ela passou a noite inteira acordada.
- Tinha um compromisso esta manhã.
- Ela estava exausta.
- Eu sei perfeitamente.

Ann surpreendeu-se por ele estar tão aborrecido.

- Que estupidez! - Michael largou a pá. - Ela podia tratar das unhas ou arranjar os cabelos noutra ocasião.

- Arranjar os cabelos? Tratar das unhas? - Revoltada, Ann pôs as mãos nas ancas. - Se é o que pensa que a menina Laura foi fazer, então a estupidez é toda sua. Ela foi trabalhar no hotel. E de tarde-vai trabalhar na loja. Ao fim do dia, se ainda conseguir manter-se de pé, depois de você a ter feito passar a noite inteira acordada com a sua égua, ela ainda vai tratar das filhas e...

- Ela é dona do hotel - protestou Michael. - E da loja. Imagino que os dois se aguentariam bem se ela tirasse um dia de folga.

- A menina Laura leva as suas obrigações muito a sério. E tem as filhas para criar, não é? As mensalidades da escola, roupas e comida, contas a

pagar.

- Os Templeton não trabalham por um salário.

- A Laura Templeton trabalha. Acha que ela vive à custa da família? Acha que ela correria a chorar para os pais depois de aquele desgraçado lhe ter tirado todo o seu dinheiro?

- Mas do que é que está a falar?

- Como se você não soubesse. - Ann soltou agora uma gargalhada desdenhosa. - Como se todo o mundo em Big Sur e Monterey, até mesmo em Carmel, não soubesse que aquele homem esvaziou as contas bancárias conjuntas, além de se apropriar de todos os investimentos comuns, de todo o património, antes do divórcio.

- Ridgeway... - Os olhos de Michael faiscaram, sinistros, perigosos, como espadas prontas para a batalha. - Porque é que ele não está já morto?

Ann respirou fundo. Em relação a esse aspecto, pelo menos, podia concordar até com um canalha. Mas já dissera mais do que tencionava.

- Não me compete a mim falar sobre essas coisas com um palafrenero.

- Não sou palafrenero nenhum, e a senhora nunca pensou no que lhe competia ou não na altura de me criticar. Porque é que deixaram o Ridgeway escapar impune? O Josh podia impedi-lo. Os Templeton têm condições de crucificá-lo.

- É problema da menina Laura. É uma decisão dela. Ann cruzou as mãos e comprimiu os lábios.

- Não dá para perceber. - Ele levou a razão ao Max, que esperava pacientemente. - Ela tem o dinheiro da família para gastar. Tem a casa e os criados. Ninguém vive desta forma para preocupar-se com cêntimos.

Ann deixou escapar um grunhido desdenhoso.

- Os problemas financeiros da menina Laura não são da sua conta, Michael Fury. Mas, se pensa em envolvê-la para extorquir-lhe algum dinheiro, terá de procurar noutras bandas.

Ela era capaz de reconhecer uma fúria implacável num homem quando a via; e podia reconhecer também o rígido controlo que o impedia de extravasar essa fúria. Esperava dele a primeira coisa, mas nunca a segunda.

-Já estou avisado - murmurou ele, voltando a cuidar da comida dos cavalos.

Ann fez menção de falar de novo. Fora mágoa o que divisara por detrás da fúria? Não, ela recusava-se a acreditar nessa possibilidade num homem

como Michael. Ainda assim, mordeu o lábio, especulando como seria amargo o gosto das suas palavras se estivesse enganada.

- vou deixá-lo com o seu trabalho.

Depois de ela se ter retirado, Michael continuou a medir a ração, com precisão. Até que a pá saiu a voar das suas mãos, foi embater na parede do estábulo, com força suficiente para quebrar o cabo. Vários cavalos agitaram-se nervosos nas baias. Max parou de comer durante o tempo suficiente para olhar para o seu dono e estudá-lo.

- Porra! - resmungou Michael, erguendo as mãos para esfregar o rosto. - Tenho muito para fazer. Aquela mulher devia estar na cama.

Michael pegou na pá, tornou a atirá-la contra a parede. E saiu para ir buscar outra.

CAPÍTULO 10

POR volta das duas horas da tarde, Laura entrara numa nova fase de exaustão. Era quase agradável a maneira como ela parecia flutuar dois ou três centímetros acima do solo, a maneira como o ar ao seu redor parecia suave e macio.

Tivera a sua reunião com a organizadora da convenção dos escritores, discutira com sua equipa, pela última vez, os problemas do fluxo de hóspedes nos dois dias seguintes, conferira e tornara a conferir os pormenores com os encarregados do banquete, manutenção e transporte, bufete e serviço de quartos, para além da equipa encarregue da arrumação dos quartos.

À uma hora da tarde abastecera-se com café e uma barra de chocolate, depois seguira para a Pretenses. O único bom momento do dia ocorrera quando uma Kate semi-histórica telefonara, no instante em que Laura saía do chuveiro, naquela manhã.

- Ficou cor-de-rosa! Estou grávida! Byron, põe-me no chão! Ouviste, Laura? vou ter um bebé!

Ela ouvira, riram juntas e choraram um pouco. Agora, Kate vagueava pela loja em estado de sonho.

- Que tal Guinevere se for uma menina? - especulou Kate. A família do Byron tem essa tradição de escolher nomes da literatura.

- Guinevere foi uma pessoa influenciável, de índole fraca - comentou Margo. - Teve um caso com o melhor amigo do marido. Mas se é o tipo de coisa que pretendes...

- Sempre gostei de Ariel - interveio Laura. - De A Tempestade. -Ariel De Witt...

Kate tirou do bolso um caderno de notas e apontou o nome. "Os nomes são muito importantes", pensou ela, "têm de ser considerados por todos os ângulos." O nome escolhido deveria soar certo, parecer certo. E ser sentido como certo. Havia sem dúvida um potencial em Ariel.

- Hum... Nada mal. - Ela guardou os óculos. - A Laura está outra vez a cabecear de sono.

- Não estou, não.

Surpreendida, ela ergueu a cabeça num movimento brusco e fez um

esforço para focar a vista. Elas estavam mesmo a conversar sobre o quê?

- Nomes - disse ela, muito depressa, como se fosse um programa de perguntas e respostas. - Nomes de mulheres da literatura para a menina. Mester, Juliet, Delilah.

- E o seu prémio pela resposta correcta é um sistema completo de home cinema. - Kate ergueu as sobrancelhas. - Gostaria de passar para a segunda fase e concorrer a uma viagem a Honolulu?

- Muito engraçado. - Laura resistiu a esfregar os olhos como uma criança irritada. - Gosto de Juliet.

- O nome será apresentado ao nosso distinto painel de júris. Laura, descansa um pouco antes de caíres de cara no chão.

- E, se alguém conhece bem as consequências de se esforçar de mais, é a nossa amiga grávida com a sua cara de felicidade - acrescentou Margo. - Porque não vais para a sala dos fundos e dormes um bocadinho?

Margo estudou Laura, que limpava uma peça de cristal, antes de acrescentar:

- Passar a noite com o Michael pode minar toda a energia de uma mulher.

Laura estremeceu e olhou em redor, a fim de verificar se havia alguma cliente a uma distância de onde fosse capaz de ouvir.

-Já te expliquei que estivemos a ajudar uma égua que teve uma cria, e não andámos a rebolar pela cama.

- O que só prova que as tuas prioridades estão distorcidas. Kate, acho que aquele cliente está prontinho para um pequeno empurrão.

Margo acenou com a cabeça para um homem que contemplava caixas de rapé. Enquanto Kate se afastava, ela murmurou:

- Ele está de olho em ti.

- O cliente?

- O Michael, Laura, o Michael. E, se não estás de olho nele também, devias ir ao teu oftalmologista.

- Não tenho tempo para... Está bem, talvez eu tenha olhado. Margo largou um copo para água Waterford e virou-se. "Estamos a fazer progressos", pensou ela. "Finalmente."

- E estás prontinha para um pequeno empurrão? Laura soltou um suspiro.

- Ele quer... Ele quer-me.

- Olha que grande surpresa!

-A sério. Ele disse-me isso. Assim mesmo. Como se reage a uma declaração dessas?

- Há diversas maneiras. E tenho a impressão de que já experimentei todas. - Margo bateu com um dedo no rosto. - Qual das manobras à la Margo preferes?

- Não estou à procura de nenhuma manobra. - Como os seus joelhos estavam bambos, Laura sentou-se no banco por detrás do balcão. - Margo, só dormi com um único homem em toda a minha vida. Fui casada com ele durante dez anos. Não conheço nenhuma manobra, não sei quais são os recursos possíveis, não tenho as respostas.

- Quer dizer, então, que não tens manobras preparadas? Isso até é bom para ti. Mas qualquer mulher tem alguns recursos, e acho que tu conheces certas respostas. Experimenta a seguinte pergunta: Tu sentes-te atraída por ele?

- Sim, mas...

- A resposta é sim - interrompeu-a Margo, com um olho fixo em duas clientes que contemplavam as jóias da vitrina na parede lateral.

- És uma mulher adulta, responsável, descomprometida, que se sente atraída por um homem adulto, atraente e descomprometido.

- Isso funciona com os coelhos.

- Também pode funcionar com as pessoas. Nunca há garantias, Laura. com certeza sabes disso. Podes sair magoada. Podes também ser feliz. Ou podes apenas fazer uma revisão geral.

Laura sacudiu a cabeça, rindo.

- O sexo sempre foi mais fácil para ti do que para mim.

- Não vou discutir, mas devo ressaltar que não me orgulho muito disso.

- Não tive intenção...

- Eu sei que não tiveste. Dormi com mais de um homem. Alguns eram casados. Às vezes significou alguma coisa, outras vezes não. Ela conseguia ignorar tudo agora, sem arrependimento ou recriminações, porque compreendia que cada acto cometido servira para levá-la ao ponto em que se encontrava agora. - Mas o Josh é o único que realmente importou.

- Porque vocês amam-se - murmurou Laura. - Não estamos a falar de amor entre mim e o Michael. É apenas uma questão de desejo.

- E qual é o mal?

- Normalmente até consigo apontar o mal, pelo menos até ele pôr-me as mãos em mim ou beijar-me.

Na perspectiva de Margo, isso era um excelente sinal.

- E depois?

- Depois, eu só o quero... e nunca senti tanto desejo. Tudo é ardente de mais, rápido de mais. - Laura mudou de posição, apreensiva... pois só de pensar a esse respeito já se agitava alguma coisa no seu corpo. - Não é confortável.

- Aleluia! - com uma gargalhada, Margo inclinou-se para ela. Surpreende-te a ti própria, Laura. Vai até ao estábulo uma noite destas e salta para cima dele.

- Era mesmo nisso que eu estava a pensar. Francamente, Margo, preciso de alguns conselhos sensatos que possa aproveitar!

- A sensatez é para os planos de reforma.

- Por favor... - Uma das clientes fez sinal. - Não se importa de me mostrar aquele alfinete?

- Claro.

Margo pegou nas chaves e dirigiu-se à vitrina.

- A art déco não é adorável? Esta peça é fabulosa. Encontrei-a numa venda de um espólio em Los Angeles. Disseram que pertenceu a Marlene Dietrich.

Laura olhou em redor, reprimindo um bocejo. Havia algum movimento, mas não chegava a ser muito grande. Talvez pudesse esgueirar-se para a sala dos fundos e dormir um pouco. Ela saiu do banco, encaminhou-se para uma cliente, a fim de perguntar se precisava de ajuda. Rezava para que a resposta fosse não. E foi nesse instante que a porta se abriu.

- Peter!

Ela estacou abruptamente.

- Liguei para o teu escritório no hotel. Informaram-me que te encontraria aqui.

- É normal estar a trabalhar aqui na Pretenses durante a tarde.

- Interessante...

Peter nunca estivera na loja. Deliberadamente, reprimira a sua curiosidade sobre o pequeno empreendimento comercial da ex-mulher. Agora que ali estava, olhou em redor, de uma forma lenta e avaliadora.

A descrição que Candy fizera da loja, como uma confusão de porcarias

em segunda mão, não era acertada. Mas também ele não esperava que fosse, compreendendo os sentimentos da sua noiva contra Laura e as suas sócias.

Por outro lado, não contava em deparar com uma loja encantadora, com uma clientela próspera, além do movimento de turistas. Não imaginara que se sentiria fascinado pelas vitrinas e que cobiçasse algumas mercadorias.

- E então? - Laura reconheceu a avaliação. - O que achas?

- Diferente, não é? Sem dúvida uma mudança de ritmo para ti. Peter tornou a fitá-la. "Continua serena e adorável", reflectiu ele.

Era estranho que nunca tivesse acreditado que Laura ou as suas amigas possuíssem a inteligência, os recursos e a imaginação para criarem algo tão atraente e bem-sucedido.

- Não é mais uma mudança de ritmo. - Laura recusou-se a permitir que a maneira como era contemplada por Peter a deixasse perturbada. - Agora é o único ritmo.

- Suponho que estás a gostar da distração.

- É um negócio, Peter, não uma distração. - Porque devia esperar que ele compreendesse a Pretenses? Nunca compreendera a esposa. Talvez ele se sentisse muito mais à vontade com a nova esposa que escolhera. - Duvido que tenhas vindo cá para escolher um presente para a Candy. Ela não gosta das nossas mercadorias, por uma questão de princípio.

- Vim conversar contigo.

Ele tornou a olhar em redor, reparou na escada em caracol e na varanda aberta. Avistou Margo, observando-o com uma expressão fria de aversão. Não era obrigado a tolerar o insulto silencioso da filha de uma criada.

- Não tens um escritório, uma sala particular que possamos usar?

- Aproveitamos a maior parte do espaço para as mercadorias. Havia o escritório, é claro, mas Laura não queria conversar com ele na loja; não deveria maculá-la com os seus problemas pessoais.

- Porque não damos uma volta lá fora? Margo, já volto.

- Se é isso que queres... - Margo sorriu para Peter. - Não te esqueças de dar as nossas lembranças à tua noiva, Peter. Eu e a Kate estávamos a comentar que tínhamos ficado deliciadas ao saber que encontraras o teu par ideal.

- Tenho a certeza de que a Candace achará os teus sentimentos... interessantes.

Laura limitou-se a sacudir a cabeça para Margo, a fim de evitar outro

comentário, mais incisivo.

- Não vou demorar.

Ela mesma abriu a porta, esperando que Peter saísse para a rua.

Ele não gostava de Cannery Row, nem do ambiente envolvente, que considerava ser típico de um parque de diversões. Era uma zona movimentada, barulhenta e inconveniente.

- Isto não é um ambiente privado, Laura.

Ela sorriu para as pessoas que passavam pela calçada, as famílias apressadas, o tráfego confuso.

- Não há nada mais privado do que uma multidão. - Sem perguntar o que ele preferia, Laura foi até à berma do passeio e esperou por uma pausa no tráfego. - Achamos que o local é privilegiado. Atraímos muitas pessoas que passam a caminho da doca de pesca, ou quando vêm de uma visita ao aquário.

Empurrando para trás os cabelos que a brisa desmanchara, ela começou a atravessar a rua, querendo ficar mais perto do mar.

- E é claro que é agradável poder fazer uma pausa de vez em quando, para contemplar o mar e alimentar as gaivotas.

- Não é possível manter uma empresa sonhando com o mar.

- Nós estamos a conseguir.

Laura debruçou-se numa grade de ferro e ficou a olhar para as ondas e para os barcos. Gaivotas circulavam no céu, até que fizeram uma menina desatar às gargalhadas quando pousaram, uma a uma à sua frente, atraídas pelo pacote de bolachas.

- O que é que queres, Peter?

- Falar sobre a Allison e a Kayla.

- Está certo. - Laura virou-se para ele, inclinando-se para trás. A Allison vai muito bem na escola. As notas são excepcionais. Tenho a certeza de que aprovarias. A Kayla tem alguns problemas com a matemática, mas estamos a trabalhar nisso.

- Não é o que eu...

- com licença, mas ainda não acabei. - Ela sabia que Peter não estava interessado, mas não podia conter o seu próprio entusiasmo.

- A Ali fez o papel de Clara na produção do Quebra-Nozes da sua turma de balé, em Dezembro passado. Ela estava linda e chorou depois, porque o pai não apareceu, apesar de ter prometido.

- Expliquei que tive um problema.

- Eu sei. A Kayla fez o papel de um dos ratinhos. Não se importou se tu estavas ou não presente. Acho que a Ali continuará com as aulas de balé. Mais um ano e deve estar a dançar em pontas. A Kayla tem perdido o interesse, mas a sua habilidade para o desenho melhora a cada dia.

Também estão a ter aulas de equitação com o Michael Fury. Ele está muito impressionado com as duas. A Kayla teve uma gripe há algumas semanas, mas não a deixou de cama por muito tempo. Ah, sim, comprei-lhes um cão e dois gatinhos.

Peter esperou um pouco.

- Já acabaste?

- Há muito mais, na verdade. São meninas activas, em pleno processo de crescimento. Mas isto cobre os pontos principais... por enquanto.

- Vim aqui na expectativa de uma conversa calma e civilizada, Laura, não para ouvir uma das tuas censuras.

- Nem cheguei perto de uma censura, Peter, mas posso atender o teu pedido. Ele mudou de posição, irritado quando alguém esbarrou nele.

- A Candy e eu vamos casar em Palm Springs daqui a oito semanas. A Allison e a Kayla devem comparecer.

- É uma exigência ou um convite?

- As pessoas vão contar com a presença das meninas. A Candy está a providenciar o comparecimento dos filhos. A rapariga que cuida deles vai levá-los para Palm Springs no dia anterior à cerimônia. A Allison e a Kayla podem viajar com eles.

"Muito civilizado", pensou Laura. "E muito frio."

- Suponho que queiras que elas sejam entregues pela empregada da Candy e devolvidas da mesma maneira.

- É o mais sensato... e mais conveniente.

- E não vai tomar nem um pouco do teu tempo. - Laura ergueu a mão antes que ele pudesse dizer qualquer coisa. - Desculpa. Estou cansada, sem muita paciência. Tenho a certeza de que as meninas ficarão satisfeitas por serem incluídas. Se falares com elas esta noite...

- Tenho outros planos. E não vejo a menor necessidade de repisar os pormenores.

Laura virou-se, contemplando mais uma vez o mar. Poderia reprimir os seus ressentimentos e conseguiria fazê-lo, tentaria mais uma vez proporcionar

à filha aquilo de que ela precisava.

- Peter, a Ali está muito magoada, muito confusa, muito assustada. Tu raramente a visitas ou telefonas. Ela sente-se abandonada.

- Já conversámos sobre isso, Laura. - E ele considerava-se infinitamente paciente por ouvir tudo de novo. - Tu quiseste o divórcio. Agora está feito, consumado. Houve tempo suficiente para ela se ajustar. E tenho de pensar na minha própria vida.

- Alguma vez pensas nas meninas?

Ele suspirou e consultou o seu Rolex. Podia dispensar outros dez minutos, não mais do que isso.

- Sempre esperaste mais do que eu julgava viável nessa área.

- Não são uma área, são crianças.

Laura virou-se e fez um esforço para não descarregar todo o seu ressentimento, toda a amargura. Fitou o rosto de Peter. "Tão bonito", pensou ela. "Tão frio, tão controlado. E tão perfeito."

- Tu não as amas, pois não, Peter? Nunca as amaste.

- Lá porque me recuso a mimá-las como tu fazes, isso não significa que não compreendo as minhas responsabilidades.

- Não foi isso que perguntei. - Surpreendida consigo própria, Laura pôs a mão no braço do ex-marido. - Estamos só nós os dois aqui, Peter. E nenhum dos dois tem qualquer coisa a perder nesta altura. Portanto, vamos ser honestos. Vamos pôr as coisas no seu devido lugar para podermos acabar com estas velhas discussões que não levam a lado nenhum.

- Mas és tu quem perpetua estas discussões - retorquiu, tentando refrescar a memória dela.

- Está certo, vamos acabar com isso. - Argumentar seria perda de tempo, ela advertiu, e cansativo de mais. - Eu só quero entender. É necessário. Não é mais uma questão do que sentiste ou não sentiste por mim, ou eu por ti.

Elas são crianças. Nossas filhas. Ajuda-me a compreender porque não as queres.

Por um momento, ele olhou para a mão no seu braço. Delicada. Peter sempre pensara que a delicadeza era atraente. O facto de que havia aço por baixo fora ao mesmo tempo desconcertante e decepcionante.

E talvez, se esclarecessem aquele assunto, ela suspendesse os seus constantes pedidos para que alterasse a sua agenda, a fim de atender às expectativas das meninas.

- Não sou um pai de presença constante, Laura. Não considero isso um defeito, mas apenas um facto.

- Está bem. - Embora o seu coração doesse, ela acenou com a cabeça. - Aceitarei isso. Mas tu és um pai, Peter.

- A tua definição desse termo e a minha são essencialmente diferentes. Cumpro as minhas responsabilidades. Tu recebes a pensão das crianças todos os meses.

O dinheiro era investido nos fundos para o curso universitário das meninas... os mesmos fundos que ele esvaziara antes do divórcio.

- É só isso? Um fardo financeiro, uma obrigação? Não há mais nada para ti, Peter?

- Não sou um pai muito envolvido. Nunca fui. Houve um tempo em que pensei que me sairia melhor se tivesse filhos varões. Porque os queria. - Ele abriu as mãos elegantes. - Mas a verdade pura e simples é que isso não importa agora. Não tivemos rapazes, e não quero mais crianças. Os filhos da Candy estão a ser bem tratados, são educados e não exigem a minha atenção. E não acredito que a Kayla e a Allison precisem disso também. Estão a ser bem criadas, num bom lar.

"Como caniches", pensou Laura, começando a sentir compaixão.

- A resposta é que tu não as amas.

- Não sinto a ligação que gostarias que eu sentisse. - Ele inclinou a cabeça para o lado. - Vamos ambos ser honestos, Laura. As meninas são mais Templeton do que Ridgeway. Mais tuas do que minhas. Sempre foi essa a verdade.

- Não precisava ser assim. Elas são lindas. Maravilhosas. Lamento muito que não possas aceitar o que elas te dariam.

- E eu diria que todos nós estamos melhor na situação actual. Fiquei zangado no início, quando insististe no divórcio. Furioso por teres-me custado o cargo que eu fizera por merecer na empresa Templeton. Nos últimos meses, porém, passei a compreender que isso era inevitável. Gosto do desafio de dirigir o meu próprio hotel. E, para ser franco, a Candace é mais o tipo de mulher que atende às minhas necessidades e natureza.

- Nesse caso, Peter, desejo que sejas feliz. com toda a sinceridade. - Laura deixou escapar um suspiro trémulo. - Queres realmente as meninas no casamento, ou é apenas uma formalidade?

- Se elas decidirem não ir, será muito simples apresentar as desculpas

apropriadas.

- Está certo. vou falar com elas, mas a decisão será delas.

- Espero ter uma resposta até ao final da semana. Se já terminámos, tenho uma reunião daqui a pouco. - Peter olhou para o outro lado da rua. com o clima entre os dois um tanto desanuviado, ele optou por ser magnânimo. - A loja é impressionante, Laura. Espero que tenha sucesso, por ti.

- Obrigada, Peter.

Ele virou-se para ir embora. As pessoas aglomeravam-se em redor, mas não tinham qualquer importância. Laura lembrava-se de uma noite mágica, com o luar filtrando-se por um caramanchão, a fragrância de flores e a promessa de um sonho.

- Alguma vez me amaste, Peter? Preciso de saber. Também tenho de pensar na minha vida.

Peter fitou-a, parado, com o mar por detrás de Laura, o sol brilhando nos seus cabelos, a pele pálida e frágil. Até as palavras saírem da sua boca, ele não tencionava dizer-lhe a verdade.

- Não, Laura, eu não te amava. Mas desejava-te.

Um coração podia partir-se novamente, pensou Laura, enquanto se virava e tornava a contemplar o mar. Podia partir-se muitas e muitas vezes.

No instante em que ela regressou à loja, Kate abordou-a.

- Para cima.

- Como?

Atordoadada de fadiga e angústia, Laura deixou-se levar para a escada em caracol.

- Vais subir e deitar-te.

- Mas estamos abertas. O quarto da roupa...

- Fica fechado o resto do dia.

No quarto, Kate empurrou-a para a colcha de cetim na cama enorme e ajoelhou-se para lhe tirar os sapatos.

- Vais deitar-te e desligar. Não te quero a pensar em nada. Absolutamente nada. Muito menos no que disse aquele canalha para deixar-te transtornada.

Era estranho, pensou Laura, que a sua visão estivesse cinzenta nas beiras, como uma tela a diminuir de tamanho.

- Ele nunca as amou, Kate. Acaba de me dizer isso mesmo. Nunca amou as minhas filhas. E nunca me amou.

- Não penses nisso. - Por compaixão, os olhos de Kate encheram-se de lágrimas. - Não te preocupes. Trata de dormir.

- Sinto pena dele. Pena de todos nós. Estou tão cansada...

- Eu sei, querida, eu sei. Deita-te agora. - Meticulosa como uma mãe galinha cuidando de um pinto doente, Kate alisou as cobertas sobre a amiga. - Dorme.

Ela sentou-se na beira da cama, pegando na mão de Laura.

- Eu costumava sonhar com a maneira como seriam as coisas. Tudo perfeito. Adorável.

- Não digas nada - murmurou Kate, enquanto a voz de Laura definhava.

- Sonha com outra coisa. Encontra um novo sonho.

- Ela adormeceu? - perguntou Margo à porta.

- Adormeceu. - Kate fungou e limpou o rosto. E pensou na criança no seu ventre. No homem que amava e com quem casara, um homem que adorava o bebê por nascer e que a adorava a ela. Odeio o Peter Ridgeway.

- Entra na fila. - Margo adiantou-se para pôr a mão no ombro de Kate. - Quando ela voltou à loja, parecia tão... abatida. Eu seria capaz de matá-lo por ter deixado a Laura com aquela expressão.

- Entra na fila - murmurou Kate. - Mas ela vai recuperar. Vamos certificar-nos de que isso acontece.

A mente de Laura ainda estava zonzinha de cansaço quando ela voltou para casa. Pensou por um instante num banho de imersão, quente e demorado, lençóis frescos e macios, um sono profundo. Mas precisava das filhas... e precisava delas desesperadamente.

Encontrou-as no estábulo, como já imaginara. Bongo saudou-a primeiro. Pôs-se a correr com a língua pendurada num sorriso. Derrapou para parar aos seus pés, sentou-se no instante seguinte e levantou uma pata.

- O que é isto? - Encantada, Laura baixou-se para apertar a pata estendida.

- Um cão treinado. Já vi que o Michael andou a ensinar-lhe truques. O que mais consegues fazer? Sabes deitar-te?

O cão deitou-se de bruços, fitando-a, à espera da aprovação... e do esperado biscoito.

- Ele sabe rebolar? Fingir-se de morto?

- Ainda estamos a trabalhar nisso. - Michael aproximou-se e, para alívio de Bongo, estendeu um biscoito, enquanto comentava para Laura: - É preciso

pagar sempre pelo espectáculo.

- As meninas devem estar encantadas.

- Elas é que estão a ensinar o Bongo a rebolar. E ele tem feito progressos. - Mas Michael observou as olheiras de Laura. - Acabas de chegar?

- Sim. Vim ver as meninas e dar uma olhada na potrinha. Como está ela?

- Muito bem, o que é mais do que posso dizer de ti. - A frustração e a irritação que Michael acumulara durante o dia inteiro explodiram agora em palavras rudes. - Ficaste louca, indo trabalhar o dia inteiro sem teres dormido? Podias ter adormecido ao volante e morrido na estrada.

- Tinha reuniões marcadas.

- Isso é uma loucura, Laura, pura loucura. O que está a acontecer aqui?

Que história é essa de deixar o Ridgeway ir-se embora com o teu dinheiro e precisares de dois empregos para pagar as contas?

- Fala baixo. - Ela olhou em redor, ansiosa. Ficou aliviada ao verificar que as meninas não se encontravam por perto. - Não sei com quem andaste a falar, mas não é da tua conta. E não quero que as meninas ouçam nada disso.

- Passa a ser da minha conta quando tu perdes uma noite de sono para me ajudar, depois apareces aqui como se fosse possível derrubar-te com um sopro descuidado. Pensei que ias passar o dia inteiro divertindo-te na loja, dormitando numa sala ou arranjando os cabelos.

- Pois enganaste-te, não foi? E não é problema teu, seja como for. Onde estão as meninas?

Ele vibrava de impotência, com a raiva de não ser capaz de ajudar ou evitar. Encolheu os ombros e virou-se.

- No cercado.

- Sozinhas?

Visões de calamidades afloraram à cabeça de Laura, enquanto corria pelo estábulo. Quando as viu, o medo transformou-se em choque. As suas filhas cavalgavam felizes em círculos, num par de pacientes cavalos.

- Ainda não as pus a saltar por arcos em chamas ou a dar saltos mortais - disse Michael, sarcástico. "Esta mulher", pensou ele, "é um livro aberto." - Isso fica para a semana que vem.

- Elas não são sensacionais? - A irritação com ele desapareceu quando Laura se agarrou ao braço dele, enquanto observava as filhas.

- A Ali está a trotar. E já tem um porte perfeito.

- Eu disse que ela era uma amazona natural. Kayla, os calcanhares para baixo.

As botas pequenas foram ajustadas nesse mesmo instante. Como o cão, a menina também olhou em busca de aprovação.

à - Mãe! Olhe só, mãe, já sei montar!

- E muito bem! - Emocionada, Laura foi até à cerca e apoiou um pé na travessa inferior. - Vocês as duas são fabulosas.

De cabeça erguida, Ali aproximou-se a trote, fazendo a montada parar de uma forma graciosa.

- Esta é a Tess. Ela tem três anos. O sr. Fury diz que é uma boa saltadora e que vai ensinar-me.

- Ela é linda, Ali. E ficas ainda mais linda montada nela.

- É por isso que a quero. Posso comprá-la com o meu dinheiro. Tirar da minha poupança. - Os olhos contraíram-se em desafio. - É o meu dinheiro.

"Se ainda existisse", pensou Laura, cansada. Peter tirara tudo, juntamente com os fundos para a universidade. E ela não conseguira repor as perdas.

- Um cavalo é uma tremenda responsabilidade, Ali. Não é só a compra, mas também a manutenção.

- Temos o estábulo. - Ela pensara muito a esse respeito, há dias que sonhava com isso. - Posso alimentá-la, pagar o feno com a minha mesada. Por favor, mãe.

Agora uma dor de cabeça intensa assomava no meio do nevoeiro da fadiga.

- Ali, não posso pensar a sério sobre isso neste momento. Vamos esperar um pouco e...

- Então vou pedir ao pai. - Ali empinou o queixo, com os lábios a tremer. - vou telefonar-lhe e pedir-lhe.

- Claro que podes ligar quando quiseres, mas ele não tem nada a ver com isso.

- A mãe tinha um cavalo quando era pequena. Tinha tudo o que quisesse, mas diz-me sempre para esperar. Nunca percebe quando alguma coisa é importante. Não compreende nada.

- Pensa o que quiseres. Mas não vou discutir contigo agora. Como ia desmoronar, já podendo sentir as primeiras fissuras aumentando, Laura virou-se e afastou-se.

- Sai do cavalo, Ali. - Michael segurou as rédeas quando os olhos furiosos da menina se encontraram com os seus. - Desmonta. Agora.

- Ainda não terminei a minha aula.

- Já terminaste, sim. E agora vais receber outra lição.

No instante em que Ali pisou no chão, ele passou as rédeas por um poste da cerca, depois pegou nela e sentou-a ao seu lado, para que os seus olhos ficassem ao mesmo nível.

- Pensas que tens o direito de falar com a tua mãe dessa maneira?

- Ela não me ouve...

- Não... tu é que não a ouves e não percebes nada. Mas eu ouvi. Queres saber o que ouvi? - Ele ergueu o queixo de Ali quando ela baixou a cabeça.

- Ouvi uma pirralha mimada e ingrata a ser malcriada para a mãe.

Os olhos lacrimejantes arregalaram-se com o choque.

- Não sou uma pirralha.

- Pois então acabas de fazer uma boa imitação. Pensas que podes estalar os dedos e teres o que quiseses? Ou teres um ataque se isso não acontecer? Ou se não fores atendida com a rapidez que desejares?

- O dinheiro é meu! - declarou Ali, veemente. - Ela não tem nenhum direito...

- Errado. Ela tem todos os direitos. A tua mãe acaba de chegar do trabalho, exausta, para que tu tenhas uma boa casa e comida na mesa. Para que possas ter as tuas aulas particulares e frequentar uma escola de luxo.

- Sempre morei aqui. Ela não precisa de trabalhar. Só gosta de sair de casa todos os dias.

- Abre os olhos. - "Uma coisa que eu próprio devia ter feito antes", pensou Michael. - Já tens idade suficiente e és inteligente para perceber o que a tua mãe está a fazer.

As lágrimas começaram a escorrer.

- Ela divorciou-se do pai. Obrigou-o a ir-se embora.

- Penso até que ela agiu dessa maneira só para te fazer sentir infeliz.

- Você não compreende. Ninguém compreende.

- Não digas asneiras. Compreendo muito bem. É por isso que não vou dar-te uma tarefa.

- Não pode bater-me! Michael inclinou-se para a frente.

- Queres apostar?

A mera ideia era tão chocante, tão inacreditável, que Ali fechou a boca,

apertando- a com toda a força.

- É melhor assim. - Ele balançou a cabeça. - A égua não está à venda para ti.

- Mas, sr. Fury...

- E não serás bem-vinda ao estábulo enquanto não pedires desculpas à tua mãe. E, se algum dia fores outra vez malcriada com ela, podes ter a certeza de que vais apanhar.

Michael pegou nela e colocou-a no chão. Ali cerrou os punhos junto ao corpo.

- Não pode obrigar-me a fazer o que quer que seja. É apenas um inquilino aqui.

- Quem é maior? - Tranquilo, ele pegou na égua que estava à espera. - E neste momento, menina Ridgeway, está na minha casa.

- Eu odeio-o. - Saiu com um soluço abafado, mas mesmo assim foi veemente. - Odeio toda a gente.

Ali afastou-se a correr, enquanto Michael afagava a égua.

- Eu sei qual é a sensação.

- Gritou com ela!

Michael estremeceu. Virou-se para Kayla, ainda montada, com os olhos arregalados e uma expressão fascinada. Ele esquecera que tinha uma audiência.

- Nunca ninguém grita com a Ali. A mãe gritou duas ou três vezes, mas disse sempre depois que se arrependia.

- Não estou arrependido. Ela mereceu.

- Ia mesmo dar-lhe uma tarefa? - Os olhos cinzentos faiscavam. Bateria em mim se eu fosse má?

Havia uma ansiedade tão pungente na pergunta, que Michael se comoveu. Tirou-a da sela, segurando-a com firmeza.

- Era capaz de te arrancar o couro. - Ele deu uma palmadinha no traseiro de Kayla. - Passarias uma semana sem te conseguires sentar.

- Eu adoro-o, sr. Fury. O que fizera ele?

- Também te adoro, Kayla.

Era a primeira vez, compreendeu Michael, divertido, que dizia essas palavras a uma mulher em toda a sua vida.

- Fui muito duro com ela.

A imagem do rosto infeliz de Ali destacou-se na sua mente. E o

sentimento de culpa envolveu o seu coração.

- Sei para onde ela foi. Vai sempre para lá quando está zangada. Devia deixar a menina sozinha, disse Michael para si mesmo.

Não devia envolver-se ainda mais. Não devia... Chega!

- Vamos até lá.

CAPÍTULO 11

COM a raiva e a vergonha fazendo o seu coração palpitar, Ali correu pelo relvado, atravessando o caramanchão de glicínias. Ninguém a compreendia, ninguém se importava com ela. Esses pensamentos martelavam a sua cabeça desesperada, enquanto descia pelo caminho de pedra, através dos hibiscos e dos jasmims que desabrochavam à noite.

Ela também não se importava, não queria mais saber de qualquer coisa ou qualquer pessoa. Nada poderia fazer com que se importasse de novo.

Passou pelos teixos que formavam uma arcada para alcançar um recanto salpicado pelos raios de sol, com bancos de mármore e uma fonte no centro, com o formato de lírios.

A corrida impetuosa terminou com as suas botas a derraparem no chão. E com um choque.

Era o seu lugar, para onde vinha quando precisava ficar sozinha. Para pensar, planejar, descarregar o seu mau humor. Não sabia que a mãe também vinha para cá. Os penhascos eram o lugar especial da mãe. Mas deparou-se-lhe Laura ali, sentada num banco de mármore. A chorar.

Ali nunca vira a mãe chorar, não daquela forma. Não com as mãos a cobrirem o rosto e os ombros a tremer. Não com soluços tão intensos, desamparados e angustiados.

Aturdida, ela ficou imóvel, observando a mulher, que sempre acreditara ser invencível, a soluçar, como se o poço do sofrimento nunca mais fosse secar.

"Por minha causa", pensou Ali com a respiração ofegante. "Por minha causa."

- Mãe...

Laura ergueu a cabeça abruptamente. Levantou-se de um pulo, tentando recuperar o controlo. Não conseguiu. Abalada, tornou a sentar-se no banco, demasiado cansada, magoada e abatida para lutar.

- Não sei mais o que fazer. Simplesmente não sei mais. E não aguento mais.

Pânico, vergonha, emoções que ela não compreendia, afloraram com tanta intensidade, que Ali aproximou-se e foi abraçar a mãe antes que ela

pudesse mexer-se.

- Desculpa, mãe, desculpa...

Sob a arcada, Kayla apertou a mão de Michael.

- A mãe está a chorar... e a chorar muito...

- Eu sei. - Abalava-o ver aquilo, ouvir os soluços, saber que não havia nada que pudesse fazer para interrompê-los. - Mas tudo vai acabar bem, Kayla.

Ele pegou na menina ao colo, comprimiu o rosto contra o seu ombro, enquanto acrescentava:

- Elas só precisam descarregar, mais nada. Vamos deixá-las a sós.

- Não quero que a mãe chore - balbuciou Kayla, enquanto se afastavam.

- Também não quero, mas às vezes ajuda.

Ela inclinou-se para trás, sabendo que Michael a seguraria firme.

- Você também chora às vezes?

- Em vez disso, faço coisas estúpidas de homem. Digo palavrões, parto coisas.

- E isso faz com que se sinta melhor?

- Na maioria das vezes.

- Podemos partir alguma coisa agora? Michael sorriu. Ah, que personalidade!

- Claro. Vamos procurar uma coisa boa para partir. Mas eu encarrego-me de dizer todos os palavrões.

Lá atrás, Laura abraçava a filha, embalando-a. E confortar, como sempre, proporcionava conforto.

- Está tudo bem, Ali, está tudo bem...

- Não me odeie.

- Eu nunca podia odiar-te. Não importa o que aconteça. - Ela levantou o rosto molhado de lágrimas da filha, sentindo-se sufocada de amor, culpa e pesar. A sua primogénita. O seu tesouro. - Eu amo-te, Allison. Amo tanto, que nada podia jamais fazer-me mudar.

- Deixou de amar o pai.

O coração de Laura tornou a estremecer. Porque tinha de ser tão difícil?

- É verdade, mas isso é diferente, Ali. Sei que não é fácil compreender, mas é muito diferente.

- Sei porque ele se foi embora. - Ali fez um esforço para se controlar. Fizera a mãe chorar. Sabia que nenhuma outra coisa que fizesse podia ser

pior. - Foi por minha culpa.

- Não foi, não. - com as mãos firmes, Laura pegou no rosto de Ali. - Podes ter a certeza de que não foi culpa tua.

- Foi, sim. Ele não gostava de mim. Tentei ser boa. Queria ser. Queria que o pai ficasse e nos amasse. Mas ele não me queria, e por isso foi-se embora.

"Porque é que não percebi isto antes?", especulou Laura. "Porque é que a conselheira familiar não percebeu? Porque é que ninguém percebeu?"

- Isso não é verdade, Ali. As pessoas divorciam-se. É triste e lamentável, mas acontece. O teu pai e eu divorciámo-nos por causa dele e por minha causa. Sabes que não te minto, Ali.

- Mente, sim.

Aturdida, Laura inclinou a cabeça para trás, num gesto brusco.

- O que é que queres dizer com isso, Ali?

- Não mente exactamente, mas inventa desculpas, o que é a mesma coisa. - Ali mordeu o lábio, com pavor de que a mãe chorasse de novo. Mas tinha de dizer. - A mãe sempre arranjou desculpas para o pai. Disse que ele queria vir para o recital, mas tinha uma reunião importante. Queria levar- nos ao cinema, ao jardim zoológico, ou a qualquer outro lugar, mas tinha de trabalhar. Só que não era verdade. Ele não queria ir. Não queria levar- me.

Oh, meu Deus, como é que tentar proteger a filha podia causar tantos danos?

- Não era por tua causa. Nem por ti, Ali, nem pela Kayla. Juro que isso não é verdade.

- Ele não me ama.

Como Laura podia responder? O que era certo? Ela afagou os cabelos desalinhados de Ali, rezando para que as suas palavras fossem correctas.

- Pode ser difícil para ti compreender, mas algumas pessoas não foram feitas para serem pais ou mães. Talvez gostem de ser, ou queiram tornar-se, mas não conseguem. O teu pai nunca teve a intenção de magoar-te a ti ou à Kayla.

Ali sacudiu a cabeça, devagar.

- Ele não me ama. - Uma pausa e ela acrescentou, em voz baixa:

- Nem à Kayla. Nem à mãe.

- Se ele não te ama da maneira como gostarias, a culpa não é tua. Não é por nada que tenhas feito. Também não é culpa dele, porque...

- Lá está a mãe outra vez a arranjar desculpas. Laura fechou os olhos.
- Está bem, Allison. Sem desculpas.
- Sente-se arrependida por eu ter nascido?

Os olhos de Laura abriram-se nesse mesmo instante.

- O quê? Arrependida? Oh, Allison! - Essa parte pelo menos era tão fácil quanto respirar. - Quando eu era pequena, pouco mais velha do que tu, costumava sonhar que um dia me apaixonaria e casaria. Teria um lar, lindas crianças para povoá-lo. E vê-las-ia a crescer.

Laura tinha os lábios contraídos agora, enquanto afastava os cabelos do rosto húmido da filha.

- Nem todo esse sonho se realizou do modo como eu queria, mas tive a melhor parte. E a melhor parte do sonho, a melhor parte de minha vida, são tu e a Kayla. Nada no mundo poderia ser mais verdadeiro do que isso.

Ali removeu uma lágrima do rosto.

- Não estava a falar a sério quando disse aquelas coisas.
- Eu sei.
- Disse-as porque sabia que a mãe nunca se iria embora. Não importava o que eu fizesse, nunca se iria embora.
- Tens razão. - Sorrindo, Laura roçou um dedo pela face da filha.
- Terás de me aturar.
- Eu sentia-me mal. Queria que fosse culpa sua. - Ali teve de engolir em seco, antes de poder continuar. - Ele foi para a cama com outra mulher?

"E quando já começavas a pensar que estava tudo resolvido", reflectiu Laura, com um sobressalto.

- Onde ouviste isso?
- Na escola. - O rubor espalhou-se pelo rosto de Ali, mas os olhos mantiveram-se firmes. - Algumas das meninas mais velhas falaram disso.
- Não é uma coisa que tu... ou as meninas mais velhas... devam comentar.

- Mas foi. - Ali balançou a cabeça e levantou-se, deixando no banco uma parte pequena e adorável da sua infância. - O que está errado. Ele magoou- a, e a mãe teve de mandá-lo embora.

- Houve muitas razões para que eu pedisse o divórcio, Ali. - "Vai com cuidado", advertiu-se Laura, enquanto o seu coração ansiava por fazer desaparecer aquela expressão adulta de mais dos olhos da filha.

- Nenhuma delas é apropriada para tu ou as tuas amigas discutirem.

- Estou a conversar consigo, mãe - disse Ali, uma declaração para a qual Laura não tinha resposta. - Não foi culpa minha. Também não foi culpa sua. Foi culpa dele.

- Tens razão, a culpa não foi tua, Ali. Mas duas pessoas fazem um casamento. E duas pessoas desfazem-no.

"Nem sempre", pensou Ali, estudando a mãe.

- A mãe foi para a cama com outro homem?

- Não, claro que não... - Laura parou de falar, consternada por estar a discutir a sua vida sexual com uma menina de dez anos. Allison, essa pergunta é totalmente imprópria.

- Enganar alguém também é impróprio. Cansada de novo, Laura esfregou a testa.

- Tu ainda és jovem de mais para julgar, Ali.

- Isso significa que às vezes é certo enganar?

Certeira. Certeira pela lógica implacável e os valores admiráveis de uma menina de dez anos.

- Não, não é.

- Ele também levou o nosso dinheiro, não foi?

- Não acredito! - Laura levantou-se. - Mexerico não é uma boa coisa... e isso é irrelevante.

"Agora já compreendo", pensou Ali, "as gargalhadas das outras meninas, as conversas murmuradas dos adultos. E todos os olhares de pena."

- Por isso é que teve de ir trabalhar fora.

- O dinheiro não tem nada a ver com o caso. - Laura recusava-se a permitir que tivesse. - Fui trabalhar porque queria. Abri a loja porque queria. Os Hotéis Templeton sempre foram parte da minha vida. A Margo e a Kate também. Trabalhar é, às vezes, difícil, outras vezes, cansativo. Mas faz com que eu me sinta bem... e sou boa no que faço.

Ela respirou fundo, procurando o ângulo certo.

- Sabes, como quando ficas cansada depois de um longo ensaio para uma apresentação? Mas tu adoras; e, quando te correu bem, quando sabes que te saíste bem, sentes-te forte e feliz.

- Isso não é uma desculpa?

- Não. - Laura tornou a contrair os lábios. - Podes ter a certeza de que não é uma desculpa. E, para ser franca, estou a pensar em pedir um aumento ao meu chefe no hotel. Sou muito competente.

- O avô daria o aumento.
- Os Templeton não passam por cima da cabeça dos outros.
- Posso ir um dia ao hotel para a ver trabalhar? Gosto de ir à loja, mas nunca fui ao seu gabinete no hotel.

- Eu gostaria muito. - Laura aproximou-se e passou a mão pelos cabelos da filha. - Nunca é cedo de mais para começar a treinar a próxima geração na empresa Templeton.

Calma de novo, Ali encostou a cabeça no peito de Laura.

- Eu adoro-a, mãe.

Há muito tempo que Laura não ouvia essas palavras. "Há passarinhos a cantar no jardim", percebeu ela. E o murmúrio da pequena fonte era musical. O ar era ameno, ela tinha a filha nos seus braços.

Tudo estava bem.

- Não vou mais portar-me mal, nem armar-me em pirralha mal-educada, nem dizer coisas que a façam chorar.

"Claro que vais", pensou Laura. "Afinal, és uma menina a crescer."

- E eu vou tentar não arranjar desculpas. Sorrindo, Ali levantou a cabeça.

- Mas ainda assim não vou gostar da sr.a Litchfield, e nunca irei chamá-la de mãe.

-Acho que posso conviver com isso. - com um brilho malicioso nos olhos, Laura baixou-se. De mulher para mulher. - vou dizer uma coisa, só entre nós duas. Também não gosto dela.

Ela passou um dedo pelos lábios de Ali, antes de acrescentar:

- Já nos sentimos melhor agora?

- Claro. Mãe, as pessoas disseram que o nosso lar foi destruído. Mas estão enganadas. Isso não aconteceu.

Laura passou o braço em torno da filha e olhou sobre os jardins para a Casa Templeton.

- É verdade, não aconteceu. Ainda temos um lar, Ali.

Não era fácil para uma rapariga com muito orgulho dar o primeiro passo. Embora a perturbasse, mantendo-a acordada por uma boa parte da noite, Ali não contara à mãe o que Michael lhe dissera. Ou como se sentira.

Não sabia o que a mãe faria ou diria, mas sabia que, ao fazer-se uma coisa errada, era preciso repará-la.

Ela levantou-se cedo, vestiu-se para a escola. Saiu pela porta lateral para

evitar perguntas. O velho Joe estava lá naquela manhã, cantarolando para as suas azáleas. Ali contornou cautelosamente aquela parte do jardim e seguiu para o estábulo.

Ensaïara o seu discurso, e orgulhava-se do que planeava dizer. Pensava que era maduro, distinto e inteligente. Tinha a certeza de que o sr. Fury acenaria com a cabeça, impressionado com as suas palavras.

Ela parou por um momento, observando os cavalos no cercado. O que significava que ele devia estar a limpar as baias. Ali tentou não se sentir angustiada ao contemplar Tess, pensando como seria montá-la e escová-la, oferecer as maçãs que a égua tanto apreciava.

A mãe podia ter-se esquivado a falar de dinheiro, mas Ali sabia, com a sua nova sabedoria, que comprar e manter um cavalo seria de mais para o orçamento familiar.

Além do mais, não tencionava pedir ao sr. Fury.

Ele gritara com ela, repreendera-a, ameaçara dar-lhe uma tareia. O que era inadmissível.

De cabeça erguida, ela entrou no estábulo. Todos os cheiros que começara a amar encontravam-se ali. Feno e ração, cavalo e couro. Conseguia lembrar-se de como Michael a ensinara a lavar a sela e os arreios e a escovar um cavalo. Como a pusera na sela pela primeira vez. E como a elogiara.

Ali mordeu o lábio. Nada disso importava. Ele insultara-a.

Ela ouviu o som da pá. Foi para a extremidade do estábulo, onde Michael enchia um carrinho de mão com palha suja e estrume.

- com licença, sr. Fury.

A sua voz tinha um tom altivo. Ela ficaria surpreendida se soubesse que era muito parecida com a voz da mãe.

Michael olhou para trás, admirando a menina no vestido azul impecável e com elegantes ténis italianos.

- Levantaste-te cedo. - Pensativo, ele apoiou-se na pá. - Não tens escola hoje?

- Ainda tenho tempo antes de sair.

Ali olhou para o relógio e cruzou as mãos. Os gestos eram tão parecidos com os de Laura, que Michael teve de fazer um esforço para não sorrir.

- Querias dizer-me alguma coisa?

- Sim, senhor. Quero pedir desculpas por ter sido mal-educada e por ter

causado uma discussão de família na sua presença.

"A pequena Menina Dignidade", pensou Michael, "com o queixo a tremer e tudo."

- Desculpas aceites - murmurou ele, voltando ao trabalho.

Ele devia pedir desculpas agora. Afinal, era a maneira certa de encerrar um mal-entendido. Como Michael não disse nada, ela franziu o sobrolho.

- Acho que o senhor também foi mal-educado.

- Não fui, não. - Michael terminou de encher o carrinho, equilibrou a pá contra a parede da baia e segurou nos varais. - Acho melhor saíres da frente, ou vais sujar o teu vestido.

- Gritou comigo, chamou-me nomes. Ele inclinou a cabeça.

- Aonde estás a querer chegar?

- Devia dizer que está arrependido.

Michael soltou os varais e esfregou as mãos nas calças de ganga.

- Acontece que não estou. Mereceste.

- Não sou uma pirralha. - Toda a dignidade de Ali desmoronou-se. - Não disse a sério aquelas coisas. Não pretendia fazer a mãe chorar. Ela compreende. E não me odeia.

- Eu sei que ela compreende. Ela ama-te. Uma criança que conta com uma mãe assim ao seu lado tem tudo. E fazer força para perdê-la é uma tremenda burrice.

- Nunca mais faço isso. Agora já compreendo melhor. compreendo uma série de coisas. - Ela removeu uma lágrima. - Pode dar-me uma sova, se quiser, e não conto nada a ninguém. Não quero que me odeie.

Michael agachou-se e fitou-a com um olhar longo e firme.

- Vem cá.

Trémula, apavorada com imagens de humilhação e dor, Ali aproximou-se. Quando ele a segurou, ela abafou um grito de alarme... e ficou atordoada ao descobrir-se abraçada.

- És mesmo uma rapariga firme e determinada. Ele cheirava a cavalos.

-Sou?

- Engolir o orgulho é terrível. Eu sei. E fizeste um bom trabalho. Espantada, ela apertou-o com força. Era como o avô, ou o tio Josh, ou o tio Byron. Mas diferente, apenas um pouco diferente.

- Já não estás zangado comigo?

- Não. Tu estás zangada comigo?

Ela sacudiu a cabeça. As palavras saíram apressadas, atropelando-se:

- Quero voltar a montar cavalos, por favor. Quero voltar e ajudar, a dar-lhes comida, a escová-los. Eu disse à mãe que me arrependi, que não vou voltar a ser malcriada. Não me obrigue a ficar longe daqui.

- Como é que eu conseguia fazer tudo o que há aqui para fazer sem a tua ajuda? E a Tess já está com saudades tuas.

Ali fungou, dando um passo para trás.

- É verdade? Jura?

- Talvez tenhas tempo de dizer-lhe um olá antes de ires para a escola. Mas vais querer livrar-te disso.

Ele tirou um lenço do bolso. Ali, experimentando a emoção de ter as suas lágrimas enxugadas por um homem pela primeira vez apaixonou-se nesse mesmo instante.

- Ainda me vai dar aulas de equitação e ensinar a saltar?

- Estou a contar com isso. - Ele estendeu a mão. - Amigos?

- Sim, sr. Fury.

- Michael. Os meus amigos chamam-me Michael.

Michael nunca entrara no Templeton Monterey. Embora tivesse crescido ali perto, isso não era tão estranho assim. Afinal, nunca tivera necessidade de ir para um hotel na área; e, se precisasse, o Templeton estaria além das suas posses.

Estivera no resort, pois a sua mãe trabalhara lá. Portanto, sabia o que esperar. Por outro lado, reflectiu ele, enquanto passava pelo porteiro uniformizado, em geral obtinha-se mais do que se esperava da empresa Templeton.

O vestíbulo era enorme, com áreas para conversa e espera, entre palmeiras em vasos e plantas diversas, proporcionando aconchego e privacidade. O bar, comprido e largo, com cadeiras confortáveis e mesas reluzentes, ficava no alto de um curto lanço de escadas, separado por três grades metálicas.

As pessoas que queriam descansar um pouco podiam desfrutar as suas bebidas e observar os hóspedes que entravam e saíam.

E Michael reparou que havia muitos a chegar.

Havia uma pequena multidão na recepção, junto do balcão de mogno, com recepcionistas apressados a fazerem os registos e a distribuírem os quartos. Duas empregadas circulavam entre as pessoas que estavam à espera,

distribuindo copos com água e refrigerantes.

O barulho era imenso.

Onde quer que estivessem, sentadas, caminhando de um lado para o outro, paradas, as pessoas falavam. As mulheres eram a maioria, verificou Michael, algumas vestidas com trajes formais de trabalho, outras exaustas da viagem. E todas estudavam os carrinhos de bagagem empilhados, com malas suficientes para uma estada de seis meses.

Enquanto ele se esgueirava pelo salão, duas mulheres avançaram uma para a outra e abraçaram-se com gestos e gritos estridentes.

Várias outras observavam-no. Michael não se importava muito de ser contemplado com olhares insinuantes, mas, como se encontrava em tremenda inferioridade numérica, preferiu a discrição e pensou bater em retirada.

Foi nesse instante que ele a viu... e era como se não houvesse nenhuma outra mulher no vestíbulo. Ela trazia uma pasta na mão, recheada de papéis. Tinha os cabelos presos num carrapito profissional. Trazia vestido um fato de saia e casaco preto simples que até mesmo alguém com deficiência visual podia perceber que era muito caro.

Para seu próprio prazer, Michael deixou que os olhos se desviassem para as pernas de Laura. Não pôde deixar de agradecer ao sádico que persuadira as mulheres a usarem aqueles saltos altos bem finos.

Embora absorvida em conversa com a organizadora da conferência e acertando os pormenores mentalmente, frenética, Laura sentiu um fluxo de calor, uma comichão nas costas.

Mudou logo de posição, fez um esforço para ignorar, mas acabou por olhar para trás.

No meio de todas aquelas mulheres - muitas das quais reviravam os olhos por trás dele -, Michael estava parado, com os polegares enganchados nos bolsos da frente das calças de ganga. E sorria para ela.

- Sr.a Templeton? Laura?

- Ha? Ah, sim, Melissa. vou verificar isso imediatamente.

A organizadora da conferência estava tão ocupada e frenética quanto Laura. Mas também era humana, e experimentou um sobressalto quando olhou através do vestíbulo.

- Ora, ora... - Sorrindo, ela deixou escapar um suspiro. - Vocês criam belos espécimes em Monterey.

- É o que parece. Dê-me só licença um minuto. - com a pasta debaixo do

braço, Laura encaminhou-se para Michael. - Sê bem-vindo ao tumulto. Vieste falar com o Byron?

- Nunca imaginei que as executivas fossem tão sensuais. - Ele ergueu a mão e tocou ao de leve no alfinete em forma de coração que brilhava na lapela de Laura. - E graciosas.

- Todo o nosso pessoal está a usar o alfinete. É uma convenção de escritoras de histórias românticas.

- A sério? - Intrigado, Michael correu os olhos pela multidão, descobrindo que diversas mulheres o observavam, também intrigadas.

- Estas mulheres escrevem aqueles livros vaporosos?

- A novela romântica é uma enorme indústria. Representa mais de quarenta por cento do mercado de livros nos Estados Unidos. Proporcionam diversão e prazer a milhões de pessoas, focando amor, vida e esperança.

Laura estendeu a mão para trás e esfregou a nuca.

- Não gozes. Eu costumava ler porque gostava das histórias. Agora tornei-me uma defensora. O Byron está no escritório lá em cima. Os elevadores...

- Não vim falar com o Byron, embora possa passar por lá. Vim falar contigo.

- Ha... - Laura virou o pulso para ver as horas. - Estou muito ocupada neste momento. É importante?

- Passei na loja primeiro. Um lugar e tanto. - Impressionara-o, como o hotel também, pela sua classe e encanto. - E lá também havia uma multidão.

- Estamos a ir muito bem. - Laura tentou imaginá-lo a dar uma volta pela Pretenses. Não chegava a ser o proverbial touro numa loja de louças, concluiu ela. Era mais como o lobo entre as ovelhas. Houve alguma coisa que te tivesse atraído a atenção?

- O vestido na vitrina é sem dúvida muito bonito. - Os olhos de Michael percorreram o corpo de Laura. - E ficaria ainda mais bonito com uma mulher lá dentro. Não sei muita coisa sobre pingentes. A Kate persuadiu-me a comprar um cavalo azul.

-Ah, a égua de água-marinha. É linda. Michael ergueu um ombro.

- Não sei o que farei com aquilo, ou como ela conseguiu arrancar-me um dinheirão pela estatueta.

Laura soltou uma gargalhada.

- Ela é eficiente. Mas lamento que tivesses de andar à minha procura. E

agora que tenho...

- Gosto de olhar para ti.

Ele inclinou-se para a frente.

- Michael... - Laura recuou, esbarrando numa hóspede que estava a ouvir a conversa sem o menor pudor. - Tenho de ir para o meu gabinete agora.

- Está certo. vou contigo.

- É por aqui. - Ela pegou-o pelo braço. - Não tenho mesmo tempo.

- Mas eu tenho. vou encontrar-me com outro criador daqui a duas horas.

- Michael viu a porta de vidro com a palavra "Escritório".

- É sempre tão barulhento por aqui?

- Não. O registo de participantes de uma convenção é sempre uma situação mais agitada.

Não parecia muito mais calmo por detrás da recepção. Havia telefones a tocar, caixas empilhadas, pessoas a passarem apressadas. Laura entrou numa sala pequena, com uma mesa ao centro e pilhas de papel bem arrumadas. O faxe zumbia, cuspidendo mensagens intermináveis.

- Meu Deus, como consegues trabalhar aqui? - Michael já se sentia sufocado e encolheu os ombros. - Como podes respirar?

- É mais do que adequado. O espaço restrito exige eficiência. Ela tirou uma mensagem do faxe, deu-lhe uma olhada, enquanto estendia a mão para o telefone. - Senta-te, se quiseres. Desculpa, mas tenho de terminar uma coisa.

Depois de marcar os números, Laura ajeitou o telefone entre o pescoço e o ombro, para deixar as mãos livres.

- Karen, acabo de receber. Parece estar tudo certo. Têm de iniciar o registo uma hora antes. Eu sei, mas tiveram de reavaliar a estimativa de chegada de hóspedes. Sei que o Mark está a tratar de tudo, mas ele não responde às chamadas. Não, não creio que tenha enlouquecido.

com uma gargalhada, ela largou o faxe e pegou num memorando.

- Hum, hum... Está na minha lista, não se preocupe. Se pudesse pelo menos... Devo-lhe a minha vida. Não, compro a garrafa quando acabar. Obrigada. Gostaria de... Olhe, estou a receber outra chamada! Ligo-lhe mais tarde.

Michael sentou-se, levantou uma perna, apoiou o tornozelo no joelho, observando-a trabalhar. "Quem podia imaginar", pensou ele "que a princesa serena e mimada pudesse ficar afundada até ao pescoço em tantos pormenores, deslocando-se entre o telefone e o computador como um soldado

veterano flanqueando o inimigo."

De acordo com o assunto, a sua voz era quente, fria, incisiva ou persuasiva. E nunca perdia o ritmo.

Na verdade, porém, o coração de Laura perdeu o ritmo em diversas ocasiões... sempre que levantava os olhos e o via ali sentado. De calças de ganga pretas, botas velhas, cabelos escuros desmanchados pelo vento. Olhos que observavam tudo.

- Michael, tu não...

Antes que ela pudesse acabar, um homem magro, com um sorriso descontraído, enfiou a cabeça pela porta.

- com licença, Laura...

- Mark! Estou a tentar falar consigo há uma hora.

- Eu sei. Mas juro que era impossível responder. Já vou tratar dos registos da conferência. Mas surgiu uma pequena crise no Salão de Baile Dourado. Estão a exigir a sua presença.

- É sempre assim. - Ela levantou-se. - Michael, tenho de ir ver qual é o problema.

- Vamos embora.

- Não tens nada para fazer?

Ele estava a deixá-la nervosa, acompanhando-a assim na travessia do vestíbulo.

- Estou a divertir-me só de observar-te. Um homem tem direito a uma hora de folga de vez em quando.

Enquanto subiam um lanço de degraus largos e atapetados, ele olhou em redor, curioso.

- Nunca tinha estado aqui. Um lugar sensacional.

- Eu não sabia. Gostava de poder mostrar-te tudo, mas... - Laura encolheu os ombros. - Podes dar uma volta sozinho, mas eu não recomendaria o uso dos elevadores. Temos cerca de oitocentas pessoas a chegar hoje, e os elevadores vão ficar superlotados.

- Espremido num elevador com mulheres que escrevem histórias românticas... - Ele sacudiu a cabeça. - Consigo imaginar coisas piores.

A sala de reuniões no segundo andar era tão espaçosa quanto o vestíbulo, decorada com a mesma elegância e quase tão apinhada. Havia lustres enormes acesos, projectando luzes em latões e pratas, nos vasos com begónias floridas em branco- neve e vermelho cor de sangue. Ao longo de

uma parede havia grossas cortinas, abertas para uma vista espectacular da baía.

Laura encaminhou-se para uma parede com seis portas, encimadas por uma placa de latão toda ornamentada, indicando que ali era o Salão de Baile Dourado.

- Não se pode deixar de admirar os Templeton.

- Como?

- Eles sabem como construir um hotel.

Como apreciou a afirmação, Laura parou por um instante.

- Não é maravilhoso? É um dos meus preferidos, embora não possa pensar em qualquer um que não tenha um aspecto especial. O Templeton Roma ergue-se por cima da Escadaria Espanhola. Há vistas das janelas que deixam o coração a palpitar. O Templeton Nova Iorque tem um pátio adorável. Ninguém espera encontrar um lugar tão tranquilo bem no meio de Manhattan. Tu saís da Madison Avenue... e o mundo muda por completo. Há luzes nas árvores, uma pequena fonte. E em Londres... - Ela parou de falar e sacudiu a cabeça. - É outra coisa sobre a qual não me deves fazer falar.

- Sempre pensei que não davas importância a essas coisas. Estava enganado. - Eles recomeçaram a andar na direcção do salão de baile.

- Há muito mais coisas sobre ti que ignoro do que as coisas que sei.

- Os Templeton dão importância a tudo.

E, como tal, Laura entrou no salão de baile preparada para qualquer coisa.

Reinava o caos. Metade das mesas para a noite de autógrafos colectiva já fora armada, mas a outra metade continuava empilhada, à espera. Havia montanhas de caixas ao longo das paredes. O mero pensamento do esforço que seria necessário para desempacotar tudo e distribuir os livros pelos lugares certos deixou-a atordoada. Mas isso, pelo menos, não era trabalho seu.

- Laura! - Era Melissa novamente, com os óculos de aros finos quase deslizando pelo nariz, enquanto tropeçava no tapete, quase caindo nos braços de Laura. - Ainda bem que chegou. Não conseguimos localizar as caixas de seis autoras. Além disso, toda a remessa de uma das editoras perdeu-se algures nas caves do hotel.

- vou descobri-las. Não se preocupe.

- Mas...

- E tratarei pessoalmente das remessas. - O sorriso de Laura pretendia ser tranquilizador, não cansado. - Se for preciso, vou eu mesma explorar as caves para descobrir a remessa.

- Não tenho palavras para dizer o que isso significa para mim. Não imagina como é ter de dizer a uma escritora que ela não tem livros para autografar. Não importa se ocorreu um dilúvio, uma peste ou é o fim do mundo; ela salta em cima de nós sem piedade.

- Nesse caso, faremos com que os livros estejam aqui, nem que tenhamos de mandar alguém procurar nas livrarias.

Melissa soprou os cabelos caídos na frente do rosto.

- Já participei em quatro conferências nacionais e seis regionais. Você é a melhor pessoa com quem já trabalhei. E não digo isso só porque a minha vida está nas suas mãos.

Aliviada, ela desviou os olhos para Michael, e logo pôs um sorriso cativante.

- Olá. Sou Melissa Manning, quando não estou louca.

- Michael. É escritora?

- Sou, sim, até... ou talvez ainda mais... quando estou louca.

- Tem algum livro que eu possa comprar?

Ela piscou os olhos, que se iluminaram de satisfação, por detrás das lentes dos óculos.

- Por acaso tenho um na minha pasta, que pode levar. Quer que eu o autografe?

- Seria ótimo.

- Dê-me apenas um minuto.

- Foste muito gentil - murmurou Laura, enquanto Melissa se afastava apressada.

- Gosto de ler e posso aprender alguma coisa. - Ele mudou de posição, desceu a mão pelo braço de Laura e segurou-lhe na mão. Que tal um jantar esta noite, talvez um passeio de carro, uma sessão de sexo ardente e desvairado?

- Como sempre, uma oferta interessante. - Era humilhante ter de aclarar a voz, mas Laura não tinha opção. - O problema é que vou trabalhar aqui esta noite.

- Isso é que eu chamo de loucura. - Divertida, Melissa voltou e entregou o livro a Michael. - Você é uma mulher mais forte do que eu, Laura,

preferindo o trabalho a uma noite de sexo ardente e desvairado.

Michael sorriu.

- Tenho a certeza de que gostarei do seu livro.

- Espero que goste.

- Pode contar com isso. com licença por um minuto.

Ele abraçou Laura, baixou a cabeça e beijou-a, até ela experimentar a sensação de que cada gota de sangue na cabeça descia para os pés, provocando-lhe comichão. Por fim, Michael largou-a, com uma mordidela ao de leve no queixo, murmurando:

- Ainda estás a dever-me um jantar, minha querida. Prazer em conhecê-la, Melissa.

- O prazer foi meu.

Enquanto o observava a afastar-se, Melissa comprimiu a mão contra o coração.

- Acredito num texto de qualidade, descritivo e armado com habilidade, mas tudo o que posso pensar em dizer agora é "Uau"... Ela deixou escapar um suspiro. - Uau...

- Ha... - Laura fez um esforço para encontrar a cabeça, que devia estar girando nalgum local próximo. - Eu... ha...

- Não há problema. Pode fazer uma pausa para se recuperar.

- vou verificar onde estão os livros. Melissa sorriu.

- Eu agradecia.

- com licença.

Laura encaminhou-se para a porta, fazendo um esforço para não tropeçar. Melissa soltou outro suspiro.

- Ah, como eu adoro este trabalho!

CAPÍTULO 12

JÁ passava das dez da noite quando Laura entrou no caminho para a Casa Templeton. Sentia o cansaço agradável de um bom trabalho realizado. "O tipo de cansaço", reflectiu ela ao entrar na casa, "que não anseia por sono."

Depois de ver como estavam as filhas e verificar que ambas dormiam um sono profundo, ela encheu a banheira com água e sais, e depois imergiu com um longo suspiro.

Esticou-se, olhou pela pequena clarabóia por cima da banheira, contemplando as estrelas. A sua vida começava a ajustar-se, reflectiu Laura. Tinha a filha mais velha de volta. Haveria novos obstáculos ao longo do caminho, mas conseguiria superá-los. Naquela manhã, porém, a caminho da escola, tudo fora feliz e normal.

A sua família estava em ordem, os pais desfrutando a sua vida e o seu trabalho, Josh e Margo adorando o filho, Kate e Byron exultantes com a criança por nascer.

O seu trabalho no hotel era satisfatório, fazia com que se sentisse outra vez parte da equipa Templeton. E a loja... Ela sorriu e alisou as bolhas de espuma nas pernas. A loja era uma fantasia emocionante e inesperada que proporcionava muito prazer e incontáveis surpresas. Por mais ocupada que estivesse durante o dia, sentia saudades do movimento, de registar as vendas, conversar com as clientes. E da companhia de Kate e Margo.

Arranjaria maneira de ir até lá por algumas horas na tarde seguinte se não ocorresse nenhuma calamidade. Por outro lado, no entanto, começara a apreciar e até mesmo esperar por certos tipos de calamidades. Ofereciam-lhe o desafio de encontrar a resposta certa, a satisfação de saber que poderia descobrir a solução, dentro de si mesma.

"Como num livro", pensou ela, "todo um Capítulo novo da minha vida está a abrir-se." E ela ia adorá-lo.

Laura deixou a água escoar, saiu da enorme banheira, enxugou-se devagar, aplicou creme na pele, sonhadora. Depois de tirar os ganchos dos cabelos, pondo-os na pequena caixa de prata em que os guardava, usou a escova. Só parou quando os cabelos estavam a brilhar.

Só quando se estava a vestir novamente e descobriu-se a cantarolar é que compreendeu plenamente que não ia para a cama. Ou pelo menos não sozinha.

Chocada, ela ficou a olhar para o seu reflexo no espelho. A mulher que ali estava, vestida com simplicidade, de calças compridas e blusa de seda, sustentou o seu olhar. "Estive a preparar-me para um homem", reflectiu Laura. O banho, os sais, as loções. Uma preparação para o Michael.

Mas agora ela pensava de novo, e não tinha a certeza se seria capaz de enfrentar a situação.

Michael queria-a, mas não a conhecia. Não sabia o que ela queria, do que precisava. A própria Laura não tinha a certeza; então como podia ele saber? E ela também não sabia como se oferecer a um homem. Não, na realidade. Em sonhos, talvez, já que tudo neles era lento e vago. Mas não imaginava como poderia ser na realidade em que havia movimentos e consequências.

Uma ocasião oferecera-se a outro homem, em outra vida. E não fora suficiente. Fazer a mesma coisa novamente, fracassar outra vez, iria destruí-la.

"Cobarde", pensou ela, fechando os olhos. Permaneceria sozinha e abstinente pelo resto da vida porque não tivera êxito como esposa... e, portanto, como amante?

Se Michael a queria, ela queria ser possuída. Naquela noite. Queria que ele não lhe desse qualquer opção naquela noite.

Laura desceu as escadas o mais depressa possível, antes de mudar de ideias.

E a noite estava arrebatadora, uma brisa a soprar, repleta de sons e fragrâncias. Laura correu pela noite como mulheres faziam há séculos. Ao encontro do destino, a caminho de um homem.

E perdeu a coragem na base da escada no estábulo.

As luzes no apartamento de cima estavam acesas. Ela só precisava de subir aquela pequena escada de madeira e bater à porta. Michael compreenderia, faria o que tinha de ser feito. Ela não hesitaria, prometeu a si mesma, enquanto cruzava as mãos sobre o coração acelerado. Assim que se controlasse um pouco, assim que a vertigem diminuísse.

Em vez disso, Laura entrou no estábulo, avançou pela linha de cavalos sonolentos. Não via a potrinha desde o seu nascimento, lembrou-se. Só queria

dar uma olhadela, admirá-la. Depois subiria e bateria à porta do apartamento.

Na baía, ela contemplou mãe e cria. A potrinha estava enroscada no feno, a égua de pé ao seu lado.

- Sinto saudades de ter um bebé que precisa de mim - murmurou Laura.

- Um bebé sempre confia que a mãe cuidará dele. Não é o sentimento mais incrível? Saber que saiu de dentro de nós.

Ela permitiu-se mais um momento, afagando a cabeça da égua. Quando se virou, deparou-se- lhe Michael. Todo de preto, ele era como uma sombra que se tornara real num piscar de olhos. Laura deu um passo para trás.

- Eu queria... não via a potrinha desde... não tinha a intenção de perturbar- te.

- Tu andas a perturbar-me há muito tempo. Há mais tempo do que eu imaginava. - Fitando-a nos olhos, ele aproximou-se. - Eu vi-te a atravessar o relvado. À luz das estrelas. Parecias uma mulher saída de um sonho. Mas não é esse o caso, pois não?

- Não, não é. - Laura deu outro passo para trás, sentindo os nervos abalados.

- Eu devia ir-me embora agora... devia...

Laura não pôde desviar os olhos, enquanto ele chegava mais perto, encurralando-a contra a porta da baía seguinte.

- Tenho de voltar...

- A linda Laura Templeton... Sempre pareceu muito educada e perfeita. Nunca havia nada fora do lugar. - Michael passou um dedo pela lapela macia da blusa e enfiou-o pelo decote, observando os olhos de Laura tornarem-se sombrios. - Fazes um homem como eu querer despir-te, procurar por debaixo do verniz para descobrir quem tu és.

Michael pôs as mãos sobre os seios dela, com as mãos calejadas sobre a blusa fina. Sentiu-a estremecer.

- Quem és tu, Laura? Porque estás aqui?

O coração de Laura batia descompassado contra as mãos dele, tão violentamente, que ela especulou se não iria saltar para fora do peito.

- Vim ver a potrinha.

- Mentirosa. - Michael comprimiu-a contra a madeira. Quando a porta cedeu, ela teria tropeçado e caído, se ele não a segurasse. Aposto que ele nunca te despiu de uma forma rude, pois não? Sempre educado, sempre o cavalheiro. Não será assim comigo.

- Eu... - Laura sentia-se em pânico agora. Emocionada e apavorada. O seu olhar desviava-se de Michael, enquanto o feno estalava sob os seus pés.

Não havia nenhum cavalo na baía. Ela estava a sós com Michael. - Não sei como fazer isto.

- Eu sei. Posso fazer-te ficar, ou posso fazer-te fugir. E pergunto-me qual vai ser. Mas, como vieste tu procurar-me, será à minha maneira.

Ele estendeu as mãos para a abertura da blusa, deu um puxão brusco e chocante, rasgando-a.

- Fica ou foge.

Os olhos de Michael fixavam-se nos dela, decididos, exigentes. O ar frio deixou a pele de Laura arrepiada.

- Se ficares, serás minha. A minha maneira. Fica ou foge.

Ele agarrou-a pelos cabelos, puxou-lhe a cabeça para trás, observou-a, esperando.

- Fica - murmurou Michael, para beijá-la em seguida.

Pressa e desespero. Laura foi envolvida pelas duas coisas, enquanto ele a arrastava para o feno, marcando os seus lábios, o pescoço, os seios. Gritou quando os dentes de Michael bateram nos seus, projectando um intenso calor dos seios para a virilha, até que o seu corpo era uma massa de sensações, arqueando-se, contorcendo-se.

A fase do pedido acabara, Laura sabia. A opção fora tomada. Agora Michael iria possuí-la, como já fizera nos sonhos que atormentavam as suas noites. E iria possuí-la de uma maneira rude, rápida e implacável.

Era o que ela queria, a angustiante perda do controlo, as mãos firmes e impacientes arranhando-lhe a pele, a boca quase brutal sugando a sua.

Laura descobriu a pele de Michael, quente e macia. O feno por baixo espetava-a, esfolava-lhe a pele, acrescentava mais uma sensação vertiginosa. O som das roupas a serem rasgadas pelas mãos frenéticas de Michael, mãos que apertavam, sondavam e dominavam, era irracionalmente erótico.

Ela podia ouvir os seus próprios gritos, ouvir a sua respiração rápida, áspera e ofegante, podia sentir o sangue ferver. Cada vez que Laura gemia, a pulsação de Michael acelerava. E na primeira vez em que o corpo de Laura se convulsionou e o nome dele escapou dos seus lábios, como um soluço, Michael sentiu uma intensa vertigem.

Podia ver cada novo choque nos olhos de Laura, aquelas tempestades cinzentas que se alargavam, desfocavam e se fechavam, com um gemido

gutural. Ele sabia, com toda a certeza, que nunca ninguém proporcionara algo semelhante a Laura. Nunca ninguém a levava para onde ele a levaria. Apesar de todas as coisas que ela recebera, todos os lugares para onde viajara na sua vida privilegiada, aquilo era novidade. Embora uma parte de Michael, bem profunda, se afligisse por aquela sensação ser tudo o que lhe podia oferecer, ele faria com que fosse suficiente por aquela noite.

Enquanto a noite durasse, ele podia ser para Laura o que nunca ninguém fora.

Dava para sentir cada nova explosão de prazer vibrar pelo corpo de Laura, passar para o corpo de Michael. Podia sentir os arquejos atordoados de Laura e absorvê-los. Podia dar mais e mais, fazê-la arquear-se violentamente, numa ansiedade desesperada. E aquela delicada pele cor de marfim, tão macia, tão perfumada, molhada pelo suor puro do sexo maravilhoso.

As mãos de Michael, tão fortes, tão rápidas, tão poderosas. Apertavam, magoavam, destruía. As mãos de Laura estavam perdidas nos cabelos dele, puxando a cabeça para baixo, até as bocas se encontrarem, até ela poder responder aos beijos prementes e violentos com outros beijos iguais.

Ele tinha um corpo firme, os músculos contraíam-se sob as mãos de Laura, enquanto os dedos dela, inquisitivos, deslizavam sobre antigas cicatrizes. A pele de Michael era quente, ardente, húmida. Laura mordeu-o no ombro, não podendo mais conter-se.

O ar era opressivo, Laura podia senti-lo em cada respiração. Tudo o que ele fazia, Laura acolhia com a maior satisfação; tudo o que ele exigia, ela cedia.

Michael levantou as ancas dela, os olhos de ambos encontraram-se. com uma arremetida violenta, ele penetrou-a até ao fundo. As mãos de Laura nos seus braços caíram inertes para o feno, enquanto o corpo parecia explodir.

- Fica comigo, Laura. - Os dedos de Michael comprimiam a sua carne, enquanto ele se mexia mais e mais. - Quero que me acompanhes.

Que opção ela tinha? Estava cercada, dominada. A sua respiração era lenta agora, superficial, a visão meio turva, mas ela mexia-se também. Movimentos sincronizados.

Michael estremeceu quando ela atingiu o clímax, quando o comprimiu como um punho húmido. Ele travou uma terrível batalha consigo mesmo para não explodir também. Ainda não. Havia mais. Mesmo sentindo o sangue a rugir como o mar dentro da sua cabeça, ele queria mais.

E por isso continuou a mexer-se, até que as pernas de Laura o envolveram, até que os corpos se fundiram. E ele persistiu, até que um novo frenesim a dominou, até que a sua cabeça pendeu.

Só então Michael mergulhou o rosto nos cabelos dela e se soltou, num gozo intenso.

O seu peso imobilizou-a. Era uma sensação estranha e atordoante, sentir outra vez o peso do corpo de um homem. E era uma sensação triunfante saber que ele era incapaz de qualquer movimento, que se encontrava tão atordoado e saciado quanto ela.

Laura não tinha a menor dúvida a esse respeito. Vira os olhos de Michael, sentira as suas mãos, ouvira o gemido gutural sair-lhe da garganta. Michael fora apanhado, trémulo, naquele momento assombroso em que se perdera e explodira dentro dela.

Ali, no estábulo escuro, com o doce cheiro dos cavalos e do feno as roupas rasgadas, o seu sangue a vibrar, Laura sentiu-se mulher outra vez. Não como uma mãe, uma amiga, uma personagem responsável da sociedade. Como uma mulher.

Ela não queria falar agora, não queria começar a balbuciar verdades ridículas. Que nunca fora assim antes, que não imaginava que podia ser. "É melhor para ambos", pensou ela, "mantermos um nível ameno." Por isso, Laura sorriu, encontrou forças para erguer a mão e afagou os cabelos de Michael.

- Parece que saldei aquela conta atrasada. A gargalhada de Michael foi jovial.

- Como é mesmo o teu nome, minha querida? Recorrendo às suas reservas de energia, Michael rebolou para o lado, lentamente, puxando-a para si, até deixá-la esparramada sobre o seu peito. O sorriso de Laura era ao mesmo tempo presunçoso e sonolento. Havia feno nos seus cabelos.

- Como és bonita! Uma coisinha linda. A respeitável Laura Templeton com um corpo surpreendente, ardente e flexível. Quem podia imaginar?

Ela com certeza jamais fora capaz de imaginar tal coisa. Franziu as sobrancelhas.

- Não posso dizer que eu ou o meu corpo tenhamos sido alguma vez descritos dessa forma. - Os lábios de Laura contraíram-se. - Acho que gosto.

- Já que estás tão animada, porque não me contas o que vieste fazer aqui esta noite?

- Vim ver a potrinha. - Meticulosa, ela começou a tirar os fragmentos de feno dos cabelos, enquanto o fitava nos olhos. - Antes de ir à tua procura. Tu sabias que eu viria.

- Contava com isso. Se não viesses, eu teria de derrubar as muralhas do castelo e arrancar-te à força. Não sei por quanto tempo mais eu podia aguentar sem ti.

- Michael... - Comovida, Laura pôs a mão no rosto dele. - Tu ter-me-ias agarrado à força?

- Minha querida, eu agarrei-te à força.

- Nunca ninguém me tinha feito isso. - Ela esperou um instante, observando o seu dedo descer pelo pescoço de Michael. - Espero que não seja a última.

- Eu não estava à procura apenas de sexo rápido no feno. Convencida, Laura acenou com a cabeça, tornando a alisar os cabelos dele.

- Nesse caso, eu voltarei. - Ela beijou-o na boca, por um longo momento. - E agora tenho de ir.

Ele mudou de posição, tornando a imobilizá-la.

- Laura, não pensas realmente que vou deixar-te partir agora, não é?

Ela sentiu a emoção súbita de ser dominada.

- Não vais? -Não.

A mão áspera subiu pelo corpo de Laura, cobriu-lhe o seio, a boca comprimiu-se contra o seu pescoço. Ela arqueou-se por baixo de Michael e soltou um suspiro trémulo.

-Ainda bem...

Mesmo assim, ela não tencionava ficar até ao amanhecer. Não pensara em mergulhar no sono numa pilha de feno, com o corpo enroscado em Michael. Não imaginara que acordaria intensamente excitada, com a boca de Michael na sua, as mãos... as mãos...

- Michael...

E, quando Laura abriu os olhos, ele penetrou-a, devagar, bem fundo. Mexeu-se dentro dela, sem pressa, em movimentos que faziam os sonhos confundirem-se com a realidade. Ficou a observar o rosto de Laura, aquele rubor adorável do sono e sexo que se espalhava pelas faces. Os olhos meio turvos. A boca, inchada de tantos beijos, tremendo a cada respiração.

Podiam agora contemplar-se um ao outro na claridade, ver como se amavam, num ritmo suave.

Partículas de feno flutuavam no ar tranquilo, à luz frágil do amanhecer. Os pássaros noturnos saíam de cena, dando lugar à cotovia. Nas baías, os cavalos começavam a agitar-se, enquanto os gatos se espreguiçavam e procuravam raios de sol.

E as mãos de Laura tornaram a estender-se para ele, envolveram o seu rosto, puxaram a boca para mais um beijo, enquanto atingiam o êxtase.

- Michael...

- Não consigo afastar as mãos de ti.

- Nem eu quero que faças isso.

Mas ele vira as equimoses na pele delicada enquanto Laura dormia.

- Fui bruto contigo ontem à noite.

- Esqueci-me de agradecer? Ele ergueu a cabeça, sorrindo.

- Acho que gritar o meu nome dez ou doze vezes foi agradecimento suficiente.

- Nesse caso... - Laura afastou os cabelos do rosto de Michael, com uma expressão séria. - Nunca mais quero ser tratada como um bibelô frágil. Nunca mesmo.

- Se eu quiser usar algemas e chicotes, entras no jogo? Laura ficou boquiaberta com o choque.

- Eu... eu...

- Estava a brincar. - "Como ela é sensacional", pensou Michael, soltando uma gargalhada. E era toda sua. Num súbito impulso de alegria, ele pegou-a ao colo. - Pelo menos até termos um vínculo de confiança.

- Tu não pensas realmente... acho que eu não conseguiria... ou pelo menos não gostaria... - Quando ele riu tanto que quase a largou, Laura empinou o queixo. - Não me importo de ser o alvo das tuas piadas doentias.

- Não era assim tão doentia... e em matéria de alvo, meu amor, tens o mais lindo do mundo. - Michael beijou-a na boca, um beijo estalado. - Mas, como duvido que queiras voltar para casa a exhibir tudo isso, vamos pegar algumas roupas.

- Eu agradecia se tu... O que estás a fazer?

Laura quase gritou de protesto quando ele saiu da baía.

- Levando-te para o apartamento lá em cima, para ir buscar algumas roupas.

- Não podes carregar-me lá para fora assim. Estou nua. Nós dois estamos nus. Estou a falar a sério, Michael... Oh, não!

A luz do sol e o ar frio da manhã envolveram-na quando ele passou pela porta do estábulo.

- Ainda é cedo - comentou Michael, descontraído. - Não há ninguém acordado.

- Estamos nus - reiterou Laura, quando ele começou a subir a escada. - Estamos nus aqui fora.

- Parece que será outro dia maravilhoso. Tens alguma coisa para fazer esta noite?

- Eu... - Será que ele não entendia que estavam completamente nus na entrada do apartamento, em plena luz do dia? - Leva-me para dentro.

- Estás com frio? Já trato disso.

Mudando-a de posição, Michael girou a maçaneta. O insulto, pensou Laura, furiosa. A insensibilidade. A indignidade da situação.

- Põe-me no chão.

- Claro.

Michael largou-a e ficou à espera do início do espetáculo. Laura não o desapontou.

- Perdeste o juízo? E se uma das meninas tivesse olhado pela janela e nos visse?

- Ainda não são nem seis horas da manhã. Elas costumam olhar pela janela de binóculos ao amanhecer?

Claro que não.

- Isso não é relevante. Não sou carregada desse jeito só porque tu, no teu cérebro distorcido, achas engraçado. E agora arranja-me uma camisa.

Michael passou a língua pelos dentes, enquanto a avaliava. Mesmo com feno nos cabelos, vermelha da cabeça aos pés de embaraço e raiva, Laura ainda conseguia manter a dignidade. O que era... fascinante.

- Minha querida, estás a deixar-me excitado outra vez, e acho que não temos tempo para outra sessão.

-Tu...

- Sou um camponês? Um bárbaro?

com algum esforço, Laura controlou-se. Era impossível ter uma discussão racional naquelas circunstâncias.

- Eu gostava que me emprestasses algumas roupas, por favor.

- Só demorava alguns minutos.

- Michael... - Ela deu um pulo para trás, aturdida, quando viu a intenção

nos olhos dele. - Michael, eu não...

Puxada para o chão, beijada até à submissão, Laura foi levada a mais um orgasmo intenso. - Oh, Deus... Ela bateu com os punhos no tapete e deixou-se ser possuída.

Demorou mais do que alguns minutos. Por isso, Laura teve de entrar furtivamente na sua própria casa, como se fosse uma ladra. Se pudesse subir sem que ninguém a visse, pensou ela, abrindo uma porta lateral e entrando na sala de estar, chegaria ao seu quarto sã e salva.

As meninas acordariam para ir para a escola a qualquer momento. As suas filhas. com os sapatos na mão, estremecendo, ela passou para o corredor, andando na ponta dos pés. Perdera o juízo? Como poderia explicar...

- Menina Laura!

... se o pior acontecesse, pensou Laura, fatalista, erguendo o rosto para enfrentar uma chocada Ann Sullivan.

- Annie, eu... ha... saí cedo. Para dar uma volta...

Devagar, Ann continuou a descer a escada. Era viúva há mais de vinte e cinco anos, mas conhecia o olhar de uma mulher que passara a noite nos braços de um homem.

- Está a usar uma camisa de homem - comentou ela, formal. E tem feno nos cabelos.

- Há... - Laura aclarou a voz, levantou a mão, pegou uma haste de feno. - É verdade. Como eu disse, saí para dar uma volta... e...

- Nunca foi capaz de mentir para se esquivar de qualquer situação. Ann parou na base da escada, fitando a sua presa como uma mãe prestes a iniciar um sermão para uma filha temerária. com uma mistura de divertimento e apreensão, Laura reconheceu os sinais. -Annie...

- Esteve no estábulo, rebolando pelo feno com aquele conquistador barato chamado Michael Fury.

- Isso mesmo, estive no estábulo - confirmou Laura, assumindo um manto de dignidade. - com o Michael. E não vamos esquecer que sou uma mulher adulta.

- E sem juízo. Em que é que estava a pensar? - Ann apontou um dedo. - Uma mulher como a menina a rebolar pelo feno com um homem daqueles?

Laura manteve a voz calma, porque tinha paciência com as pessoas que amava.

- Imagino que a Annie saiba muito bem em que é que eu estava a pensar.

E independentemente daquilo que pensa sobre ele ou sobre o meu juízo, persiste o facto de que já tenho trinta anos, Annie. Ele queria-me. Eu queria-o. E em toda a minha vida... mas toda mesmo... nunca ninguém me fez sentir como ele conseguiu.

- Um momento de prazer por...

- Isso mesmo, um momento de prazer. - Laura balançou a cabeça. Mesmo que fosse apenas isso, ela ainda podia jurar que iria para a sepultura agradecida. - Fui casada durante dez anos e nunca soube como era receber tanto prazer... ou, assim espero, proporcionar prazer a um homem desta forma. Lamento muito se a Annie desaprova.

Ann fez uma careta.

- Não me cabe a mim desaprovar seja o que for.

- Ora, Annie, não me venha com essa encenação de governanta distinta a falar com a patroa. Está com anos de atraso. - com um suspiro, Laura pôs a mão sobre a mão rígida de Annie, apertando o corrimão. - Sei o quanto a Annie se importa. Sei que tudo o que diz é por preocupação e amor, mas nem isso pode mudar a maneira como me sinto. Ou aquilo de que preciso.

- E acha que precisa do Michael Fury?

- Não, não acho. Tenho a certeza. Ainda não decidi o que fazer a esse respeito, ou para onde quero ir agora, mas sei que tenciono ter muitos momentos de prazer.

- Qualquer que seja o custo?

- Exactamente. Por uma vez na minha vida, que se dane o custo. E agora preciso de tomar um banho. - Laura começou a subir a escada, parou e virou-se. - Não quero que vá lá atormentar o Michael por causa disto, Annie. Não tem esse direito... nem qualquer outra pessoa.

Ann baixou a cabeça e manteve-a assim até ouvir Laura fechar a porta do seu quarto. Talvez não tivesse o direito de falar com Michael Fury. Mas conhecia o seu dever e havia de o cumprir.

Sem hesitação, ela atravessou o corredor e entrou na biblioteca. A ligação para França não demoraria. "E eles vão ver", pensou ela, olhando pela janela. "Eles vão ver."

- Eu gostaria de falar com o sr. ou a sr.a Templeton, por favor. Aqui é Ann Sullivan, governanta da Casa Templeton.

- No estábulo... no feno... durante a noite inteira? - Na cozinha, no segundo andar da Pretenses, Kate virou-se no banco, espantada. A folga de

dez minutos no meio da tarde mostrava-se muito mais interessante do que ela imaginara. - Tu?

- Porque é que estás tão chocada? - Laura tamborilou com os dedos no balcão, ignorando o chá. - Sou humana, não sou? Não uma boneca de corda.

- Amiga, não estou propriamente chocada. Só que nunca podia imaginar-te a rebolar pelo feno. Não é o teu estilo. Mas se funcionou... - Kate sorriu e pegou num dos biscoitos que Laura trouxera da padaria. - E presumo que tenha corrido muito bem.

Apaziguada, Laura pegou num biscoito também.

- Tive um comportamento animal - declarou ela, presunçosa. com uma gargalhada, Kate ergueu um braço de Laura por cima das suas cabeças.

- Assim é que se fala, campeã. E agora... os pormenores.

- Não posso. Talvez... Não. - O brilho nos seus olhos era igual ao de Kate. - Não.

-Apenas um pormenor então. Um pormenorzinho da Noite Selvagem da Laura.

Ela riu, sacudiu a cabeça, mordiscou o lábio. Deus sabia que poderia contar qualquer coisa a Kate ou Margo. E haviam sido raras as ocasiões, nos últimos anos, em que pudera partilhar alguma coisa maravilhosa e temerária. Meticulosa, ela removeu as migalhas do balcão.

- Ele rasgou as minhas roupas.

- Em termos metafóricos ou literais?

- Literais. Arrancou-as, rasgando tudo. E também... - Laura comprimiu a mão contra a barriga. - Oh, meu Deus!

- Oh, meu Deus! - repetiu Kate, erguendo a mão para abanar o rosto de Laura.

- É de mais. - Laura saiu do banco e foi deitar o chá frio na pia. - Não posso fazer isso. Fico a parecer uma miúda da escola secundária.

- Amiga, tu formaste-te, e a tua capa está em farrapos. Os meus parabéns. - Kate inclinou a cabeça, enquanto Laura lavava a chávena. Conhecia tão bem aquela mulher que enxaguava a chávena cuidadosamente quanto a si mesma. - Estás apaixonada por ele?

Laura observou a água escorrer.

- Não sei. Amor, esse tipo de amor, não é tão simples quanto eu pensava que era. Tenho receio de estar, mas não quero complicar a situação.

- Disseste-me uma vez que o amor simplesmente acontecia, não se podia

planear. Descobri que tinhas razão.

com muito cuidado, Laura pôs a chávena no corredor. Já pensara muito na pergunta de Kate, pois sabia que seria formulada pelas pessoas que mais se importavam.

- Se acontecer, lidarei com o problema no momento certo. Há muito mais no Michael do que alguma vez imaginei. E, cada vez que vejo ajustar-se no lugar uma peça que nem sabia que existia, sinto-me mais envolvida.

Laura enxugou as mãos e virou-se para Kate.

- Não vou armar-me em sonhadora desta vez, nem querer mais do que alguém pode dar-me. Quero apenas aproveitar.

- Vai funcionar para ti?

- Pela maneira como me sinto esta tarde, vai, sim... e muito. Relaxada, Laura esticou os braços para o alto. - Estou feliz.

- É ótimo descobrir que vocês as duas estão a divertir-se. - Margo passou pela porta, mal-humorada. - Uma de vocês devia substituir-me, lembram-se? Eu, ao contrário das minhas sócias irresponsáveis, não tenho uma folga há quatro horas.

- Desculpa. - Laura baixou os braços. - Já vou descer.

- Não vais, não. - Kate saiu do banco. - Eu dou-te a oportunidade de contar tudo à Margo.

- Contar o quê?

- O Michael deixou a Laura exausta e de miolo mole numa baia de cavalo ontem à noite.

Num gesto gracioso, Margo afofou os seus cabelos, enquanto Laura corava.

- A sério?

- Rasgou-lhe as roupas - acrescentou Kate, enquanto se encaminhava para a porta. - vou deixar a Laura aqui para relatar os pormenores.

com um longo suspiro, Margo acomodou-se numa das poltronas cremes, cruzou as pernas compridas e bem torneadas.

- Podes servir-me um chá, Laura? Estou exausta.

Numa reacção automática, Laura serviu o chá e levou a chávena até à mesa.

- Queres um biscoito?

- Deixa que eu vou buscar. - Margo examinou-os, escolheu, deu uma dentada. - Agora, vê lá se te sentas e começa a contar os pormenores. E

podes ser muito específica à vontade.

CAPÍTULO 13

MICHAEL, assobiando entre os dentes, lançou Zip num galope furioso, saindo do bosque para o sol como uma chama intensa. "Este pequeno demónio sabe correr", pensou Michael. Lamentaria perdê-lo, mas a oferta que recebera naquela manhã era irrecusável.

Numa questão de horas, o potro pequeno e veloz estaria a caminho do Utah.

- Vais divertir-te um bocado com as éguas por lá, rapaz. E gerar alguns campeões.

E o preço da transacção significava que Michael podia fechar um negócio que vinha discutindo, a compra de uma égua Palomino e do seu potrinho.

A égua era arisca, tentara duas vezes escoiceá-lo a ele e ao tratador durante a inspecção. Michael apreciara-a ainda mais por isso, além do facto de ter gerado um potrinho tão forte. Já planeava criá-lo para ser um garanhão.

"Mais dois anos", pensou Michael, "e o potro pode cobrir vinte éguas; e aos quatro anos terá o seu complemento total de sessenta."

Os dois proporcionariam excelentes resultados. Aquela mal-humorada égua Palomino e o vigoroso potrinho que ela gerara ajudá-lo-iam a ingressar numa nova fase do seu negócio.

"Dentro de dois anos", projectou ele, "o Rancho Fury significará alguma coisa... mais do que apenas subsistência e sobrevivência. Significará qualidade. E isso", pensou Michael enquanto o Zip contornava o estábulo, "é algo sem o qual vivi durante a maior parte da minha vida."

Seria impossível - e, pior ainda, embaraçoso - explicar a alguém que sempre desejara qualidade. Não só para o que tinha, ou para o que construía, mas para o que era. Sempre desejara ter uma origem eminente. E ser alguém.

Mas viera do nada. Tinha de aceitar isso, pois era um facto que não podia mudar. Também não conseguia mudar que esse facto deixara uma ferida dolorosa no seu íntimo, que nunca poderia ser aliviada.

Passara anos a dizer a si próprio que não importava quem tinham sido os seus pais, como fora criado, ou como vivera. Mas importava agora mais do que nunca, ele sabia que importava. Havia uma mulher na sua vida que não

devia estar ali.

Mais cedo ou mais tarde, Michael não tinha a menor dúvida a esse respeito, Laura compreenderia isso. O insulto da situação, assim como a inevitabilidade, levaram-no a exigir mais velocidade do potro. Nem por um minuto admitiria que corria para o outro lado, que se tentava afastar do problema. Também não admitiria, nem sequer para si mesmo, que as suas emoções se encontravam em turbilhão desde o momento em que entrara no estábulo na noite passada e a encontrara.

Como se ela fosse feita para estar ali. com ele. Para ele. Como se pudesse conquistá-la e mantê-la, talvez até merecer algo tão adorável e vital quanto Laura. E ser para ela o que ela podia ser para ele.

"Ora, que se dane tudo", pensou Michael, contraindo os olhos ao sol, enquanto fazia o potro voar. De maneira alguma começaria a acalentar lindos sonhos de uma vida com Laura. Afinal, era um realista acima de tudo. A sua união com Laura era temporária, portanto, iria aproveitá-la ao máximo, enquanto durasse.

Michael já estava ao máximo, o potro preparava-se para o salto, quando avistou uma pessoa à espera no cercado e saltaram a cerca, numa nuvem de poeira.

- É um cavalo e tanto - comentou Byron, quando Michael se aproximou a trote.

- Tens razão. - Inclinando-se, Michael bateu no pescoço de Zip, depois desmontou. - Vendi-o hoje. Para um tipo do Utah.

Depois de tirar a sela, Michael pendurou-a na cerca e acrescentou:

- Ele quer uma reprodução para velocidade.

- E é o que vai ter. - Byron afagou o pescoço do potro. - Ele nem perdeu o fôlego.

- É verdade. O cavaleiro vai cansar-se primeiro.

- Fico surpreendido por tu próprio não o usares para reprodução. É um animal de primeira qualidade.

- Tens razão, mas tenho de aumentar a minha criação antes de incluir um garanhão. - "Mais dois anos", pensou Michael, imaginando o potrinho mais uma vez, "e ambos estaremos prontos." - Neste momento, é um cavalo negociável, para aumentar a capacidade de investimento.

- Tens um bom começo. Aquele cavalo ali. - Byron apontou. Quanto estás a pedir?

- O Max? - Michael olhou em redor, observando o cavalo a agitar o rabo. - Primeiro, venderia a minha própria mãe.

Ele ergueu a mão, e Max aproximou-se.

- Contente por me ver, Max?

Max repuxou os beiços para mostrar os dentes, emitindo também uma gargalhada cavalar.

- Pois então dá-nos um beijo.

O cavalo mordiscou o queixo de Michael, afectuoso. Como não era nenhum tolo, baixou a cabeça para farejar os bolsos.

- O verdadeiro amor nunca é suficiente. Também queres?

- Um beijo do teu cavalo ou uma cenoura?

- O que preferires.

- Dispensó as duas coisas, obrigado. - Mas Byron afagou a crina de Max, enquanto o cavalo mastigava a cenoura. - Tens alguns animais belíssimos.

- Estás a pensar comprar algum?

- Eu disse a mim mesmo que não, ainda mais com a vinda do bebé. - Byron olhou ansioso para a égua que amamentava a potrinha.

- Mas esta cena é quase irresistível.

Michael pegou numa escova e começou a passá-la em Zip.

- Quanto pesas? Noventa e cinco?

- Cem - respondeu Byron, distraído. - Cem quilos.

- Estás a ver aquele castrado baio com meias nas patas dianteiras? Ele carregava-te com a maior facilidade.

Byron estudou o cavalo, reparou nas linhas firmes, na pelagem clara lustrosa.

- É bem bonito, não é?

- É um bom cavalo de sela. Bem-comportado, mas nem por isso menos decidido. Precisa de mão firme. A mão certa. - Michael sorriu, enquanto continuava a trabalhar. - Farei um bom preço para ti, já que és parente do Josh e casado com uma das minhas pessoas preferidas.

- Não vim comprar um cavalo.

- Não? - Plácido, Michael encostou-se a Zip, e levantou-lhe um casco para examiná-lo. - O que vieste fazer então?

- Passei aqui por perto, mais ou menos, e pensei que talvez quisesses aparecer lá em casa sábado à noite. Para um póquer.

- Normalmente, estou sempre disposto a um bom jogo. - Michael fez uma pausa e contraiu os olhos. - Não vai ser uma daquelas noites animadas, com mulheres a perguntarem se uma sequência vence um flusli?

- A Kate ficaria furiosa contigo por esse comentário. - Mas Byron sorriu. - Não. Será um jogo machista. Só homens.

- Nesse caso, contem comigo. Obrigado.

- Talvez eu te ganhe aquele cavalo.

- Continua a sonhar, De Witt.

- É o que faço sempre. Cerca de um metro e sessenta, não é? Michael reprimiu um sorriso e continuou a limpar os cascos da sua montada.

- Por aí. Acaba de completar quatro anos. O pai era um andador, a mãe uma égua de Baton Rouge.

- Guardas no teu estábulo?

- Isso mesmo. Aqui, por enquanto. Depois no meu próprio estábulo, quando ficar pronto. Devo começar a construção daqui a duas semanas.

- Vamos examinar mais de perto.

No seu fato de Saville Row e sapatos Magli, Byron trepou a cerca.

- Ouvi dizer que os sulistas são trapaceiros nas cartas e ladrões de cavalos - comentou Michael, enquanto se encaminhavam como bons companheiros para o cavalo.

- Ouviste bem.

Por quanto tempo ela o faria esperar? Michael andava de um lado para o outro. Contemplou a garrafa de vinho na bancada e coçou a cabeça. Chegara ao ponto de sair e comprar o vinho. Não era o seu estilo habitual, mas calculara que o sexo numa baía também não era o estilo de Laura. O mínimo que ele podia fazer agora era oferecer uma bebida civilizada.

Antes de saltar em cima dela outra vez.

Que era exactamente o que ele queria fazer.

Se ela viesse.

Claro que ela viria. Michael dissera isso meia dúzia de vezes durante a última hora. Pela maneira como fora na noite passada, ela devia estar ansiosa por uma repetição. Laura devia ter pensado nele durante o dia, incontáveis vezes, do mesmo modo que ele pensara nela.

Seria capaz de jurar que sentia o cheiro de Laura cada vez que respirava. E, volta e meia, descobria-se em algum transe, porque via o rosto de Laura na sua mente, ouvia a sua voz, ou...

Ele desejava-a. Simplesmente desejava-a.

Quando já desejara tanto outra coisa? No passado distante quisera fugir, e assim fizera. Quisera perigo e risco, aventura temerária. E também conseguira. Quando desejara paz, uma vida que pudesse contemplar com algum orgulho, tratara de se empenhar e também a alcançara.

Mas e Laura? Iria ela escapulir entre os seus dedos antes que pudesse agarrá-la com firmeza, ou antes que pudesse imaginar o que fazer com ela? Em relação a ela.

Laura estava fora do seu nível. Saber disso irritava-o. E deixava-o determinado a arrastá-la para um nível em que fossem iguais. O sexo era um grande elemento igualador.

Furioso por divagar sobre o que não devia ser um problema, ele serviu-se de um copo de vinho. Inspirou a fragrância, encolheu os ombros e bebeu um gole. Mas largou logo o copo e recomeçou a andar de um lado para o outro da sala, como um gato a rondar os limites da sua jaula.

Vira Ann naquela tarde, quando supervisionava a transferência do potro. Pelas balas que eram disparadas dos seus olhos, Michael chegara à conclusão de que Laura não conseguira passar por ela naquela manhã.

Ele sorriu ao pensar nisso, a elegante dama do solar esgueirando-se furtivamente numa camisa e calças de ganga enormes, surpreendida pela governanta de olhos frios e onnipresente.

Talvez a sr.a Sullivan tivesse trancado Laura. O sorriso desapareceu quando a ideia aflorou à mente de Michael. Talvez ela prendesse Laura dentro da casa, recusando-se a permitir que saísse. Talvez...

E talvez fosse melhor ele controlar-se.

"Ora, que se lixe!" Michael encaminhou-se para a porta. Ia atrás de Laura.

Quando ele abriu a porta, Laura saltou um passo para trás, levando a mão ao pescoço.

- Pregaste-me um susto...

- Desculpa. Eu ia libertar-te da masmorra.

- A sério? - Ela sorriu, perplexa. - Era essa a tua intenção?

- Mas parece que conseguiste escapar sozinha.

- Não pude vir mais cedo. Estamos a enfrentar um pequeno caos. Os meus pais decidiram voltar para uma rápida visita. Chegam dentro de dois dias. As meninas estão numa grande excitação. Não foi fácil metê-las na

cama.

E depois tivemos...

- Não precisas explicar. Basta vires até aqui.

Michael puxou-a e descarregou uma parte da necessidade frustrada num beijo rude. Comprimiu-a contra o umbral da porta, levou os punhos para os seus cabelos, descarregou mais um pouco.

"A mesma coisa", pensou Laura, envolvendo-o. O mesmo calor, a mesma ansiedade, a mesma maravilha. Quando foi capaz de respirar novamente, ela manteve os punhos cerrados na camisa de Michael.

- Pensei...

- O quê?

Mas Laura sacudiu a cabeça.

- Nada. - com um sorriso, ela ergueu as mãos para emoldurar o rosto dele. - Olá, Michael.

- Olá, Laura. - Ele puxou-a para dentro e fechou a porta com a bota. - Eu ia oferecer-te um copo de vinho.

- Há... obrigada. Seria ótimo.

- Mas agora terá de esperar. Michael apertou-a nos seus braços.

- Isso é ainda melhor.

Ele levou um copo de vinho a Laura quando ela se sentou na cama desarrumada, com uma camisa sua vestida. Como não tinha o que considerava uma sensação de recato despropositado de Laura, ele sentou-se na cama à sua frente completamente nu.

- Estou a comemorar - comentou Michael, ao brindarem. Laura sentia-se leve e descontraída.

- O quê?

- Vendi dois cavalos hoje. Um deles ao teu cunhado.

- Ao Byron? - Surpreendida, ela bebeu um gole, reconhecendo o sabor forte de um bom Templeton Chardonnay. - É curioso, porque a Kate não mencionou que iam comprar um cavalo.

- Acho que ele ainda não contou à Kate. -Ha...

- Ela tem algum problema com cavalos?

- Não, mas é um compromisso e tanto. Fico surpreendida por não terem conversado a esse respeito primeiro. E tenho a certeza de que a Kate também ficará surpreendida.

- Eu diria que o Byron conseguirá controlá-la.

- Não é uma questão de controlo, de um lado ou do outro. O casamento é uma sociedade. As decisões exigem discussão e acordo mútuo. Porque estás a sorrir?

- Pareces ainda mais atraente, sentada aqui, toda desgrenhada, depois do sexo, a dares um sermão sobre a ética dos relacionamentos.

- Não era um sermão. - Laura bebeu um pequeno gole do vinho.

- Foi apenas um comentário. Não acreditas na ética dos relacionamentos?

- Claro que acredito. - A mão de Michael subiu pela coxa de Laura. - Mas acho que em qualquer sociedade às vezes uma parte toma uma decisão sozinha, pressionando um pouco a ética. Gosto deste sinalzinho que tens aqui.

Os dedos de Michael deslizaram sobre um sinal em forma de crescente.

- Parece uma lua... e é mais sensual do que uma tatuagem.

- Estás a tentar distrair-me.

- Não é preciso muito esforço. - Mas os dedos desceram para o joelho. - Não quero que o Byron seja censurado pela mulher. Ele apaixonou-se pelo cavalo. Talvez eu lhe tenha dado um pequeno empurrão. Mas, se a Kate levantar algum problema, podemos cancelar o negócio.

Laura inclinou a cabeça.

- E nesse caso, na tua opinião, a Kate tornar-se-ia uma megera, e o Byron seria um pobre coitado tímido.

- Pensei em cobarde, para ser sincero. - Divertido, Michael esticou a perna dela, a fim de poder levantar o joelho e beijá-lo. Conversavas sempre sobre tudo de forma civilizada e cortês com o Ridgeway?

- Não. O que era parte do problema. Eu fazia o que ele mandava. Comportava-me como uma esposa respeitável, amorfa e submissa.

- Desculpa. - Irritado consigo mesmo pela necessidade de espiar por aquela porta da vida de Laura, ele deu-lhe um rápido apertão no joelho. - Uma péssima pergunta.

- Não, não foi. - Ela mudou um pouco de posição, recostando-se nos travesseiros empilhados contra a cabeceira de ferro. - Aprendi com isso. Aprendi que nunca mais serei amorfa ou submissa. Nunca mais me entregarei ao desespero silencioso.

Laura batia com os dedos no copo, enquanto convertia em palavras o que havia no seu coração.

- Se ele fez o que fez, foi porque eu permiti, o que faz com que seja tanto culpa minha quanto dele. Só lamento que precisasse de encontrá-lo na cama com outra mulher para me forçar a dar uma volta à minha vida.

- Sentes-te feliz agora?

- Claro... e agradecida. - Ela tornou a sorrir. - Agradecida também a ti.

O polegar de Michael deu a volta para esfregar a parte posterior do joelho de Laura.

- Porquê?

- Por me ajudares a compreender que tenho um impulso sexual. Ele inclinou-se para a frente, beijou os lábios de Laura, depois largou o copo na mesa-de-cabeceira.

- Tinhas problemas com isso?

- Agora já não tenho.

- Talvez seja melhor eu conferir, só para termos a certeza. - Mas antes que Laura pudesse enlaçá-lo, ele recuou e levantou-lhe o pé. Acho que vou começar aqui por baixo.

- Tu não vais... Oh! - Ela deixou a cabeça pender para trás, enquanto Michael trabalhava com a língua e os dentes. Sentia os seus pontos nervosos muito sensíveis. - Fazem reflexologia lá no resort. Nunca me senti assim.

- Não vais começar a fantasiar que sou o Viktor, o massagista, pois não? Ela riu, gemeu, estremeceu.

- Não. A realidade é apenas... Oh, meu Deus! - Laura largou o copo, derramando o vinho nela e nos lençóis. - Desculpa... deixa-me...

- Não, não deixo. - Michael empurrou-a ao de leve, fazendo-a tornar a cair sobre os travesseiros. - Vais ficar onde estás até eu acabar.

Ele roçou os dentes pelo tornozelo de Laura, enquanto acrescentava:

- As coisas têm sido um pouco precipitadas. Acho que saltei algumas das melhores fases.

Michael comprimiu a base da mão contra ela, fazendo-a erguer as ancas.

- Sugiro que respires fundo, querida. vou levar-te para uma longa viagem.

Era como ser assediada por todos os lados. Por dentro e por fora, na mente e no corpo. Laura nada podia fazer, a não ser absorver, reagir, experimentar. Michael foi subindo, como se ela fosse uma refeição a saborear, prato por prato.

As luzes que ele deixara acesas eram brilhantes de mais, incomodando

os olhos de Laura, mesmo depois de ela os fechar. O ar, embora uma brisa soprasse pelas janelas abertas, tornou-se subitamente opressivo, de tal forma que cada respiração era um arquejo. A sua pele, que já não estava fria, pulsava com o ritmo do sangue por debaixo, com o roçar das mãos e dos lábios de Michael.

Os músculos longos das coxas de Laura tremeram quando ele as acariciou; os lençóis farfalhavam quando ela flexionava as mãos.

Laura nunca experimentara nada assim antes, nunca fora acariciada daquela forma, como se ela fosse tudo, como se encerrasse todas as coisas.

A boca de Michael comprimiu-se contra a dela, numa súbita voracidade, rude e concentrada no beijo, o calor aumentando, até que Laura voou como uma flecha, e foi cortada pelo gume afiado do seu próprio prazer.

Michael estava louco por ela agora, ansioso por vê-la imobilizada no auge do prazer. Laura tinha a cabeça pendendo para trás, os olhos cegos, as mãos apertando as colunas de ferro da cama, como se apenas essa pressão desesperada a mantivesse ancorada.

E ele queria levá-la ainda mais longe.

Usou as mãos, até que ela se projectou contra ele, num ritmo frenético e suplicante. Observou-a, até ouvir o seu nome sair num soluço, até que ela soltou as colunas de ferro, até que o seu corpo se tornou dócil e maleável, como cera derretida.

Laura ficou imóvel, arrasada, incapaz de fazer mais do que gemer, quando ele a levantou para tirar a camisa pelos ombros.

- És linda, sr.a Templeton. Dourada. - Ele tocou-lhe nos cabelos. Depois num seio, fazendo-a estremecer ao contacto. - Rosada.

- Michael... - Ela abriu os olhos pesados, viu o quarto girar. - Não consigo.

- Não consegues? - Gentilmente agora, ele baixou a cabeça e passou a língua pelo mamilo. - Tenho as minhas dúvidas.

- Sei que tu não... que não tens... - Ela estendeu a mão para ele, sabendo que o encontraria duro e pronto. - Larga-me...

- Vamos deixar para outra ocasião. - Michael sorriu, embora o seu sangue fervesse quando os dedos de Laura o apertaram. - Cobrarei a dívida. Agora vamos ver se podemos acabar isto à maneira antiga.

Ele fechou a boca sobre o seio, fazendo-a mais uma vez gemer de prazer.

- Tu fazes coisas dentro de mim... - A respiração de Laura era outra vez ofegante. A nova necessidade espalhava-se, aumentava, vibrava. - Não tens ideia do que fazes dentro de mim.

Era algo que se acumulava de novo, com uma força insuportável. Laura podia ter chorado. Michael saboreou os seus seios, com dentes e língua famintos, deliciando-se com aquele gosto frágil e floral pelo qual ele tanto passara a ansiar. Pegou nas mãos de Laura, levou-as para os postes da cama, manteve as próprias mãos sobre as dela.

Surgiu na cabeça atordoada de Laura que ambos se encontravam acorrentados, prisioneiros do que faziam.

Ela aceitou, ergueu a boca para encontrar a de Michael e recebeu as suas arremetidas rápidas e desesperadas.

E depois houve apenas uma pressa cega, um calor ardente, arquejos, a canção animal de carne contra carne. De forma mais forte, mais profunda, até que ele parecia todo enterrado nela. Até que, ainda ligados, pelas mãos, bocas, sexo, mergulharam no êxtase.

Mais tarde, depois que o sangue arrefeceu e o ar voltou à normalidade, Laura mexeu-se. O braço de Michael envolvia-a.

- Pensei que estavas a dormir - murmurou ela.

- E estava mesmo.

- Tenho de ir agora. Não posso entrar em casa furtivamente todas as manhãs com os sapatos na mão.

- Só mais um pouco. - Meio adormecido, Michael falava com a voz entaramelada. - Quero abraçar-te.

O coração de Laura derreteu-se. com extrema gentileza, ela afastou os cabelos do rosto de Michael. «Cabelos rebeldes, indomáveis», pensou. Os cabelos do demónio, escuros e sedutores.

- Só mais um pouco.

Ela encostou a cabeça no ombro de Michael, a mão no seu coração. Mas ele já voltara a adormecer. Por isso Laura continuou ali, por mais algum tempo, sentindo as batidas do coração dele.

A sr.a Williamson pôs uma pilha de panquecas sob o nariz de Michael. Parecia que o mínimo que ele podia fazer agora era comê-las.

Ela observou-o dar a primeira dentada, com os braços cruzados sobre os seios.

- Isto é do melhor que há - murmurou ele. - Quando eu terminar a minha

casa, sentirei saudades de vir até aqui para saborear a sua comida. Tem a certeza de que não quer casar comigo e acompanhar-me?

- Pergunta tanto, que pode acabar por ter uma surpresa. - A sr.a Williamson serviu mais café. "O menino sempre tivera um apetite voraz", reflectiu ela. "Por todas as coisas." - Já acabou a comida que mandei?

- Comi tudo... até o prato. - Distraído, Michael baixou a mão para afagar o gato que se enroscava esperançoso nas suas pernas. E também a torta e os biscoitos.

Ele pegou na mão da sr.a Williamson, beijando-a, enquanto ela ria.

- Se quisesse fazer um daqueles seus bolos de chocolate... Aquele com creme e cerejas?

- Floresta Negra. O bolo preferido da menina Laura.

- A sério? - Ao que tudo indicava, partilhavam o mesmo gosto fora da cama. - Provavelmente ela não daria por falta de uma ou duas fatias.

- Verei o que posso fazer... - Ela passou a mão pelos cabelos de Michael, puxando o rabo-de-cavalo. - Precisa de um corte decente. Um homem da sua idade não pode usar os cabelos como se fosse um hippie.

- O último hippie emigrou para a Gronelândia em 1979. Há lá uma pequena comunidade, onde ainda fazem colares de missangas.

- Ah, é mesmo espertinho! Coma tudo. Tenho de fazer com que as crianças comam antes de saírem para a escola. E a menina Laura também. - A sr.a Williamson voltou ao fogão. - Ela come como um passarinho. Nunca tem tempo para se sentar e começar o dia com uma boa refeição. "Só café", diz-me ela. Não se pode abastecer um corpo apenas com café.

O corpo de Laura parecia bem abastecido para o gosto dele, mas Michael reflectiu que não seria sensato fazer o comentário. A sr.a Williamson podia gostar dele, mas Michael não imaginava que aprovaria a sedução da sua patroa, em sessões de sexo ardente.

- Ela vai acabar doente, como aconteceu com a menina Katie no ano passado.

Michael parou de imaginar as coisas para fitá-la.

- A Kate esteve doente?

- Uma úlcera. - A própria ideia já era um insulto para ela. A sr.a Williamson parou de trabalhar nas panquecas e virou-se para fitá-lo.

- Consegue imaginar uma coisa dessas? Trabalhava de mais, comia de menos, preocupava-se tanto, que acabou por cair de cama. Mas tratámos bem

dela.

- A Kate já ficou boa? Parece ótima.

- Recuperou-se por completo. E está à espera de um filho.

- A Kate está grávida? - O sorriso espalhou-se pelo rosto de Michael. - Ele é ou não é um grande sacana?

Ele estremeceu quando a sr.a Williamson contraiu os olhos. Lembrou-se que ela não admitia palavrões na sua cozinha.

- Desculpe.

- Desta vez passa. Ela tornou-se saudável e feliz, a nossa Kate. O homem com quem ela casou não a deixa sair de casa sem comer. É um homem sensato, que sabe como cuidar de uma mulher.

- Formam um belo casal. - "com classe", pensou Michael, olhando para o seu prato, com o rosto franzido. Mas também Byron fora criado na aristocracia sulista, enquanto Kate era, sob todos os aspectos que importavam, uma Templeton. - Os dois combinam muito bem.

- Tem toda a razão. É um prazer ver a menina Kate feliz, a menina Margo tão satisfeita e assente. E o que menina Laura tem, além daqueles dois anjos para criar sozinha? - Ela gesticulou com a espátula, fez uma pausa para respirar. - Ainda bem que os pais vêm cá passar algum tempo. Não há ninguém no mundo que possa endireitar uma confusão tão bem quanto o sr. e a sr.a T.

Quando a porta se abriu, ela apressou-se a fechar a boca, não querendo ser surpreendida a falar da família.

- Sr.a Williamson, eu... Olá, Michael.

Laura parecia tão viçosa quanto um botão de rosa com o fato de saia e casaco amarelo-claro. Nem um pouco parecida com a mulher que balbuciara o seu nome na noite passada. A não ser que se observassem os olhos.

- Olá, Laura. A sr.a Williamson teve pena de um pobre homem faminto.

- Panquecas de amora. As meninas vão ficar encantadas.

- Sente-se, menina Laura, e coma uma panqueca.

- Não posso. Apenas café, por favor. Estou à procura da Annie. Ela pegou na chávena estendida pela sr.a Williamson. - Já devia estar no carro. Não consigo encontrar a Annie. Preciso de saber se ela pode levar as meninas à escola.

- Ela saiu. É o dia de ir ao mercado do produtor.

- Há... - Laura comprimiu os dedos contra os olhos. - Tinha-me

esquecido. Nesse caso, tenho de...

- Fica descansada que eu levo-as.

Ocupada em reformular os seus horários, Laura olhou aturdida para ele.

- Como?

- Eu posso levar as meninas à escola.

- Não fazia tenção de te pedir, mas...

- Não há problema, e acho que não tens tempo para discutir isso. Podes ir trabalhar. Ainda sou capaz de levar duas meninas à escola sem que sofram danos permanentes.

- Não quis dizer... - "Ele tem razão", admitiu Laura, lançando outro olhar para o relógio. Não dispunha de tempo para discutir. - Obrigada. É a Academia Hornbecker. Se fores pela estrada principal até...

- Eu sei onde fica. É a mesma escola em que estudaste.

- Isso mesmo. - Laura não imaginava que Michael soubesse em que escola ela estudara, muito menos que ainda se lembrasse. - Fico muito agradecida, Michael. Estou demasiado atrasada.

Largou a chávena, ficou imóvel durante um instante, atordoada quando Michael lhe pegou na mão.

- Relaxa. O hotel não vai desabar se chegares atrasada a uma reunião.

- Não, mas o meu departamento pode desabar. A Ali tem de entregar a composição de inglês esta manhã. Já está pronta; verifiquei. Mas podes querer lembrar-lhe. E a Kayla tem de voltar a escrever algumas palavras pelo caminho. Ela vai ter um teste. A Ali pode ajudá-la.

- Já disse que trato de tudo.

- Eu sei. Mas lembra-lhes para levarem os guarda-chuvas. Já os preparei. Pode chover.

-Agora... - Michael levantou-se. Esqueceu-se que tinha audiência, pegou no rosto de Laura entre as mãos e beijou-a. - Vai-te embora.

- Eu... - Ela olhou para o lugar em que a sr.a Williamson, ao que parecia, estava absorvida nas panquecas. - Já vou. Mas é preciso lembrar-lhes que dêem comida ao cão. Às vezes...

- Fora. - Como aparentemente ela precisava de um impulso, Michael empurrou-a até à porta. - Vai refilar com outra pessoa.

Quando Laura abriu a boca, ele deu-lhe uma palmadinha cordial no rabo para despachá-la. Depois de ela sair, Michael observou:

- Como é que alguém pode começar o dia assim?

Ao virar-se, ele descobriu que a sr.a Williamson estava a observá-lo com uma expressão muito séria. Praguejou, mas teve a sensatez de só o fazer mentalmente.

- Isto é assim todos os dias?

Ela ignorou a pergunta, aproximou-se e contornou-o. Michael tinha uma boa noção do que ela via. Um homem que entrava pela porta dos fundos porque não pertencia à porta da frente. Ela parou, fitando-o nos olhos, e contraiu os lábios.

- Não pude deixar de me perguntar se o menino estava de olho em qualquer outra coisa aqui além da minha comida.

Como a sr.a Williamson o deixava com vontade de arrastar os pés em confusão e timidez, ele enfiou as mãos nos bolsos.

- E daí?

- E daí... ótimo. - Ela deu uma palmada no rosto de Michael, achando graça à expressão de espanto. "Este menino", reflectiu ela, "nunca teve a menor ideia do valor que tem". - E daí... ótimo para os dois. Já era tempo, na minha opinião. É a primeira vez na sua vida que aquela menina tem um homem de verdade.

Humilde, sem saber o que dizer, Michael balançou a cabeça. Ao recuperar a voz, pegou nas mãos dela.

- Sr.a Williamson, vai acabar por me matar de susto.

- Mato de verdade se partir o coração daquela rapariga. Mas, por enquanto, devem estar a fazer bem um ao outro. Agora, sente-se e acabe de comer, antes que a comida arrefeça. Se vai tratar das meninas esta manhã, precisará de todas as suas forças.

- Eu gosto mesmo de si. A sério.

O rosto da sr.a Williamson abriu-se num largo sorriso.

- Sei disso, rapaz. E também gosto muito de si. Agora, sente-se e coma. Elas vão descer num minuto, falando sem parar.

CAPÍTULO 14

MICHAEL Fury saltara do alto de prédios, lutara nas selvas, enfrentara um tufão no mar, pilotara carros a alta velocidade, em diversas ocasiões partira ossos por todo o corpo.

Participara em lutas em bares, passara a noite numa cela em que o trabalho artístico nas paredes tendia a ser de reproduções anatomicamente exageradas de órgãos femininos. Matara homens e amara mulheres.

E levava, conseguia compreender agora, uma vida sossegada.

Jamais encarara os perigos e apuros de sair de casa com duas meninas num dia de aulas.

- Que história é essa de não poderes usar esses sapatos?

- Não combinam com as minhas roupas.

Michael contraiu os olhos, enquanto examinava a saia estampada e a camisola cor-de-rosa de Ali. Ia jurar que ela tinha qualquer coisa verde vestida apenas um minuto antes.

- Foi o que disseste da última vez. E parecem-me óptimos. São apenas sapatos.

À maneira de todas as mulheres, desde que Eva pegara numa folha de figueira, Ali revirou os olhos.

- Os sapatos não condizem. Tenho de trocá-los.

- Pois então apressa-te.

A menina subiu a escada a correr, enquanto Kayla puxava a mão de Michael.

- Esqueci-me como se soletra "confusão".

- A-l-l-i-s-o-n.

Kayla soltou uma gargalhada.

- A sério. É com esse ou cedilha?

- Esse.

Michael tinha a certeza. A ortografia não era o seu forte. E, se não saíssem imediatamente, ele iria atrasar-se para a reunião com o construtor. A demora na aprovação das licenças já retardara o início das obras. Agora tinha de suportar a Allison e os seus sapatos...

- Allison, vou sair pela porta, com ou sem ti, dentro de dez segundos.

- A mãe também diz isso às vezes - informou Kayla. - Mas nunca sai sem ela.

- Eu saio. Vamos embora. Ele puxou Kayla para a porta.

- Não pode ir sem ela. - com os olhos arregalados, ela acompanhou-o até ao carro. - A mãe vai ficar furiosa se fizer isso.

- Mas nós vamos. Entra no carro.

- Como é que a Ali vai para a escola?

- Pode ir a pé - respondeu Michael, sombrio. - com os sapatos que escolher.

Ele não resolvera a crise do gancho partido da Kayla? E os cabelos da menina pareciam ótimos agora, presos atrás, com o elástico que ele tirara dos seus próprios cabelos. Não entrara em pânico quando Ali alegara ter perdido a mochila com os livros. Em vez disso, tratara de encontrá-la, debaixo da mesa da cozinha, onde ela a largara ao comer o pequeno-almoço.

Permanecera o mediador calmo quando as duas se lançaram numa discussão para decidir de quem era a vez de dar comida aos bichos. E não vacilara quando o Bongo expressara o seu pesar pela saída das pequenas donas ao fazer chichi no vestíbulo.

"É verdade, mantive-me forte, resisti a tudo", pensou Michael, enquanto ligava o carro. "Mas sei quando estou a ser manobrado, e isso não vou admitir."

A impaciência transformou-se em presunção quando viu Ali sair de casa a correr. A indignação faiscava nos olhos da menina ao abrir a porta do carro.

- Ia-se embora sem mim.

- Ia mesmo, Lourinha. Entra.

Sem querer que ele percebesse, naquelas circunstâncias, que a alcunha a deliciava, Ali empinou o queixo.

- Só há dois bancos. Onde me vou sentar? -Ao lado da tua irmã.

-Mas...

- Entra! Já!

À ordem ríspida, ela apressou-se, espremendo-se ao lado de Kayla. com uma expressão teatral de contrariedade quando Michael se inclinou para puxar o cinto de segurança em torno das duas, Ali declarou:

- Acho que isto não é legal.

Era o seu melhor tom de dama do solar, compreendeu Michael. A voz da mãe.

- Chama um polícia - murmurou ele, dando a partida. Durante os quinze minutos seguintes, Michael foi presenteado com um fluxo incessante de queixas.

- Ela está a empurrar-me!

- Ela está a ocupar o espaço todo!

- Ela está sentada na minha saia!

O músculo por detrás do seu olho começou a tremelicar. Como é que alguém, qualquer pessoa, podia tolerar aquilo todas as manhãs da sua vida?

- Tenho de escrever as minhas palavras - lamentou-se Kayla. Tenho teste hoje. Michael, a Ali está outra vez a empurrar-me com o cotovelo.

- Ali, está quieta.

Ele soprou os cabelos que dançavam diante do seu rosto, por causa do elástico que dera a Kayla.

- Não há espaço suficiente - comunicou Ali, altiva. - Ela está a ocupar o banco todo.

- Não estou, não.

- Estás, sim.

-Não...

Ao grunhido furioso do homem ao lado, as duas meninas caíram num silêncio momentâneo. Satisfeito, Michael respirou fundo para se acalmar.

- Quais são as palavras que tens de soletrar?

- Não me lembro. Anotei no meu caderno. - A voz saía como um gemido. - Se eu não fizer cem, não poderei brincar no computador como prémio.

- Então pega no caderno.

E isso, como ele devia ter previsto, acarretou novas queixas.

- Estás a pisar os meus sapatos. Vais sujá-los. Kayla, eu vou...

- Não quero ouvir nada sobre os sapatos, Lourinha. - A comichão voltara, duas vezes mais forte. - Nem uma só palavra sobre os sapatos.

- Aqui estão as minhas palavras!

Triunfante, Kayla acenou com o caderno. No seu entusiasmo, bateu com o caderno na cabeça de Michael.

- Pois então estuda algumas.

- Não é assim. A Ali lê, e eu soleiro. E tenho de usar cada palavra numa frase.

- Não quero ler nada.

Michael lançou um olhar ameaçador a Ali.

- Queres ir a pé?

- Está bem, está bem... - De má vontade, ela pegou no caderno.

- São apenas palavras de criança.

- Não são, não! Estás irritada porque o Tod gosta mais da Mareie do que de ti.

- Não gosta nada! E, de qualquer forma, não me importo. E tu não aprendeste as tuas palavras porque preferiste fazer desenhos idiotas.

- Não são idiotas. Tu é que és idiota porque...

- Parem com isso. Já. Se eu tiver de parar o carro... - Consternado, ele parou de falar. Acabara de dizer o que pensava que dissesse? Ele respirou fundo várias vezes, para se acalmar. - Allison, lê as palavras.

- É o que vou fazer. - Ela fungou, olhando a lista escrita por Kayla.

- Recolher.

- R-e-c-o-l-h-e-r.

Depois de soletrar, Kayla mordeu o lábio. Tentou imaginar uma frase. Lançou um olhar esperançoso para Michael.

- Michael Fury, oferecendo-se inocentemente para levar duas meninas à escola, teve de recolher em seguida a uma instituição para loucos insanáveis.

Ali soltou uma risada.

- Ele está a brincar.

- Não apostes nisso, menina. - Mas ele vasculhou a mente, à procura de outro exemplo. - A testemunha reconheceu o homem que acabara de recolher à prisão como autor do crime. Está bom assim?

- Está.

Eles reviram outras palavras. Michael sentia-se quase tonto ao passar pelos portões da escola. O seu Porsche antigo misturou-se com Mercedes reluzentes, Lincolns discretos e vistosos jipes.

- Raspem-se - disse ele, desafivelando o cinto de segurança. Estou atrasado.

- Devia dizer "Tenham um bom dia" - lembrou Kayla.

- A sério? Pois tenham um bom dia. Adeus.

- Michael... - Kayla revirou os olhos. - Agora tem de nos dar um beijo de despedida.

Ela contraiu os lábios e beijou-o. Divertido, Michael olhou para Ali.

- A Ali não quer beijar-me. Ainda está zangada comigo.

- Não estou, não. - Ela fungou, mas depois inclinou-se graciosa, encostando os lábios ao rosto de Michael. - Obrigada por nos trazer à escola.

- Foi muito... instrutivo.

Michael observou-as a subirem apressadas pelos degraus de granito, com hordas de outras crianças.

- Ah, Laura... - Ele apoiou a cabeça dolorida no volante. - Como consegues suportar isto todos os dias sem mergulhar na bebida para esquecer?

Ela podia explicar que era uma questão de planeamento, disciplina e prioridades. E orações por paciência. No fim daquele dia em particular, porque o primeiro dos três factores se esfacelara nas suas mãos, Laura tratou de recorrer às orações.

Poderia ter previsto que duas mulheres de revistas românticas rivais se agrediriam ao murro no vestíbulo? Pensava que não. Poderia adivinhar que, depois dos esforços colectivos para controlar o furor dos puxões de cabelos, mordidelas e palavrões, dois dos seus funcionários precisariam de levar pontos? Duvidava muito.

Poderia prever, depois do evento, a chegada da imprensa, câmaras, microfones, perguntas, a necessidade que ela teve de dar as respostas. Mas não tinha de gostar disso.

A situação não tinha sido muito melhor quando chegara à Pretenses, para encontrar Kate indignada porque Margo mexera na sua sagrada contabilidade.

E depois viera uma cliente que passara um longo tempo na sala do guarda-roupa, esquecendo-se de tomar conta das três crianças que levava para a loja, deixando-as fazer uma grande confusão.

O resultado fora um vaso partido, balcões cheios de dedadas, nervos à flor da pele. A mulher saíra indignada, depois de lhe pedirem para controlar os filhos e pagar os prejuízos.

A vida não se tornou mais simples quando ela chegou a casa, querendo lamentar-se, mas tendo de enfrentar um iminente projecto de Ciências, o pedido para ser acompanhante voluntária numa excursão ao aquário e eterno terror maternal, uma longa divisão no trabalho de Matemática.

O seu ânimo não melhorou, ao descobrir que o Bongo expressara a sua adoração por ela ao entrar no roupeiro e roer três sapatos... todos de pares diferentes.

E os seus pais chegariam no dia seguinte.

Tudo bem. Laura esfregou o rosto com as mãos depois de trocar de roupa. Tratara de tudo. O trabalho de casa fora feito, o Bongo castigado; e era improvável que o hotel fosse processado porque duas mulheres decidiram travar uma batalha campal no vestíbulo.

Ainda assim, precisava de respirar um pouco de ar fresco, o que lhe proporcionaria uma oportunidade de verificar se o velho Joe tratara bem do jardim, e certificar-se de que os caminhos tinham sido varridos. E, como se esquecera de pedir a Ann que mandasse aspirar e preparar a piscina para a visita da mãe, ela mesma faria isso.

Passou pelo quarto de Ali, arregaçando as mangas enquanto andava. Parou por um momento e sorriu. Podia ouvir as filhas lá dentro a conversarem sobre um recente ídolo romântico do cinema que ainda não tinha idade suficiente para fazer a barba. As duas estavam a rir.

E não podia haver nada de errado no mundo quando as suas filhas desatavam a rir daquela maneira.

Laura saiu pela porta lateral, sabendo que Ann lhe faria uma prelecção por deixar os jardins e a piscina aos cuidados do velho Joe e do seu neto. Mas ela sabia que o jovem Joe andava a estudar muito para os exames finais na faculdade. E só precisaria de dez minutos - ora, talvez vinte - para tratar de tudo. Além do mais, gostava de aspirar a piscina, algo que não exigia qualquer pensamento.

Era uma oportunidade de sonhar no jardim, com flores desabrochando por toda a parte, como ela reparou logo, com grande satisfação. A tendinite do velho Joe devia estar a portar-se bem. Ele plantara os novos canteiros de flores anuais, preenchendo os espaços entre as plantas de floração perene, criando uma fascinante mistura de cores e formas.

Os caminhos estavam limpos, a terra húmida da rega, devidamente alisada.

- Parece que está tudo em ordem - murmurou Laura para o cão que a acompanhava. Perdoara-o pelo incidente com os sapatos quando ele fizera uma cara de envergonhado e lambera o seu rosto em arrependimento. - Agora senta-te e porta-te como deve ser.

Disposto a retribuir o perdão, Bongo acomodou-se à beira da piscina, observando-a por cima das patas peludas, com os olhos transbordando de amor.

Se ela se lembrasse de comprar o novo equipamento, pensou Laura, a limpeza da piscina seria automática. Só precisava de tomar nota quando voltasse para casa. No fundo, talvez fosse melhor ceder e comprar uma daquelas agendas electrónicas que a Kate trazia sempre no bolso.

Mas também não era muito difícil desenrolar as mangueiras da caixa, guardada no telheiro da piscina, e encaixar todas as peças. Laura desempenhou todas as tarefas com gestos automáticos, sempre a sonhar. Daria um beijo de boa-noite às meninas. Era sempre óptimo ver Ali sorrir, sentir que o seu abraço era afectuoso.

Ali podia estar desiludida com o pai, mas já se sentia melhor consigo própria. E era isso que mais importava.

Depois, reflectiu Laura, podia examinar as contas da casa com Annie.

Tudo corria bem nessa área. O salário no hotel e os lucros que recebia da loja, além dos juros dos investimentos que Kate fizera para ela, mantínham-na ao de cima. Pelos cálculos de Laura, dentro de uns seis meses conseguiria até dar algumas braçadas.

Portanto, não teria de vender mais jóias, a menos que fosse absolutamente necessário. Já não precisava de se esquivar às perguntas dos pais e do Josh.

E talvez, apenas talvez, conseguisse até juntar os recursos necessários para comprar a égua para a Ali. Teria de conferir as suas contas mais tarde. Ou amanhã, reflectiu ela, pensando em Michael.

Queria procurá-lo mais uma vez naquela noite, esquecer tudo, limitar-se a ser, a sentir. Michael fazia-a sentir-se como o centro do universo, quando faziam amor.

Laura sempre sonhara com um homem que não pensasse noutra coisa que não fosse ela quando estivesse nos seus braços. Que se perdesse nela, como ela se perdia nele. Que a fizesse saber que estava tão concentrado nela, quando a acariciava, que não havia espaço para mais nada na sua mente ou no seu coração.

Ah, como gostaria de conhecer o coração de Michael...

Era esse o seu problema, admitiu Laura, enquanto passava o aspirador pela piscina. Ainda queria aquele amor romântico e tolo com que sonhara quando era menina.

"O amor de Seraphina", pensou ela, com uma suave gargalhada. Do tipo pelo qual uma mulher morreria.

Claro que não podia permitir-se ser sentimental ao ponto de se atirar do alto do penhasco por algum homem. Tinha as filhas para criar, uma casa para administrar e uma carreira - uma carreira surpreendentemente interessante - para desenvolver.

Assim, tinha de se contentar com qualquer coisa que ela e Michael pudessem ter, e sentir-se-ia grata por isso. "Mais do que grata", pensou ela, naquela noite, na cama, quando ele a tornasse a acariciar.

Quando sentisse aquelas mãos impacientes e rudes que tomavam tudo o que queriam e a levavam à loucura de tanto desejo.

A maneira como ele murmurava o seu nome, suave e profundamente, quando a penetrava...

- Mas o que estás a fazer?

O cabo do aspirador quase escapou das suas mãos devido à voz ríspida. Ela levantou a cabeça abruptamente e deparou-se-lhe o amante, com cara de poucos amigos, parado com as mãos nos bolsos e os cabelos soltos. Resistindo ao impulso de saltar para cima dele e arrancar-lhe a roupa, Laura inclinou a cabeça.

- Ora, estou a preparar um suflê. O que é que te parece?

- Porque é que fazes isso pessoalmente? - Ele alcançou-a com dois passos furiosos, e pegou no cabo do aspirador. - Não tens empregados para tratarem disso?

- Para ser franca, não. Despedi o rapaz da piscina há uns dois anos quando descobri que a Candy o usava para a sua manutenção pessoal, além da piscina. Achei... constrangedor.

Michael não ia sorrir. Encontrá-la daquela forma, ocupada numa absurda tarefa subalterna, depois de trabalhar em dois empregos durante o dia inteiro, deixava-o irritado.

- Pois então contrata outro.

- Infelizmente, não se enquadra no meu esquema neste momento. De qualquer forma, posso muito bem fazer isto. - Ela afastou os cabelos do rosto de Michael, examinando-o com mais atenção. Pareces muito cansado. Tiveste um dia difícil?

Ele estava de mau humor desde que o construtor calculara que precisaria de seis meses para concluir as obras. Estiveram muito tempo a falar sobre licenças, inspecções, urbanização, mas a conclusão final fora a de que seria inquilino de Laura por muito mais tempo do que imaginara.

E não queria ser seu inquilino, ter de lhe entregar um cheque para a renda todos os meses. "Não é pelo dinheiro", pensou Michael, contrariado. "É porque... é constrangedor."

- Já tive dias melhores. - Ele empurrou-a para o lado e começou a aspirar a piscina. - Mas não vamos falar a meu respeito. Não podes criar duas meninas, trabalhar em dois empregos e ainda por cima ocupar-te de tarefas destas. Porque é que não fechas a piscina?

- Porque gosto de nadar. Há muitas mulheres que trabalham mais do que eu e conseguem sair-se bem.

- Elas não são como tu.

O que resumia tudo o que Michael tinha em mente.

- É verdade. Elas não têm uma linda casa que nunca ninguém lhes irá tirar, não costumam ter um emprego em que não correm qualquer risco se, por acaso, precisarem de mudar o horário.

Insultada, Laura discutiu com ele para recuperar o cabo do aspirador.

- Não sou a princesa mimada que tu pareces pensar. Sou uma mulher... - ela ofegava e puxava o cabo do aspirador. competente e inteligente, capaz de conduzir a minha vida da forma que eu quiser. Estou cansada das pessoas que me afagam a cabeça e dizem "pobre Laura" pelas costas. Não sou a pobre Laura e posso muito bem limpar a porcaria da minha piscina. E agora devolve-me já isso que tens na mão.

- Não. - Michael já se acalmara bastante com a explosão de Laura. Não tinha chegado a ser muito violenta, mas havia potencial naqueles olhos tempestuosos, faces coradas e dentes a ranger. - Continua a lutar comigo, minha querida, e atiro-te para a piscina. Esta noite acho que está um pouco frio para um mergulho.

- Faz como quiseres. És um homem, no fim de contas, e os homens são muito mais capazes de realizar as tarefas que não exigem um mínimo de inteligência. Mas não te pedi ajuda, nem preciso dela. Também não preciso dos excelentes conselhos ou das tuas críticas não solicitadas sobre a maneira como dirijo a minha vida.

- Fiquei abalado - murmurou ele, sereno. - As minhas mãos já começaram a tremer.

Os olhos de Laura contraíram-se, ameaçadores.

- Também podes dar um mergulho.

"Interessante", pensou ele. Laura seria mesmo capaz de ter uma

explosão física?

- É mesmo? Queres tentar atirar-me para a piscina?

- Se eu te atirasse, pingarias água na... Oh, não! Bongo, não!

Os insultos foram esquecidos quando ela avistou o cão ocupado a escavar num canteiro de amores-perfeitos acabados de plantar.

- Pára com isso! Pára agora mesmo! - Ela contornou a piscina, pegou no cão, franziu o rosto para o focinho sujo de terra. - Como pudeste fazer isso?

Eu não disse para estares quieto? É muita maldade. Tu não podes escavar as flores.

Quando Laura o largou para avaliar os estragos, Gongo tornou a pular para o canteiro, muito contente, e recomeçou a escavar.

- Eu disse que não podes! Pára com isso! Porque é que não me obedeces?

- Porque ele sabe que és uma banana. Bongo!

À voz de Michael, o cão levantou a cabeça e sorriu contrafeito. Michael quase que podia ouvir o sentimento: "Ora, Mick, eu estava apenas a divertir-me um pouco." Michael estalou os dedos e apontou. Bongo recuou, sacudiu-se todo e sentou-se, obedientemente. Dividida entre a raiva e a admiração, Laura assobiou baixinho.

- Como fizeste para que ele te obedecesse?

- É um dom.

- Foi incrível. - A raiva prevaleceu. Ela passou as mãos pelos cabelos. - Não consigo controlar um cachorrinho de dois quilos.

- Precisas apenas de prática e paciência.

- Não tenho tempo para a prática agora. - Laura ajoelhou-se, começando a salvar as plantas desenterradas. - E a minha paciência esgotou-se. O velho Joe vai dar cabo de mim por isto.

- Laura... - Embora lhe parecesse demasiado óbvio, Michael agachou-se e fez-lhe notar mesmo assim: - Ele trabalha para ti.

- Tu não sabes como é... - murmurou ela, alisando desesperada a terra revolvida com as mãos. - Basta eu cheirar uma única rosa não indicada no seu jardim para que ele... Não fiques aí parado. Vê lá se me ajudas.

- Pensei que não precisasses de ajuda.

- Cala-te, Michael! - Ela passou a mão pelo rosto, sujando-o de terra. - Fecha essa boca e ajuda-me a salvar estes amores-perfeitos antes que o Bongo e eu sejamos levados para o canil.

- Já que pedes com tanta delicadeza...

Ele enterrou as raízes na terra. Ouviu-a soltar um longo e estridente gemido.

- Não é assim. Não estás a plantar sequóias. Tem mais cuidado.

- Desculpa. É o meu primeiro dia no emprego.

Michael balançou a cabeça, enquanto ela mudava de posição e se ajoelhava na terra, de uma maneira que transformaria as suas elegantes calças compridas num trapo. "E tudo para resguardar a sensibilidade de um velho jardineiro", pensou ele.

- Também tens medo do resto dos empregados?

- Claro. A maioria está aqui há mais tempo do que eu. Isto pode funcionar.

- As mãos de Laura, agora cobertas pela terra negra, alisavam e apalpavam.

- Mal vai dar para reparar quando eu tiver acabado... Mas afinal, quem estou a tentar enganar? O velho Joe consegue perceber se arrancamos uma erva daninha, por menor que seja.

- Está a parecer-me tudo perfeito.

- Não saberias distinguir um amor-perfeito de um gerânio.

- Agora comesças a insultar-me. Tens uma coisa aqui... - Ele passou a mão pelo rosto de Laura, acrescentando uma nova camada de terra. - E aqui também. Tem de ficar tudo igual.

- Deves estar a achar muito engraçado...

com um esforço para manter a dignidade, Laura tentou limpar o rosto, mas só conseguiu deixá-lo ainda mais sujo.

- Não, não acho. - Michael pegou num pouco de caruma húmida e pô-la nos cabelos de Laura. - Mas isto é engraçado.

- Uma pena que eu não tenha o teu rude sentido de humor. Mas deixa-me tentar... - Ela esfregou as mãos sujas de terra na camisa de Michael. - Pronto. Estou a morrer de riso agora.

Ele olhou para a camisa. Acabara de lavá-la.

- Exageraste.

O tom advertia-a a não recuar devagar, a não perder tempo com razões e desculpas, mas a fugir o mais depressa possível. Laura levantou-se de um salto, fazendo o cão explodir em latidos alegres e frenéticos. Ainda conseguiu afastar-se dois ou três metros, antes de ser agarrada pela cintura e levantada

no ar.

- Foste tu quem começou - balbuciou ela, entre risadas abafadas.

- Tens razão. E agora sou obrigado a terminar.

- Eu mando lavar a tua camisa. Então! - Laura observou o mundo girar, enquanto ele a virava nos seus braços. - Ora, sr. Fury, é tão... tão dominador, tão forte... mas o que vai fazer?

A diversão transformou-se em pânico quando ela percebeu para onde iam e qual era a intenção dele.

- Michael, isto não tem nada de engraçado.

- É apenas o meu rude sentido de humor outra vez - comentou ele, enquanto se encaminhava para a beira da piscina.

- Não faças isso. Estou a falar a sério, Michael. - Em autodefesa, ela passou os braços pelo pescoço dele. - Estou coberta de terra, está frio e acabei de limpar a piscina.

- Olha só como cintila... - Sempre controlando os movimentos frenéticos de Laura, ele tirou os sapatos. - Ficas linda ao crepúsculo, não achas?

- Vais pagar caro - prometeu ela. - Juro que vais pagar muito caro se ousares...

- Prende a respiração - sugeriu ele, saltando para dentro da piscina.

Mas Laura estava a gritar quando caiu, engoliu água e levantando-se engasgada disse:

-Seu idiota! Tu...

Ela engoliu mais água quando Michael lhe empurrou a cabeça para baixo. Só que ele não imaginava que Laura Templeton tivesse sido capitã da sua equipa de natação, tinha uma gaveta cheia de medalhas e mais de uma vez tivera êxito ao defender-se da tirania de um irmão mais velho.

Enquanto Michael desatava às gargalhadas, com a água a escorrer, ela mergulhou entre as suas pernas, agarrou onde um homem era mais vulnerável, e apertou com força. Pôde ouvir o eco abafado do grito de Michael, sorriu e puxou-o para baixo.

Laura afastou-se, voltou à superfície, esperou presunçosa que ele aparecesse ofegante e nadasse para a beira da piscina.

- Agora isso foi engraçado - murmurou ela, atirando para trás os cabelos molhados.

Michael já recuperara quase todo o fôlego e fitou-a com os olhos contraídos.

- Queres uma luta suja, minha querida?
- Este é o meu elemento, Michael. Vais perder.
- Queres apostar?

Ele fizera por diversas vezes façanhas na água no seu tempo de duplo. Partiu atrás de Laura.

Ela era mais rápida do que ele imaginara, mais ágil. Michael sabia que ela estava a gozar com ele, pela maneira como se esquivava no último instante, mergulhando para o fundo. Era impressionante a maneira como ela conseguia mudar de direcção de repente. Voltaram à superfície, observando-se.

- Umas calças de ganga molhadas dificultam os movimentos. Laura inclinou a cabeça para o lado.

- Se precisas de uma desculpa... - Ela pegou num sapato que passava a boiar. Soltou um suspiro. - Quatro pares num dia. Deve ser um recorde.

Ela plantou os pés no chão e esperou. A água escorria-lhe da cabeça, colava o tecido fino da blusa às curvas altas e cheias dos seios, ao tronco estreito, à subtil projecção das ancas. Na semiescuridão, os cabelos molhados enroscavam-se e brilhavam como ouro.

- Agora estás a jogar sujo - murmurou Michael.

Ela tirou a água do sapato, olhando para ele. A sua mão permaneceu erguida, os olhos nos dele, enquanto Michael se aproximava pela água. Parado à frente de Laura, ele passou as mãos pelas coxas, ancas, flancos, deixando-as paradas sobre os seios.

- Michael... - O sapato caiu da mão de Laura e afundou-se. Não podemos.

- Só vou beijar-te.

As mãos de Michael desceram pelas costas de Laura, alcançaram o rabo, levantaram-na. Logo os dois flutuavam de novo.

- E acariciar-te. E levar-nos à loucura.

- Ha... - A cabeça de Laura já girava quando os dentes dele lhe pegaram no lábio e puxaram ao de leve. - Se isso é tudo...

Ela envolveu-o por completo, deixou que ele a levasse pela água fria. Foi a sua boca que se tornou mais faminta, mais ansiosa, procurando e tornando a procurar, as línguas aprofundando-se e emaranhando-se.

A necessidade fazia o corpo de Michael vibrar como as pancadas numa bigorna. Laura destruí-a pouco a pouco, as pernas apertavam-no com força,

os corpos colados, as ancas mexendo-se, sedutores, de tal forma que sexo roçava em sexo.

- Laura...

Mas ela respondeu com um gemido impaciente, enfiando as mãos pelos cabelos de Michael, mordendo-lhe o pescoço. Ele sentia a virilha a latejar como uma ferida infectada.

- Espera um pouco.

- Eu quero-te. - A voz de Laura saía rouca, as palavras eram quentes contra a pele de Michael. - Quero-te. Agora.

- Não podemos fazer isto aqui.

Ou podiam? A mente de Michael esvaziou-se quando as bocas tornaram a encontrar-se. Afundou-se com ela, de tal forma que a água os cercava por completo. Os cabelos de Laura flutuavam para longe do corpo, como a sereia que os observava lá do fundo.

Ele queria continuar a afundar-se, cada vez mais, daquela maneira, com as bocas unidas. Afundar-se para um mundo em que o ar não importava, a luz não importava. Onde não houvesse mais nada além daquela necessidade doce e intensa.

Quando regressaram à superfície, Michael sacudiu a cabeça, tentando desanuviá-la. Depois bateu as pernas, para se manterem à tona.

- Não. - Não era uma palavra que ele imaginara que pudesse dizer a uma mulher naquelas circunstâncias. E saiu balbuciada, enquanto comprimia a cabeça de Laura contra o seu ombro. - É melhor dares-me um minuto.

Ela boiou com ele, tonta de desejo, deslumbrada com o triunfo.

- Eu seduzi-te.

- Meu amor, quase que me matavas. Laura inclinou a cabeça para trás e riu.

- Eu seduzi-te - repetiu ela, radiante. - Não calculei que fosse conseguir. É... inebriante.

- Podes ir ao meu apartamento esta noite e ficar tão inebriada quanto quiseres. Mas neste momento tira as mãos de cima de mim.

Laura cruzou as mãos por detrás do pescoço de Michael, inclinou-lhe a cabeça para trás, a fim de poder contemplar melhor o seu rosto, na claridade difusa.:

- Querias arrancar-me as roupas outra vez.

- Ainda estou a pensar nisso. Portanto, porta-te bem.

- Eu também queria arrancar-te as roupas. E pergunto-me qual seria a sensação, rasgar-te as roupas e... morder-te. Às vezes tenho vontade de cravar os dentes no...

- Cala-te! - Em defesa, Michael pegou na cabeça de Laura entre as mãos e tornou a puxá-la para o seu ombro. - Acho que criei um monstro.

- Bem, isso eu já não sei, mas posso garantir-te que accionaste um interruptor. E gostei. - Ela riu-se de novo, arqueando-se para trás.

- Vamos voltar para cá esta noite, depois de estarem todos a dormir, mergulhamos nus e fazemos amor na água. Em seguida iremos até aos penhascos e faremos lá amor, como a Seraphina e o Felipe.

Laura tornou a empertigar-se, escorrendo água.

- Vamos fazer uma loucura!

Ele já se dispunha a fazer uma loucura quando ouviu passos e percebeu um movimento no caminho. com a devida subtilidade, assim esperava, mudou a posição das mãos, esforçando-se por não estar a segurar qualquer parte imprópria da filha dos donos da casa.

-Laura?

As sobranceiras de Susan Templeton franziram-se por debaixo da franja espetada. Não se considerava uma mulher que pudesse ser surpreendida com facilidade, mas ficou abalada ao deparar-se-lhe a filha agarrada a um homem dentro da piscina, com a expressão de uma mulher que estivera dominada pouco antes por uma intensa excitação.

- Mãe? - O choque veio primeiro, depois o ardor nas faces pelo embaraço. Ela contorceu-se, mas Michael continuou a segurá-la com firmeza. Nenhum dos dois sabia se era por obstinação ou hábito. Está cá!

- É verdade.

- Mas só devia chegar amanhã!

- Resolvemos tudo um pouco mais cedo do que o previsto.

A voz era suave, mas também Susan era uma mulher educada. Pequena e delicada como a filha, parecia jovem e elegante no seu fato de saia e casaco de viagem da Valentino, os cabelos louro-escuros cortados curtos, em torno do rosto afilado.

- Pensámos em fazer-te uma surpresa - acrescentou ela, num tom divertido.

- Acho que conseguimos.

E de que maneira. Eu estava... nós estávamos... Como foi a viagem?

-Ótima. -As maneiras refinadas ao máximo, Susan aproximou-se, sorrindo. - És o Michael, não és? Michael Fury?

- Exacto. - com um movimento brusco da cabeça, ele jogou os cabelos molhados para trás. - É um prazer vê-la de novo, sr.a Templeton.

CAPÍTULO 15

- **SE** eu soubesse que chegariam esta noite, teria organizado um jantar, teria chamado o resto da família.

Composta agora, já seca, Laura estava sentada ao lado do pai na sala de visitas.

- Comemos no avião. - Thomas afagou a mão da filha. Graças à discrição da esposa, ele não sabia o que Laura estivera a fazer na piscina uma hora antes. - E vemos toda a gente amanhã. Sou capaz de jurar que as meninas cresceram pelo menos um palmo desde o Natal.

- É o que parece. - Laura bebeu um gole de conhaque. A mãe estava lá em cima, a pôr as netas na cama, por insistência dela. Adiaras as perguntas, Laura já sabia, mas não as eliminara. - Elas ficaram excitadas com a vinda dos avós. Pensávamos que não voltariam antes do Verão.

- Viemos ver a Katie. - "É apenas um dos motivos", pensou ele. Mas servia como desculpa. - Imagina só, a nossa pequena Katie vai ter um bebé.

- Ela está radiante. Sei que é um cliché, mas é a verdade. A Kate e o Byron passam o tempo todo radiantes. E espere só até ver o J. T.! Ele é perfeito, pai. Já consegue sentar-se e está sempre a rir. Solta daquelas gargalhadas maravilhosas que vêm lá do fundo. É irresistível.

- Laura enroscou as pernas e estudou o pai por cima do copo. E como está o pai?

- Muito bem.

Era a pura verdade. Um homem bonito, ele não encarava a sua saúde como um facto consumado. Disciplinava-se a fazer exercícios e a ter os seus passatempos. Também não considerava os seus negócios e o sucesso como um facto consumado; acompanhava e vigiava tudo, com olhos atentos e perspicazes. Nem presumia que a família era um facto consumado... e mantinha-a sempre no coração e na mente.

O resultado era um corpo firme, ainda esguio, na casa dos cinquenta anos, um rosto de quem vivera bem e aceitava as rugas e as marcas do tempo com gratidão. Os seus olhos eram da cor do fumo, como os da filha, e a prata nos cabelos faiscava à luz do abajur.

- Não parece estar muito bem. - Laura sorriu quando ele franziu o rosto.

- Está deslumbrante.

- E tu pareces feliz.

O que era um alívio para Thomas, embora a causa o preocupasse. Seria mesmo, como Annie profetizara, sombria, um estado transitório atribuível a Michael Fury? Ou a sua filha finalmente recuperara o equilíbrio?

- Tenho-me divertido. - Não era a resposta completa, mas era verdade. - A Ali e eu resolvemos alguns problemas. Ela sente-se mais feliz, o que também me deixa mais feliz. Adoro o meu trabalho. E as minhas irmãs dão-me novos bebés para brincar.

Ela fez uma pausa, soltou um suspiro e encostou a cabeça no ombro do pai.

- Há muito tempo que não me sentia tão contente.

- A tua mãe e eu estamos preocupados contigo.

- Eu sei. E não vou perder tempo a dizer que não precisam preocupar-se. Mas posso garantir-vos que estou bem. Melhor do que bem.

- Soubemos que o Peter vai casar outra vez. com a Candace Litchfield.

- As notícias voam - murmurou Laura.

- As pessoas sentem-se mais do que felizes em espalharem esse tipo de notícia. Isso não te perturba?

- Fiquei transtornada no início - admitiu Laura, lembrando o golpe que sentira quando eles fizeram o anúncio, naquela noite no clube. - Uma reacção automática, para dizer a verdade. Acima de tudo pela ideia de que a Candace seria a madrastra das meninas. Senti-me preocupada, sem saber como elas aceitariam.; - E depois? - indagou Thomas, tornando a afagar a mão da filha.

- Agora que tudo foi resolvido, já não tem qualquer importância - Laura apertou a mão do pai. - Não tem mesmo. As meninas já se ajustaram. Vão ao casamento em Maio, porque é a atitude correcta. Não gostam da Candy, mas serão educadas. Depois voltam para casa e continuamos a nossa vida.

- São boas meninas - concordou Thomas. - E inteligentes. Sei que não é fácil para elas, mas contam contigo. E é contigo que me preocupo.

- Não há necessidade. Para ser franca, cheguei à conclusão de que o Peter e a Candy foram feitos um para o outro. Eu não podia sentir-me mais feliz por eles.

Thomas esperou um instante, passando a língua pelos lábios.

- Isso é terrível.

- É, sim. - Ela soltou um suspiro jovial. - Mas agrada-me.

- Assim é que eu gosto de te ouvir.

- Agora, vamos falar sobre algo muito mais interessante. - Laura tornou a sentar-se direita, sorrindo. - Como a luta de boxe improvisada que tivemos hoje no vestíbulo do hotel.

Susan voltou à sala para ouvir a gargalhada estrondosa do marido e a risada mais contida da filha. Parou à porta por um momento, apreciando a cena. Podia contar cada semana e mês que tinham transcorrido, desde que vira a filha rir com tanta descontração.

Ela avaliou a situação, mordendo o lábio. Se Michael Fury tinha alguma coisa a ver com aquilo, Susan passava a dever-lhe isso, independentemente do que Annie pudesse pensar. Como mulher, compreendia e apreciava a necessidade de outra mulher ter na sua vida, pelo menos uma vez, pelo menos por um breve período, um homem perigoso.

Como mãe... ora, veria o que iria acontecer.

- Tommy, as tuas netas querem um beijo de boa-noite. Ele levantou-se nesse mesmo instante.

- Pois então terei de ir dar-lhes.

- É só uma história - murmurou Susan, quando ele passou. - Por mais que queiras divertir-te.

Thomas beliscou o rosto de Susan, piscou um olho e saiu da sala.

Isso deve mantê-lo ocupado durante uma hora. - Susan foi até ao armário das bebidas, servindo-se de um conhaque. - Tempo suficiente para me falares sobre o Michael Fury.

"A minha mãe", reflectiu Laura, "raramente faz rodeios quando pode ir directa ao assunto."

- O Josh deve ter-lhe falado dos aluimentos de terra e de como o Michael perdeu a casa.

- Conheço os antecedentes, Laura. - "A minha filha é capaz de se esquivar como ninguém", pensou Susan. - Ele agora cria cavalos e alugou o estábulo por alguns meses.

- Tem cavalos maravilhosos. - Laura tratou de desviar o assunto.

- Tem de lá ir ver pessoalmente. Vários são treinados para proezas especiais. É fascinante. Ele está a ensinar as meninas a montar. As duas são loucas pelo Michael.

- E tu? Também és louca por ele?

- É bom para as crianças terem a presença de um homem que lhes

dispensa atenção.

Paciente, Susan estendeu a mão para afagar o Bongo. "Apenas uma das mudanças", pensou ela, enquanto o cão estremecia de satisfação sob a sua mão.

- Perguntei sobre ti, Laura. Como é que te sentes em relação a ele?

- Gosto muito do Michael. Ele tem sido prestável e gentil. Tem a certeza de que não quer que eu lhe arranje alguma coisa para comer? Frutas e queijos?

- Não, não quero frutas e queijos. - Susan inclinou-se para segurar e conter a mão irrequieta da filha. - Estás apaixonada por ele?

- Não sei. - Laura controlou a respiração e enfrentou o olhar da mãe. - Tenho ido para a cama com ele. Lamento se a mãe desaprova.

- Não me cabe desaprovar algo tão pessoal nesta altura da tua vida. - Mas havia uma pontada de agonia. - Estás a tomar cuidado?

- Claro.

- Ele é muito atraente.

- Também acho.

- E nem um pouco parecido com o Peter.

- É verdade - concordou Laura. - Nem um pouco parecido com o Peter.

- Foi por isso que te sentiste atraída? Porque ele é a antítese do teu ex-marido?

- Não estou a usar o Peter como padrão de comparação. - Agitada, Laura levantou-se. - Talvez o tenha feito, até certo ponto. É difícil não comparar, quando só se teve dois homens. Não fui para a cama com o Michael a fim de provar fosse o que fosse a quem quer que fosse, mas sim porque é... ele fez-me... eu deseje-o. E ele deseja-me.

- Será suficiente para ti, Laura?

- Não sei. É suficiente, por enquanto. - Ela virou-se e caminhou até à lareira. O lume estava brando naquela noite, apenas um calor suave, um crepitar subtil. - Falhei antes. Queria que fosse perfeito. Isso mesmo, queria que fosse perfeito. Talvez eu quisesse ser como a mãe.

- Oh, querida...

- A culpa não é sua - acrescentou Laura, quando a mãe fez menção de se levantar. - Por favor, não pense que estou a falar com ressentimento. Só que cresci a ver a mãe como era, como continua a ser. Tão competente, sensata e perfeita.

- Não sou perfeita, Laura. Ninguém é.
- Era para mim. Ainda é. Nunca hesitou, nunca tropeçou, nunca me decepcionou.
- Claro que tropecei. - Susan levantou-se e atravessou a sala para pegar nas mãos da filha. - E muitas vezes. Mas contei com o teu pai para me ajudar a recuperar o equilíbrio.
- E ele contava consigo para ajudá-lo. Foi o que eu sempre quis, aquilo com que sempre sonhei. O tipo de casamento, vida e família que a mãe tem. E não sou tão tola a ponto de pensar que não exigiu esforço, equívocos e noites de insónia para alcançar tudo isso. Mas conseguiu. Eu não.
- Deixas-me zangada quando te culpas. Laura sacudiu a cabeça.
- Não me culpo... ou pelo menos não totalmente. Mas também não sou inocente. Coloquei a fasquia demasiado alto. Sempre que tinha de reajustá-la, de puxá-la para baixo, tornava-se cada vez mais difícil. Nunca mais quero fazer isso.
- Se fixares a fasquia muito baixo, podes perder muita coisa.
- É possível. Mas não estou a fazer pressão para ter mais do que já tenho. Parte de mim sempre vai querer o que a mãe e o pai alcançaram. Não apenas por mim, mas também pelas crianças. Mas, se não está nas cartas, já me cansei de chorar. vou proporcionar-lhes a melhor vida que puder dar-lhes, e também tirar o melhor proveito para mim. E neste momento o Michael é uma parte importante de tudo isso.
- Ele sabe como é importante? Laura encolheu os ombros.
- Muitas vezes é difícil determinar o que o Michael sabe. Mas de uma coisa tenho a certeza: o Peter não me amava, nunca me amou.
- Laura...
- É a verdade. Consigo viver com isso. - Na verdade, ela descobrira que era mais fácil viver com isso do que imaginara. - Mas eu amava-o, casei com ele, permaneci ao seu lado durante dez anos. Nós os dois, assim como as crianças, estaríamos muito melhor se eu não estivesse tão decidida a fazer com que o casamento desse certo. Se eu apenas aceitasse o fracasso e desistisse.
- Penso que estás enganada. Ao fazer tudo o que podias para manter o casamento e a tua família unida, agora podes olhar para trás e saber que fizeste o melhor de que eras capaz.
- É possível. - E talvez um dia ela olhasse mesmo para trás. com o

Michael, não tenho de carregar o fardo de fazer com que alguma coisa dê certo. Ou conviver com a ilusão de que tenho um homem que me ama e quer a mesma coisa que eu quero. E sinto-me mais feliz do que me lembro de ter sido em muito e muito tempo.

- Nesse caso, fico feliz por ti. - "E não falarei mais a esse respeito", pensou Susan, "pelo menos por enquanto". - Agora, vamos salvar o teu pai.

Ela passou o braço pelo de Laura, acrescentando:

- Antes que aquelas meninas o dominem por completo.

No ano em que casara com Susan Conroy, Thomas Templeton acrescentara a torre da suíte à Casa Templeton. A casa já tinha cem anos, e quase todas as gerações alteraram ou expandiram o projecto original.

Construíra a torre pela fantasia, por uma paixão pelo romântico. Fizera amor ali com a esposa em noites incontáveis. Os dois filhos tinham sido concebidos dentro daquelas encantadoras paredes arredondadas, na enorme cama rococó. Embora Susan comentasse com frequência que Josh fora concebido no tapete Bokhara em frente da lareira.

Ele nunca a contestava nessas questões.

Agora, com as chamas a crepitarem na lareira Adams, uma garrafa de champanhe Templeton a gelar num balde de prata e o luar a entrar pelas janelas altas, ele acomodava-se com a esposa com quem há já trinta e seis anos se deitava naquele mesmo tapete.

- Acho que estás a tentar seduzir-me.

Ele estendeu uma taça com champanhe a Susan.

- És uma mulher esperta, Susie.

- O suficiente para deixar que me seduzas. - Sorrindo, ela levou a mão ao rosto do marido. - Tommy, como é possível que tenham passado tantos anos?

- Pareces a mesma. - Ele comprimiu os lábios contra as mãos de Susan. - Tão adorável e viçosa quanto antes.

- Só que agora preciso de horas para manter a ilusão.

- Não é ilusão. - Thomas ajeitou a cabeça da mulher no seu ombro, observou as chamas a elevarem-se quando uma acha se partiu ao meio e caiu.

- Lembras-te da primeira noite em que dormimos aqui?

- Tu carregaste-me escada acima. Por todos os degraus. E, quando entrámos no quarto, descobri que tinhas espalhado flores por toda parte, autênticos jardins, com rosas sobre a cama. Champanhe a refrescar, as velas

acesas.

- Choraste.

- Porque deixaste-me emocionada. Fazias isso com frequência... e ainda fazes. - Ela ergueu o rosto, roçando os lábios no queixo do marido. - Eu sabia que era a mulher mais afortunada do mundo por te ter, por ser amada da maneira como tu me amavas. E ser desejada da maneira como me desejavas.

Susan fechou os olhos e virou o rosto para o pescoço do marido.

- Oh, Tommy...

- Conta-me o que te está a perturbar. É a Laura, não é?

- Não suporto vê-la magoada. Consigo aguentar qualquer coisa, menos isso. Mesmo sabendo que os filhos devem seguir o seu próprio caminho, enfrentar as suas batalhas, ainda assim parte-me o coração. Posso lembrar-me do dia em que ela nasceu, da forma como se aninhou nos meus braços. Tão pequena e preciosa...

- E achas que o Michael Fury vai partir o coração da Laura?

- Não sei, mas gostava muito de saber.

Susan levantou-se e caminhou até à janela que dava para os penhascos. Sabia que aqueles penhascos obcecavam Laura desde a infância.

- Saber que já alguém lhe partiu o coração mata-me por dentro. Conversámos quando tu estavas com as meninas. E compreendi, pelo que ela me disse, que ainda está vulnerável, apesar de todo o empenho para reconstruir a sua vida. Está muito... exposta. Laura pensa que fracassou, Tommy.

- Claro que não fracassou! - Irritado, ele levantou-se de um salto. - O Peter Ridgeway é que fracassou, em todos os aspectos possíveis.

- E nós também fracassámos, por não evitar a desgraça?

- Podíamos impedi-la? - Era uma pergunta que ele se fizera dezenas de vezes durante os últimos anos. - Conseguiríamos?

- Não - admitiu Susan, depois de um longo momento. - Podíamos ter adiado, podíamos tê-la persuadido a esperar. Por alguns meses, um ano.

Mas Laura estava apaixonada. Queria o que temos. Foi o que ela me disse esta noite, Tommy. Queria o que nós temos.

Quando ele pôs a mão no seu ombro, Susan estendeu a sua mão para trás e apertou-a com força.

- Fico angustiada porque ela não conseguiu. Porque foram-lhe negadas a segurança, a excitação e a beleza. Agora, ela já não acredita que algum dia

possa tê-las.

- Ela é jovem, Susie. E uma jovem adorável e meiga. Vai apaixonar-se de novo.

- Já se apaixonou, Tommy. Pelo Michael. Ainda não admitiu para si mesma; procura proteger-se, pensando que é apenas sexo.

- Por favor... - Ele estremeceu. - Não é fácil pensar na minha filhinha nesses termos.

Susan soltou uma gargalhada e virou-se para ele.

- A tua filhinha está no meio de uma relação ardente com o jovem amigo rebelde do Josh.

- Tenho de pegar na minha arma? Ela riu-se de novo, abraçando-o.

- Oh, Tommy, aqui estamos nós, sem ter como impedir mais uma vez. Sem podermos fazer nada, a não ser esperar e fazer força.

- Eu podia... ter uma pequena conversa com ele.

- Podias, eu também. Mas nada do que dissermos vai mudar a mente ou o coração da Laura. Ele é lindo.

Intrigado, Thomas afastou-a e fitou-a nos olhos, de rosto franzido.

- É mesmo?

- Uma beleza absoluta, arrasadora e perigosa. Sensual como o pecado. - Os lábios de Susan tremeram quando o marido franziu o rosto ainda mais. - E ainda por cima tem nos olhos aquela expressão de quem se está nas tintas para tudo, aquela que faz com que qualquer mulher capaz de respirar neste mundo pense que é a única que pode fazê-lo importar-se com alguma coisa.

- É isso que tu pensas?

Lisonjeada, ela afagou o rosto de Thomas.

- Acho que admiro o gosto da Laura; e, como mulher, também admiro a sua sorte. Como mãe... estou apavorada.

- Talvez eu tenha uma conversa com ele. Muito em breve. Thomas soltou um suspiro. - Para ser franco, Susie, sempre gostei do miúdo.

- Eu também. Havia nele uma certa honestidade básica. E independentemente do que a Annie pensa, ele não era e não é um vagabundo. É apenas instintivo e sem rodeios.

- E queremos a nossa filha envolvida com um homem assim, que fugiu para o mar aos dezoito anos e fez uma série de coisas que não podem ser discutidas em círculos bem-educados?

Susan estremeceu. O mesmo pensamento já lhe passara pela cabeça.

- Isso parece tão snobe...

-A mim, parece-me mais preocupação paternal. Não importa se a Laura tem três ou trinta anos; ainda é nossa obrigação preocuparmo-nos com ela.

- E homens como o Michael vêm e vão ao seu próprio capricho murmurou Susan. - Não procuram raízes. Laura murcharia sem isso. E, pelo que ela contou, as meninas afeiçoaram-se ao Michael. Como vai afectá-las ter outro homem a sair das suas vidas? Mas não há nada que possamos fazer, a não ser esperar para ampará-las quando se tornar necessário.

- Nesse caso, é o que faremos. Vimos a Margo e a Kate encontrarem o caminho através dos seus problemas. A Laura também vai superar tudo.

- E elas têm-se umas às outras. - Susan mudou de posição, para poderem contemplar os penhascos juntos. - As três estão sempre à disposição umas das outras. Aquela loja foi mágica para elas. O que quer que aconteça, a Laura tem as duas e o orgulho pelo que construíram juntas. Mas quero muito mais, Tommy.

Ela pegou na mão do marido, comprimindo-a contra o seu coração.

- Quero que a Laura realize o seu sonho. Quero que tenha o que nós temos. Quero que acredite que poderá colocar-se junto de uma janela e contemplar o mar, com os braços de um homem ao seu redor. Um homem que a ame e fique sempre ao seu lado. Um homem que possa fazê-la sentir o que tu me fizeste sentir.

Susan virou-se e envolveu o rosto do marido com as mãos.

- Por isso, vou acreditar. E, se ela tem dentro de si alguma coisa minha, vai lutar pelo que quer. Da maneira como eu lutei por ti.

- Tu ignoravas-me, Susie. Não me prestavas a menor atenção. O sorriso de Susan desabrochou lentamente.

- E resultou, não resultou? com perfeição. Ignorei-te até ao dia em que deixei que me encontrasses sozinha, por um acaso deliberado, no jardim das roseiras no clube. E deixei que me beijasses, i assim... Ela ergueu a boca, para um beijo ardente e demorado, antes de acrescentar:; - E o Tommy Templeton, sem sequer perceber de onde veio o golpe, caiu no tapete.

- Sempre foste insinuante, Susie.

Ele virou-a nos seus braços, fazendo-a rir.

- E consegui exactamente o que eu queria - murmurou ela, enquanto Thomas a baixava para o tapete. - Tal como também vou conseguir o que quero agora.

Laura viu a luz acesa na suíte da torre ao encaminhar-se para os penhascos. Parou por um momento, observando a silhueta dos pais abraçados. Era uma cena adorável, que lhe enterneceu o coração. E despertou a sua inveja.

"Os dois ajustam-se na perfeição", reflectiu ela, tornando a virar-se para a canção do mar. Tudo se harmonizava, os seus ritmos, estilos, objectivos e necessidades.

Ela aprendera, pelo caminho mais difícil, que tudo o que os pais tinham, as coisas pelas quais se empenhavam e tratavam de preservar, não era algo comum, mas uma raridade que devia ser celebrada.

A sua nova perspectiva servia apenas para aumentar a admiração pelos pais.

Pôs-se a andar pelos penhascos sozinha, o que não fazia há semanas.

Queria Michael. O zumbido baixo do desejo era constante e emocionante, mas não o iria procurar naquela noite. E tinha a certeza de que ele não estava à espera dela.

Tinham-se separado com algum constrangimento. Ela, inegavelmente embaraçada por ter sido surpreendida a divertir-se na piscina pela própria mãe. Ele, obviamente contrafeito. Laura reflectiu que ambos precisavam de tempo para se ajustarem.

A claridade era intensa, as nuvens tinham sido expulsas por um vento firme de oeste, deixando o céu limpo. Como conhecia os penhascos tão bem quanto a palma da sua mão, Laura desceu sem dificuldade, esgueirando-se entre as pedras, pelo caminho escorregadio por causa dos seixos, até alcançar uma saliência larga.

Sentou-se, deixando que o vento fustigasse o seu rosto, e o mar trovejasse nos seus ouvidos. E, ouvindo o sussurro de fantasmas, pensando em amor perdido, sentiu-se contente.

Da sua janela, Michael observou-a a descer pela encosta, o casaco comprido e largo a flutuar atrás dela como se fosse um manto. Romântica, Misteriosa. Ele pressionou a mão contra o vidro, como se pudesse tocá-la. Mas logo recuou, irritado consigo mesmo.

Laura não iria ter com ele. "O que não é de admirar", pensou Michael, enganchando os polegares nos bolsos, enquanto a via descer pelo penhasco, graciosa como uma corça. "Os pais tinham voltado, e com eles viera a recordação", reflectiu Michael, "da diferença entre os estatutos."

Laura Templeton podia trabalhar para viver, podia até lavar algumas casas de banho, que continuaria a ser Laura Templeton. E ele ainda era Michael Fury, do lado errado da cidade.

Agora ficaria ocupada. Recebendo pessoas em sua casa, marcando jantares, durante a estada dos pais. Aquelas festas elegantes, com flores por toda parte, exclusivas, pelas quais a Casa Templeton era famosa.

Haveria almoços no clube, partidas de ténis, conversas eruditas durante o café e o conhaque.

O ritual era mais estranho para ele do que a língua grega.

E ele também não tinha o menor desejo de aprendê-lo.

Sendo assim, se Laura ia dispensá-lo, que diferença fazia? Ele afastou-se da janela, encolhendo os ombros, tirou a camisa. Podia atraí-la de volta para a cama por mais uma ou duas vezes, se quisesse. O sexo não era mais que uma fraqueza. Podia explorar a fraqueza de Laura para satisfazer a sua.

Ele atirou a camisa para o lado, frustrado por não ser algo mais pesado, que pudesse partir. Ah, como a queria... Agora. Aqui. com ele.

Quem ela pensava que era?

Quem ele pensava que era?

com uma expressão sombria, Michael tirou as botas e atirou-as contra a parede, num ponto em que pelo menos fizeram um barulho satisfatório.

Sabia exactamente quem ele era... e Laura também sabia. Mas Laura Templeton teria a maior dificuldade para se livrar dele, até que estivesse pronto e disposto a largá-la. Ainda não acabara com ela, nem de longe.

"Ela pode ter esta noite", pensou Michael, tirando as calças. Era um presente seu, uma noite tranquila e segura. Porque as outras noites não seriam tranquilas. Muito menos seguras.

Ele atirou-se para cama, nu, olhando para o tecto, furioso. E tê-la-ia ali mesmo, onde a queria. Que se lixassem os pais, os amigos elegantes, a árvore genealógica irrepreensível.

Ela acolhera um rafeiro. E agora teria de aturá-lo.

No penhasco, Laura esticou os braços para o alto. O ar fresco e húmido acariciou-lhe a pele, onde as mangas do casaco deslizaram para os cotovelos. Ela pensou na maneira como Michael a acariciava. Rude e premente por um instante, no momento seguinte com uma ternura surpreendente e irresistível.

"Ele tem muitos ânimos diferentes", reflectiu Laura, "tem necessidades diversas." E em pouco tempo despertara nela muitos sentimentos, muitas

necessidades. Não era a Bela Adormecida, mas tinha a sensação de que passara anos e anos a dormir. A espera que ele a encontrasse.

E sem dúvida que Michael a encontrara, compreendeu ela. Tinham-se encontrado um ao outro. Era por isso que estava ali sentada sozinha, tentando reformular a sua agenda para o dia seguinte e o outro depois? O amanhã viria de qualquer maneira. E podia estar com Michael naquele momento. Isso mesmo, iria à sua procura. Laura fechou os olhos com força, formulando um desejo. Se a luz no apartamento por cima do estábulo ainda estivesse acesa quando se levantasse e olhasse, iria ao encontro de Michael. E ele estaria à sua espera, desejando-a.

Ela levantou-se, sustendo a respiração, e virou-se. Deixou escapar um suspiro ao avistar apenas a noite e as silhuetas mais profundas dos edifícios às escuras.

Michael não esperara.

Laura esfregou os braços para afugentar o frio, pensando que era apenas uma tolice. Aquilo não significava uma rejeição, mas apenas que ele se sentira cansado e já fora dormir. E ela devia fazer o mesmo. Havia dezenas de coisas que tinha de resolver no dia seguinte, e resolveria tudo melhor depois de uma boa noite de sono.

E não tinham a obrigação de passar todas as noites juntos. Não houvera promessas entre eles. "Absolutamente nenhuma", pensou Laura, furiosa porque os seus olhos ardiam quando tornou a virar-se para o mar. Nada de promessas, nada de planos, nada de palavras doces.

Ainda era o que ela queria? Depois de tudo por que passara? Que fraqueza havia nela para ansiar por aquelas palavras, aquelas promessas, aqueles planos? Não podia contentar-se com o que era, em vez de sonhar sempre com o que poderia ser?

Não importava o que ela dissera a si mesma, compreendeu Laura, ao sentar-se de novo. Não importava o que dissera à mãe, a Margo e a Kate. Ou o que dissera a Michael. Fora tudo mentira. Ela, famosa por ser uma mentirosa pouco convincente e patética, conseguira enganar toda a gente desta vez.

Estava apaixonada pelo Michael. Perdidamente apaixonada, e ninguém imaginava isso. Parte dela já os via juntos, amanhã, daqui a um ano, daqui a dez anos. Amantes, companheiros, formando uma família. Mais filhos, um lar, uma vida em comum.

Ela mentira ao Michael, mentira a todos, inclusive a si mesma. E agora, como acontecia com as mentiras, teria de continuar a inventá-las, a conviver com elas, só para manter a primeira.

De outra forma, não seria justo com Michael. Pois ele não mentira.

Michael desejara-a, e Laura não tinha a menor dúvida de que ele gostava dela. Também gostava das suas filhas, até se mostrava disposto a ajudar. Entregara-lhe o próprio corpo a ela, despertara o corpo de Laura, oferecera uma amizade que ela prezava.

E ainda assim Laura não se sentia satisfeita.

"Por egoísmo", especulou ela, "ou por pura insensatez?" Não fazia muita diferença. Ela criara a ilusão e teria de prolongá-la. Ou acabaria por perdê-lo.

Quando acabasse, em qualquer momento que fosse, ela não se arrependeria. Nem se revoltaria contra Deus. Seguiria em frente, porque a vida era longa e preciosa, merecia o melhor que ela pudesse dispensar. Quando chegasse o momento e não lhe restasse opção a não ser viver sem o Michael, haveria de se lembrar como fora sentir, de novo, o prazer de amar. E sentir-se-ia agradecida.

Mais firme agora, ela apoiou uma das mãos no chão, a fim de dar um impulso para levantar-se. Os seus dedos fecharam-se sobre o disco, como se soubessem que este se encontrava ali, à sua espera. com o coração disparado, batendo tão alto quanto as ondas lá em baixo, Laura ergueu o disco e virou-o para o luar.

Era uma moeda de ouro, com um brilho opaco. "Sem ser tocada, sem ser vista", pensou Laura, com um calafrio, "durante cento e cinquenta anos." Desde que uma jovem, desesperada, a escondera para esperar pelo homem por quem estava apaixonada. Agora, o símbolo do sonho, da promessa e da perda, estava no meio da sua mão.

- Seraphina... - murmurou ela.

Laura susteve a respiração e fechou os dedos sobre a moeda, como se experimentasse a necessidade intensa de uma jovem perdida e temerária.

Laura enroscou-se, na encosta do penhasco, por cima das ondas violentas.

E chorou.

CAPÍTULO 16

O POTRO alazão era inteligente, bonito e teimoso como uma mula. Michael esforçava-se ao máximo para demonstrar que podia ser ainda mais teimoso.

-Juro por Deus que hei-de vergar-te, seu filho da mãe. E tu sabes disso.

Como que a dizer que isso era irrelevante, o potro sacudiu a cabeça e revirou os olhos na direcção de Michael, mantendo-se firme. Há mais de seis meses que se enfrentavam, ambos querendo assumir o comando.

- Pensas que podes mandar, só porque tens uma casa bonita e espaço suficiente para te virares? - Michael bateu com o bastão na mão, e as orelhas do potro agitaram-se. - Fica a saber que vais comer o pó deste chão se te passar sequer pela cabeça a ideia de me dares outro coice.

Ele aproximou-se, o potro recuou. Os olhos de Michael contraíram-se, ameaçadores.

- Pára!

O cavalo obedeceu, tremendo todo, raspando o chão em desafio, enquanto Michael se aproximava.

- Tu e eu vamos dar uma volta - disse Michael, segurando a rédea, enquanto o potro começava a virar-se de lado, para o poder golpear com a pata traseira.

- Não ouses bater nesse animal!

Michael e o potro viraram-se, contrariados, ao ouvirem a ordem ríspida. Viram o corpo pequeno avançar com determinação pelo portão do cercado.

- Devias envergonhar-te do que estás a fazer! - Furiosa, Susan agarrou na rédea e interpôs-se entre o cavalo e o bastão. - E não quero saber se ele te pertence ou não. Não admito que um animal seja maltratado na minha propriedade.

Como se compreendesse que a compaixão estava do seu lado o potro baixou a cabeça e esfregou-a no ombro de Susan.

- Bolas! - murmurou Michael. - Ouça, sr.a Templeton, eu...

- É assim que tratas os teus cavalos? Espancando-os quando não se comportam como queres? É brutalidade de mais! - O vermelho espalhou-se pelas suas faces, fazendo Michael lembrar-se de Laura. Se ousares levantar a

mão contra qualquer um destes animais enquanto eu estiver por perto, vou expulsar-te pessoalmente da Casa Templeton e enxotar-te até ao Inferno!

Michael podia agora compreender de onde Laura herdara aqueles lampejos de fúria que manifestava em algumas ocasiões. E seria capaz de jurar que o potro estava a sorrir.

- Sr.a Templeton...

- Ou mando prender-te - continuou ela. - Há leis contra a crueldade com animais. Leis criadas para lidar com brutos insensíveis como tu. E se alguma vez ousares maltratar este doce cavalo...

- Não há nada de doce nesse potro - interrompeu-a Michael, resistindo ao impulso de esfregar a coxa, que ainda ardia do rude encontro com um casco. - E eu não ia usar este bastão para meter um pouco de juízo naquela cabeça dura, embora a ideia seja bastante tentadora.

Ela vira a expressão nos olhos de Michael, o bastão na sua mão. Ergueu o queixo.

- Suponho que ias jogar basebol com ele.

- Não, não ia. - Aquela situação até podia ser engraçada, anos mais tarde, quando ele não estivesse com o corpo todo dorido. Não estamos a jogar a nada. E, se quiser dar uma boa olhadela, vai verificar que o único que está aqui cheio de equimoses no corpo sou eu.

Susan olhou. Verificou que o potro se encontrava ileso, embora a pelagem estivesse coberta por uma lustrosa e saudável camada de suor. Era, sem dúvida, um animal magnífico. E a expressão nos seus olhos não era de medo, ela compreendeu. Era divertida, se é que isso era possível.

Michael, por outro lado, estava todo sujo, com a marca inconfundível de um casco na perna das calças.

- Se o ameaças com um bastão, o único recurso dele é vingar-se. Eu diria que tu...

- Por favor, sr.a Templeton. - A paciência de Michael começava a esgotar-se. - Este malandro parece-lhe ameaçado? Neste momento, ele está exultante.

"Realmente, é isso que parece mesmo", admitiu Susan, depois de estudar de novo os olhos do potro.

- Então explica-me o motivo...

- Se quiser fazer a gentileza de o soltar, antes que ele pense que posso ser derrotado por uma mulher com metade do meu peso, o que me faria

perder completamente o controlo, para além de seis meses de trabalho, eu agradecia.

Susan soltou a rédea, embora ainda cautelosa.

- Estou a avisar-te, Michael. Se ousares magoar este animal, farei mais do que derrotar-te.

- Não tenho a menor dúvida quanto a isso - murmurou Michael, enquanto ela dava um único passo para trás. - Pode ir para trás da cerca, por favor? O Bastardo ainda tem um problema de controlo.

- Bastardo? Um nome encantador.

com os braços cruzados, Susan recuou mais alguns passos. Mas permaneceu pronta a avançar de novo.

- Achas que me apanhaste agora, não é? - com a mão firme, Michael puxou a rédea, fazendo o potro baixar a cabeça, até que os seus olhos ficaram no mesmo nível. - Fazes-me passar por idiota, amigo, e posso cometer o erro de confundir o teu focinho com uma bola de basebol. Percebeste?

O animal bufou, depois sacudiu a cabeça, quando foi solto. Michael segurou no bastão com os dedos nas extremidades, levantando-o em seguida. Depois de uma vibrante guerra de vontades, o potro empinou-se e as patas golpearam o ar.

- Alto.

Indiferente aos cascos em movimento, Michael aproximou-se por baixo.

- Fica aí em cima, Bastardo. Ninguém te vai alimentar se me matares. Tornando a mudar a posição do bastão, ele agarrou com uma das mãos a crina do cavalo e pulou para o dorso quase na vertical.

Perante a elegância rápida e ágil do movimento e a facilidade com que homem e cavalo se fundiam, Susan não pôde conter um suspiro de admiração. E soltou outro quando Michael virou a montada num semicírculo. A pressão dos joelhos de Michael fez o cavalo baixar.

- Mantenha-se longe - ordenou Michael a Susan, sem olhar para ela. - Esta é a parte em que temos um problema.

Ele fez Bastardo empinar-se outra vez, saltou de cima dele e passou sob os cascos agitando-se no ar.

- Não me pises - murmurou Michael, sentindo o chão a tremer.

- Não me pises, seu filho da... Merda!

Um casco acertou-lhe na anca. Apenas de raspão, mas era uma questão de princípio. Ele levantou-se, ficando a ver o cavalo baixar.

- Fizeste isso de propósito. Vais repetir, até tudo sair como deve ser.

Michael, coxeando um pouco, pegou no bastão e repetiu todo o número. E mais uma vez, e uma outra ainda.

Quando ambos estavam exaustos e ele conseguira completar o exercício sem partir nada, Michael, coxeando ainda mais, foi até ao saco que pendurara na cerca. Tirou uma maçã. O potro foi atrás dele e comprimiu a cabeça contra as costas de Michael.

- Não tentes fazer as pazes. Só te vou dar isto porque não estou a caminho do hospital.

O cavalo empurrou-o novamente e, em seguida, tentou comer os cabelos de Michael.

- Pára com isso. És mesmo um chato. Toma lá. - A maçã oferecida foi abocanhada com ansiedade. Enquanto fragmentos voavam para todos os lados, Michael acrescentou: - E tens umas maneiras repulsivas.

- Eu devo-te um pedido de desculpas.

Michael parou de esfregar o traseiro dorido e olhou para Susan. Concentrado como estivera, esquecera-se de que ela ainda ali estava.

- Não foi nada. Talvez eu estivesse mesmo a pensar em dar-lhe uma tarefa.

- Não estavas, não. - Ela aproximou-se e passou a mão pelo pescoço macio do potro. - Estás apaixonado por ele.

- Detesto o desgraçado. Nem sei porque é que o comprei.

- Hum, hum... - Distraída, Susan estendeu a mão para remover um pouco da terra da manga da camisa de Michael. - Dá para ver como ele é maltratado e mal alimentado.

Embaraçado, Michael encolheu os ombros.

- É um investimento. Um bom cavalo de circo vale muito dinheiro.

- Tenho a certeza que sim. - Susan não conseguiu mais conter-se e desatou a fazer perguntas excitadas. - Como é que conseguiste ensiná-lo a fazer isto?

Como impedes que ele te pise? Não ficas com receio? Há quanto tempo trabalhas com ele?

Michael movimentou os ombros doridos. Decidiu responder à última pergunta.

- Não há tempo suficiente. O potro é inteligente, mas ainda tem um temperamento difícil. - Ele fez uma pausa, sorrindo. - Deixou-me apavorado,

sr.a Templeton. Pensei que ia arrancar-me o bastão das mãos e dar-me uma tarefa com ele.

- Não duvides que o teria feito. - Susan afagou o potro. - Não suporto ver um animal maltratado.

- Não posso dizer que me agrada. Conheci há uns tempos um treinador durante umas filmagens. Ele tinha um cavalo sensacional, meigo, generoso. Mas o treinador nunca estava satisfeito, exigia sempre mais e mais; trabalhava o cavalo até à exaustão, nunca lhe dava nada de recompensa, já era terrível ver aquele homem a destruir o coração e o espírito do cavalo, mas depois ele começou a usar um chicote e os punhos, qualquer coisa que estivesse ao alcance das mãos.

Michael fez uma pausa para afastar os cabelos do rosto, contraindo os olhos ao sol.

- Ele acabou por adquirir uma péssima reputação. Ninguém queria contratá-lo, nem trabalhar com ele. Todos diziam que era uma pena, porque o cavalo era excepcional.

- Porque é que ninguém fez nada?

- É uma questão de política profissional... e o treinador era antigo no ofício. Mas eu era novo naquele tempo. Não queria saber de política. Convenci-o a vender-me o cavalo. Fiz uma boa oferta.

- Persuadiste o treinador a vender com a tua conversa? Michael tornou a fitá-la.

- Mais ou menos.

- Usaste o chicote, ou apenas os punhos?

- Não gosto de chicotes. E o Max, o cavalo que comprei, não suporta sequer vê-los. - Michael tirou a bolsa da cerca antes que o potro pudesse investigar o seu conteúdo. - Veio dar um passeio esta manhã, sr.a Templeton?

- Podia usar isso como desculpa, mas creio que ambos sabemos que quero conversar contigo.

- Claro. Imaginei que a senhora ou o seu marido viessem procurar-me. - E ele preparara-se para isso. - Terá de falar enquanto trabalho. Os meus animais precisam de exercício.

- Não há problema. - Susan acompanhou-o quando ele entrou no estábulo. - A Laura disse-me que tens dado aulas de equitação às meninas.

-Apenas alguns rudimentos. Tenho pôneis de sela muito calmos.

- Tive de ouvir uma dissertação sobre o sr. Fury e os seus cavalos

durante o pequeno-almoço. Causaste uma impressão e tanto às minhas netas. Deixa-me ajudar-te. - Ela pegou na rédea de um dos cavalos que Michael começara a levar para o cercado. - E também causaste uma forte impressão na minha filha.

- Ela é uma linda mulher.

- É mesmo. E passou por um verdadeiro inferno. Sob muitos aspectos, isso deixou-a mais forte. Mas ela está vulnerável, Michael, capaz de se magoar com mais facilidade do que vocês dois podem imaginar.

- Quer que eu prometa que não vou magoá-la. - Michael recuou, enquanto os cavalos trotavam pelo cercado. - Não posso fazer isso.

- Sei que não podes. Pelo que me recordo, até mesmo em menino tinhas sempre o cuidado de não fazer promessas.

- Se não se fazem promessas, não se quebram - comentou Michael, com muita simplicidade, tornando a entrar no estábulo.

- Sei que tiveste uma infância difícil...

Susan parou de falar, franzindo o rosto, quando ele virou a cabeça, num movimento brusco.

- Não acredito que possamos atribuir a culpa por aquilo que somos ao que nos aconteceu no passado. Imagino que teve uma infância rica, sr.a Templeton. Isso é responsável por tudo aquilo que é hoje?

Ela acenou com a cabeça lentamente, enquanto Michael conduzia mais cavalos para o cercado.

- Bem posto - murmurou ela. - Não me agradaria pensar que foi tudo, mas proporcionou-me uma base sólida.

- E a minha foi precária. - Embora Michael tivesse declarado a si mesmo que não permitiria, a amargura transpareceu. - Não precisa dizer-me de onde venho, sr.a Templeton. Eu sei.

Susan deteve-o, segurando-o pela mão.

- Não foi uma crítica. Não sou cega, Michael. Também não me agrada pensar que sou intolerante. Posso ver que estás aqui a construir alguma coisa sólida. E sei porque deixaste a tua infância para trás antes do tempo em que as pessoas devem fazê-lo.

Como Michael nada disse, ela sorriu e largou-o.

- Sei o que acontece na minha própria casa, Michael, e sei o que acontece nas vidas dos amigos dos meus filhos. Se precisas de empinar as costas porque eu senti pena daquele menino, então faz isso. O meu coração

chorou por ti.

- Desperdiçou a sua compaixão.

- Não creio. Mas, como dizes, isso foi o que foi. Agora é o que é. É impossível cruzarmos a meta na maratona da paternidade, Michael. Nunca acabas essa corrida e dás o salto da vitória. A Laura é adulta, livre para fazer as suas opções e levar a sua própria vida, mas isso não me impede de ficar preocupada, de ter dúvidas ou fazer figas para que ela tome as decisões certas.

Michael sabia o que ela lhe estava a dizer. Esperava por isso.

- E agora especula, considerando tudo, se ela decidiu bem desta vez.

Susan inclinou a cabeça em concordância.

- Isso mesmo. Não vou dizer que o sexo não dura. Pode durar e até dura, se temos sorte. Mas não é suficiente, por si só.

Ele esperava ser advertido, mas não se sentia disposto a ser pressionado.

- Se veio pedir-me para ficar longe da Laura, está a perder o seu tempo. Não farei isso.

Susan avaliou-o.

- Ficaria desapontada contigo se o fizesses. Só estou a pedir-te para seres gentil. - Ela desviou os olhos para a área em que os cavalos davam voltas. - Só te peço que sejas gentil.

- Quer uma promessa, e isso não posso fazer. Nunca tratarei a Laura como o Ridgeway fez. Não vou enganá-la, nem mentir, nem tirar-lhe qualquer coisa que ela não me queira dar. E não vou deixar que ela se sinta um fracasso.

O olhar de Susan voltou a fixar-se nele, penetrante. Eram as palavras que ela queria ouvir, mas o tom irado por detrás levava-a a fazer uma reavaliação.

- Compreendeste-a melhor do que eu, o que é uma grande façanha da tua parte.

- Compreendo muito bem o fracasso. - E Michael sabia que, comparado com uma mulher como Susan Templeton, ele podia não ser um fracasso, mas também não podia ser considerado um sucesso.

- Se isso é tudo, tenho muito trabalho a fazer.

- Michael... - Ao lembrar-se de como ele se deixava provocar com facilidade e era propenso à impaciência, Susan manteve a mão firme e os olhos serenos para enfrentar a tempestade ameaçada. É um prazer ter-te de

volta à Casa Templeton. Agora, queres mostrar-me o cavalo de que falaste? É aquele ali, que está a observar-te como se estivesse disposto a morrer por ti?

Michael suspirou, perguntando-se como um homem podia entender qualquer uma das mulheres Templeton.

- É esse mesmo. Chama-se Max. Ele está à espera de um presente.

- Porque é que não mo apresentas?

- Eu disse-lhe que andava a dormir com o Michael. - Laura manteve a voz baixa, enquanto pendurava as roupas nos cabides, na sala do guarda-roupa.

- Não posso acreditar que declarei à minha própria mãe que tenho feito sexo com o Michael.

- Tudo indica que ela já tinha chegado a essa conclusão. - Margo estava a guardar os sapatos experimentados nos seus lugares. - E provavelmente não ficou tão chocada assim, pois devia saber que fizeste sexo antes, já que tens duas filhas.

- Sabes muito bem do que estou a falar - murmurou Laura. É estranho.

- Como é que ela aceitou?

- Muito bem. O pobre papá evita o assunto, como se tivesse receio de desencadear uma orgia se o abordar.

- O facto é que tu não podias fingir que não havia nada depois de a sr.a T. te surpreender engalfinhada com o Michael na piscina. Margo riu-se, verificando os cabelos no espelho. - Ah, como eu gostaria de ter testemunhado a cena!

- Tenho a certeza de que foi esclarecedor para todas as partes envolvidas. Eu senti-me como naquela ocasião em que a Annie nos surpreendeu com o Biff e o Mark nos penhascos... Os penhascos! Antes que Margo pudesse fazer qualquer comentário, ela acrescentou: - Oh, meu Deus, a minha cabeça está péssima hoje! Espera um instante.

Ela saiu apressada, quase chocando numa cliente. Kate fitou-a, curiosa. No escritório dos fundos, Laura tirou a sua carteira de uma gaveta, e tirou a moeda de um pequeno compartimento com fecho.

- Qual é o problema? - indagou Kate, parando à porta. -A Margo esqueceu-se de encomendar outra vez caixas? O stock que temos vai acabar até segunda-feira... O que tens aí?

- Os penhascos. - Laura comprimiu a mão contra o coração. Ontem à noite. Eu tinha-me esquecido.

- Encontraste uma! - Num salto, Kate arrancou a moeda da mão de Laura.

A excitação e o triunfo fizeram o coração acelerar. - Encontraste outra moeda do dote da Seraphina! E tinhas- te esquecido de nos contar?

- Esta manhã foi uma grande confusão. Eu não sabia o que fazer, até que o pai insistiu em dar-me cobertura no hotel. Depois, a Kayla e a Ali suplicaram para ficar em casa; não quiseram ir à escola hoje, para passarem mais tempo com a avó. Ainda por cima... Ora, não importa! - Ela arrematou com um aceno de mão. - A verdade é que acabei por esquecer- me.

Margo apareceu à porta.

- Será que vocês as duas se importavam muito se tiverem de trabalhar mais um pouco hoje? Temos clientes... O que é isso?

- Foi a Laura que encontrou. E esqueceu-se de nos contar.

- Quando? - Margo deixou a porta fechar-se nas suas costas, tirando a moeda da mão de Kate. - Onde?

- Ontem à noite. Nos penhascos. Naquela saliência em que gosto de me sentar de vez em quando. Passei lá algum tempo a pensar. Quando me preparava para voltar, vi a moeda. Ou melhor, senti-a. Pus a mão em cima dela. Estava sentada ao lado dela!

- Como nas outras ocasiões - murmurou Margo. - Quando uma estava lá à minha espera, a outra para a Kate. É um sinal.

- Lá vai ela... - murmurou Kate, revirando os olhos e acomodando-se na beira da mesa.

- O que preferes chamar-lhe? - perguntou Margo, ríspida. Temos procurado como loucas pelos penhascos, desde pequenas. Nada. Praticamente vasculhámos aqueles penhascos com pinças. Nada. Até que, de repente, cada uma de nós vai até lá sozinha, em algum momento decisivo da sua vida, e encontra uma moeda. O que significa...

Ela fez uma pausa, levantou os olhos da moeda de ouro na sua mão, fitando Laura.

- O que significa que tu estás apaixonada pelo Michael Fury.

- O que tem uma coisa a ver com a outra?

Para ganhar tempo, Laura pegou novamente na moeda e largou-a em cima da mesa.

- No dia em que encontrei a minha, estava a pensar no Josh, perguntando- me se estava mesmo apaixonada por ele. E a Kate... Margo

olhou para a amiga, que tinha o rosto franzido a meditar. - Ela estava a pensar no Byron. Já estava apaixonada por ele, não estavas?

- Estava, sim, mas... Isso vai um pouco longe de mais para mim. -Abre essa mente de contabilista por um minuto. - Impaciente, Margo tornou a virar-se para Laura, segurando-a pelos ombros. - Tu estás apaixonada pelo Michael?

- Isso não...

- Fiz-te uma pergunta directa, Laura. Podes ter a certeza de que saberei se estás a mentir.

- Estou, mas isso não...

- O amor importa - murmurou Margo. - Nós importamos. Talvez seja isso o fundamental.

Ela soltou Laura, enfiou a mão no bolso, onde costumava ter a sua moeda.

- Isto importa.

Ela pôs a sua moeda ao lado da moeda de Laura. Olhou para Kate, que foi buscar a sua à mala.

- Tens razão, é o que importa - concordou Kate, quando as três moedas estavam na mesa. - Ainda estamos juntas nisto. Já contaste ao Mick, Laura?

- Não. E não sei se vou contar, ou como vou abordar o assunto. Não posso planear tudo como tu, Kate, nem agir pelo instinto como tu, Margo. Tenho de fazer tudo à minha maneira. O que significa manter as ilusões e esperar para ver o que acontece. E as minhas emoções são da minha responsabilidade.

Ela sorriu e passou a ponta do dedo sobre as três moedas.

- Um sinal da Seraphina. Talvez seja mesmo. Talvez ela esteja a dizer-me para não depositar todos os meus sonhos nas mãos de um único homem desta vez.

- Ou talvez esteja a dizer-te que podes encontrar esse sonho se souberes onde procurar. - Margo passou o braço pelos ombros de Laura. - De qualquer forma, não podes parar de procurar. Seria a mesma coisa que saltar de um penhasco.

- Não parei de procurar. - Laura afagou a mão de Margo, antes de pegar na sua moeda. - E acho que isto exige uma comemoração. Porque não nos reunimos esta noite e abrimos uma garrafa de champanhe?

- Convenceste-me. - Kate guardou a sua moeda. - De qualquer modo eu

ia até lá. É noite de póquer em casa dos De Witt.

- É verdade. - Laura sorriu. - O pai já está a esfregar as mãos na expectativa do jogo. E tu, Margo? Podemos contar contigo?

- Estarei lá. - Margo pegou na sua moeda, mas manteve-a na mão. Rezou para que Laura não esquecesse a sua... nem os seus sonhos... depressa de mais. - Talvez consigamos embriagar um pouco a minha mãe e a sr.a T. e jogarmos todas póquer.

- Eu alinho. Porque é que nós não...

Kate parou de falar ao ouvir bater com firmeza à porta do escritório. A cliente que estendeu a cabeça para dentro da sala parecia aborrecida e impaciente.

- com licença, mas há alguém a trabalhar aqui?

- Desculpe. - com um sorriso apaziguador, Laura adiantou-se. Tivemos um pequeno problema. Em que posso ajudá-la?

Michael nunca fora levado a um jogo de póquer numa limusina. Não sabia como se sentia em relação a isso. Não que não tivesse andado de limusina antes. Afinal, trabalhara em Hollywood durante cinco anos.

Mas ir de limusina a um jogo de póquer? Parecia pretensioso de mais.

Por outro lado, como Josh comentara ao ir buscá-lo ao estábulo, ninguém teria de se preocupar com quantas cervejas beberiam.

Obviamente à vontade no ambiente luxuoso, Thomas recostou-se e pôs-se a bater com um dedo no joelho, acompanhando o ritmo da ária que saía pelos altifalantes.

Michael reflectiu que limusinas, ópera e póquer eram coisas que não se misturavam. E começou a preocupar-se com a possível confusão em que se metera.

- Estou a sentir-me com sorte esta noite. - Thomas ergueu as sobrancelhas.

- Espero que vocês os dois, rapazes, tenham trazido bastante dinheiro.

O que levou Michael a pensar que a sua noção de bastante dinheiro tinha de ser muito diferente da noção de Thomas Templeton, o dono dos Hotéis Templeton.

Oh, meu Deus, ele podia perder até a camisa e o ego numa única noite de diversão.

- A minha mulher apaixonou-se por um cavalo do Tennessee no teu estábulo, Michael. - Thomas cruzou as pernas nos tornozelos e decidiu

verificar até onde podia provocar o jovem Michael Fury. Talvez eu to ganhe antes de a noite terminar.

- Não aposto os meus cavalos, nem os meus amigos - respondeu Michael, tranquilo. - Bonito relógio, sr. Templeton.

Ele lançou um olhar para o elegante Rolex de ouro de Thomas, enquanto acrescentava:

- Bem que estou a precisar de um relógio novo.

Thomas soltou uma gargalhada e deu uma palmada no joelho de Michael.

- Um rapaz precisa dos seus sonhos. Já te contei sobre a ocasião em que joguei póquer de sete cartas durante trinta e seis horas? Aconteceu em Chicago, em mil novecentos e cinquenta e cinco. Agora...

- Não, a história das "trinta e seis horas em Chicago" não gemeu Josh. - Suplico-lhe.

- Cala-te, Harvard. - Quase à vontade, Michael esticou as pernas. - Alguns de nós ainda não ouviram.

Satisfeito, Thomas sorriu para Michael.

- Nesse caso, vou contar, e podes ficar com medo.

Não foi uma viagem assim tão má, no fim das contas. E as coisas pareceram ainda melhores quando pararam em frente da casa de vários varandins em Seventeen Mile. O motorista uniformizado tirou duas caixas de cerveja slue Moose - um produto Templeton - da bagageira da limusina.

- É uma cerveja sensacional. - Michael enganchou os polegares nos bolsos e contemplou os varandins e jardins da casa de madeira e vidro dos De Witt. - É uma casa sensacional.

- Também tem um acesso fácil à praia - acrescentou Josh. - A Kate recomendou a propriedade ao Byron, antes sequer de começarem a namorar.

- Boa indicação - murmurou Michael. - E é a cara da Kate. Elegante, diferente. Eh, lá, o que é isto? Um Mustang de sessenta e cinco! E cor de cereja, ainda por cima!

Michael dirigiu-se até ao carro, passando a mão pelo pára-lamas, com uma expressão de adoração.

- Uma beleza. E aquele Corvette... Um Sting Ray da primeira leva. Ah, meu amor, quero ver o interior do teu capô.

- Viemos jogar póquer, ou preferes fazer amor com objectos inanimados durante a noite inteira?

Michael lançou um olhar espantado para Josh.

- Inanimado coisa nenhuma. Uma beleza como esta tem mais personalidade e atracção sexual do que metade das mulheres com que já saíste.

- O que demonstra que não conheceste as mulheres com quem saí.

- Também saí com algumas. - Michael encaminhou-se para a porta da frente. Olhou para trás, admirando os carros, e depois fixou-se em Josh. - Inclusive a tua esposa.

O sorriso de Josh vacilou, os passos também.

- Tu nunca saíste com a Margo.

- Não? - Divertido, Michael subiu o curto lanço de degraus de madeira. - Estou a lembrar-me de duas noites muito interessantes em França.

- Só queres deixar-me nervoso. E parecia que estava a conseguir.

- Pergunta-lhe - disse Michael, insinuante.

Claro que ele perguntaria. com a cabeça a girar com visões que não desejava, Josh abriu a porta. Dois enormes cães amarelos vieram a correr e lançaram-se em cima dos visitantes.

- Nip, Tuck, sentem-se.

Byron deu a ordem ao entrar na sala ampla. Os cães sentaram-se, lado a lado, e continuaram a vibrar.

- Pode levar a cerveja para a cozinha. Obrigado. - Ele apontou a cozinha para o motorista. - Acham que trouxeram o suficiente?

- Se acabar, mandamos buscar mais - disse Josh. - Trataste da comida?

- Preparei algumas coisas.

Incapaz de resistir a duas línguas pendendo e a dois pares de olhos em adoração, Michael baixou-se e tratou de fazer amizade com os cães.

- Sabes cozinhar?

- Como é que achas que ele me convenceu a casar? Kate entrou na sala, sorrindo.

- Ainda aqui estás? -Josh aproximou-se para dar um puxão nos cabelos de Kate. - Vai para o pé dos da tua laia.

Ela empurrou-o para o lado.

- Já estou de saída. Mas quero dizer que o conceito de um jogo de póquer só para homens é uma prática Neandertal que considero insultuosa, ainda mais quando ocorre na minha própria casa.

Como era um homem sensato, Byron limitou-se a revirar os olhos nas

costas de Kate. Mas Michael não tinha de viver com ela. Empertigou-se, sorriu.

- Claro, claro. Vai reclamar com a Gloria Steinem... mas desaparece daqui.

- Não tenho a menor vontade de ficar e ouvir um bando de idiotas a arrotar, a rir e a contar mentiras sobre as mulheres que conquistaram.

com o queixo erguido, ela pegou na mala que estava poisada numa cadeira.

- vou contar ao Byron tudo sobre aquela noite em que nos encontrámos na doca de pesca e...

- Cala a boca, Mick. - Kate franziu as sobrancelhas, o rosto ficou vermelho.

- Já vou.

- Espera um pouco. - O marido tentou segurá-la, mas não conseguiu. - Que noite?

- Não foi nada. - Ela fulminou Michael com um olhar penetrante.

- Não foi nada.

-Ora, minha querida... - murmurou Michael. -Assim magoas os meus sentimentos.

- Os homens são uns porcos! - exclamou Kate, antes de sair e bater com a porta.

- com isto livrámo-nos dela - proclamou Michael. - Onde está o baralho?

- A Margo e a Kate? - murmurou Josh, fitando-o com os olhos contraídos.

- Não podes falar mal do meu gosto, pois não? - Michael enfiou as mãos nos bolsos. - Como eu disse, onde está o baralho?

- Os homens merecem os seus pequenos rituais. - Susan esticou-se na poltrona comprida na sala de estar. - Tal como nós merecemos os nossos.

- Não me importo. - Aconchegada contra uma montanha de almofadas, Margo tinha no colo uma tigela com pipocas. - Mas a Kate sente-se ofendida.

- Por falar nisso, onde está a Kate? - Laura foi até à janela e espreitou. - Já devia ter chegado.

- A Kate ia esperar por eles para lhes dizer das boas antes de sair.

- Margo encolheu os ombros e pegou na garrafa de champanhe. Ela deve estar a chegar. Deus sabe que isto é melhor do que póquer, cerveja e uma cortina de fumo de charuto, mas a Kate tem de marcar o seu ponto. Quer uma

taça, mãe!

Ann parou de examinar as cassetes de vídeo escolhidas para a maratona de filmes.

- Ha... talvez só uma.

Tinham champanhe, pipocas, uma bandeja com vegetais frios partidos em pequenos pedaços, frutas frescas, três opções de molhos, até mesmo de chocolate branco, além de uma pilha de filmes. O bebê dormia no andar de cima, e as suas mulheres preferidas estavam ali. Margo julgou que era a noite perfeita para uma reunião só de mulheres.

- vou tratar-lhe das unhas.

- Não precisas de te incomodar. Margo sorriu para a mãe.

- Será divertido, mãe. Tenho uma tonalidade perfeita para si. Vermelho Ardente de Amante.

Ann soltou uma risada.

- Não vou usar nada assim... e nunca pinto as unhas.

- Os homens adoram. - Em provocação, Margo inclinou-se para a frente e acrescentou: - E o Bob, o dono do talho, está de olho em si há anos.

- De maneira nenhuma! - com o rosto a arder, Ann voltou a mexer na pilha de vídeos. - Isso é um absurdo. Temos apenas uma boa relação comercial. Nada mais.

- Ele guarda as melhores partes para a menina Annie. - Margo pestanejou, e depois soltou uma gargalhada. - Devia dar-lhe uma oportunidade um dia destes. Ora, Laura, pára de te preocupares com a Kate. Ela já vai chegar.

- Não estou preocupada, estou só a olhar.

"E a pensar no Michael", admitiu ela. O que estaria ele a fazer agora? Porque os seus caminhos não se tinham cruzado desde a noite anterior? Mas ela fez um esforço para se afastar da janela, indo servir-se de uma taça de champanhe.

- O que vamos ver primeiro? Voto em Ter e Não Ter.

- "Sabes assobiar, não sabes, Steve?" - Susan suspirou, mergulhando um morango bem vermelho no chantilly. - A melhor cena de sedução.

- O melhor "não" do mundo - murmurou Margo, continuando no tema. - Bette Davis. "Eu adorava beijá-lo, mas acabo de lavar os cabelos."

- A melhor despedida angustiada - disse Laura, entrando no clima. - Bogart para Bergman. "Sempre teremos Paris."

Quando Kate chegou, dez minutos depois, elas estavam empenhadas num debate acalorado sobre os dez homens mais perigosos na história do cinema.

- Newman - insistiu Margo. - Pelos olhos. Frios ou quentes, e de um azul inacreditável. Vê-se no The Long, Hot Summer, ou em O Mais Selvagem Entre Mil, ou...

- Concorde. - Susan sentou-se para enfatizar o seu argumento. Perigoso porque é inesperado. O encanto derruba as defesas de uma mulher.

- Bogart - discordou Laura. - Em tudo. Rude, perigoso, uma força da natureza, um herói apesar dos seus instintos.

- Não posso acreditar que vocês estejam a discutir sobre homens.

- Indignada, Kate atirou-se para um sofá. - Acabo de deixar quatro gorilas. Isto é molho de chocolate branco?

Ela levantou-se, enfiou um dedo na tigela e lambeu-o, enquanto continuava a falar:

- E já se mostravam presunçosos, superiores e sarcásticos. O Mick é o pior. Não posso acreditar que ele se tenha lembrado da ocasião em que o encontrei na doca de pesca, e nós...

- Nós? - Laura empertigou-se nesse mesmo instante. - Nós o quê?

- Nada. - "Eu devia ter enchido a boca para não falar de mais", decidiu Kate e foi exactamente isso que começou a fazer. - Não foi nada de especial. Ele tinha voltado a Monterey de licença. Parecia... interessante. Demos um passeio, só isso.

- Deste um passeio? - murmurou Laura. - com o Michael? Só isso?

- Quase que só. - "Pronto, agora já não há nada a fazer", pensou Kate, enquanto todos os olhos na sala se fixavam nela. - Talvez eu tenha experimentado um pouco, por um ou dois minutos. Quem está no comando da cassete de vídeo?

Antes que ela pudesse aproximar-se para assumir o controlo, Laura pôs-lhe a mão no ombro.

- Define "experimentado".

- Deixei que ele me beijasse... duas ou três vezes. Foi tudo. Nada mais. Temos o As duas Feras? Bem que estou a precisar de umas risadas.

- Tu e o Michael estiveram na marmelada no carro dele?

- Não chegou a ser marmelada, exactamente. Eu não lhe chamaria assim. Margo...

Ela apelou para a amiga, em busca de ajuda.

- Tens toda a razão. Dois ou três beijos não podem ser considerados como marmelada. Como também já saí com ele, sei que isso é verdade.

- Tu... - balbuciou Laura, pegando na garrafa de champanhe. Tu...

- Dei um dez ao Michael, tanto na técnica quanto no estilo. E, como isso aconteceu há alguns anos, só posso presumir que ele tenha melhorado desde então. - Margo soltou uma gargalhada e levantou-se para pôr um filme no aparelho. - Agora sr.a T. está a tentar decidir se deve fazer um comentário ou uma declaração de qualquer tipo. já a minha mãe, ali sentada, está a pensar que o infame Michael Fury já comprimiu os seus lábios muito saborosos em todas as suas três meninas.

- É o tipo de conversa que espero de ti - comentou Ann, torcendo o nariz.

- E eu detestaria desapontá-la. Ele é um dos homens perigosos, com toda a certeza. - Margo inclinou-se e afagou o joelho da mãe, afectuosa. - Graças a Deus que eles existem.

CAPÍTULO 17

MICHAEL não se sentia muito perigoso com as cartas que Byron lhe dera. Mantivera um controlo firme durante a primeira hora do jogo, com apostas moderadas, até previsíveis, enquanto estudava cada um dos seus oponentes, à procura de sinais reveladores.

Eram bons, admitiu ele, todos os três. Aquele não era um jogo de otários. Podiam ser apostadores de altas quantias que costumavam jogar em palácios, mas ele aprendera tudo a bordo de navios, onde o tédio podia tentar um homem a apostar o salário de um mês, só para quebrar a monotonia.

Josh passava um polegar pelo queixo, sempre que tinha uma boa mão, e mantinha os olhos impassíveis e frios quando fazia bluff. De Witt tendia a pegar na sua cerveja quando tinha um jogo vencedor. E Templeton... ora, Templeton era experiente e astuto; mas, ao começar a segunda hora, Michael reparou que ele chupava o charuto com mais força quando se preparava para recolher as fichas.

Michael descartou, recebeu um par de três. Tinha uma opção. Considerou todos os aspectos práticos, e chegou à conclusão de que era hora de animar o jogo.

- Aqui estão os teus dez - disse ele a Josh. - E mais dez. -Vinte para mim. - Distraído, Byron estendeu a mão para afagar um dos seus cães. "Um sinal", pensou Michael, convencido, "de que não tem nada." - Estou dentro.

- Os vinte. - Tommy pôs as fichas no bolo. - E mais dez.

- Estou fora.

Josh largou as suas cartas e levantou-se para se servir de uma das sanduíches de cima do balcão.

- Pago o seu aumento e ponho mais vinte.

- Vocês os dois podem disputar a mão sozinhos.

Byron inclinou-se para trás, bebendo um gole de cerveja. "O miúdo tem vindo a aumentar as apostas desde que recebeu as cartas", pensou Thomas, estudando o trio de damas na sua mão. Teria de conferir até onde Michael estava disposto a ir.

- Os teus vinte e mais cinquenta.

Os olhos de Michael encontraram-se com os de Thomas por cima das

cartas, mantiveram-se firmes, enquanto ele empurrava fichas por cima da mesa.

- Os seus cinquenta. E mais cinquenta. É pagar para ver ou cair fora. Thomas estudou o adversário, depois deixou escapar um suspiro.

- Vais levar esta. - Ele largou as cartas, para indagar, enquanto Michael recolhia as fichas: - O que é que tinhas?

Como Michael apenas sorrisse, já empilhando as fichas, Thomas soltou outro suspiro.

- Fizeste bluff. Já percebi. Não tinhas porcaria nenhuma.

- Um homem tem de pagar para ver, sr. Templeton. com os olhos contraídos, Thomas recostou-se.

- Tommy. Quando um homem consegue fazer-me um bluff, deve chamar-me pelo primeiro nome.

- Combinado. - Michael recolheu as cartas e baralhou. - Stud poker. Sete cartas.

Ele fez uma pausa, sorriu e acrescentou:

- Vai entrar, Tommy?

- Claro... e ainda estarei aqui quando estiveres a contorcer-te no chão, suplicando por misericórdia.

Michael largou a sua primeira aposta no meio da mesa.

- Um homem precisa dos seus sonhos.

Thomas soltou uma gargalhada, e depois enfiou a mão no bolso.

- É impossível não gostar de ti, Fury. Toma um charuto... de verdade, não essas coisinhas de mulher que o Byron costuma fumar.

- Obrigado, mas dispenso. - Mesmo assim, ele aspirou ansioso a nuvem de fumo. - O facto é que esses havanos parecem-se muito com um pénis.

Josh engasgou-se com o fumo e tirou o charuto da boca.

- Obrigado, Mick. Agora vou apreciar ainda mais.

com uma grande gargalhada, Thomas bateu com a mão na mesa.

- Dá as cartas... e prepara-te para perderes até a camisa.

Durante a terceira hora, Michael saiu de uma das mãos e foi para o varandim. Urinou com os cães, enquanto contemplava o mar nocturno.

- Um lugar sensacional, não achas?

Michael olhou para trás e viu Byron aproximando-se.

- Escolheste bem.

- Pensei em construir um pequeno estábulo ali, junto daqueles ciprestes.

Simples. com duas baías.

- Duas?

- Acho que ficar sozinho é solidão de mais, até mesmo para um cavalo. Gostei daquela égua malhada.

- Ela é maravilhosa. - Michael sorriu. - Já conversaste com a tua mulher? Os olhos de Byron exibiam uma expressão tranquila e divertida.

- Conheço todos os meios de envolver a Kate. E presumo que tu também conheças, depois do encontro na doca de pesca.

- Eu estava só a meter-me com ela... e contigo também. - Michael ergueu as mãos, com as palmas viradas para a frente. - Nunca toquei nela. Ou quase nada.

Byron riu, sacudindo a cabeça.

- Acho melhor deixar fechada essa porta particular. Mas, se quiseres brincar com o Josh por causa da Margo, vou achar divertido.

- Não quero discutir com ele. O Josh é mais duro do que parece. Quase me arrancou três dentes quando tínhamos doze anos. - Ele verificou os dentes com a ponta da língua. - E o pai é bem capaz de apostar no resultado da briga.

- Assim são os Templeton. Apostam em qualquer coisa. Vê a maneira como a Kate, a Margo e a Laura apostam na loja.

- Tenho andado a pensar em lá voltar. Não sou muito de visitar lojas elegantes para mulheres, mas gostava de saber como a Laura consegue ser vendedora.

- Creio que ficarás surpreendido e impressionado. Eu fiquei. Proporcionou-lhes algo de sólido e especial.

- Um meio de vida.

- É mais do que isso. Proporciona união, um objectivo e amor. A cerveja ou as mulheres estavam a deixá-lo sentimental, mas Byron continuou. - Eu não estava cá quando elas tiveram a ideia, organizaram tudo e assumiram o risco. A Margo vendeu quase tudo o que possuía, a minha conservadora contabilista sacou de todos os seus investimentos para entrar com a sua parte. E a Laura vendeu até o anel de noivado.

- Ela vendeu o anel de noivado para abrir aquela loja?

- Isso mesmo. Foi logo depois de descobrirem que o Ridgeway tirara quase todo o dinheiro das contas conjuntas. Ela não queria usar o dinheiro Templeton para a loja. Por isso, vendeu o anel de noivado e a aliança para dar a entrada para o prédio. São mulheres incríveis.

- Tens razão. - Michael contemplou o mar, com o rosto franzido.

- Ayet sei, a modelo e a contabilista.

- E como elas trabalharam... Limparam, lixaram e pintaram. E conseguiram que tudo funcionasse. Fico admirado quando entro lá e verifico como elas são unidas... são unidas em qualquer lugar. Devias vê-las nos penhascos, escavando a terra, levantando pedras, à procura do dote da Seraphina. Depois de tantos anos continuam juntas, ainda à procura. A Kate estava extasiada esta noite quando me contou que a Laura encontrou outra moeda.

Michael tentava absorver tudo, juntar todas as facetas numa única imagem na sua cabeça, mas pestanejou, nesse momento, surpreendido.

- A Laura encontrou uma moeda? Quando?

- Ontem à noite. Quando andava a dar uma volta pelos penhascos. A Kate diz que ela faz isso de vez em quando, sempre que precisa de aclarar os pensamentos ou apenas deseja ficar sozinha. E encontrou um dobrão de ouro, como aconteceu com a Kate e com a Margo. A coisa mais estranha do mundo. Cada uma delas encontrar uma moeda, com meses de intervalo, por puro acaso. A caça ao tesouro é em vão, mas de repente uma delas descobre uma peça de ouro no chão, como se tivesse estado ali o tempo todo. Deixa uma pessoa a pensar.

A porta dos fundos abriu-se e Thomas gritou:

- Isto é um jogo de póquer ou uma reunião social da igreja? As cartas estão a arrefecer.

- Então pode dar. - Byron olhou para Michael. - Vamos?

- Claro. A Laura passeia pelos penhascos à noite?

- De vez em quando.

Byron foi andando entre os cães, que corriam em seu redor.

- E ontem à noite ela simplesmente baixou-se e encontrou uma moeda de ouro?

-Espanhola, de 1844.

- É mesmo muito estranho.

- Pois vou dizer-te uma coisa ainda mais estranha. Estou a começar a acreditar que elas vão encontrar tudo o resto. Que são as únicas pessoas que podem descobrir o tesouro.

- Nunca acreditei que existisse.

- Pede à Laura para te mostrar a moeda - sugeriu Byron. - Podes mudar

de ideias.

- É bem possível - murmurou Michael, enquanto retornava à arena de fumo de charuto e cerveja.

Quando subiu a escada, às três horas da madrugada, ele ainda tinha a camisa, os cavalos e o ego. Podia considerar-se afortunado por isso. E o facto de estar também oitocentos dólares mais rico era apenas uma bonificação adicional.

Pensava que agora podia apresentar uma proposta por um lindo cavalo de um ano em que andava interessado.

Ele passou pela porta da frente e tropeçou nalguma coisa que lá estava estendida.

- Então?! - Quando Michael caiu no chão, o cão ganiu, estremeceu, depois lambeu humildemente o seu rosto. - Bongo, o que é que tu... Pára de meter a língua na minha boca!

Michael passou a mão pelo rosto, virou-se, acabando com o cão a contorcer-se no seu colo.

- Desculpa, Bongo, desculpa. Como entraste aqui? Aprendeste a arrombar portas?

- Ele veio comigo. - Laura saiu do quarto. - O Bongo gosta de mim. Não queria dormir sozinho na minha cama. Nem eu.

Talvez fosse pela cerveja, ou pela queda repentina, mas Michael parecia ter perdido a voz em algum ponto do caminho.

Laura parara à luz do abajur, sorrindo. Tinha os cabelos desarrumados, a pele corada. E, quando Michael conseguiu clarear a visão, reparou que ela tinha os olhos brilhantes, embora um pouco desfocados.

Em palavras simples, Laura estava linda, sensual e bêbada.

- Vieste por causa da renda?

A gargalhada saiu baixa e jovial.

- É um negócio depois do expediente. Vim por ti. Pensei que nunca mais voltavas. Como foi o póquer?

- Lucrativo. Como foi a maratona de filmes?

- Esclarecedora. Alguma vez observaste como deve ser quando as pessoas se beijam a preto e branco? É... - Laura suspirou, passou as mãos pelos seios, até deixá-lo com água na boca. - Maravilhoso. Simplesmente maravilhoso. Vem beijar-me, Michael. A preto e branco.

- Meu amor... - Ele tinha poucas regras e estava a fazer um grande

esforço para se lembrar daquela enquanto largava o cão e se levantava. - Bebeste um bocado de mais.

- É verdade. - Laura sacudiu os cabelos e encostou-se no umbral da porta para não perder o equilíbrio. - Queres saber de uma coisa, Michael? Nunca me embebedei em toda a minha vida. Admito que já fiquei um pouco zozza, em algumas ocasiões. Mas nunca embriagada. Não está certo, não é aceitável para uma mulher com a minha posição na comunidade.

- O teu segredo está seguro comigo. O Bongo e eu vamos levar-te a casa agora.

- Não vou para casa. - Ela empertigou-se, procurou firmar-se, adorando a maneira inebriante como a sala parecia girar, enquanto avançava para Michael. - Enquanto não te tiver. E depois poderás dizer-me se beijo tão bem quanto a Kate e a Margo.

- Merda! - murmurou ele. - As notícias circulam depressa por aqui.

- Podes até rasgar as minhas roupas outra vez. - Laura enlaçou-o pelo pescoço. - Afinal, a camisa é tua. Gosto de usar as tuas roupas.

É quase como sentir as tuas mãos em cima de mim. Vais pôr as tuas mãos em cima de mim, Michael?

- Estou aqui a pensar se devo ou não fazer isso.

- vou contar-te um segredo. - Ela comprimiu-se contra Michael, encostando a boca ao seu ouvido. - Queres conhecer o meu segredo?

"A Laura vai arrepender-se ao amanhecer, mas... que se lixe tudo!", pensou Michael, enfiando as mãos por debaixo da camisa.

- Quero, sim. Conta-me o segredo.

- Tenho sonhos contigo. Já tinha antes. Há muito e muito tempo, quando andavas com o Josh. Eu sonhava contigo. Mas nunca contei a ninguém, porque...

- Não seria apropriado para uma mulher da tua posição.

Ela riu-se, deu-lhe uma mordidela no lóbulo da orelha, fazendo a tensão arterial de Michael disparar até ao tecto.

- Exactamente. Queres saber o que eu sonhava? vou contar-te. Tu encontravas-me. Eu estava nos penhascos, no meu quarto ou no bosque, e tu encontravas-me. O meu coração batia com toda a força, muito depressa.

Laura pegou na mão dele e comprimiu-a contra o seu coração.

- Eu não conseguia mexer-me nem respirar, não era capaz de pensar. Tu aproximavas-te, sem dizer nada, limitavas-te a olhar para mim, até deixares-

me com as pernas a tremer, até o sangue afluir todo para a minha cabeça. E beijavas-me, violento, com todo o ardor. De uma maneira que nenhum outro beijaria. E nenhum outro ousaria tocar-me da maneira como me tocavas.

- Não... - "É como estar a afogar-me", pensou Michael. Contemplar aqueles olhos cinzentos profundos era como estar a afogar-se. Ninguém mais...

- Tu rasgavas-me as roupas, arrancavas tudo, e possuías-me ali mesmo, onde quer que estivéssemos. Tal como fizeste naquela noite, foi tal e qual como nos meus sonhos. Acho que eu sempre soube que um dia isso aconteceria.

Laura deu uma volta, com os braços erguidos, como uma bailarina, enquanto ele permanecia no mesmo lugar, com uma intensa ansiedade.

- É esse o meu segredo. Eu sonhava contigo. Ah, a minha cabeça está a girar... - Ela riu-se, levou a mão à cabeça. - Estar bêbada é a mesma sensação de ter-te em cima de mim, dentro de mim, arremetendo com toda a força. Ah, como eu adoro isso!

Laura afastou os cabelos do rosto, sorrindo de novo.

- Olha para ti, parado aí, a observar-me. Nunca imaginaste que poderias ouvir estas palavras da boca da Laura Templeton, pois não?

Michael compreendeu, observando-a, que se estivesse a morrer de sede suplicaria por ela, em vez de pedir um gole de água.

- Não. E, se não te lembrares mais disso pela manhã, vou lamentar muito.

- Estou cheia de surpresas esta noite. - Laura ergueu os braços e esticou-os por detrás da cabeça. - Assisti a todos aqueles filmes, bebendo champanhe. Comi chocolate e ri. Chorei e suspirei. Todas aquelas coisas que as mulheres costumam fazer.

Laura baixou os braços, deu uma pirueta lenta e ágil, fazendo a camisa esvoaçar.

- Vi a Margo tentar persuadir a Annie a pintar as unhas, a Kate a dormir no colo da minha mãe. A Margo a amamentar o bebé quando ele acordou. Adorei tudo, adorei a companhia delas. A minha vida é com elas e com as minhas filhas. Mas, durante todo o tempo, tu mantinhas-te no fundo da minha mente. Onde está o Michael? Ele ainda me quer? E pensei: Veremos. Estarei à espera quando ele voltar a casa, e verei se ainda me quer. Tu queres-me?

Michael não disse nada. Não conseguia. Limitou-se a aproximar-se, segurou nela e apertou-a. Alegria, necessidade e prazer explodiram em Laura como uma bola fumegante de calor. As suas gargalhadas eram estridentes quando ele a puxou para o chão.

- Não, não... - Tonta agora, mas com bastante coragem, Laura virou-se e montou-o. - Deixa-me fazer isto. Desta vez. Quero ver se consigo.

Michael sentia-se prestes a entrar em erupção. Tornou a puxá-la para baixo.

- Laura, pelo amor de Deus...

- Não! - Ela desenhenciou-se e sacudi a cabeça. - Quero fazer coisas contigo... coisas que podem ser consideradas impróprias para uma mulher da minha posição.

Ele fez um esforço tremendo para conter a pressa quando Laura tornou a montá-lo.

- Queres usar-me, não é?

Os lábios de Laura tremeram ao ver o brilho nos olhos dele.

- É, sim. Olha só, assustámos o Bongo. Está todo encolhido ali ao canto.

- Vai recuperar-se. O que é que queres que eu faça?

- Tenho de pensar um pouco. - Laura soltou um suspiro e começou a desabotoar a camisa de Michael. - Tenho outro segredo.

- Se for parecido com o último, provavelmente vais matar-me.

- Não é um bom segredo. - Laura fez uma cara contrariada. - Ou talvez seja, já que levou a isto. O Peter nunca me rasgou as roupas.

- Esquece isso e esquece o Peter!

Mas, quando Michael estendeu as mãos, ela esquivou-se.

- Quero contar-te, para ficares a saber. De certa forma, até que é engraçado. Fazíamos sempre um sexo muito apropriado. Não como acontece contigo. - Laura passou um dedo pela abertura da camisa dele. - Um sexo sempre apropriado, excepto quando não tínhamos sexo nenhum, o que acontecia na maior parte do tempo e durante todo o último ano do casamento. E queres saber de uma coisa?

Ela pôs as mãos nos lados da cabeça de Michael e baixou-se, uma mulher de olhos pesados, mais do que ligeiramente zozna.

- O que é?

Laura cantarolava enquanto ele acariciava os seus seios.

- Podes fazer isso - murmurou ela. - Não me incomoda nada. Mas eu

estava a falar. Nós tínhamos um sistema. Não, ele tinha um sistema, eu apenas participava. Punha música clássica a tocar. Chopin, sempre a mesma sonata. Às vezes ainda me dá comichão na vista quando a ouço. O Peter fechava a porta, trancava-a, para evitar que alguma criada de passagem fosse atraída pelo barulho no quarto... embora fosse quase impossível que alguma criada passasse por ali às dez e quarenta e cinco da noite. Porque era quase sempre às dez e quarenta e cinco.

- Ou seja, ele era uma criatura de hábitos.

Michael abriu os restantes botões da camisa e encontrou a carne de Laura.

- Ha... Não, não faças isso. - Ela tornou a sentar-se. - Estás a tentar distrair-me. Ele apagava as luzes, ia para a cama. Beijava-me três vezes. Não duas nem quatro, mas três vezes. E depois...

- Não quero fazer aqui uma reconstituição do estilo do Ridgeway na cama.

- Era sempre no leito conjugal, é claro. Mas vamos saltar os pormenores, já que isso não tem mesmo nada de interessante. Às onze e cinco ele desejava-me uma noite agradável e virava-se para o outro lado.

- A especial de vinte minutos, ha?

- Podia até acertar-se o relógio. Oh, Michael... - Ela esticou os braços para o alto, oferecendo vislumbres tentadores de curvas brancas. - Eu pensava que o problema era meu. Pensava que era apenas assim que era, que tinha de ser. Mas não é, não era, nunca tem de ser.

Laura segurou os seus seios e deixou os olhos fecharem-se.

- Nunca é previsível contigo. Nunca sei o que vais fazer, onde me vais acariciar em seguida, ou como. E nunca é apropriado. Pelo contrário, é maravilhosamente impróprio. As coisas que me fazes com as mãos, com a boca... - Ela baixou as mãos para o peito de Michael. Tens alguma ideia de como é descobrir aos trinta anos de idade que se tem um impulso sexual?

- Não. - Michael não pôde deixar de sorrir. A embriaguez de Laura era espectacular. - Descobri o meu aos dezasseis anos e nunca mais o perdi de vista.

Laura riu-se, inclinando a cabeça para trás. Ele sentiu os dentes doerem com a vontade de dar uma mordidela naquele pescoço esguio e branco.

- Mas isto é melhor. Tem de ser. É como encontrar o dote da Seraphina. Seja como for, sabes que existe, em algum lugar... ou acalenta essa

esperança. E quando encontras, depois de tanto tempo, de tanta busca, é uma doce sensação.

- Já que encontraste esse esquivo impulso sexual - as mãos de Michael subiram pelo corpo de Laura -, porque não o aproveitamos?

- vou fazer-te sofrer. - Ela tornou a baixar-se e roçou os dentes pelo queixo de Michael. - Podes até suplicar.

- Agora estás a ser arrogante.

- Aceito isso como um desafio. - Para o demonstrar, Laura levantou as mangas da camisa, que tornaram a cair no instante seguinte. És homem para concordar em não me tocares até que eu diga que podes?

Michael franziu a testa, especulando sobre o que ela tinha em mente.

- Vais perder, meu amor.

- Penso que não. Sem mãos. - Ela comprimiu as mãos de Michael contra os lados do corpo. - Excepto as minhas.

Laura baixou os lábios para os dele, roçou, provocou, mordiscou.

- A Margo disse que tinhas uma boca muito saborosa. - Laura riu-se quando ele estremeceu. - Ela tinha razão. Acho que vou ficar por aqui durante algum tempo.

Ela demorou-se na boca de Michael, mudando o ângulo, a profundidade, o estilo do beijo. Ao de leve por um momento, intenso e premente no outro, depois ardente. Os dedos de Michael doíam, e ele teve de comprimi-los contra o tapete.

- Nada mal para uma principiante - conseguiu ele balbuciar, com a voz rouca de desejo.

- Eu aprendo depressa. O teu coração acelerou, Michael. Laura deu-lhe uma mordidela ao de leve no pescoço e deslizou os lábios pela pele húmida. Agarrou a camisa de Michael pelos ombros e deu um puxão. Como a costura resistira, ele soltou uma gargalhada, tanto por achar engraçado como pela frustração.

- Queres que eu faça isso por ti?

- Eu consigo.

Ela inclinou-se para trás, fitando-o nos olhos, e puxou com mais força. A costura cedeu, expondo músculos e pele. E Laura atacou a presa, como uma gata faminta.

- Ah, o teu corpo... - Laura cruzou as mãos, agarrou a camisa, puxou de novo, os botões saltaram. - Tens um corpo lindo. Firme, cheio de cicatrizes. E

eu quero-o todo.

A boca foi para o ombro de Michael, descendo em seguida para o peito.

Em mordidelas rápidas, vorazes, beijando, chupando, usando os lábios e a língua. Mas quando ele ergueu as mãos, para segurá-la pelas ancas, Laura empurrou-as para o lado, com uma única palavra:

- Não.

Ela empertigou-se, tirou a camisa, depois voltou a baixar-se para Michael.

Laura sufocava-o de uma maneira que ele nunca imaginara que pudesse ocorrer. De uma forma lenta e inexorável. Levava-o por um caminho que ele não sabia que podia ser percorrido. Ansiosa, determinada. A respiração de Michael estava pesada, vacilou por um instante, para sair em seguida num gemido, quando ela lhe passou a língua pela barriga. Cada músculo tremeu, como elásticos esticados ao máximo, prestes a romperem-se.

Pensamentos afloravam e sumiam do seu cérebro tão depressa, que ele não era capaz de controlá-los. As sensações acometiam-no de uma forma incessante, como dois punhos cerrados golpeando o seu corpo. O cheiro de Laura, elegante como a realeza, o brilho da sua pele, lustrosa como uma rosa húmida, e as carícias das suas mãos, inquietas de desejo.

Inebriada com o seu poder, Laura abriu o botão das calças de ganga. Sentiu o corpo de Michael contrair-se, tenso como um corredor na linha de partida.

Ela baixou a boca, saboreando ali, no ponto em que o tecido e a carne se encontravam. E ouviu-o balbuciar o seu nome, quase sufocado.

"Consigo fazer isto com ele", pensou Laura, enquanto enfiava a língua por debaixo do tecido, numa provocação. Conseguia criar aquele desespero e aquela fraqueza, uma necessidade violenta, num homem forte e cheio de vida. Podia fazer com que ele a desejasse ao ponto da loucura. Em suma, podia tirar qualquer coisa que quisesse dele.

Ela baixou as calças e cravou os dentes na anca. E ouviu a respiração ser expelida dos pulmões de Michael como uma explosão. Ele estava desamparado, Laura sabia-o, perdido nela. E podia deixá-lo angustiado.

Laura tomou-o na boca, apertou-o como um torno macio e húmido, lançando Michael num caos total.

Ele ergueu as mãos cerradas para os cabelos de Laura, o corpo arqueou-se ao encontro dela. E quando a boca voltou à barriga, deslizando sobre os

músculos que vibravam, Michael seria capaz de matar para possuí-la.

Ainda segurando nos cabelos dela, Michael puxou a sua cabeça para trás, erguendo-lhe o tronco. Laura teve um sobressalto ao deparar-se-lhe um calor sombrio nos olhos de Michael. No instante seguinte, as bocas uniram-se.

- Eu não disse que podias tocar-me. - Ela ofegava, enquanto os lábios de Michael marcavam o seu pescoço, os ombros, os seios. E ainda não suplicaste.

- Preciso de ti. - Ele encontrou-a com a mão, empurrou-a para a beira do orgasmo em que já se encontrava. - Agora. Deixa-me penetrar-te.

Triunfante, Laura jogou a cabeça para trás. A gargalhada foi profunda e delirante. Ela passou as pernas pela cintura de Michael, arqueando-se para trás.

- Está bem.

Parecia uma ponte quando ele a penetrou. Soltou um grito, já não surpreendida, mas mesmo assim estremecendo pela rapidez e intensidade do orgasmo. Ergueu o corpo, colou-se a Michael, com as ancas num movimento incontrolável.

- Mais! - exigiu ela, as unhas rasgando as costas dele. - Mais, Michael!

Cega de desejo, ela empurrou-o para trás, comprimiu as mãos contra a cintura de Michael, e recebeu mais.

A tempestade dominava-o, lançando-o para o orgasmo, mas ainda podia vê-la. Subindo e descendo, os olhos quase fechados, a cabeça pendendo para trás num abandono completo. O animal dentro dele acompanhou-a, até que Laura deixou ambos numa total exaustão.

Através de uma visão turva, ele viu-a derreter-se para o seu corpo. E sentiu os choques dos tremores posteriores percorrerem o corpo de Laura. O seu próprio corpo tornara-se dormente, dorido, parecia não ter mais peso, de tal forma que não tinha consciência de que os braços continuavam a apertá-la, como um homem que segura tudo o que tem importância na sua vida.

- Eu disse que podia conseguir - murmurou Laura, com os lábios no pescoço de Michael.

- É verdade, provaste que conseguias. - Ele beijou-a nos cabelos.

- Laura...

A voz era baixa, o nome pronunciado quase que para si mesmo. Depois, Michael fechou os olhos e tentou, pelo bem de ambos, não ouvir o resto. "Eu

amo-te. Eu amo- te."

- Tu desejavas-me.

- É verdade, sempre te desejei.

Os cabelos de Laura tinham a fragrância de raios de sol e deixaram-no fraco de novo.

- Podes fazer uma coisa por mim, Michael?

- Claro.

Qualquer coisa. Um pensamento assustador. Qualquer coisa.

- Queres levar-me até à cama? Ainda estou zozza.

- Claro, meu amor. Segura-te bem.

Michael levantou-se com ela, um movimento que fez o coração de Laura palpar, mesmo no seu estado.

- E mais uma coisa...

A cabeça de Laura pendeu inerte para o ombro de Michael. Quando ela gemeu, Michael entrou em pânico, ansioso por pegar numa bacia antes que vomitasse.

- Não te preocupes. Eu tomo conta de ti. já vais melhorar.

- Está bem.

Confiante, ela enroscou-se contra ele. Mas piscou os olhos de repente, contra um clarão intenso e súbito.

- O que é isto? - Laura esticou a cabeça, curiosa. - Porque estamos na casa de banho?

- É o lugar mais conveniente para se vomitar. Podes despejar todo o champanhe, meu amor. Vais sentir-te melhor.

- Não vou despejar um champanhe excelente. - Ela apertou-o, quando ele tentou largá-la. - Não vou vomitar.

Laura largou-se de novo, um peso morto, como uma mulher num desmaio. O seu riso ecoou pelas paredes.

- Ah, és tão meigo... Ias segurar-me o cabelo enquanto eu vomitava. Oh, Michael! - Ela tornou a erguer a cabeça, beijando-o. - És o homem mais gentil do mundo. O meu herói.

Embaraçado, ele contraiu os olhos.

- Talvez eu devesse enfiar a tua cabeça na sanita de qualquer maneira. Se não vais perder o champanhe e tudo o que comeste, o que queres agora?

- Pedi que me carregasses para a cama. Pensei que seria óbvio. com um sorriso, ela passou um dedo pelo peito de Michael. - Quero que tu me desejes

de novo. Se não for pedir de mais...

Michael contemplou-a, uma mulher nua, de corpo quente, toda rosada. A sua mulher.

- Acho que se pode arranjar.

- Seria óptimo. E achas que podias também... ha...

Laura esticou a cabeça e sussurrou uma coisa ao ouvido de Michael que fez o seu sangue dirigir-se rapidamente para a virilha.

- É um comportamento dos mais impróprios, mas... - Ele seguiu em linha recta para a cama. - Dadas as circunstâncias...

CAPÍTULO 18

AO EXPERIMENTAR a sua primeira ressaca, Laura descobriu que não era tão divertida quanto a primeira bebedeira. Em vez de ter a cabeça repleta de luz e cor, com sucessivas ideias gloriosas, tinha a cabeça atulhada de barulho, semelhante ao provocado por uma banda de escola um tanto desafinada, com a secção de percussão a tocar com toda a força e alegria perto da sua têmpora esquerda.

Não sentia o corpo livre e leve, mas pesado. A boca dava a impressão de estar entupida com terra suficiente para fazer meia dúzia de tortas de lama.

Estava grata a Michael por tê-la deixado sozinha, em vez de testemunhar aquela humilhação.

Não pensaria no facto de que passara a noite na sua cama e teria agora de cambalear para casa, onde a família e as empregadas lhe lançariam olhares inquisitivos.

Ela tentou abafar os tambores implacáveis debaixo do chuveiro, mas mordeu o lábio ao perceber que o novo som que estava a ouvir era o seu próprio lamuriar.

Em circunstâncias normais, nunca teria mexido em qualquer das coisas do Michael, mas agora efectuou uma busca desajeitada pelo pequeno armário com espelho por cima do lavatório e pelas gavetas da casa de banho. Quase chorou ao descobrir uma embalagem de aspirinas.

Tomou quatro, outra quebra da tradição; depois, decidindo que não podia ser mais intrometida do que já se tornara, usou a escova de dentes do Michael.

Não se contemplou ao espelho até estar vestida, e mesmo assim foi um erro. O rosto tinha uma palidez mortal, os olhos estavam injectados e inchados.

E não tinha sequer um batom, nada que pudesse usar para melhorar a aparência.

Saiu da casa de banho, sabendo que tinha de enfrentar tudo. Soltou um gemido quando o sol projectou pequenas faíscas nos seus olhos. A cabeça já não se parecia com o local de ensaios de uma banda escolar; agora, dava a impressão de ser de vidro. Um vidro muito fino, muito frágil. E mantinha um

equilíbrio precário sobre o pescoço.

- Como te sentes, querida?

Laura estremeceu. A cabeça caiu e espatifou-se no chão. Graças a Deus que ela tinha outra. Virou-a, fez um esforço para sorrir, enquanto Michael limpava as mãos nas ancas e se aproximava.

- Bom-dia. Desculpa não te ter ouvido levantar.

- Pela maneira como estavas a rressonar, calculei que ias dormir até ao meio-dia.

O insulto da dor de cabeça desapareceu. Ressonava? Claro que ela não rressonava. Mas não daria crédito a uma mentira com qualquer comentário.

- Tenho de chegar à loja dentro de duas horas.

- Vais trabalhar hoje? - Michael pensou que ela não parecia estar em condições de fazer tal coisa. - Arranja uma folga para ti mesma, Laura, e vai dormir.

- O sábado é o nosso dia de maior movimento. Michael encolheu os ombros. A opção era dela.

- Como está a cabeça?

- Qual delas? - Ela sorriu um pouco. Tinha a certeza de que um homem como Michael compreendia tudo sobre rressacas. - Está horrível, mas já não insuportável.

- Na próxima vez que te embebedares, lembra-te de beber bastante água e engolir duas aspirinas antes de apagares. Isso geralmente ajuda a eliminar o pior da manhã seguinte.

- Não tenciono ter uma próxima vez, mas obrigada.

- Pode ser uma pena. - Ele passou um dedo pelo dorso da mão de Laura. - És uma bêbada bastante inventiva. Como vai a memória?

O seu sangue, pelo menos, ainda devia estar em movimento, pois ela sentiu-o subir para arder no seu rosto.

- Muito bem. Talvez até de mais. Certamente eu não teria... não posso acreditar que eu... - Laura fechou os olhos. - Podes impedir-me a qualquer momento de armar-me em idiota.

- Eu gosto. Vem cá. - Michael abraçou-a e aninhou a cabeça dolorida de Laura no seu ombro. - Experimenta água gelada. Mergulha o rosto numa bacia com água gelada. E tenta comer alguma coisa. Depois, terás de suportar o resto.

- Está bem. - Ela preferia permanecer ali o resto da sua vida. Tenho de

ir. Não devia ter cá dormido.

com o rosto comprimido contra o dele, Laura não viu o desapontamento e a mágoa que o dominaram.

- Não posso imaginar o que todos vão pensar.

- Eu compreendo. - Ele tinha os olhos impassíveis outra vez quando a afastou. - Podes ir já e tentar reparar os danos causados ao nome Templeton.

- Não tive a intenção...

- Esquece. - Michael não permitiria que aquilo o afectasse. - Esquece. Porque não saímos juntos para um passeio a cavalo amanhã!

- Amanhã? - Ela comprimiu os dedos contra os olhos. Se não os tirasse do sol, muito em breve acabariam por implodir. - Temos a caça ao tesouro.

- Vamos de manhã cedo. Voltarias a tempo para a Seraphina. Um passeio a cavalo... Há anos que ela não cavalgava pelas colinas, através do bosque.

- Combinado. Tenho a certeza de que vou adorar. Podemos sair às oito horas? Assim eu voltaria...

- Claro. Às oito. - Michael bateu ao de leve no rosto dela, antes de se afastar. - Não te esqueças da água gelada.

- Não, eu...

Mas ele já desaparecera, dobrando a esquina da casa. Aturdida com a repentina mudança de humor de Michael, ela pensou em segui-lo. Mas depois olhou para o relógio e viu que os seus compromissos para o dia não lhe davam tempo para tentar decifrar o enigma que era Michael Fury.

Ninguém fez perguntas, ninguém exigiu respostas ou manifestou desaprovação. Quando pôs as filhas na cama naquela noite, Laura compreendeu que atravessara o dia inteiro sem que ninguém questionasse a sua ausência da própria cama.

Havia vibrações no ar, sem dúvida. Preocupação, curiosidade, mas ela esquivara-se até a isso. Sobrevivera também a uma ressaca... e o mundo não chegara ao fim.

Afinal, talvez, apenas talvez, Laura Templeton não tivesse de ser perfeita.

Ela deixou as filhas e atravessou o corredor para o seu quarto. Retocou o batom e escovou o cabelo. Tinha de se juntar aos pais e aos velhos amigos que tinham vindo jantar. Tinha de demonstrar a todos que se sentia à vontade e satisfeita.

E tinha de descansar um pouco, cinco minutos apenas. "Não mais do que isso", assegurou a si mesma, enquanto se estendia de lado na cama. Um rápido fechar de olhos deixá-la-ia revigorada, ajudá-la-ia a aguentar o resto da noite.

Mas, no instante em que fechou os olhos, Laura morreu para o mundo.

- Temos de fazer alguma coisa, sr.a T. - com as mãos cruzadas na cintura, Ann postava-se diante de Susan, na sala de estar da suíte da torre. - Qualquer coisa.

- Sente-se, Annie. - Fora uma longa noite. Embora ficasse satisfeita por rever velhos amigos, Susan esperara ter um momento sozinha antes de se deitar. Mas a expressão no rosto de Ann avisava-a de que não teria. - Qual é o problema?

- Sabe qual é o problema, sr.a T. - Impaciente de mais para se sentar, Ann começou a andar pela sala, mexendo nas cortinas, reajustando os castiçais, arranjando as almofadas. - Viu como a menina Laura estava pálida e cansada hoje. Pôde verificar pessoalmente.

- Tem razão. E também já fiquei pálida e cansada no dia seguinte a um excesso de champanhe.

- Como se isso fosse tudo... E há outra coisa que ela também nunca tinha feito antes.

"Talvez devesse ter feito", pensou Susan, soltando um suspiro.

- Annie, pare de arrumar a sala e sente-se.

- A menina Laura passou a noite com ele. A noite inteira. No apartamento por cima dos cavalos.

Como os seus lábios estavam a tremer, Susan baixou os olhos para as mãos, enquanto Ann se sentava à sua frente.

- Eu sei, Annie.

- Não pode continuar.

O que era óbvio para Ann.

- Como espera impedir que uma mulher adulta faça o que quer? Na verdade, a Laura sente-se muito atraída pelo Michael, talvez até mais do que atraída. Ela andava a sentir-se solitária e infeliz. Agora, já não.

- E ele tem-se aproveitado disso. É uma influência perniciosa. A menina Laura nem desceu para cumprimentar os convidados. Nunca se tinha esquivado aos seus deveres dessa maneira.

- Ela estava cansada, Annie, e os Greenbeltsão amigos meus e do

Tommy. Não chega a ser um problema. A Annie não deve preocupar-se tanto com isso.

- A senhora é que é mãe dela, mas sabe que eu gosto tanto dela quanto gosto da minha filha. Quando a Margo teve problemas, também se preocupou com ela.

- Tem razão. - Compreensiva, Susan pôs a mão sobre a de Ann.

- São as nossas meninas, sempre foram. Mas as meninas crescem, seguem os seus próprios caminhos, por mais que nos preocupemos. Sempre foi assim.

- Ela ouvi-la-ia, sr.a T. Estive a pensar acerca disso. - As palavras passaram a sair muito depressa. Pareciam lógicas para Ann. - A menina Laura não viaja com as filhas há muito tempo. Anda a trabalhar de mais, sem tirar férias. As férias da Primavera na escola da Ali e da Kayla estão à porta.

Elas podiam viajar. Sabe como as duas adoram a Disneylândia. Se der essa ideia à menina Laura, ela leva-as lá. E proporcionava-lhe tempo e distância. Ela teria uma visão mais objectiva sobre o que tem feito.

-Acho que Laura e as meninas merecem uma viagem, mas uma semana na Disneylândia não vai mudar os sentimentos dela pelo Michael, Annie.

- Ela está cega neste momento. Se passasse algum tempo longe daquele homem, poderia vê-lo como ele é.

Desorientada, Susan ergueu as mãos e depois bateu com força nos braços da poltrona, numa demonstração de impaciência.

- Pelo amor de Deus, Annie, o que é que ele é? Porque é que o detesta tanto?

- Ele é um bruto, sempre foi. Um bruto, um aproveitador e provavelmente está interessado apenas em casar com uma mulher rica. Vai magoá-la de muitas maneiras, o que eu não posso admitir. - Ela comprimiu os lábios com toda a força. - E não vou permitir.

Para se acalmar, Susan soltou um longo suspiro.

- Quero que me explique o que ele tem feito.

- Sabe muito bem que ele passava a vida a insinuar-se nesta casa quando não tinha mais do que doze anos.

- Era amigo do Josh.

- E dava cigarros roubados ao sr. Josh, desafiando-o a cometer as maiores loucuras.

- Os meninos fazem loucuras aos doze anos. Não posso esquecer, Annie,

que ensinei a minha melhor amiga a fumar quando tínhamos catorze anos.

É uma estupidez, mas é coisa de criança.

- E foi uma tolice de criança que o mandou para a cadeia?

- O que é que aconteceu? - Susan empalideceu um pouco. O Michael esteve preso? Como é que sabe?

- Ouço coisas. Ele foi preso por causa de uma briga. Num bar. Só passou uma noite na prisão, é verdade, mas mesmo assim já esteve preso. O homem gosta de se meter em confusões.

- Não acredito, Annie! Pensei que ele tivesse assaltado um banco ou matado alguém. Posso não aprovar, mas também não posso condenar um homem por passar uma noite numa cela, por ter esmurrado alguém num bar. A Annie nem sabe quem começou a discussão, qual foi o motivo, ou...

- Como é que pode arranjar desculpas? - Numa súbita fúria, Ann levantou-se de um salto. - Como é que pode fazer isso? O homem passa noite após noite com a sua filha. Vai acabar por discutir com ela. A menina Laura dirá ou fará alguma coisa, e ele não deixará de a esmurrar como fez com a própria mãe.

- Como?

Susan sentiu um arrepio de medo.

- Um homem que agride a própria mãe, deixando-lhe a boca ensanguentada e o olho roxo, não vai pensar duas vezes antes de fazer a mesma coisa com outra mulher. A menina Laura é muito pequena e delicada, sr.a T. Não suporto pensar no que aquele homem possa fazer com ela.

- Acredita mesmo que o Michael Fury bateu na própria mãe?

- Foi ela mesma quem me contou. Veio procurá-lo aqui com o rosto todo magoado. Levei-a para o meu quarto e fiz tudo o que podia para ajudá-la. Ela contou-me que o Michael chegara bêbado a casa na noite anterior e que lhe batera, expulsara o seu marido de casa e depois deixara-a sozinha. Eu queria ir à Polícia, mas ela não deixou.

Ann virou-se, sufocada pela emoção.

- Aquele homem devia estar preso. Numa jaula. Se tivesse visto o rosto da sua pobre mãe... Se ele levantar um dedo contra a menina Laura, eu...

- Annie, eu estive com a mãe do Michael. - Susan levantou-se. Conversei com ela.

- Então sabe de tudo. Ele fugiu para o mar logo depois disso, para não ter de enfrentar o que fizera. Sr.a T., temos de arranjar uma forma de ele sair

daqui. Não podemos ter um homem que é capaz de tanta violência perto da menina Laura e das meninas.

- vou contar-lhe o que ela me disse, Annie, quando veio discutir comigo por ter escondido aqui o Michael depois daquela noite.

- Aqui? - Ann teve de comprimir a mão contra o peito, a fim de manter no lugar o seu coração indignado. - Aquele homem ficou aqui? Deixou-o ficar nesta casa depois de...

- Ele dormiu no estábulo até embarcar no navio. E nunca encostou a mão naquela mulher.

- Também a viu. Ela contou-me...

- Ela culpou o filho. Não se podia culpar a si mesma, não naquela altura. Mas consegui arrancar-lhe a verdade. O marido é que a espancou. E já tinha feito isso antes. Ela já aparecera no trabalho com o rosto todo pisado noutras ocasiões, sem que o Michael tivesse qualquer culpa.

- Mas ela disse...

- Não me importo com o que ela disse! - gritou Susan. A lembrança ainda a deixava furiosa. Uma mãe a culpar o filho pelos seus próprios erros. - Aquele menino chegou a casa e viu o padrasto a dar uma tareia na mãe. E tratou de protegê-la. O agradecimento que ele teve por dar ao monstro o castigo que merecia foi ser expulso de casa pela própria mãe. Ela disse que o filho não tinha o direito de interferir, que era o culpado de tudo.

Susan parou de falar por um momento, fazendo um esforço para se acalmar.

- E depois de o Michael se ter ido embora, quando ela soube que o perdera, sentou-se aqui mesmo, nesta sala, e descontrolou-se. Contou-me tudo.

- Mas ela disse-me... eu acreditei... - Ann sentou-se numa cadeira. - Oh, meu Deus!

- Ela suplicou-me que a ajudasse a encontrar o filho, que o persuadissem a voltar. Estava sozinha, entende, e a mãe do Michael era uma mulher que não sabia ficar sozinha. Eu queria acreditar que em algum lugar, lá no fundo, ela estava arrependida do que fizera, do que dissera ao filho, e ainda o amava. Mas vi apenas uma mulher miserável e egoísta, que tinha medo de viver sem um homem, mesmo que esse homem fosse o filho que expulsara de casa.

- Oh, sr.a T.! - Ann comprimiu a mão contra a boca. As lágrimas que afloravam aos seus olhos eram de culpa e compaixão. - Tem a certeza de tudo

isso?

- Annie, esqueça o que ela lhe disse, esqueça até o que eu acabei de lhe dizer. E, com toda a sinceridade, diga-me o que vê quando olha para ele. Como se não soubesse de mais nada acerca dele, só o que viu desde que ele veio para cá.

- Ele trabalha bastante. - Ela fungou e tirou um lenço de papel do bolso.
- É bom para com as crianças e os animais. Muito gentil. Tem um demónio nos olhos, uma expressão dura. Não controla a linguagem como devia fazer na presença das crianças. E não creio...

Ann fez uma pausa e enxugou os olhos.

- Ele é bom para com as meninas. Elas sentem-se felizes na companhia dele. Não posso negar. E estou envergonhada.

- Não há vergonha por se preocupar com as pessoas de quem gosta. Lamento que estivesse a viver com o medo de que a Laura pudesse envolver-se com o tipo de homem que pensava que ele era.

- Quase não dormi, desde que ele veio para cá. Fiquei à espera que ele...

Ah, pobre rapaz! Uma coisa terrível para suportar. E mal tinha idade suficiente para fazer a barba todos os dias.

- Agora, a Annie já vai dormir melhor - murmurou Susan.

- Mas vou continuar de olho nele. - Ann conseguiu exibir um sorriso fraco.

- Os homens com aquela aparência não merecem confiança quando andam a rondar uma mulher.

- Nós duas vamos preocupar-nos. - Susan apertou a mão de Ann.

- Mas conhecemos a nossa Laura, não é? Ela precisa de um lar, de uma família, de amor. Depois de desaparecer tudo o resto, são essas as coisas que realmente importam. Não sei se é o que ela vai encontrar com o Michael, ou como reagirá se não encontrar.

Laura encontrara outra coisa. A emoção de galopar pelas colinas, através do nevoeiro baixo que adería ao chão como um rio; de ouvir a trovada dos cascos e sentir a montada forte e ágil por baixo a preparar-se para o salto.

Ela passou por cima de um tronco caído e entrou numa clareira, onde o sol faiscava alvo.

- Oh, meu Deus, é maravilhoso! - Depois de puxar as rédeas, ela inclinou-se sobre o pescoço do animal. - Nunca mais vou poder passar sem isto. És um homem esperto, Michael Fury.

Laura empertigou-se e virou-se para fitá-lo, enquanto ele estava tranquilamente sentado sobre o Max.

- Como é que eu podia comprar um cavalo para mim sem comprar aquela égua para a Ali?

- Posso propor-te um bom negócio pelos três animais. O pequeno castrado baio ajusta-se à Kayla como uma luva. Tu cavalgas como um demónio, Laura. - Ele inclinou-se para afagar a égua que Laura montava. - E a fancy ajusta-se a ti. Foi o que imaginei.

- É evidente que conheces os teus cavalos... e as tuas mulheres. Os olhos de Michael fixaram-se nos dela. A sua mulher. Só por enquanto.

- É o que parece. Estás... - Deslumbrante, cheia de vida. - Descansada.

- Dormi como uma pedra ontem à noite. Quase dez horas. Sem esforço, ela fitou-o de lado, com os olhos semicerrados. - Sentiste saudades minhas?

Michael estendera as mãos para ela pelo menos meia dúzia de vezes durante a noite.

-Não.

Quando o rosto de Laura murchou, ele soltou uma gargalhada. Segurou-a pela camisa, puxou-a de lado, o suficiente para que os seus lábios se encontrassem.

- O que é que te parece? - Michael desmontou. - Vamos deixar as montadas descansarem um pouco. Exigimos muito no galope.

Ele atirou as rédeas sobre um galho, enquanto Laura saltava agilmente para o chão.

- Encontraste mais alguma moeda ontem?

- Nada. Nem mesmo uma tampinha de garrafa. Não posso... Ah, não te contei, não é? Na outra noite...

- Eu soube. - Por motivos que não podia definir, Michael sentia-se aborrecido por ela não o ter procurado com a moeda no instante em que a encontrara. - Foi bom para ti.

- Foi a coisa mais estranha do mundo. - Laura esticou os músculos que só costumava usar para montar. - Pus a mão mesmo em cima da moeda. Tal como faríamos se deixássemos cair uma moeda e nos baixássemos para...

Laura piscou os olhos, perdendo o rumo dos pensamentos. Ele estava ali parado, com o sol pelas costas e os olhos fixos no seu rosto.

- O que foi?

- Disseste que sonhavas comigo. Agora e no passado. Nos penhascos, no

teu quarto, no bosque. Viravas-te e encontravas-me.

- É verdade. - Não era um absurdo ter o coração alojado na garganta? Sentir o medo e a expectativa deixarem a sua pele arrepiada e quente? - Michael...

- E eu tocava-te.

Ele estendeu a mão sobre a curva do seio, sentindo-a estremecer. Havia partes da vida de Laura que lhe eram vedadas, partes da sua que manteria bloqueadas para ela. Mas aqui... aqui havia absoluta igualdade.; - E também iria saborear-te. -As bocas uniram-se, Michael sentiu o calor. - E possuir-te.

Ele abraçou-a, sentindo todo o anseio.

- E é o que farei.

Laura estava deitada ao seu lado, nua, ao sol, enquanto os passarinhos cantavam nas árvores. Michael não lhe rasgara as roupas. Espantava-a saber que não o teria impedido se ele tentasse, mesmo que tivesse de voltar à Casa Templeton montada na égua completamente nua, como a Lady Codiva.

Em vez disso, Michael fora tão gentil, tão terno, que mesmo agora ela ainda tinha vontade de chorar.

- Nunca fizemos amor ao ar livre. Não sabia que podia ser tão maravilhoso.

- Laura sentou-se, espreguiçando-se. - Há muitas coisas que estou a fazer pela primeira vez. E suponho que não haja muitas primeiras vezes que eu possa proporcionar-te.

Ela virou-se para fitá-lo, sorrindo.

- Michael Fury, o mau, já fez de tudo.

- E mais alguma coisa - acrescentou ele, de olhos fechados.

- Há muitas coisas de que não falas. - Saber que era típico bisbilhotar o passado de um homem quando se estava apaixonada não a deteve. Ela passou um dedo pelo peito de Michael. - Há muitos segredos aqui dentro.

- Contaste-me alguns dos teus segredos ontem à noite. Queres uma retribuição?

- Não, claro que não. Michael abriu os olhos.

- Se queres saber alguma coisa a meu respeito, pergunta. Laura sacudiu a cabeça e começou a mudar de posição, mas ele estendeu a mão e manteve-a imóvel.

- Tens medo da resposta?

- Não, não tenho. E surpreende-me que penses que eu poderia ter.

- Está bem. Pergunta.

- Eu... - Laura hesitou, mas acabou por ceder. - Muito bem. Disseste que já foste casado, mas nunca a mencionaste, nem falaste sobre o que aconteceu.

- O nome dela era Yvonne. E divorciámo-nos.

- Certo. - Irritada com a resposta lacónica, ela pegou na blusa. Temos de voltar.

- Merda... - Michael passou as mãos sobre o rosto e sentou-se, enquanto ela vestia a blusa, agora amarrotada. - Queres mesmo saber. Conheci-a quando era piloto de automóveis. Ela gostava de sair com pilotos.

- E tu apaixonaste-te por ela?

- És como uma criança em muitas coisas, Laura. - Ele levantou-se e vestiu as calças. - Fui para a cama com ela. Gostávamos um do outro, tínhamos um bom sexo. Por isso, continuámos a ir para a cama e a ter um bom sexo. Até que ela engravidou.

- Ha... - Laura também se levantou, olhando para as suas próprias calças, enquanto as vestia. - Disseste que não tinhas filhos. Presumi...

- Queres ouvir a história ou não?

Ela fitou-o, surpreendida com a amargura na sua voz.

- Não se tu não quiseses contar.

- Se eu quisesse falar disto, provavelmente já o teria feito. Michael resmungou de novo, depois segurou-a pelo braço, quando ela se baixou para pegar nas botas. - Senta-te. Vamos, senta-te. Ninguém consegue exhibir uma expressão magoada como tu.

Ele comprimiu os dedos contra os olhos e fez um esforço para se controlar. Assim que abrisse essa parte da sua vida, teria de abrir outras. Laura faria mais perguntas, ele seria obrigado a dar mais respostas.

Foi nesse instante que aceitou, ali, no bosque banhado pelo sol, o seu corpo ainda quente de Laura, que era o princípio do fim.

- Ela engravidou. Conversámos sobre o assunto. A melhor coisa para toda a gente era um aborto. Uma solução simples e rápida. Tomámos as providências.

- Sinto muito. É uma decisão difícil. Mas tu... nunca questionaste se foste mesmo tu que...

- Se fui mesmo eu quem a engravidou? A Yvonne não era uma mentirosa nem uma vigarista. Se disse que a criança era minha, então era mesmo minha. Éramos amigos, Laura.

- Desculpa. Foi terrível para ambos.

- Achávamos que era o mais acertado a fazer. Eu estava a tentar adquirir uma reputação no circuito, ela acabara de começar um novo emprego. Um bebé não se ajustaria à situação. E nenhum dos dois sabia o que quer que fosse sobre crianças, sobre ser pai ou mãe. Éramos o que éramos. - Michael fitou Laura nos olhos. - Pessoas lutando pela vida, à procura de alguma diversão.

Ela sustentou o olhar.

- Estás a querer dizer-me que foi fácil? Apenas um encolher de ombros? Algo sem grandes consequências?

- Não. - Os olhos de Michael desviaram-se, para as árvores e para as sombras. - Não, não foi fácil. Mas fazia sentido. Concordámos que era a melhor solução. Mas na noite anterior ao aborto chegámos a outra conclusão. Ambos queríamos a criança. Não fazia o menor sentido, não sabíamos o que estávamos a fazer, mas ambos queríamos o bebé.

- Ela não fez o aborto.

- Não, não fez. E casámos. "Ora, que se lixe tudo, vamos ter o bebé", pensámos. A Yvonne até tentou tricotar roupas. - Um sorriso insinuou-se na boca de Michael. - Ela não tinha o menor jeito. Lemos livros. Fizemos uma ecografia. E foi... lindo. Discutimos nomes. Fizemos todas as coisas que eu acho que toda a gente faz.

O sorriso apagou-se. Laura, observando-lhe os olhos, teve a impressão de que ele também se apagava.

- A meio da noite, estava ela mais ou menos com quatro meses, começou a sangrar. E muito. Sentia dores, ficou apavorada. Nós dois estávamos apavorados. Levei-a para o hospital, mas já era tarde de mais naquela altura. Perdemos o bebé.

- Sinto muito. - Laura tornou a levantar-se, mas não tocou nele.

- Sinto mesmo, Michael. Não há nada mais doloroso do que perder um filho.

- Não, não há. Os médicos disseram que ela era jovem e saudável, podíamos tentar novamente dentro de pouco tempo. Fingimos que faríamos isso. Tentámos manter-nos juntos. Mas começámos a discutir, a irritarmos por tudo e mais alguma coisa. Eu saía de casa, batendo a porta, e deixava-a sozinha. Ela saía de casa, batendo a porta, e deixava-me sozinho. Uma noite, quando voltei para casa, encontrei-a à minha espera. A Yvonne já

tirara todas as conclusões, antes de mim. Era uma mulher inteligente. Tínhamos deixado de ser amigos. Só permanecêramos casados por causa do bebé... e o bebé já não existia.

Agora estávamos num impasse, mas não tínhamos de continuar assim. Ela tinha razão. Decidimos que voltaríamos a ser amigos, deixando de ser casados. Fim da história.

Laura tocou nele, pegou-lhe no rosto entre as mãos, e sentiu a tensão.

- Não há nada que eu possa dizer para aliviar essa dor, esse tipo de dor carrega-se para sempre, não importa o que aconteça.

Michael fechou os olhos e encostou a cabeça na dela.

- Eu queria o bebé.

- Eu sei. - Laura abraçou-o. - Já o amavas. Eu compreendo. Sinto muito, Michael.

com extrema gentileza, ela esfregou as costas de Michael, enquanto murmurava:

- Peço desculpa por te ter feito contar-me.

- Já se passaram quase dez anos. Acabou. - Ele recuou e ficou aflito ao depararem-se-lhe as lágrimas de Laura. - Não chores. Devias ter-me perguntado outra coisa.

Contrafeito, ele removeu as lágrimas de Laura.

- Por exemplo, o filme em que fui duplo do Mel Gibson.

Ela fungou e fez um esforço para oferecer o sorriso que ele queria.

- A sério?

- As mulheres são sempre loucas pelo Mel. Talvez devesse ir a Hollywood comigo. Eu podia apresentar-to. - Ele enrolou os cabelos louros num dedo. - O Max e eu temos de ir até lá amanhã.

- Amanhã? - Laura sacudiu a cabeça. - Vais a Los Angeles? Não me disseste nada.

- Recebi um telefonema no sábado. - Michael encolheu os ombros. Sentou-se para calçar as botas. - Um filme de cowboys com o teu amigo Mel. Ele pediu que eu e o Max fôssemos. Por isso, temos de participar em algumas reuniões, fazer alguns testes. Para verificar se podemos dar o que eles querem.

- Mas isso é maravilhoso! Pensei que ficarias mais excitado.

- É um trabalho. Suponho que não estejas interessada em acompanhar-me.

- Eu adorava, mas não posso deixar as meninas e o trabalho. Quanto... -
"Quanto tempo vais ficar longe?" Laura reprimiu a pergunta. - As meninas
vão ficar impressionadas quando eu lhes contar.

- Arranjei uma pessoa para tratar dos cavalos durante a minha ausência.
Devo voltar na sexta- feira.

- Ha... - Apenas alguns dias. Laura sorriu de novo. - Se voltares, tenho
de ir a uma inauguração em Los Angeles na noite de sexta-feira. Não queres
ir comigo?

- Inauguração do quê?

- De uma exposição numa galeria de arte. Expressionistas. Michael não
se riu.

- Queres que eu vá ver quadros e faça os comentários mais idiotas sobre
pinceladas e significados ocultos. - Ele inclinou a cabeça para o lado. -
Pareço do tipo que fica de pé a tomar café e a falar sobre o uso da cor na tela?

- Não. - Ele estava sentado num toco, sem camisa, com equimoses roxas
nas costelas. Tinha os cabelos desgrenhados. - Não, Michael, não pareces.

"Tal como ela também não se parecia com uma mulher que fosse capaz
de esquecer todas as responsabilidades e fugir por uma semana para Los
Angeles com o amante", pensou Michael.

"Afinal, o que é que a Laura está a fazer comigo?", especulou ele,
levantando-se. "Se isto continuar por muito mais tempo, o que faremos um
com o outro?"

- É melhor voltarmos. - Ele vestiu a camisa. - Não deves querer deixar a
Seraphina à espera.

- Michael... - Laura pôs a mão no peito dele. - vou sentir saudades tuas.

- Ótimo.

Ele ergueu-a para a sela.

CAPÍTULO 19

MICHAEL não se ausentou por alguns dias apenas, mas durante quase duas semanas. Laura lembrava a si própria todas as noites que ele não tinha a menor obrigação de lhe telefonar para informá-la do motivo da demora ou só para ela poder ouvir a voz dele.

Também se lembrava que tinham uma relação adulta, em que cada parte era livre para ir e vir, como quisesse. Só se afligia porque nunca tivera uma relação assim, o que justificava a sua preocupação. E a mágoa.

Claro que havia muita coisa para mantê-la ocupada. E aprendera, pela via mais difícil, que nunca devia permitir que um homem fosse responsável por lhe proporcionar uma vida plena e satisfatória. Isso era uma função sua, que tencionava nunca mais negligenciar.

com o seu trabalho, as filhas, a família e os amigos, levava uma vida ocupada e contente. Talvez quisesse partilhá-la com Michael e ser uma parte da vida dele, mas não era mais uma adolescente perdida de amor que passava horas e horas sentada ao lado do telefone, esperando que tocasse.

Embora tivesse olhado uma vez ou duas para o aparelho.

Naquele momento, porém, Laura não estava preocupada com o telefone. Tinha outros problemas para resolver. O recital de balé da Primavera de Ali começaria dali a menos de duas horas. Não só ninguém se tinha ainda arranjado, mas também um dos gatinhos vomitara uma bola de pêlo na cama de Kayla, causando uma grande consternação e uma intensa repulsa feminina. Ainda por cima, um dos gatos do estábulo saíra para uma exploração, tentara o Bongo a persegui-lo pela horta, o que resultara em prejuízos para os pés de camomila e tanaceto, e também lhe valera um focinho ensanguentado.

Nada do que Laura fizera fora capaz de atrair o gato do alto do cipreste em que se abrigara. E o Bongo continuava a ganir desesperado debaixo da cama.

Apesar de tudo isso, no entanto, o seu maior problema ainda era a Ali. A filha mostrava-se mal-humorada, não queria cooperar em nada, mantinha-se meio chorosa. Alegava que o cabelo estava horrível. Tinha o estômago embrulhado. Não queria ir ao recital. Detestava recitais. Detestava tudo.

com a paciência quase esgotada, Laura tentou mais uma vez ajeitar os

cabelos de Ali, de acordo com as especificações da filha.

- Se estás nervosa por causa do recital, querida, não te preocupes. Vais ser maravilhosa. És sempre.

- Não estou nervosa. - Ali fez uma cara de aborrecida para o espelho. - Nunca fico nervosa antes de dançar. Só não quero ir.

- As pessoas estão a contar contigo... as professoras, as outras meninas do grupo. A família. Sabes como os avós estavam quando foram para a casa do tio Josh. Estão todos a aguardar ansiosamente o espectáculo desta noite.

- E eu não posso contar com ninguém, não é? Tenho de fazer o que digo que farei, mas ninguém mais tem.

"Vai começar tudo de novo", pensou Laura.

- Lamento se estás desapontada por o teu pai não poder comparecer. Ele...

- Não me importo com ele. - Num gesto irritado, Ali encolheu os ombros e esquivou-se das mãos da mãe. - Ele nunca aparece mesmo. Isso deixou de ter importância.

- Então qual é o problema?

- Nenhum. Eu vou. Farei isso porque cumprio as minhas promessas. O meu cabelo está muito melhor agora. - Ali assumiu um ar de dignidade. - Obrigada.

- Querida, se tu...

- Tenho de acabar de vestir-me. - Ela comprimiu os lábios com força, apenas uma garotinha, linda de maio e tutu. - A culpa não é tua, mãe. Não queria falar assim. Não estou zangada contigo.

- Então o que...

- Mãe! - O grito desesperado de Kayla veio pelo corredor. - Não consigo encontrar os sapatos vermelhos. E quero ir com os sapatos vermelhos.

- Pode ir ajudá-la - disse Ali, tentando sorrir. - vou descer num instante. Obrigada por me ter arranjado o cabelo.

- Não foi nada. - Como podia ver a angústia nos olhos da filha, Laura inclinou-se e beijou-a no rosto. - Adoro arranjar-te o cabelo. E, se quiseres pôr um pouquinho de batom, não faz mal.

- Para depois saírmos e não só, para entrar no palco?

- Só por esta noite. - Laura encostou os dedos nos lábios de Ali.

- Se eu puder evitar, não vais crescer mais depressa.

- Mãe, os meus sapatos!

- Nem ela - murmurou Laura. - Já estou a ir. Espero-te lá em baixo, Ali, dentro de dez minutos, no máximo.

Ela encontrou os sapatos. Quem podia esperar que estivessem no lugar certo, na prateleira dos sapatos dentro do guarda-roupa? Depois de passar uma escova nos seus próprios cabelos, Laura conduziu as filhas para a porta.

- Vamos embora. A caravana parte dentro de cinco minutos. A campainha da porta tocou nesse instante. - Deixa que eu atendo, Annie. Pode dar uma olhada no Bongo antes de partir? Ele está debaixo da minha cama e...

Ela parou de falar quando abriu a porta e se lhe deparou Michael. - Michael! Voltaste!

- É o que parece.

Se Laura saltasse para os seus braços, ali mesmo, na sua casa, à frente das filhas, ele duvidava de que fosse capaz de manter a decisão que tomara.

Mas isso não aconteceu. Ela limitou-se a sorrir e estendeu a mão. Foi Kayla quem saltou para cima dele.

- Trouxe o Max de volta? - com a simplicidade da infância, ela abraçou-o pela cintura, e ergueu a boca para um beijo. - Ele também veio?

- Claro. O Max e eu viajámos juntos. Onde é que arranjaste esses sapatos vermelhos? São muito elegantes.

- A mãe comprou-os. São os meus preferidos.

- Conseguiu vir!

Michael interrompeu a análise admirada dos sapatos vermelhos de Kayla e desviou o olhar para Ali. "Ela está muito parecida com a mãe", pensou ele, com um espanto aturdido e a emoção a transbordar dos seus olhos.

- Eu disse que vinha.

- Pensei que se tinha esquecido. Pensei que estava ocupado de mais.

- Esquecer o convite de uma linda bailarina para assistir à sua apresentação?

- Ele sacudiu a cabeça. - Bolas, isso seria ter uma memória de formiga.

com a cabeça inclinada para o lado, Michael estendeu um buquê de botões de rosas.

- Temos um encontro marcado, não é verdade? Não convidaste nenhum outro homem para tomar o meu lugar, pois não?

- Não. São para mim? - De boca escancarada de surpresa e prazer, Ali olhava fixamente as rosas. - Para mim?

- Para quem é que podiam ser?
- Para mim... - Ela pegou nas rosas com as duas mãos. - Obrigada. Mãe, o Michael trouxe-me flores.
- Já vi. - Os olhos de Laura estavam a arder um pouco. - São lindas.
- Vamos usar a jarra Waterford. - Annie aproximou-se alguns passos, voltando ao vestíbulo, com os olhos fixos no rosto de Michael.
- Quando uma rapariga recebe as suas primeiras flores de um homem, é preciso tratá-las de uma maneira muito especial.
- Quero ser eu a pôr as rosas na jarra.
- E deve. Só vai demorar um instante, menina Laura.
- Podemos esperar. Obrigada, Annie.
- Eu vou ajudar. - Kayla foi atrás. - Deixa-me cheirá-las, Ali.
- As suas primeiras flores... - murmurou Laura.
- Porque é que as mulheres ficam sempre de olhos húmidos por causa de um ramo de flores?

O que lhe fez lembrar que nunca dera flores a Laura. Ou pelo menos nunca lhe dera flores de verdade, mas apenas alguma coisa arrancada ao acaso do chão. Nunca pensara nisso. Nunca lhe dera nada, compreendia agora, a não ser um sexo ardente e bom.

- As flores são simbólicas.

E Laura lembrou-se das pequenas e lindas flores silvestres que ele lhe dera. Tão doces, tão simples. E tão certas.

- Tudo é simbólico para as mulheres.

- Acho que tens razão. - Ela virou-se para fitá-lo, radiante. - Foi muita gentileza tua trazeres as rosas. E teres vindo. Não sabia que ela te tinha convidado. E que estava a contar com a tua presença.

- Ela convidou-me há umas duas semanas. - Michael enfiou as mãos nos bolsos. Laura não o convidara, lembrou ele. Nem mencionara o assunto. - Consegui evitar o balé durante trinta e quatro anos. Deve ser uma experiência e tanto.

- Creio que vais descobrir que é indolor.

Laura avançou para ele. Michael tirou a mão do bolso para pegar na dela, antes que Laura pudesse tocá-lo.

- Como estás? - perguntou ele.

- Muito bem. - "O Michael está cansado", especulou Laura, "ou será que o que estou a sentir é algum distanciamento?" - Correu tudo bem em Los

Angeles?

- Claro. As filmagens vão começar daqui a três semanas. O trabalho vai prolongar-se durante cerca de dois meses. Talvez mais.

- E vais ficar em Los Angeles durante as filmagens - murmurou Laura, sentindo um peso no estômago.

Ele encolheu os ombros. Não era o momento de se discutir o assunto. Foi salvo pelo regresso de Ali, carregando a jarra com as rosas, como se fosse um trofeu.

- Não são lindas, mãe? A Annie vai pô-las no meu quarto.

- São perfeitas. E agora temos de sair. As bailarinas têm de chegar meia hora antes de o espectáculo começar.

- Agora podes dar-me isso, querida. - Ann tirou o vaso das mãos de Ali.

- E estarei lá para ver-te dançar.

Ann inclinou a cabeça para Michael, com o que ele tomaria por um sorriso cordial, se viesse de qualquer outra pessoa.

- Todos nós vamos lá estar.

Não era impossível tirar tudo da sua mente por duas horas. A menina era graciosa. Todas eram. Mas era difícil sentar-se ao lado de Laura, no meio de todas aquelas pessoas - as famílias, os amigos, os casais -, sem sentir-se angustiado.

Mas ele tivera tempo e aproveitara a distância para avaliar a fundo o que estava a acontecer. Inclusive com ele. E chegara à conclusão de que se apaixonara. Perdidamente.

Nunca daria certo.

Podia ver-se num bar sórdido no Sul de Los Angeles, a beber cerveja e a ouvir e contar histórias com outros vaqueiros. Voltando ao seu quarto no hotel, depois de um longo dia, suado, sujo, a feder a cavalos. E crescendo numa casa em que havia apenas negligência, violência e tensão.

Podia ver-se pelo que era. Um homem que perseguira as coisas erradas durante a maior parte da sua vida e encontrara muitas. Um rapaz perdido, filho de uma empregada de mesa e de um vagabundo, que podia ganhar a vida de uma forma decente, com o passar do tempo e muito esforço.

E podia ver Laura, a herdeira Templeton, sentada no seu elegante clube, a beber chá, vestindo um fato de saia e casaco impecável, dirigindo uma boutique de luxo, circulando pelo hotel espectacular que possuía.

Não duvidava de que dera alguma coisa a Laura. Ou que, em

circunstâncias diferentes, poderiam dar muito mais um ao outro. Mas seria apenas uma questão de tempo antes que o nevoeiro do desejo se dissipasse dos olhos de Laura, permitindo-lhe ver o que estava a fazer. Tinha uma relação amorosa com um tratador de cavalos.

Ambos ficariam melhores por ele ter percebido primeiro. Como a conhecia bem, duvidava que Laura fosse capaz de romper sem problemas. Ela era doce e gentil de mais para se afastar sem culpa. Pior ainda, podia continuar a relação por muito tempo depois de compreender o seu erro, por causa de um inflexível sentimento de obrigação.

Ele não era bom para Laura. Sabia disso. As pessoas que conheciam os dois compreendiam isso. E Laura acabaria por saber também. E isso matá-la-ia.

Talvez fosse diferente, se ele não tivesse encontrado em Los Angeles um velho companheiro, um marujo mercante com quem navegara, com quem bebera, com quem provocara discussões e confusões. Um dos homens que fora para a guerra com ele por dinheiro, depois de o mar perder a sua atracção.

Mas o facto é que se tinham encontrado. E as histórias foram contadas, as recordações voltaram. Por um momento terrível e esclarecedor, Michael fitara o rosto soturno, amargurado e consumido do homem à sua frente... e vira-se a si mesmo.

Michael Fury era um homem que ele nunca haveria de querer que tocasse em Laura, que sequer a conhecesse. Se um homem assim tentasse tocar nela, ou conhecê-la, ela encolher-se-ia em choque.

Antes que qualquer dos dois tivesse de enfrentar esse momento, ele prestaria a Laura o favor de sair da sua vida.

Enquanto Ali rodopiava no palco, Laura pôs a mão sobre a dele e apertou-a. E partiu o coração de Michael.

- Não é uma cena maravilhosa? - murmurou Margo.

Ao seu lado, Josh batia o pé no ritmo da música, distraído, atento à sobrinha.

- São todas óptimas, mas a Ali é a melhor.

- Claro. - Margo riu-se, inclinando-se para o ouvido do marido.

- Mas eu estava a falar da Laura e do Michael.

- Ha? - Josh olhou para o casal na fila na frente. - A Laura e o Michael o quê?

- São maravilhosos juntos.
- Eu acho... - Ele parou de falar, surpreendido ao perceber o significado.
- O que estás a querer dizer com "juntos"?
 - Fala baixo! - Margo teve de fazer um esforço para reprimir outra gargalhada. - Juntos, juntos. Estás cego?
- Josh sentiu a garganta ressequida e apertada.
- Eles não andam a sair juntos. Não estão a namorar.
- A namorar? - Ela teve de comprimir a mão contra a boca. Ora, Josh, há semanas que eles andam a dormir juntos. Como pudeste ignorar?
- Dormem juntos... - Choque, raiva, incredulidade, tudo aflorava.
- Como sabes disso?
- Porque a Laura me contou. E porque, mesmo que ela não tivesse dito nada, tenho olhos para ver. - Quando ele abriu a boca, Margo acrescentou:
- Não digas mais nada. Estás a incomodar as pessoas. E vai começar o solo da Ali.

Josh fechou a boca, mas não a mente. Tinha muito em que pensar. E o seu velho amigo Michael Fury tinha muita coisa para explicar.

Não houve nada que ele pudesse fazer sobre isso naquela noite, a não ser voltar para casa e interrogar a esposa. E depois discutir a situação com ela. Josh atribuiu a atitude de Margo às hormonas femininas. As mulheres achavam Michael romântico... o que sempre fora uma sorte dele e a causa do problema actual.

Josh encontrou-o na manhã seguinte, no cercado ao lado do estábulo, a trabalhar com um potro de um ano, com uma corda comprida.

- Tenho de conversar contigo, Fury.

Michael reconheceu o tom. Havia algo engasgado na garganta de Josh. Só que não sentia o menor ânimo para o aturar, não quando ainda pensava na mágoa aturdida no rosto de Laura na noite anterior, quando passara a mão pela sua cabeça e dissera que se sentia demasiado cansado.

Por outras palavras: "vou para a cama, meu amor, mas não estás convidada." Mesmo assim, ele soltou o potro e encaminhou-se para a cerca, onde Josh o esperava.

- Podes falar.
- Andas a dormir com a minha irmã? O momento chegara.
- Não dormimos muito.

Michael manteve o equilíbrio quando Josh estendeu a mão

abruptamente, agarrando-o pela camisa.

- Tem cuidado, Harvard.

- Que porra pensas que estás a fazer? Quem pensas que és? Pedi-lhe para ela te alugar o estábulo. Faço-te um favor, e tu comesças a aproveitar-te.

- Não aproveitei sozinho. - Ele não ia arcar com toda a culpa sozinho. - Ela já é bem crescadinha, Josh. Não a atraí para o estábulo com a promessa de um chocolate. Não a forcei.

Josh sentiu o sangue ferver ao pensar nisso, mas depois envergonhou-se.

- Nem precisavas. Acho que te esqueceste com quem estás a falar. Eu conheço-te, Mick. Conheço o teu estilo. Afinal, saímos juntos muitas vezes.

- Tens razão. - com os olhos serenos, Michael tirou os dedos de Josh da sua camisa. - Mas isso não tinha mal nenhum, nós os dois saíamos para comer umas raparigas.

- Ela é minha irmã.

- Eu sei quem ela é.

- Se sabias, se tinhas ideia de tudo por que ela passou nos últimos anos, como pode magoar-se com facilidade, ter-te-ias mantido à distância. As mulheres com quem te divertias conheciam sempre as regras, aceitavam o jogo. Não é o caso da Laura.

- E, porque ela é tua irmã, porque é uma Templeton, não tem o direito a divertir-se. - A amargura elevava-se como bÍlis. - Ou pelo menos não comigo.

- Confiei em ti, Mick. Sempre confiei em ti. Uma coisa foi teres atacado a Kate e a Margo no passado; mas não vou ficar de braços cruzados agora e deixar que faças isso com a Laura.

Os olhos de Josh tornaram-se duros e frios. No lado do corpo, o punho contraiu-se. Na sua mente, ele viu o golpe, rápido e violento. Precisou de toda a sua força de vontade e uma vida inteira de amizade para não consumir o gesto.

- Sai já da minha frente, Mick.

- Se queres partir para a porrada, despacha-te. Não seria a primeira vez que fazíamos isso.

"Mas nunca foi como desta vez", pensou Michael, enquanto todo o seu organismo se encaminhava para a violência. Agora eram homens, as apostas eram mais altas. E, se havia alguém com quem ele se importava de facto, era aquele homem parado à sua frente, disposto a torcer-lhe o pescoço.

- Podemos fazer outra coisa... Vou-me embora até ao final da semana. Já

comecei a tomar providências.

Dividido agora entre a amizade e a família, Josh contraiu os olhos.

- Que providências? Ainda nem terminaste as fundações na construção.

- Provavelmente vendo tudo, assim que me transferir para Los Angeles. É suficientemente longe da tua irmã, Harvard? Ou tenho de ir para o Inferno?

- Quando tomaste essa decisão?

- Tenho de consultar-te sobre todas as coisas? Vai-te embora, Josh. Estou ocupado, e tu já disseste o que querias.

- Não sei se disse...

E, enquanto observava o seu amigo mais antigo afastar-se, Josh já não tinha certeza do que queria.

Michael sabia que ela viria. Não havia como evitar ou prevenir. Há duas semanas que não se encontravam a sós, e era evidente que Laura esperaria que ele a quisesse. Claro que ele a queria, o que tornava tudo ainda mais terrível.

Mas não lhe tocaria. Seria ainda pior agora. Quase que se persuadira a revogar a sua decisão anterior, dissera a si próprio que podia encontrar um meio de fazer com que tudo desse certo entre os dois. Mas a visita de Josh trouxera a realidade de volta.

Ele promoveria um rompimento limpo. E rápido.

Laura ficaria magoada, pelo menos um pouco. Não havia como evitar ou prevenir isso também. Mas ela acabaria por superar a situação.

Apesar de saber que ela viria, no entanto, Michael não a esperava tão cedo, não imaginara que estaria tão pouco preparado, quando a viu parada à porta do apartamento, com o sol nos seus cabelos, os olhos tão puros, cinzentos e afectuosos.

- Saí da loja um pouco mais cedo. - Laura sabia que estava a falar muito depressa, com os nervos à flor da pele. Havia algo de errado. Podia ser cega e surda, mas mesmo assim perceberia. - Como os meus pais vão levar as meninas a jantar em Carmel, pensei em preparar-te uma refeição.

- Mulheres como tu não cozinham, meu amor. Têm cozinheiras à sua disposição.

- Ficarias surpreendido. - Ela entrou, sem esperar pelo convite, passou por Michael, na direcção da cozinha. - A sr.a Williamson ensinou-nos tudo, inclusive ao Josh, pelo menos o básico. Faço um fettuccine Alfredo sensacional. Achei que devia verificar o que tens aqui, antes de trazer os

ingredientes.

Vendo-a saracotear-se pela cozinha como se ali fosse o seu lugar, como se ele pudesse regressar ao lar após um dia difícil e encontrá-la graciosa à sua espera, deixara-o melindrado. O tom da sua voz era de indiferença.

- Não gosto muito de molhos refinados, minha querida.

- Então tentamos outra coisa. - "Porque é que não está a chamar-me pelo meu nome?", especulou Laura, lutando contra o pânico. Michael não dissera o seu nome nem uma única vez, desde que voltara para casa. Ela virou-se para fitá-lo e não pôde evitar que o seu coração prevalecesse. - Ah, Michael, como senti saudades tuas!

Ela já avançava pela sala, com as mãos estendidas. Michael quase que pôde sentir a maneira como aqueles braços macios e delicados o enlaçariam pelo pescoço. Ele recuou e ergueu as mãos para evitá-la.

- Estou imundo. Ainda não tive tempo de tomar um banho. Não vais querer sujar a tua blusa de seda.

Porque isso teria alguma importância? Ele já rasgara uma blusa sua. Há dias que não a abraçava. Contudo, agora mantinha-se parado ali com... uma expressão de tédio nos olhos?

- O que é, Michael? - Laura sentia o estômago doer, o que se reflectia na voz. - Estás zangado comigo?

Num gesto deliberado, ele inclinou a cabeça para o lado.

- Porque é que fazes isso? Porque partes sempre do princípio de que tudo o que acontece ao teu redor é tua culpa ou da tua responsabilidade? Tens aí um grande problema.

Michael passou por ela e foi buscar uma cerveja ao frigorífico. Tirou a tampa e bebeu um gole.

- Pareço zangado contigo?

- Não. - Laura cruzou as mãos, recuperando o controlo. - No entanto, pareces vagamente aborrecido com a minha presença. Pensei que querias que eu viesse, que querias passar a noite comigo.

- É um pensamento agradável, mas não achas que isso já é uma coisa esgotada?

- Isso?

- Tu e eu, meu amor. Já levámos o caso tão longe quanto podia ir.

- Ele bebeu outro gole de cerveja e limpou a boca com as costas da mão.

- És uma mulher sensacional. Gosto de ti. Gosto do teu estilo, na cama e fora

da cama. Mas ambos sabemos que teremos de seguir adiante, mais cedo ou mais tarde.

"Tenho de respirar", disse Laura a si própria. Por maior que fosse a pressão no seu coração, tinha de respirar, devagar, sem fazer muito esforço.

- Presumo que isso significa que decidiste seguir adiante agora.

- Aconteceram algumas coisas quando estive em Los Angeles. Mudei os meus planos. Gosto de ser justo com uma mulher que levei para a cama.

Por isso, achei que devia avisar-te que vou mudar-me para lá na semana que vem.

- Vais mudar-te para Los Angeles? Mas a tua casa...

- Nunca significou nada para mim. - Michael encolheu os ombros. - Não passa de um lugar. E uma coisa é igual à outra.

"Uma coisa é igual à outra", pensou Laura. "Uma casa. Uma mulher."

- Porque voltaste?

- Tinha deixado cá os meus cavalos.

Ele forçou os lábios a contraírem-se num sorriso.

- Tu foste à apresentação de balé da Ali. Levaste-lhe flores.

- Eu disse à menina que iria. Não sou de fazer muitas promessas, e por isso não quebro as poucas que faço. - Neste ponto, pelo menos, ele não tinha de improvisar. - Tens filhas maravilhosas, Laura. Gostei de conhecê-las. E não desapontaria a Ali ontem à noite.

- Se te fores embora, elas ficarão arrasadas. Vão pensar...

- Acabarão por superar - interrompeu Michael, com a voz áspera agora. - Serei apenas um tipo que passou pelas suas vidas.

- Não podes acreditar nisso. - Laura aproximou-se. - Não podes pensar que significas tão pouco para as meninas. Elas adoram-te, Michael. Eu...

- Não sou o pai delas. Não me atires esse sentimento de culpa. Tenho de me preocupar com a minha própria vida.

- E ponto final. - Laura respirou outra vez, mas não foi devagar, não foi fácil. - "Até a próxima, foi divertido?" Nada significámos para ti.

- Claro que significaram. A vida é longa, minha querida. Muitas pessoas passam por ela. E demos um ao outro o que procurávamos no momento.

- Apenas sexo.

- Um sexo maravilhoso.

Michael sorriu de novo. Depois, como os seus reflexos eram bons, desviou-se por centímetros de uma garrafa que ela pegou e lhe arremessou.

Antes que se pudesse recuperar do choque, Laura já o estava a agredir com os punhos cerrados. Atingiram o seu peito com força suficiente para fazê-lo recuar dois passos inteiros.

- Então?!

- Como ousas? Como ousas rebaixar o que tivemos, o que eu senti, a algum impulso animal? Seu crápula! Pensas que podes deitar-me para o lixo como um fiapo na manga da camisa e depois ir embora?

Um abajur foi atirado em seguida. Michael só pôde observar, aturdido, incapaz de falar, desviando-se depressa, enquanto ela atirava contra a sua cabeça tudo o que encontrava ao alcance das mãos.

- Não pensaste que eu faria uma cena, não é? - Laura pegou numa mesinha de canto, virando-a. - Errado. Estás a acabar comigo, não é?

Laura fez uma pausa e estalou os dedos.

- Assim, desta forma. E achaste que eu me afastaria submissa, para chorar no travesseiro, sem dizer nada?

Michael recuou.

- Mais ou menos isso. - "Portanto", pensou ele, "não seria um rompimento rápido e fácil, mas sim complicado." Apesar disso, tinha de ser consumado.

- Podes quebrar tudo aqui, se isso faz com que te sintas melhor. É tudo teu. E imagino que até a realeza tenha os seus acessos de vez em quando.

- Não fales comigo dessa maneira, como se eu não passasse de um brinquedo interessante que se escangalhou. Entraste na minha vida, fizeste-a explodir e tudo mudou. E agora acabou?

- Não temos nada aqui e ambos sabemos disso. É apenas uma daquelas coisas que eu percebi primeiro.:

Laura pegou numa tigela e atirou-a. Passou pela janela da cozinha. Noutra ocasião, ele podia ficar impressionado com a velocidade e força. E com a precisão. Neste momento, porém, ele só conseguia sofrer.

- Não vou pagar os prejuízos, meu amor. E nunca te fiz qualquer promessa, nunca disse uma mentira. Sabias em que é que te estavas a meter quando vieste procurar-me. Querias que eu tirasse a decisão das tuas mãos. Querias que eu tomasse a iniciativa, para não teres de dizer o que desejavas. Isso é um facto.

- Eu não sabia como dizer! - protestou Laura.

- Pois eu sabia, o que foi ótimo para nós os dois. E agora também não

tens opção. É um facto consumado.

A respiração de Laura era ofegante. Ela fez um esforço para se controlar. A raiva - a sua raiva - era horrível, ela sabia, quando desencadeada. E, quando a chave girava com tanta dor, tornava-se ainda pior.

- Uma crueldade, de uma frieza terrível.

Enquanto a explosão de raiva não surtira efeito, aquelas palavras suaves acertaram em cheio no coração de Michael.

- É a vida.

- Um facto consumado... - Ela deixou as lágrimas correrem. Não tinham mais qualquer importância. - Então é assim que estas coisas acontecem. Dizes que acabou, e ponto final. Muito menos complicado do que o divórcio, que é a única maneira pela qual encerrei uma relação até agora.

- Não te enganei. - Michael não suportava que ela pensasse isso a seu respeito. - Nunca olhei para outra mulher enquanto estive contigo. A minha mudança agora nada tem a ver contigo. Só preciso de ir para outro lugar.

- Nada a ver comigo... - Laura fechou os olhos. A raiva acabara, tão depressa como sempre. E deixara-a exausta. - Eu jamais diria que és um homem estúpido, Michael. Ou superficial. Mas, se és capaz de dizer isso, então és as duas coisas.

Ela ergueu as mãos, removendo as lágrimas. Queria vê-lo com clareza, já que seria a última vez. Michael era rude, impetuoso, mal-humorado. Em suma, era tudo.

- Creio que nem imaginas o que estás a deitar fora, o que eu te teria dado.

O que podias ter comigo, com a Ali e a Kayla.

- São tuas filhas. - Era outra mágoa, também profunda e dolorosa. - São Templeton. Nunca mas darias.

- Estás enganado, Michael, pateticamente enganado. Eu já tas tinha dado. - Laura encaminhou-se para a porta, abrindo-a. - Faz o que tens de fazer e vai para onde tens de ir. Mas nunca penses que foi apenas sexo para mim. Eu amava-te. E a única coisa mais lamentável do que isso é o facto de que mesmo agora, quando tu me rejeitas deste modo, com tanta indiferença, ainda te amo.

CAPÍTULO 20

MICHAEL deu um passo em frente, mas parou. Ela não sabia o que estava a dizer. Não podia saber.

Ele fez um esforço por sair da porta. Depois virou-se e observou-a a atravessar o relvado. Continuava a observar quando ela mudou de direcção, desatando a correr.

"Vai para os penhascos", pensou Michael. Sentia-se furiosa e magoada, e por isso ia para os penhascos, terminar de chorar lá. Quando acabasse de chorar, começaria a pensar. Permaneceria furiosa e magoada por mais algum tempo, haveria de odiá-lo por mais tempo ainda, mas Michael sabia que um dia ela compreenderia que fora melhor assim.

Laura não estava apaixonada por ele. Michael esfregou o rosto. Já podia senti-lo dorido e a arder. Talvez ela pensasse que era amor, ou assim se persuadira. Era uma reacção feminina automática, mais nada. Combinava com uma mulher como Laura: sexo e amor, necessidade e emoção. Ela não via o panorama geral.

Mas ele conseguia ver.

Homens que tinham vivido como ele não podiam terminar felizes com mulheres da classe de Laura, com a sua educação. Mais cedo ou mais tarde ela chegaria à mesma conclusão, seria arrastada de novo para o estilo do clube de campo. Talvez nunca o perdoasse por perceber isso primeiro, mas era uma coisa que não se podia evitar.

Sem dúvida que o mataria ficar com Laura e esperar. Saber que ela continuaria ao seu lado depois que a paixão arrefecesse. Laura seria gentil. Não podia agir de outra forma. Mas Michael saberia quando se tornasse apenas mais uma obrigação.

Prestava um favor a ambos ao sair da vida de Laura agora.

Josh tinha razão. E ninguém sabia melhor do que ele.

Mas Michael continuou parado, olhando para os penhascos e para o vulto solitário imóvel, enquanto cravava uma faca no seu coração e torcia-a. Finalmente ele virou-se e saiu da sala, tão delapidada quanto a sua própria vida, e desceu para tratar dos cavalos.

Laura não imaginava até que ponto um coração podia ficar partido.

Pensava que sabia. Quando o seu casamento acabara, tivera a certeza de que nunca mais se lamentaria daquela maneira.

"Tinha razão", pensou ela agora, ao comprimir as mãos sobre o coração dolorido. "Isto é diferente. E muito pior."

Os seus sentimentos por Peter tinham-se desgastado lentamente, ao longo dos anos, de tal forma que quase não restava mais nada quando tudo terminara. Mas aquilo... ela fechou os olhos e apertou com toda a força. Estremeceu, embora o ar estivesse parado e quente.

Nunca amara ninguém como amava Michael. De uma forma desvairada, agressiva. Brutal. E todos esses sentimentos eram novos. Intensos. Ela acalentara-os. Adorara descobrir que podia sentir outra vez, compreender que podia desejar e ser desejada como uma mulher. Admirara o que Michael era, aquilo em que se tornara. Apaixonara-se não só pelo homem rude e perigoso, mas também pelo homem gentil e generoso que havia em Michael.

Agora, ele decidira terminar. Não havia nada que ela pudesse fazer. Chorar não ajudava, e as suas lágrimas já tinham secado. A raiva nada mudava, e ela já se arrependia da sua explosão com Michael. Ele julgá-la-ia lamentável agora, mas isso também não podia ser evitado.

Laura chegou mais perto da beira para contemplar as ondas que arremetiam contra os rochedos. "É assim que me sinto", reflectiu ela. Assediada por forças que se situavam além do seu controlo, cercada numa guerra violenta e interminável, sem qualquer opção que não fosse resistir.

Não ajudava, simplesmente não ajudava, dizer a si própria que não estava sozinha. Que tinha a família, as filhas, o lar, o trabalho. Porque sentia-se sozinha, completamente sozinha, ali, à beira do mundo, tendo apenas o rugido do mar por companhia.

Até as aves tinham desaparecido. Nenhuma gaivota gritava hoje, nem voava sobre o céu azul ou mergulhava para as ondas revoltas. Laura não conseguia ver outra coisa que não a ondulação do mar sem fim.

Como podia aceitar o facto de que nunca mais amaria daquela maneira? Porque tinha de continuar, fazer tudo o que precisava ser feito, sozinha, sempre sozinha, sabendo que nunca se viraria à noite para encontrar ao lado alguém que a amava?

Porque recebera aquele vislumbre do que poderia ter, sentir e querer, só para tudo lhe ser arrebatado no momento seguinte? E porque a única coisa com que sempre sonhara ao longo da sua vida se mantinha fora do seu

alcance?

Ela imaginou que fora assim que Seraphina se sentira ao parar ali, tantos e tantos anos antes, lamentando a perda do seu amor. Laura olhou para baixo, fantasiou aquele mergulho vertiginoso e de certa forma libertador para o espaço, o coração determinado e furioso que o impulsionara.

Seraphina teria gritado quando os rochedos subiram ao seu encontro, ou ter-se-ia apenas contraído na iminência do impacto?

com o corpo a estremecer todo, Laura deu um passo para trás. "Seraphina encontrara apenas o fim", pensou ela, "um fim horivelmente fácil para a sua dor." O seu próprio fim não seria fácil, porque ela teria de viver com aquilo. Uma vida sem Michael. E aceitar que viveria sem o seu sonho.

Mal notou o rumor, atribuindo-o de início à fúria do mar. O chão parecia tremer sob os seus pés. A mente ficou vazia por um momento, ela olhou para baixo, vendo os seixos dançarem. Depois, o estrondo povoou os seus ouvidos. E ela compreendeu.

Em pânico, tentou recuar, afastar-se da beira do penhasco. O chão ondulava, desequilibrando-a, enquanto se agarrava frenética a uma pedra. A onda terrestre levantou-a e arremessou-a com toda a força sobre a beira do mundo.

Os cavalos sentiram primeiro. Olhos revirados, relinchos de pânico. Michael estendeu a mão para acalmar a égua de que estava a tratar naquele momento. Foi então que sentiu. O chão estremeceu sob os seus pés. Ele soltou um grito, enquanto o barulho aumentava e os cavalos se agitavam. Por cima da sua cabeça havia o som de vidro a partir-se e madeira a ranger.

O rugido semelhante ao de um comboio de carga era ensurdecador, enquanto ele fazia um grande esforço para manter o equilíbrio. Arreios e equipamentos caíam das paredes, batendo com estrépito no chão ondulado.

Ele começou a abrir as portas das baias, empenhado em tirar os cavalos do estábulo. Na confusão desvairada daquele instante, um pensamento surgiu-lhe, lancinante.

"Laura! Oh, meu Deus, Laura!"

Michael cambaleou para a frente, lutando quando o chão tentou empurrá-lo de volta. Correu pelo sol brilhante, ignorando os movimentos do relvado verde. Quando foi derrubado, levantou-se logo novamente e desceu pela encosta a escorregar. Ninguém conseguia ouvi-lo a gritar o nome de Laura enquanto corria para os penhascos. Nem ele próprio se ouvia.

Não durou mais de dois minutos, aquele movimento violento da terra.

Tudo estava quieto outra vez, uma quietude sobrenatural, quando ele alcançou os penhascos.

Laura já fora para casa, disse Michael a si mesmo. Era isso, ela voltara para casa, estava sã e salva. Talvez um pouco abalada, mas uma pessoa nascida na Califórnia não entrava em pânico a qualquer sismo. Iria até lá para verificar tudo, assim... assim que tivesse a certeza.

Quando ele olhou pela beira do penhasco e viu-a, as suas pernas vergaram. Numa saliência cinco metros abaixo, a centímetros do abismo, estendida no chão, Laura parecia pálida como a morte. Um dos braços pendia no espaço, além da estreita plataforma.

Michael não se lembraria mais tarde da descida até lá, das pontas rochosas que lhe cortaram as mãos, das pequenas avalanchas de terra e seixos, quando os pés escorregavam, dos fragmentos de raízes e pedras que lhe rasgaram as roupas e a carne.

O terror cego e o instinto levaram-no a descer depressa, numa encosta em que um único passo em falso ou um apoio inseguro o lançariam no mergulho para a morte. O suor frio escorria para os olhos, deslizava sobre a pele. Ele pensou - tinha a certeza - que a encontraria morta.

Mas, quando lá chegou, conseguiu reprimir o pânico e encostou um dedo trémulo na veia do pescoço dela. E descobriu que estava a pulsar.

- Calma, calma... - As mãos de Michael ainda tremiam quando afastou os cabelos do rosto de Laura. - Está tudo bem. Vais ficar boa.

Ele queria levantá-la, abraçá-la, apertá-la contra o seu corpo, até que passasse aquela náusea no seu estômago. Mas sabia que era melhor não a mover, mesmo com pensamentos de réplicas posteriores do sismo agitando-se na sua mente. Sabia que tinha de verificar a extensão dos ferimentos antes de se arriscar a mexer no corpo.

Concussão, ossos fracturados, lesões internas. Paralisia! Michael não conseguia respirar como devia. Teve de fechar os olhos, forçar o ar a entrar e sair dos pulmões, até se controlar um pouco. Obrigou-se a movimentos lentos e cuidadosos. Levantou as pálpebras de Laura para observar as pupilas, movimentou as mãos gentilmente por cima da sua cabeça, rangendo os dentes ao perceber o sangue nos seus dedos.

O ombro de Laura... fora deslocado, compreendeu ele, ao examiná-lo. A dor seria terrível quando ela recuperasse os sentidos. Ah, como ele queria que

Laura abrisse os olhos! A respiração de Michael foi-se tornando cada vez mais rápida e entrecortada, enquanto continuava a examiná-la. Nenhuma fractura... muitas equimoses e alguns cortes profundos, arranhões por toda a parte, mas nada partido.

Ele angustiou-se enquanto verificava as costas e o pescoço. Sabia que tinha de deixá-la para chamar uma ambulância. E a perspectiva de largá-la sozinha ali, naquela saliência estreita, sabendo do terror e da dor que a acometeriam se acordasse, levou-o ao desespero.

- Tudo vai acabar bem. - Ele pegou na mão de Laura e apertou com extrema gentileza. - Confia em mim. Não me vou demorar. Voltarei num instante.

Quando os dedos dela se flexionaram contra os seus, o alívio foi intenso.

- Laura, podes ouvir-me? Não te mexas, meu amor. Abre os olhos se puderes ouvir-me, mas não quero que te mexas.

O mundo de Laura era branco, denso e frio, muito frio. Havia sombras, em movimento, recuando, vozes sussurrando, sob um tremendo rugido. E depois o rosto de Michael, perto do seu, os olhos tão azuis, que até queimavam.

- Michael?

- Sou eu. - Ele tinha de engolir, mas não conseguiu. O medo secara toda a saliva na sua boca. - Estou aqui. Vais ficar boa. Só sofreste uma pequena queda. Quero que...

- Michael...

O mundo branco explodiu em vermelho. A dor percorreu o seu corpo, como lâminas compridas e afiadas cortando tudo, fazendo-a chorar, comprimir-se contra Michael.

- Pára. Sei que dói, mas não posso determinar a extensão dos ferimentos. Tens de ficar quieta. Imóvel. - Mas ele sentia-se apavorado pela maneira como Laura já se contorcia. - Olha para mim. Vamos, olha para mim. Diz se podes sentir isto.

Ele pôs a mão na coxa de Laura, e apertou. Quando ela acenou com a cabeça, Michael apertou a outra perna.

- Mexe agora os pés, Laura. Ótimo. - Parte da garganta de Michael voltou a abrir quando ele a viu flectir os pés. - Estás um pouco magoada, mais nada.

"E em estado de choque", concluiu Michael, observando as pupilas de

Laura. E com muitas dores.

- vou levantar-te agora.

- O meu ombro. - Ela estendeu a outra mão para alcançá-lo, teve de fazer um esforço para resistir a uma onda de náusea. Uma náusea escura e violenta. A dor era indescritível. Até mesmo a respiração ameaçava levá-la ao vômito. - Fraturei-o?

- Não. Está apenas deslocado. - As mãos de Michael estavam pegajosas quando seguraram as dela. O sangue escorria de uma dúzia de talhos que ele nem sentia. - Já me aconteceu algumas vezes. Dói imenso. Volto num instante, está bem? Não mais que um ou dois minutos.

- Não...

A dor dilacerante tornou a envolvê-la. Ela tentou mexer-se, escapar. O suor aflorou ao seu rosto, os olhos ficaram vidrados.

- Está bem. Aguenta firme.

Ele não podia deixá-la ali daquela maneira, em choque e dor. Não podia deixá-la sozinha com tanto sofrimento. Era melhor endireitar-lhe o ombro, embora o pensamento do que isso exigiria de ambos fosse como ácido corroendo o seu estômago.

- Posso pôr-te o ombro outra vez no sítio. Vai doer muito, mas terás alívio depois. Só que seria muito melhor com um médico. Espera aqui até que eu...

- Por favor... - Laura fechou os olhos. A agonia era como uma faca gelada cortando os músculos e ossos. - Não consigo pensar como deve ser.

Michael mudou de posição. Passou a mão pela boca, deixando-a suja de sangue.

- Não penses. Quero que grites. Solta um berro prolongado e bem alto.

- Como?

- Grita o mais alto que puderes. - Ele segurou firme o braço deslocado, respirando fundo quando Laura abriu os olhos e o fitou. Agora!

Ela sentiu o movimento brusco, a onda de dor alcançou o seu estômago. O mundo voltou a ficar branco... branco e quente. E, depois, o nada.

Michael tinha as mãos tão escorregadias, de sangue e suor, que quase perdeu a pressão no braço. O estômago contraiu-se ao ver os olhos de Laura revirarem, ao senti-la inerte. Rangendo os dentes, ele encaixou a articulação. Depois, soltou um profundo suspiro e baixou a cabeça.

- Oh, meu amor, sinto muito...

Ele ergueu-a agora, aninhada nos seus braços, embalando os dois. Perdeu a noção de tudo... dez segundos, dez minutos, não tinha ideia da passagem do tempo, até que Laura voltou a mexer-se, nos seus braços.

-Já acabou, minha querida. Não te preocupes mais. - Ele comprimiu os lábios contra os cabelos dela, até conseguir controlar-se um pouco. - Vais sentir-te melhor agora.

- Tens razão. - Ela parecia flutuar. Sentia dores por toda a parte, mas era agora uma dor mais suave, latejando sem muita intensidade. -Já me sinto melhor. Não consigo lembrar-me... o que aconteceu? Um terramoto?

- Foi isso mesmo. Atirou-te para aqui. - com toda a gentileza, Michael examinou a cabeça de Laura. A hemorragia cessara, mas ele preocupou-se com o inchaço e a pele rasgada. - Tens algumas equimoses terríveis.

- Atirou-me... Oh, meu Deus! - Ela virou o rosto para o peito de Michael, estremecendo. Caíra da beira do penhasco, quase no mar. Nos rochedos lá em baixo. Como Seraphina. - Foi um terramoto grande? A casa... os cavalos? Oh, Michael, as meninas!

- Está tudo bem. Não foi um terramoto dos grandes. E não quero que te preocupes.

Ele iria preocupar-se por ambos. Agora que se sentia mais calmo, tratou de avaliar a situação. O sismo deslocara rocha e terra. Nada mais restava do caminho que subia pela encosta. Teria de deixá-la ali, subir e ir buscar cordas.

- Deixa-me examinar-te. - Ele estudou o rosto de Laura. "Muito pálido", pensou, "as pupilas ainda estão dilatadas." - Como está a tua visão? Parece embaciada?

- Não. Está perfeita. Tenho de ir ver se aconteceu alguma coisa com as meninas.

- Elas estão ótimas. Saíram com os teus pais, lembras-te? Foram para Carmel. - "Ela está lúcida", pensou Michael. A pulsação era rápida, mas forte. - Quantos dedos?

- Dois. - Laura pegou na mão que ele levantara. - Annie, a casa...

- Já disse que está tudo bem. Confia em mim.

- Certo... - Laura tornou a fechar os olhos e deixou-se flutuar. Caí do penhasco.

- Foi mais ou menos isso. - Michael comprimiu a mão dela contra os seus lábios, manteve-a ali, até se sentir capaz de falar de novo.

- Ouve... tenho de deixar-te por um momento. Depois volto para tirar-te

daqui.

- Tens mesmo de me deixar?

- Não podes subir assim. Quero que fiques deitada aqui, quieta. Promete. Laura, abre os olhos e olha para mim. Promete que não te vais mexer até eu voltar.

Ela fitou-o nos olhos.

- Não vou mexer-me até tu voltares. Tenho frio.

- Toma isto. - Ele tirou o casaco de ganga e estendeu-o sobre Laura. - Isto ajudará um pouco. Agora, vê se consegues relaxar e espera por mim.

- vou ficar à espera...

O mundo parecia girar em câmara lenta. Ela observou-o a levantar-se e virar-se. Confusa, viu-o escalar o penhasco, as mãos e os pés encontrando pontos de apoio, criando pequenas cascatas de terra. Laura sorriu, sonhadora, pensando que ele parecia um herói a escalar a muralha de um castelo.

Michael ia salvá-la da torre? Subia tão alto para dar o beijo que a despertaria? "Não, não, ele está a deixar-me", lembrou-se Laura. "Isso mesmo, a deixar-me", pensou ela, apática, demasiado dominada pelo choque para se alarmar, quando ele escorregou um ou dois metros na encosta do penhasco. Observou-o a erguer a mão, fincar os dedos com toda a força, no esforço para subir pelo paredão ameaçador.

"Ele está a ir-se embora", pensou Laura, "mas voltará para vir buscar-me. E depois partirá outra vez."

Ao chegar lá em cima, Michael olhou para baixo. Os olhos pareciam estranhamente próximos, como se ela pudesse estender a mão e tocar-lhe no rosto. Depois ele desapareceu e Laura ficou sozinha.

Michael deixara-a. Não queria mais ser parte da sua vida. Ou permitir que ela fosse parte da vida dele. Michael voltaria, ela não tinha a menor dúvida quanto a isso, e faria como prometera. Mas ela ia continuar sozinha.

"E hei-de sobreviver", pensou Laura. Porque não havia outra opção. Não saltara do penhasco. O destino empurrara-a, mas sobreviveria. E continuaria em frente.

Pobre Seraphina... com a mente vagueando um pouco, Laura virou a cabeça. Seraphina não lutara pela sua vida, não sobrevivera. E perdera todos os seus sonhos.

Uma lágrima de compaixão, de pesar, escorreu pelo rosto de Laura.

Quando ela virou a cabeça para se livrar da lágrima, o seu olhar incidiu

sobre o buraco pequeno e escuro na encosta do penhasco.

"Uma caverna?", pensou ela, atordoada. Não havia ali nenhuma caverna.

"As rochas mudaram de posição", reflectiu ela, com um suspiro. Tudo mudara. com algum esforço, Laura arrastou-se para a abertura. "Um lugar secreto", pensou. Um esconderijo. Um ninho de amor. Ela sorria quando se ergueu, sentou, farejou... e sentiu a ténue fragrância do perfume de uma jovem.

- Seraphina... - murmurou ela, enquanto estendia a mão pela abertura e a encostava à madeira polida de uma arca. - Eu encontrei-te. Pobre Seraphina, perdida durante tanto tempo.

Laura continuou a falar; se as palavras eram incoerentes, não tinha importância, pois não havia ninguém para ouvir. Ajoelhou-se, esperou que a cabeça parasse de girar, tentou arrastar a arca para a luz.

- Laura!

Ainda sorrindo, com os olhos vagos, ela ergueu o rosto e avistou Michael no alto do penhasco.

- Seraphina. Encontrámo-la. Vem ver, Michael.

- Fica quieta. Não saias daí.

"Foi a pancada na cabeça", pensou Michael, apressando-se em prender a corda na sela de Max. O coração ameaçava subir pela garganta, à ideia de que ela podia tentar levantar-se. Talvez caísse antes de ele a alcançar.

- Aguenta firme - ordenou ele a Max, depois soltou a corda. Michael desceu pela encosta com mais rapidez do que cautela, a corda a amachucar-lhe as mãos feridas e o penhasco projectando-se para puni-lo. Os tornozelos doeram quando ele bateu no chão, com a respiração acelerada. Mas tinha Laura outra vez nos seus braços. Sã e salva.

- Prometeste que não te mexias.

- Seraphina. Na caverna. Não consigo puxar. É pesada de mais. Preciso da Margo e da Kate.

- Espera um instante. Vamos preparar-te. - Ele prendeu a corda em torno de Laura. - Não precisas fazer nada. Basta segurares-te a mim. Max e eu vamos levar-te para cima.

- Está bem. - Ela não questionou. Era tudo muito simples, no fim de contas.

- Podes puxá-la para mim? Só trazer aqui para a claridade. Passou tempo de mais no escuro.

- Claro. Vamos subir agora. Olha para mim, apenas para mim.

- Certo... mas puxa a arca.

- Que arca?

- Na caverna.

- Não te preocupes com isso. Eu... - Mas Michael acompanhou o gesto da mão de Laura. E viu o brilho opaco do latão contra madeira, a sombra de um contorno. - Não acredito!

- O dote da Seraphina. Queres puxar para a claridade?

Era pequena, não mais que sessenta ou setenta centímetros de comprimento, uma caixa de cedro, em forma de cúpula, com dobradiças de latão. E não devia pesar mais que dez quilos, calculou Michael, ao puxá-la. Uma caixa simples, sem ornamentos, mas ele seria capaz de jurar que sentia alguma coisa ao pôr as mãos nela. Calor onde não devia haver nenhum, uma vibração leve que se irradiava pelas pontas dos seus dedos. Durou apenas um instante, não mais que duas batidas do coração; depois tornou-se apenas uma arca comum, de madeira simples e latão.

- Todos os seus sonhos trancados aqui - murmurou Laura. - Só porque ela perdera o sonho que mais queria.

- O terramoto deslocou as rochas. - com o rosto franzido, Michael estudou a caverna, recortada na encosta. - Eu diria que outro terramoto escondeu a caverna há muito tempo.

- Ela queria que nós a encontrássemos. Tem-nos conduzido para cá ao longo das nossas vidas.

- Agora descobriste. - Por mais fascinante que fosse, no entanto, Michael tinha as suas prioridades. - Quero que passes os braços pelo meu pescoço e segures com força. Consegues fazê-lo? Como está o ombro?

- Dorido, mas consigo aguentar. Como é que vamos...

- Deixa estar que eu preocupo-me com isso. - Michael colocou-se na beira da saliência e ajudou-a a levantar-se. Ergueu os braços e fez com que ela o enlaçasse. - Olha só para mim. É uma corda forte. Não precisas de te preocupar com nada.

- Tu subiste pelo penhasco? Tive a impressão de que te vi subi-lo.

- Não foi nada. - Michael sabia que a mente de Laura já estava a vaguear. Continuou a falar, enquanto testava a corda. - Fiz isso muitas vezes em filmes. Segura-te bem. Vamos subir. Max! Para trás! Para trás!

A corda ficou esticada. com um braço em torno da cintura de Laura, ele

deixou que os pés saíssem do chão, permitindo que o cavalo tratasse do resto. As pontas na encosta magoavam-lhe as costas. Ele usou os calcanhares para ajudar na subida. O suor escorria pelo rosto, os músculos dos braços protestavam.

- Estamos quase lá em cima, Laura.

- Não trouxe a Seraphina. Temos de ir buscá-la.

- Volto depois para ir buscá-la. Aguenta firme. E olha para mim. Ela conseguiu focá-lo, fitando-o nos olhos.

- Tu voltaste para mim.

- Claro. Segura firme.

Por um instante, o coração de Michael parou. Estavam a centímetros da extremidade superior, pendurados entre o céu e o mar. Se qualquer dos dois fraquejasse agora, estariam perdidos.

- Levanta uma das mãos, Laura. Só uma. Tenta segurar-te na beira. Ela obedeceu, observou a mão segurar a beira do penhasco, de rocha e terra, escorregar, pegar de novo.

- Pronto! Agora puxa!

Ignorando os seus músculos torturados, Michael levantou-a, sendo arrastado por trás, enquanto o cavalo se esforçava por puxá-los o último metro. Michael alcançou o terreno plano, arrastado de barriga para baixo. Ficou parado, com o corpo a proteger o de Laura, o rosto nos seus cabelos.

- Laura... Oh, Laura...

A sua boca procurou a de Laura. Por um instante, ele passou do terror para o esquecimento de tudo.

- Vamos levar-te já para casa. - Michael recuou. - Dói-te muito?

- A cabeça. Está tudo bem.

- Fica quieta e deixa-me tratar de ti. Ele soltou a corda, levantando-a.

- E o Max?

- Ele vai seguir-nos. Não te preocupes.

Michael começou a carregá-la para longe dos penhascos, subindo a longa encosta em direcção à Casa Templeton, com o Max atrás, tranquilo. Ele só sentiu as pernas a tremer quando Ann saiu abruptamente pela porta da frente.

- Oh, meu Deus! Procurei-a por toda a parte! O que aconteceu? A minha pobre menina!

- Ela sofreu uma queda. - Michael passou pelas mãos ansiosas de Ann. -

Tem de ser levada para dentro.

- Na sala de estar. - Ann aproximou-se e gritou para o alto da escada: - Sr.a Williamson! Jenny! Encontrei-a!

Depois, virou-se para Michael e perguntou:

- O estado dela é grave? Estão todos a vir para cá. Telefonei quando não consegui encontrá-la. Pode deitá-la ali no sofá. Deixe dar-lhe uma olhadela. Oh, querida, a sua cabeça!

- Mas o que...

A sr.a Williamson parou à porta, ofegante.

- Ela sofreu uma queda - disse Ann, ríspida. - Precisamos de água quente e ligaduras.

- Caí do penhasco - balbuciou Laura, depois de a sua cabeça se ajustar ao lugar.

- Oh, meu Deus! Onde é que dói? Deixe-me examiná-la.

Ela parou de falar ao ouvir o som de carros derrapando lá fora, e portas a baterem.

-Já chegaram todos. -Ann deu um beijo na testa de Laura. - Vai ficar tudo bem agora.

Susan foi a primeira a entrar na sala, parou, e respirou fundo quando o seu coração vacilou. Mas conseguiu falar com bastante calma:

- O que aconteceu?

- Caí do penhasco - informou Laura. - O Michael tirou-me de lá. Bati com a cabeça.

Isso foi tudo o que ela pôde dizer antes que a sala se enchesse de pessoas, mãos que queriam tocar nela, vozes que faziam perguntas.

- Quietos! - Thomas pegou na mão da filha, enquanto dava ordens para os outros. - Josh, telefona para o médico. Avisa-o de que estamos a levar a Laura e...

- Não. - Laura sentou-se no sofá, afagou a cabeça de Kayla no seu colo. - Não preciso de médico. Só bati com a cabeça.

- Ficou bem inchado - comentou a sr.a Williamson, sem parar de limpar a terra e o sangue da cabeça de Laura. - Não me surpreenderia se tivesse uma concussão aqui, menina. O que é que te parece, Michael?

Ele não percebeu que todos os olhos se focaram nele. Só conseguia olhar para Laura.

- Não sei por quanto tempo ela permaneceu desmaiada. Cinco ou seis

minutos. Mas manteve-se lúcida, a vista não ficou turva. Não há nada fracturado. - Michael passou a mão pela boca. - Ela deslocou o ombro. Deve ter caído com o lado esquerdo. Vai ficar algum tempo dorido, mas os movimentos não foram afectados.

- Não quero ir para o hospital. A emergência deve estar lotada, depois de um terramoto. Não quero ser mais uma pessoa. Tenho de ficar em casa.

- Então deves ficar. - Margo agachou-se ao seu lado. - Podemos tratar de ti. Pregaste-nos um grande susto, Laura.

- Preguei um susto a mim própria. - Ela passou o braço em torno de Ali, que se aconchegou ao seu lado. - Estou bem agora. Foram só algumas nódoas negras. Foi uma aventura e tanto.

- Experimenta o mergulho submarino na próxima vez que quiseses uma aventura. - Kate inclinou-se de trás do sofá, pondo a mão no ombro de Laura.

- O meu coração já não consegue suportar estas coisas.

- Encontrámos o dote da Seraphina.

- Como?

Os dedos de Kate apertaram o ombro de Laura.

- Está lá, na saliência em que caí. Havia uma caverna que o terramoto deixou à mostra. Não foi, Michael? Não foi imaginação minha, pois não?

- Está mesmo lá. vou buscá-lo.

- Não vais fazer nada - interveio a sr.a Williamson, erguendo a voz para interromper um novo fluxo de perguntas. - Senta-te antes que caias, meu rapaz, e deixa-me ver as mãos. Estás todo magoado.

- Oh, não!

Pela primeira vez focando a atenção noutra pessoa que não a filha, Susan pegou no pulso de Michael. Ele tinha as mãos cobertas de terra e sangue e os dedos esfolados.

- Cortaste-te todo! - Susan fitou-o nos olhos, prestes a chorar. Michael...

-As minhas mãos estão bem. Não tenho nada. - Michael retirou-as. De repente, quase não conseguia respirar. Não sabia por quanto tempo mais seria capaz de aguentar. - Tenho de ver como estão os cavalos.

Quando ele se retirou, meio trôpego, Susan deu um passo para segui-lo.

- Mãe... - Josh segurou-a pelo braço. - Deixe-me ir. Por favor.

- Trá-lo de volta, Josh. Ele precisa de cuidados.

- Ele não vai voltar - murmurou Josh para si mesmo, enquanto saía atrás do amigo. - Michael!

Ele atravessou apressadamente o terraço, sentindo-se um idiota por estar a perseguir um homem que caminhava como um bêbado ao lado de um cavalo.

- Mas que merda, Michael! Espera!

Josh pegou Michael pelo ombro e virou-o. Deu um passo para trás, numa reacção involuntária, pela fúria intensa que o amigo irradiava.

- Fica longe de mim. Não tenho mais nada a fazer aqui.

- Mas eu tenho. Ouve...

- Não me chateies mais. - Michael empurrou Josh, ignorando a dor nas mãos. - Estou com vontade de magoar alguém, e podes muito bem ser tu.

- Como queiras. Podes tentar. No estado em que estás, consigo derrubar-te num instante. Porque é que não me contaste que estavas apaixonado por ela, seu idiota?

- Que diferença isso faz?

- Toda a diferença do mundo. Ficaste parado, deixaste que eu te atirasse um monte de merda, sem dizer nada. Só precisavas abrir a boca e falar. Pensei que a estivesse a usar.

- E usei-a, não foi? Eu usei-a e depois deitei-a fora, como disseste que eu faria. Pergunta-lhe.

- Sei como é estar apaixonado por uma mulher e ter pavor de que não dê certo. E sei também como é querer tanto, que se acaba por estragar tudo. E agora sei ainda como é contribuir para que duas pessoas de quem gosto se sintam infelizes e desesperadas. E isso não me agrada.

- Não tem nada a ver contigo. Cheguei à conclusão de que era tempo de seguir adiante, antes de me mandares. Tenho outros planos. Tenho coisas...

Michael parou de falar, comprimindo o rosto contra o pescoço quente do Max.

- Pensei que ela tinha morrido. - Os ombros tremeram. Não tinha a vontade nem a energia para se desvencilhar da mão de Josh.

- Olhei para baixo e vi-a caída, pensei que estava morta. Não me lembro de qualquer outra coisa, até que cheguei lá a baixo, pus-lhe a mão no pescoço e senti-lhe a pulsação.

- Ela vai ficar bem. E tu também.

- A Laura não teria caído se eu não tivesse dito que estava tudo acabado.

Se eu não a tivesse magoado. - Michael deu um passo para trás, passou as mãos pelo rosto, manchando-o de sangue. - Ela vai receber agora os

cuidados de que precisa. E eu não tenho nada a fazer aqui.

- Estás enganado. Ninguém te excluiu, a não ser tu próprio. Bolas! Mick, estás todo reventado.

Josh olhou bem para as mãos feridas e para as roupas rasgadas e ensanguentadas. Não queria pensar, pelo menos por enquanto, como o amigo e a sua irmã tinham quase morrido.

- Vamos entrar. Deixa lá a sr.a Williamson tratar de ti. E também me está cá a parecer que precisas de beber qualquer coisa.

- Bebo qualquer coisa quando acabar.

- Acabar o quê?

- Eu disse à Laura que ia buscar a porcaria da arca, não é? vou buscá-la agora.

Josh abriu a boca, enquanto Michael começava a afastar-se. Os argumentos eram inúteis agora, concluiu ele.

- Espera um instante. vou chamar o Byron. Fazemos isso juntos.

CAPÍTULO 21

UMA hora depois, sujos e um pouco doridos, Josh e Byron levaram a pequena arca para a sala. Houvera um momento de perigo, durante um tremor posterior, em que os três foram surpreendidos na saliência, agachados, perguntando-se se não tinham perdido o juízo. Por sorte, passara logo, sem maiores consequências. Agora, a arca encontrava-se em cima da mesinha de café, ainda fechada. À espera.

- Não consigo acreditar - murmurou Margo, passando as pontas dos dedos pela madeira. - É real. Depois de todo este tempo.

Ela fez uma pausa, sorriu para Laura e acrescentou:

- Tu encontraste-a.

- Nós encontrámo-la. Só nós é que podíamos encontrá-la. A cabeça de Laura latejava quando ela pegou na mão de Kate.

- Onde está o Michael?

- Ele não... - Josh reprimiu uma imprecação. - O Michael tinha de ir ver os cavalos.

- Posso ir chamá-lo - ofereceu Byron.

- Não. - "A opção foi dele", lembrou Laura a si própria. E a sua vida tinha de continuar. - É tão pequena, não é? E simples. Acho que imaginávamos uma coisa enorme, toda ornamentada, extraordinária. Mas é apenas uma arca simples. Do tipo que dura muito tempo.

Ela respirou fundo.

- Estão prontas?

com Margo e Kate ao seu lado, Laura estendeu a mão para o fecho. Abriu com facilidade, sem barulho, o interior liberando uma fragrância de lavanda e cedro.

Lá dentro estavam os tesouros e sonhos de uma jovem. Um rosário de lápis-lazúli, com um pesado crucifixo de prata. Um alfinete de granadas. Havia ouro, é verdade, faiscando ao ser despejado de uma bolsa de couro.

Mas havia também roupas de linho, bordadas e dobradas de forma meticulosa. Lenços rendados, já amarelecendo. Um colar de âmbar, um anel feito para se ajustar a um dedo pequeno, e cravejado com pequenos rubis, que faiscavam como sangue recente. Lindas jóias apropriadas para uma jovem

que ainda não casara, inclusive um medalhão com uma mecha de cabelos escuros, presos por um fio dourado.

Havia também um pequeno livro com capa de couro vermelho. A letra lá dentro era de uma jovem bem-educada, aluna de um convento: "Nós encontrámo-nos nos penhascos hoje de manhã, quando ainda havia orvalho na erva e o Sol levantava-se devagar do mar. O Felipe disse que me amava, e o meu coração ficou mais brilhante do que o amanhecer." Laura pôs a mão no ombro de Margo e murmurou:

- O diário da Seraphina. Ela guardou-o ao pé dos seus tesouros. Pobre rapariga...

- Sempre pensei que ficaria emocionada quando a encontrasse.

- Kate inclinou-se para a arca e passou um dedo pelas gotas de âmbar.

- Mas sinto-me apenas triste. A Seraphina escondeu tudo o que era importante para ela nesta pequena arca e deixou-a para trás.

- Não devias sentir-te triste. - Laura pôs o diário aberto no seu colo. - Ela queria que nós a encontrássemos e a abrísssemos. Gosto de pensar que tinha de esperar até que nós três enfrentássemos alguma coisa que pensávamos que não seríamos capazes de suportar. E conseguimos superar tudo.

Laura inclinou-se, pegando nas mãos das amigas.

- Devemos pôr a arca na loja, numa vitrina especial.

- Não podemos vender os tesouros da Seraphina - murmurou Margo.

- Não para vender. - Laura sorriu para a arca simples. - Para deixar as outras pessoas sonharem.

Michael deixou os detritos na sala como estavam. Queria tomar um chuveiro para lavar os ferimentos, tentar aliviar as dores. Depois beberia um copo. E, agora que pensava a esse respeito, embebedar-se era provavelmente uma maneira muito mais feliz de aliviar as dores.

Ele ignorou a cerveja e pegou numa garrafa de Jameson's, um uísque irlandês. Enquanto despejava meio copo, ignorou as batidas insistentes à porta.

- Ponha-se a andar! - murmurou ele, tomando um gole.

O seu ânimo não melhorou quando Ann Sullivan abriu a porta.

- Vejo que já está a afogar os pesares no meio deste caos. - Ela largou uma caixa em cima do balcão e franziu o rosto para a destruição. - Não imaginei que houvesse tantos danos. Perdemos apenas algumas louças na casa principal.

- A Laura partiu a maior parte.

Michael tornou a levantar o copo, enquanto ela contraía os lábios.

- A sério? Não é costume a menina Laura perder a calma dessa maneira, mas um acesso violento pode acabar assim. E agora sente-se. Vamos tratar dos seus ferimentos, antes de limparmos esta sujidade.

- Não quero limpar nada, e não quero que tratem de mim. Vá-se embora. Ann tirou um prato coberto da caixa.

- A sr.a Williamson mandou comida. Ela está preocupada consigo. Pedilhe que me deixasse vir em vez dela.

- Não tem nada com que se preocupar. - Michael examinou as mãos. - Já passei por coisas piores.

- Não tenho a menor dúvida quanto a isso, mas vai sentar-se e deixar-me limpar esses ferimentos.

Ela pôs uma bacia, frascos e ligaduras na bancada.

- Sou capaz de tratar de mim mesmo. - Michael levantou o copo e verificou o nível do uísque. - Já comecei.

No seu estilo simples e objectivo, Ann contornou a bancada e empurrou-o para uma cadeira.

- Sente-se quando for mandado.

- Merda!

Ele esfregou o ombro onde Ann empurrara. Ardia como fogo.

- E veja lá se controla essa língua. - Ela encheu a bacia com água quente.
- A infecção já começou, tenho a certeza. Não tem um pinga de juízo na cabeça.

Ann pegou numa das mãos de Michael e começou a trabalhar.

- Se vai armar-se em enfermeira, pelo menos... porra, como dói!

- Eu sei que dói. Já disse para controlar a sua língua, Michael Fury.

Os olhos de Ann arderam ao verificar como ele tinha as mãos feridas, mas os movimentos continuaram firmes e determinados, sem qualquer sinal de compaixão.

- Vai arder um bocado.

O ardor do anti-séptico, que Ann despejou em profusão nas feridas abertas, fez Michael fechar os olhos e grunhir algumas imprecações.

- Você tem uma língua rude de irlandês. Faz lembrar o meu tio Shamus. De onde vem a sua família?

- Galway. Porque é que não usa simplesmente ácido de bateria e acaba

logo com isso?

- Um homem grande e forte como você a choramingar por causa de um pouco de água oxigenada e álcool. É melhor beber outro gole, já que não tenho uma bala para poder morder.

Foi um golpe no orgulho de Michael, como ela tencionava. Michael virou o copo, de cara amuada. Decidiu ficar calado, até que Ann terminou de ligar as suas mãos.

- Já acabou? - perguntou ele.

- Por enquanto. Vai manter as ligaduras secas e terá de as trocar a intervalos regulares, já que presumo que é tão teimoso quanto a menina Laura e não vai querer ver um médico.

- Não preciso de nenhum médico. - Ele encolheu os ombros, mas arrependeu-se quando começaram a latejar. - Ela também vai ficar boa. Há muitas pessoas a tratarem dela.

- A menina Laura inspira amor e lealdade, porque é generosa ao oferecer as duas coisas. - Ann levantou-se, esvaziou a bacia, e tornou a enchê-la. - Tire o que resta da sua camisa.

Ele franziu a testa.

- Ora, Annie, estou um pouco em baixo de forma, mas se soubesse que você tinha o desejo de... Ui!

Michael parou de falar quando ela lhe torceu a orelha, num movimento brusco.

- vou torcer mais do que a orelha se continuar a comportar-se como um idiota. Tire logo a camisa, rapaz.

- Deve estar a brincar! - Michael ficou calado por um instante, esfregando a orelha dolorida. - Qual é o seu problema?

- As mãos não são os únicos lugares que magoou. E agora tire a camisa para eu ver como está.

- Porque está a fazer isto? Eu podia sangrar até à morte que você nem se importaria. Sempre me odiou.

- Não. Sempre tive medo de si, o que foi uma tolice. É apenas um homem triste, que não tem a menor noção do seu próprio valor. E eu cometi erros dos quais me arrependo. Espero ser mulher suficiente para admitir isso.

- Como Michael se recusava a cooperar, ela mesma tirou a T-shirt rasgada. - Eu pensava que você tinha dado uma tarefa à sua mãe.

- Como? A minha mãe? Eu nunca...

- Agora já sei. Fique quieto. Arre!, ficou todo magoado. Pobre rapaz... - Ann limpava gentilmente os talhos nas costas de Michael. Ter-se-ia matado por ela, não é verdade?

com um cansaço súbito e insuportável, Michael encostou a cabeça à bancada, fechando os olhos.

- Vá-se embora. Deixe-me em paz.

- Não vou, não. Ninguém vai. Só você poderá encontrar a sua paz. Aguenta firme agora, porque isto vai doer.

Ele assobiou entre os dentes semicerrados, enquanto o anti-séptico ardia nos ferimentos.

- Só quero embebedar-me.

- Pode fazê-lo, se quiser. Mas um homem capaz de enfrentar um terramoto para salvar a sua mulher devia ter coragem suficiente para enfrentá-la sóbrio. Esta equimose aqui pode precisar de linimento. Pensaremos nisso depois de tratarmos do resto. Tire as calças.

- Ora, pelo amor de Deus, não vou... Ui! - Michael soltou um grito quando ela torceu a outra orelha. - Está bem, está bem. Se me quer nu, é o que vai ter.

Ele levantou-se, abriu as calças rasgadas e baixou-as.; - Eu teria ido para o hospital se soubesse qual era a alternativa.

- Este corte na coxa pode precisar de pontos, mas vamos ver o que podemos fazer por agora.

Michael tornou a sentar-se, contrariado, mas empurrou o copo para o lado. Já não lhe apetecia beber.

- Ela está bem?

Um sorriso insinuou-se na boca de Ann, mas ela manteve a cabeça baixa.

- Está magoada... de várias maneiras. Precisa de si.

- Não, não precisa. Seria a última coisa no mundo. Você sabe o que eu sou. Ann ergueu o rosto e fitou-o nos olhos.

- Claro que sei o que você é. Mas será que você sabe, Michael Fury? Sabe o que é?

Ele estava preocupado com o assunto como um homem se preocupa com uma dor de dentes. Como podia concentrar-se no que precisava de fazer, quando continuava a vê-la como a encontrara, pálida e imóvel, na encosta do penhasco? Ou como ela o fitara, com os olhos cheios de mágoa e raiva, ao

virar-se à porta e dizer que o amava.

Distracções não ajudavam. Ele arrumara o apartamento... porque Ann mandara-o tirar o lixo todo. Acalmara os cavalos, tornara a pendurar todos os arreios e equipamentos, depois tirara tudo e empacotara.

Não ia mesmo continuar ali.

No final, desistiu de tudo e começou a atravessar o relvado, a caminho da Casa Templeton. Nada mais natural, não é? Só queria verificar como ela estava. Provavelmente ela devia ter ido para o hospital. Mas a família não conseguia fazê-la mudar de ideias. Era óbvio para ele que, quando Laura Templeton fincava os pés, ninguém conseguia demovê-la.

Veria apenas como Laura estava, depois tomaria as providências para guardar os cavalos noutra lugar, até poder mudar-se para Los Angeles.

Quando ele passou pelo jardim, Kayla e Ali saíram do terraço em que estavam a brincar ao jogo da macaca. O primeiro pensamento de Michael foi o de que não sabia que as crianças ainda brincavam à macaca. E, no instante seguinte, as meninas saltaram em cima dele.

- O Michael salvou a mãe do terramoto! - exclamou Kayla, subindo para o colo dele e fazendo as feridas recentes latejarem.

- Não foi bem assim. Eu só...

- Salvou, sim. - Solene, Ali fitou-o nos olhos. - Foi o que toda a gente disse.

Michael ia encolher os ombros, constrangido no papel de herói, mas Ali pegou-lhe na mão, com uma expressão de profunda preocupação.

- Disseram também que ela vai ficar boa. Vai mesmo?

Porque é que lhe estava a perguntar a ele? Qual era a sua autoridade no assunto? Mas Michael agachou-se, incapaz de resistir aos lábios trémulos.

- Claro que vai. Ela só se magoou um pouco, mais nada. Os lábios de Ali contraíram-se.

- Está bem.

- Ela caiu do penhasco - continuou Kayla. - Encontrou a Seraphina e magoou-se, mas o Michael e o Max tiraram-na de lá. A sr.a Williamson disse que o Max devia receber um saco cheio de cenouras.

Michael sorriu, desmanchando os cabelos de Kayla.

- E o que eu vou receber?

- Ela disse que o Michael já tinha tido a sua recompensa. O que foi?

- Não sei.

- Também está magoado. - Muito séria, Kayla levantou as mãos enfaixadas, uma de cada vez, e beijou-as. - Doem muito? O beijo melhora?

A emoção dominou-o, profunda e intensamente, deixando uma ânsia na sua esteira. Em toda a sua vida, nunca ninguém beijara as suas feridas.

- Claro que melhora.

Ele comprimiu o rosto contra os cabelos da menina por um momento. Desejando. Querendo.

- Podemos ir ver o Max? - Numa reacção instintiva, Ali afagou os cabelos de Michael, para tranquilizá-lo. - Queremos agradecer-lhe.

- O Max gostaria muito. Ha... a vossa mãe...

- Ela está na sala. Não se pode fazer barulho, para ela poder descansar. Mas o Michael pode entrar. - Ali fitou-o com uma expressão radiante. - A mãe vai querer falar consigo. E a Kayla e eu vamos levantar cedo todas as manhãs para limpar as baías antes da escola, até as suas mãos melhorarem. Não tem de preocupar-se.

- Eu... - "Cobarde", pensou Michael. "Diz-lhes que já não vais ficar cá. Diz-lhes que te vais embora." Ele não pôde. Não conseguiu.

- Obrigado.

Enquanto elas se afastavam a correr, Michael ficou a olhar para elas: duas lindas meninas que atravessavam um elegante jardim. Ele aproximou-se. Depois de três tentativas para erguer a mão, abriu a porta do terraço.

Laura não estava deitada no sofá, como ele esperava, mas de pé junto à janela, com as costas viradas para a sala, contemplando os penhascos.

"Ela é tão... pequena", pensou Michael. Tudo nela irradiava fragilidade, mas era a mulher mais forte que ele já conhecera.

Devia parecer muito delicada naquele momento, frágil de mais, com os cabelos puxados para trás, envolta pelas dobras de um roupão branco. Mas quando se virou, com os últimos raios dourados do Sol poente a dançarem contra a janela por trás, Laura parecia indestrutível.

- Eu estava à espera que aparecesses. - A voz era calma, tanto quanto ela.

O encontro com a morte demonstrara-lhe que podia de facto sobreviver a qualquer coisa. Até mesmo a Michael Fury. - Não te consegui agradecer de maneira coerente, nem verificar se ficaste muito ferido.

- Estou óptimo. Como está a tua cabeça? Laura sorriu.

- Tenho a sensação de que se arrebitou contra a rocha. Aceitas um

conhaque? Eu não tenho permissão para beber. Os meus muitos conselheiros médicos dizem que não posso beber durante vinte e quatro horas.

- Não, obrigado.

O uísque que já bebera não lhe assentara bem no estômago.

- Senta-te, por favor. - As boas maneiras sempre presentes, ela gesticulou para uma cadeira. - Tivemos um dia e tanto hoje, não foi, Michael?

- Não vou esquecer tão cedo. O teu ombro...

- Já me queixei de mais. Está dorido. - Ela sentou-se, alisando o roupão. - Estou toda dorida. Dói-me a cabeça e, de vez em quando, tenho um frio no estômago quando penso no que podia ter acontecido. No que teria acontecido se tu não me tivesses encontrado.

Laura observou-o andar pela sala. Além do primeiro e longo olhar quando ela se virara na sua direcção, Michael ainda não a fitara. Para manter as mãos quietas, ela cruzou-as no colo.

- Há mais alguma coisa na tua cabeça, Michael, além do meu relatório médico?

- Eu só queria verificar... - Ele parou, enganchou os polegares nos bolsos das calças, e obrigou-se a fitá-la. - Não vejo sentido em deixar este problema a pairar entre nós.

- Que problema?

- Tu não estás apaixonada por mim.

com uma atenção paciente, ela inclinou a cabeça para o lado.

- Não estou?

- Não, não estás. Provavelmente confundiste com sexo, e agora com gratidão, o que é uma estupidez.

- Portanto, agora sou estúpida.

- Não distorças as minhas palavras.

- Tento fazer justamente o contrário. - Laura inclinou-se para a frente e tocou na arca, ainda aberta na mesinha. - Ainda não viste o dote da Seraphina. Não tens curiosidade?

- Não tem nada a ver comigo. - Mas ele olhou, viu o brilho do ouro e da prata, as contas lustrosas. - Não é muita coisa, tendo tudo em consideração.

- Estás enganado, Michael. É muita coisa, tendo tudo em consideração. - Ela tornou a fitá-lo. - Porque é que voltaste para ir buscar a arca?

- Eu disse-te que a ia buscar.

- Um homem de palavra. Eu estava zozza e confusa naquela altura, mas

agora as coisas estão mais claras. Lembro-me de ficar ali deitada, a observar-te a subir pela encosta. Agarrado à rocha como um lagarto. As mãos sangravam, escorregavam quando alguma coisa cedia. Podias ter morrido.

- Achas que eu devia ter-te deixado lá?

- Não conseguias fazer isso. Terias descido por qualquer pessoa. Porque és assim. E voltaste por isso. - Laura passou a mão pela tampa da arca. - Porque eu pedi.

- Estás a fazer com que isso pareça maior do que é.

- Trouxeste-me uma coisa que procurei durante toda a vida. - Os olhos de Laura transbordavam de emoção. - Não posso fazer com que isso seja maior do que é. Quantas vezes subiste e desceste por mim, Michael?

Como ele não disse nada e limitou-se apenas a virar-se para recomeçar a andar pela sala, ela suspirou.

- Isso deixa-te constrangido... gratidão, admiração, amor.

- Tu não estás apaixonada por mim.

- Não me digas o que eu sinto.

Como a voz se tornara ríspida, Michael fitou-a, cauteloso. Se ela comesse a atirar coisas, duvidava de que tivesse energia para se esquivar.

- Não ouses dizer o que eu sinto. Tens o direito de não sentir a mesma coisa, de não querer que eu te ame, mas não tens o direito de me dizer o que devo sentir.

- Então és uma idiota! - explodiu Michael. - Nem sequer sabes quem eu sou. Já matei por dinheiro.

Laura esperou um momento, depois levantou-se e foi servir-se de um copo de água mineral.

- Estás a referir-te ao tempo em que eras um mercenário.

- Não importa o título que lhe atribuas. Eu matei, fui pago por isso.

- E suponho que não acreditavas na causa pela qual lutavas. Michael abriu a boca e tornou a fechá-la. Será que ela não estava a ouvi-lo?

- Não importa no que eu acreditava ou deixava de acreditar. Matei por dinheiro, passei a noite numa cela, dormi com mulheres que não conhecia.

Muito calma, ela bebeu um gole da água mineral.

- Estás a pedir desculpas, Michael, ou a gabares-te?

- Ora, não me venhas com essa rotina irritante de dama do solar. Já fiz coisas que tu nem sequer podes imaginar neste mundo ideal em que vives.

Laura bebeu de novo.

- Ideal, ha? Em comparação com a realidade em que vives. Michael Fury, tu és um snobe.

- Oh, meu Deus!

- És mesmo. Como podes perceber, estou acima do desespero, necessidades ou pecados, porque nasci com dinheiro e ocupo uma certa posição social. Não devo compreender um homem como tu, muito menos gostar dele. Não é isso?

- É, sim. - Michael sentia-se todo dorido. - Isso resume a situação.

- Pois vou dizer-te o que vejo, Michael. Vejo alguém que teve de fazer o que precisava para sobreviver. E compreendo isso muito bem, mesmo vivendo num mundo patético e rarefeito.

- Eu não quis dizer...

- Alguém que não desistiu, independentemente dos obstáculos continuou Laura, sem o deixar falar. - Vejo alguém que decidiu seguir por um novo rumo na sua vida e está a fazer com que dê certo. Ele tem ambição, decência e coragem. E vejo um homem que ainda é capaz de lamentar uma criança que nunca teve a oportunidade de conhecer.

Laura estava a convertê-lo nalguma coisa que ele não era, o que o deixava apavorado.

- Não sou quem tu procuras.

- Pois, já descobri isso. E, quando te fores embora, viverei com isso.

- Estou a fazer-te um favor - insistiu Michael. - Mas nem percebes. Mais cedo ou mais tarde, acabarias por descobrir que é melhor assim. Já tens a semente na cabeça.

- Como assim?

- Sabes que não pode dar certo. Sempre soubeste.

- Eu sabia? Porque não me explicas como chegaste a essa conclusão? Havia dezenas de exemplos, mas aflorou apenas um.

- Tens todo o cuidado para não me tocar quando há outra pessoa presente.

- Achas? - Laura largou o copo, com um movimento brusco. Fica aqui.

Furiosa, ela foi até à porta e saiu, deixando-o sozinho. Porque se envolvia em tudo aquilo?, perguntou-se Michael. Porque argumentava com ela? Porque não podia tocá-la só mais uma vez, abraçá-la de novo? E depois iria embora. Laura voltou à sala, arrastando Thomas na sua esteira.

- Tu devias estar a descansar - protestou o pai. - Ah, Michael... Eu ia

mesmo descer para...

- Fale depois - ordenou Laura.

Ela seguiu direita a Michael. "Então?!" foi tudo o que ele conseguiu dizer antes que Laura o agarrasse pelos cabelos, puxasse a cabeça para baixo e o beijasse na boca. Michael ergueu as mãos, tornou a baixá-las, depois cedeu e abraçou-a. O corpo de Laura estava tenso, mas vibrava de fúria. A sua boca era doce e macia, e o beijo deixou Michael com os joelhos bambos.

- Pronto! - Ela afastou-se e olhou para Thomas, atônito e sorridente.

- Obrigada, pai. Se não se importa, podia deixar-nos a sós outra vez?

- Claro. Michael, acho que nós dois precisamos ter uma conversa depois.

Thomas retirou-se e fechou a porta.

- Satisfeito? - indagou Laura.

Nem de longe. Ela atiçara todos os impulsos de Michael de tal maneira que ele quase sufocara. Sem dizer nada, ele tornou a abraçá-la.

- O que é que isso pode provar? Não muda...

E foi nesse instante que ele perdeu o controlo. com o corpo todo a tremer, comprimiu o rosto contra os cabelos de Laura, e teve de fazer um esforço para respirar.

- Ah, Laura, pensei que tinhas morrido...

- Oh, Michael... - A raiva toda dissipou-se, enquanto ela acariciava as costas dele. - Foi horrível para ti. Sinto muito. Mas estamos bem agora. Tu salvaste-me.

Gentilmente, ela pegou no rosto de Michael entre as mãos e contemplou os olhos tristes e tempestuosos.

- Salvaste a minha vida - murmurou Laura, tornando a beijá-lo.

- Não. - Michael recuou, num movimento brusco, chocado ao verificar que ela quase o fizera ceder. - Não vamos seguir por esse caminho. Não vamos confundir tudo outra vez.

Laura permaneceu onde estava, observando as emoções violentas estamparem-se no rosto de Michael. E o seu coração dorido começou a recuperar, a curar. O sorriso desabrochou.

- Ora, tens medo de mim, não é? Tens medo de nós. Compreendo agora que fui estúpida por pensar que era só eu. Tu estás apaixonado por mim, Michael, e isso assusta-te.

- Não ponhas palavras na minha boca. - Ele recuou um passo, quando Laura se aproximou. - Não faças isso.

- O que acontecerá se eu te tocar agora? - A sensação do poder, do que era certo, aumentava nela. - Tu podes quebrar. Um homem forte, que resiste a tudo. Mas eu posso quebrar-te só por fazer isto.

Ela encostou a mão no rosto de Michael.

- Estás a cometer um erro. - Ele pôs a mão na cintura de Laura, com os dedos a tremer. - Não sabes o que estás a fazer. Não posso ser o homem de que precisas.

- Porque não me dizes então do que achas que preciso?

- Achas que vou tornar-me um refinado e começar a jogar ténis no clube? Ir a exposições e comprar um smoking? Isso nunca irá acontecer. Não vou começar a beber conhaque e passar a jogar bilhar, nem a sentar-me numa sauna com um bando de tipos ricos, discutindo os últimos relatórios sobre acções.

Laura começou a rir-se tanto, que a cabeça lhe doeu. Teve de sentar-se no braço do sofá até recuperar o fôlego.

- Isso é muito engraçado.

- Achas que é uma piada? É o que todos os teus amigos elegantes vão pensar também. Lá vai a Laura Templeton com aquele vagabundo que ela conquistou.

Laura ficou séria nesse mesmo instante.

- Eu podia dar-te uma bofetada por isso. - Na verdade, ela teve de fechar as mãos e apertar com toda a força para não chegar a tal extremo. - É um insulto, para mim e para as pessoas que considero como amigas. Pensas que me importo com essas coisas? A tua consideração por mim é mesmo assim tão pequena?

- Tenho a maior consideração por ti.

- Se isso é verdade, então deves respeitar aquilo de que eu preciso. com algumas alterações, é do que precisei durante toda a minha vida. Preciso da minha família e do meu trabalho. Do meu lar. Preciso de sentir que dou tanto quanto recebo. Preciso de ver as minhas filhas felizes e seguras. E preciso de alguém que eu ame, alguém que também me ame, para partilhar tudo, estar sempre ao meu lado. Preciso de alguém que conte comigo, alguém com quem eu possa contar. Quero alguém que escute e compreenda, alguém que me toque quando eu precisar de ser tocada. Que faça o meu coração bater um pouco mais depressa quando olhar para mim. Da maneira como tu me olhas, Michael. Como estás a olhar-me neste momento.

- Não vais deixar-me ir embora - murmurou ele.

- Claro que vou. - Laura estendeu a mão para a arca e pegou no medalhão.

- Se tens de ir embora, para provar alguma coisa, escapar de alguma coisa, mesmo que seja do que sentimos um pelo outro, não posso impedi-lo.

Ela largou o medalhão, antes de continuar:

- Mas não vou impedir-me de amar-te, nem de precisar de ti. Apenas viverei sem ti. Viverei sem a vida que podíamos ter, sem ver as minhas filhas alegrarem-se quando tu entras na sala, sem as outras crianças que podíamos ter.

Laura contraiu os olhos quando percebeu a hesitação de Michael.

- Pensaste que eu não ia querer mais filhos? Que eu já não sonhava com o bebé que nós dois podíamos ter?

- É verdade, pensei que não querias ter mais filhos... comigo. Michael começava a ceder, pouco a pouco. - Laura...

Ela levantou-se, esperou, mas Michael limitou-se a balançar a cabeça.

- Uma família, Michael, isso é tudo com o que sempre sonhei. Tu mudaste muito dentro de mim, mas nunca isso. Proporcionaste-me várias coisas pela primeira vez, mas, como eu me sentia tão fascinada por ti, tão apaixonada, não compreendi que também te podia dar uma coisa. Posso dar-te uma família, Michael.

Ele perguntou-se se seria capaz de falar, como qualquer homem poderia reagir quando se defrontava com a dádiva de tudo o que sempre desejara.

- Sou o homem errado para ti. Tenho de ser o homem errado. Nunca devia ter chegado a este ponto o que houve entre nós. Fiquei contigo porque pude, porque queria-te mais que qualquer outra coisa no mundo.

- És o homem certo para mim, Michael. Tens de ser. E a que ponto nunca devíamos ter chegado?

- Ao ponto de fazermos planos, de pensarmos no futuro. O olhar de Michael foi atraído para a arca aberta, com os seus pequenos e preciosos tesouros. - Mal comecei a desenvolver o meu negócio, a ganhar dinheiro para levar uma vida decente. Não tenho nada para te oferecer.

- Não? Não tens os teus sonhos, Michael? E alguns não são os mesmos sonhos que eu tenho?

Laura tinha vontade de abraçá-lo, mas desta vez ele teria de tomar a iniciativa.

E Michael compreendeu que ela o deixaria ir embora. Se ele se virasse e passasse pela porta, ambos seguiriam por caminhos diferentes.

Laura esperava-o. Estava disposta a aceitá-lo como era. "E com ela", pensou Michael, "posso descobrir que há mais em mim do que alguma vez me permiti sonhar."

- vou dar-te mais uma oportunidade antes de dizer o que tenho a dizer, Laura. O que eu não ia dizer. O que pensei que não querias ouvir.

"Quantas oportunidades um homem tem?", perguntou-se Michael. Quantas vidas? Quantos oferecimentos de tudo o que importava? Ele deu um passo na direcção de Laura e parou.

- Depois de eu falar, a porta fecha-se. Para nós dois. Compreendes isso? Os lábios de Laura contraíram-se.

- Compreendes?

- Compreendi no instante em que tornei a ver-te. - Os olhos de Michael tinham-se tornado sombrios, perigosos. - Tens de decidir se ficas ou se vais embora, Laura.

Ela ergueu o queixo. Diria desta vez.

- Eu fico.

- Então terás de viver com isso. E comigo. - Ele pegou na mão de Laura. Não gentilmente, mas possessivo, os dedos feridos apertando-a. - Nunca amei outra mulher. É uma primeira vez que tu me dás.

Ela fechou os olhos.

- Sinto que esperei durante toda a minha vida para ouvir-te dizer isso.

- Eu ainda não disse. - Ele levou a outra mão ao rosto de Laura.

- Olha para mim quando eu disser, Laura. Eu amo-te. Talvez sempre tenha amado. Nunca te mentirei, nem te deixarei para tratares de tudo sozinha. Serei um pai para os teus filhos. Todos, inclusive as meninas que já tens. E vou amá-las igualmente. Elas nunca terão de se perguntar se eu as amo.

- Michael... - Emocionada, Laura virou os lábios para a mão dele e beijou-lhe os ferimentos, como Kayla fizera. - Isso é tudo.

- Não, não é. E aqui vai o resto. - Ele esperou que Laura desanuviasse os olhos e fitasse os seus. - Se quiseres correr este risco, eu dar-te-ei tudo o que tenho, tudo o que puder conseguir e tudo no que puder tornar-me.

"As palavras estão aqui", reflectiu Michael. "À espera de serem ditas." Distraído, inclinou-se, arrancou uma tulipa do vaso na mesa ao lado.

Estendeu-a a Laura.

- Casa comigo. Sê a minha família.

Em vez de pegar na flor, ela fechou a mão sobre a de Michael, segurando a haste.

- Está bem. - Laura encostou os lábios no seu rosto, acomodou a cabeça no seu ombro, com um suspiro. - Eu aceito. Ela sentiu o coração de Michael bater descompassado. Olhou para a caixa simples, repleta de sonhos.

- Encontrei-te - murmurou ela, levantando a boca para a de Michael. - Encontrámo-nos um ao outro. Finalmente.

sq>0nt **Fim**